

MONTY JAY

SHE CAN RUN
BUT SHE CAN'T HIDE

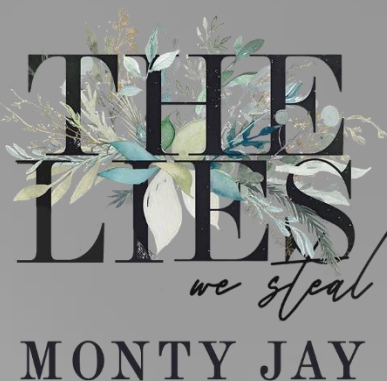
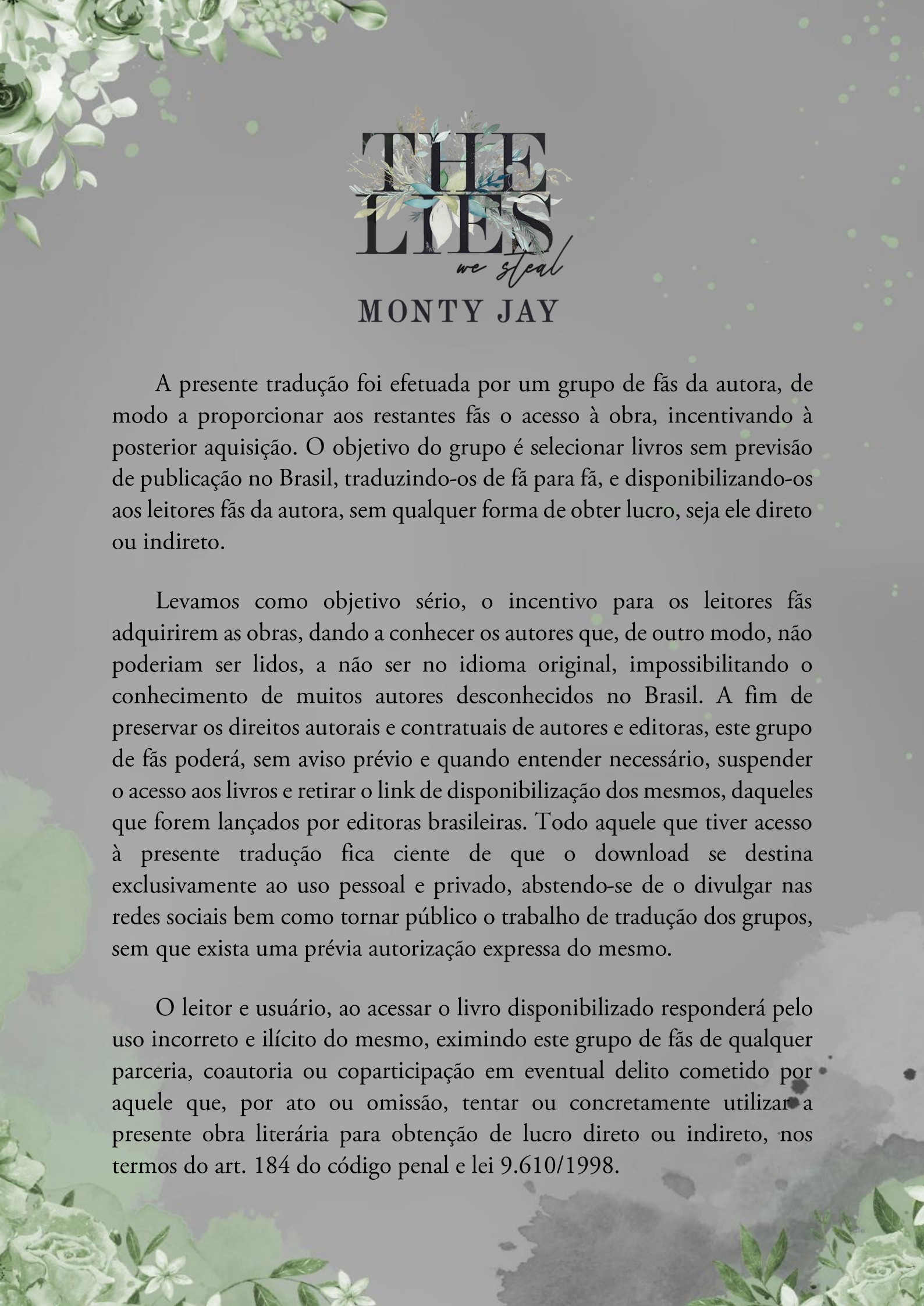
THEE
THEE

we steal



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



THE LIES *we steal*

MONTY JAY

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstando-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

THE HOLLOW BOYS

Lançamento

MONTY JAY

SHE CAN RUN
BUT SHE CAN'T HIDE

THE
FILES

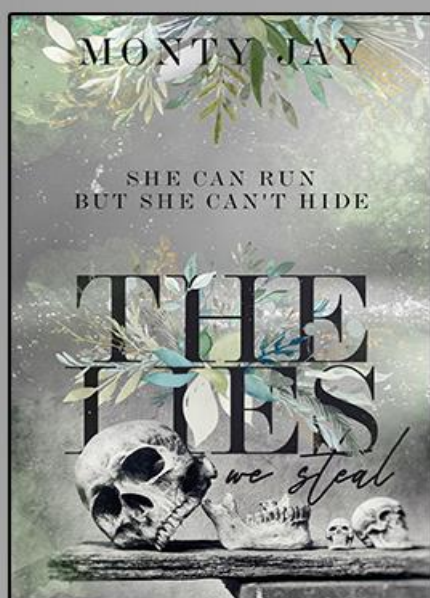
we steal



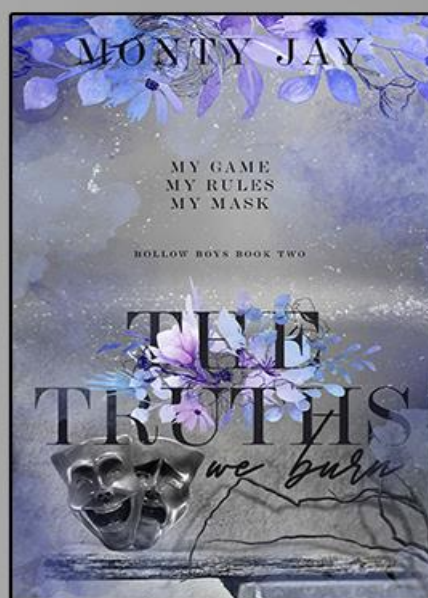
LIVRO UM

THE HOLLOW BOYS

Ordem da Série



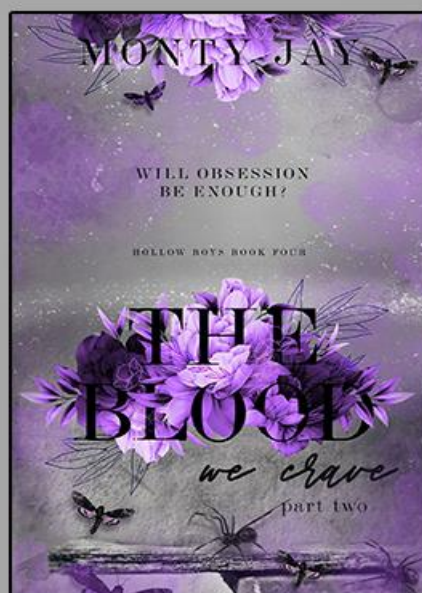
#1



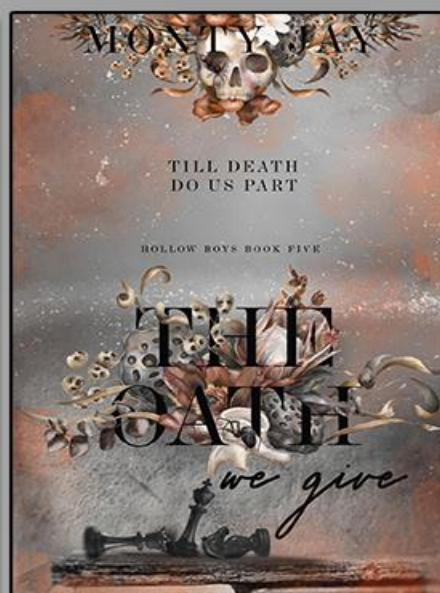
#2



#3



#4



#5



SINOPSE

Já se passaram meses desde o dia em que paramos sobre aquela sepultura vazia que fedia a carne queimada e segredos. Todos nós estávamos vestidos com esmero, um de nós usando um vestido de noiva, um dia que deveria marcar o início de uma nova aventura.

Marcou o amargo fim de nossa vingança.

Fizemos coisas que marcaram nossas almas por toda a eternidade.

Mas antes de chegarmos lá, temos que voltar.

Voltar para onde tudo começou.

O lugar que eu poderia encontrar em meu sono.

Hollow Heights University na macabra e cidade litorânea de Ponderosa Springs.

Uma faculdade para garotos ricos e de prestígio receberem a mais alta educação.

Uma cidade se afogando em traições e segredos que se tornaram nossas testemunhas.

Mas não era a floresta que cercava o terreno ou mesmo o misterioso mausoléu escondido que me assombrava.

Eram eles.



Aqueles que espreitavam na noite, coisas tão perversas, tão distorcidas,
tão más, que se tornariam os governantes dos meus pesadelos.

Os meninos ocos.

Um movimento errado e eu caí diretamente na linha de fogo deles.

Esta não é uma história de amor, não é uma história de finais felizes.

O amor acabou de florescer em nossas tristezas, em nossa dor, em nosso
medo, em nosso sangue.

Cada coisa terrível que eles construíram, nós assistimos, ajudamos, nós
os amamos de qualquer maneira.

Alguns fogem de seus monstros, nós nos apaixonamos pelos nossos.

THE
LIES
we steal
MONTY JAY

PLAYLIST

Beyond the Pines-Thrice

Baby-Bishop Briggs

37 Stitches- Drowning Pool

Chalk Outline-Three Days Grace

It Was a Sin-The Revivalist

Control-Halsey

In Chain's- Shaman's Harvest

Into the Fire-Asking Alexandria

Happy Song-Bring me the Horizon

Skeleton Key- Love Inks

Help-Papa Roach

The Devil-Banks

Killer- Valerie Broussard

Black Honey-Thrice

Ponderosa
Forest

Labyrinth
Entrance

Irvine District

Bursley District

Commons

Kennedy District

Rothchild District

Caldwell
Library

Mausoleum

Hollow Heights University



UM



QUANDO A ESCURIDÃO CHAMA VOCÊ PARA CASA

Alistair

Sempre soube que nasci com um apetite voraz pela violência.

Destinado a ser a ovelha negra da minha família.

Eles devem aprender a alertar os outros sobre as crianças que são deixadas para cultivar na ausência de luz. Quando você tira o brilho deles, a escuridão não apenas se torna parte deles, mas eles se tornam a escuridão.

O poder ondulou pelo meu braço quando senti o nariz desse garoto quebrar. Meus dedos cravaram na carne de seu rosto perseguindo a única coisa que poderia sustentar minha fome.

Dor.

O idiota alto e esguio que pensou que seria uma boa ideia me desafiar caiu com força no chão com um baque.

Nas artes marciais mistas oficiais, você deve parar quando seu oponente cai com tanta força.

Felizmente para mim, este é o Cemitério. A pista de corrida abandonada nos arredores da cidade, onde as crianças se reúnem das áreas vizinhas em busca de problemas. Corridas de rua ilegais, brigas, drogas e garotas seminuas. É o Jardim do Éden para crianças ricas. A grama no meio do círculo de asfalto rachado era onde as lutas aconteciam, enquanto os motores rugiam e ecoavam vindo de quem o pai comprou a máquina que passaria a linha de chegada primeiro.

O Cemitério é o lugar onde você vem para ser enterrado. Especialmente se você estiver contra mim.

Eu avanço montando nele enquanto pressiono meu joelho tão fundo em seu estômago que posso sentir seus órgãos se moverem abaixo de mim. Meus punhos ágeis, dando soco após soco em seu rosto já inflamado. Minha respiração sai metodicamente, a cada ponto de contato eu solto outra respiração. Há mãos agarrando meus ombros, agarrando-me para parar.

Eu não me importo, isso só faz meu joelho pressionar mais forte. Meus punhos o golpeiam impiedosamente.

Por que eu deveria desistir se ele foi estúpido o suficiente para entrar neste ringue comigo?

Parece um problema pessoal.

Meu coração está batendo dentro do meu peito, a energia correndo em minhas veias como tambores em meus ouvidos. Ele se mistura com os gritos das pessoas ao nosso redor, os motores acelerados e o cheiro de óleo.

Porra, o que eu daria para me sentir assim a cada segundo do dia.

Eu desferi um gancho de direita, observando meu anel imprimir minhas iniciais na pele macia de sua bochecha, abrindo-a bem acima das letras AC.

Um jorro de sangue abrasador respinga em meu peito de seu rosto. Um rugido feroz rasga através de mim, o líquido carmesim agindo como gasolina para as chamas dentro do meu corpo. Mas não era o sangue que eu queria. Eu queria sua agonia. Eu queria vê-lo ferido. Eu queria saber que ele precisaria ser carregado para o carro esta noite, levado para casa e provavelmente rastejaria para a porra da cama. Onde ele ficaria na próxima semana porque as contusões que eu imprimi eram demais para lidar.

Isso fez calafrios percorrerem minha espinha.

Esse é o meu não tão secreto segredo.

Estou sempre, sempre com raiva.

— Jesus, porra, Cristo, Caldwell, deixe-o levantar! Já chega, cara! — A voz soa em meus ouvidos, mas dou um último soco, antes de afastar as mãos ansiosas da minha pele.

O círculo de pessoas ao nosso redor canta pela brutalidade que acabou de acontecer. A incapacidade de se afastar da tragédia ou do desastre. Todos eles são iguais a mim por dentro, viciados na crueldade. Eles estão com muito medo de admitir isso.

Eu odeio covardes. E cada maldita pessoa nesta porra de cidade é uma.

Monstros atrás de máscaras com medo de seus vizinhos verem os esqueletos que eles continuam enfiando em seus armários. O que eles não sabem é que você não pode manter nada em segredo em Ponderosa Springs. Não por muito tempo.

Eu sei disso melhor do que ninguém.

Tons de vermelho piscam atrás dos meus olhos quando me levanto, saliva quente saindo da minha boca e caindo bem ao lado de seu corpo gemendo. Ele tem sorte de poder fazer barulhos, ainda mais sorte de não estar morto.

Além do sangue em meu peito, não há uma marca em minha pele. O que quase me deixa com mais raiva. Nada mais me desafia. Eu cerro minha mandíbula, enquanto me viro, a massa de pessoas se abrindo como o Mar Vermelho, deixando-me um caminho aberto para sair.

— Dinheiro das apostas. — Um dos caras mais velhos comandando essa merda caótica, pressiona notas amassadas no meu peito. Eu olho para ele, então de volta para ele.

— Fique com isso. — Eu resmungo.

Eu não precisava ou queria aquele dinheiro. Ele poderia fazer tudo com isso, eu não lutei por dinheiro. Lutei porque, se não o fizesse, mataria alguém.

Eu rapidamente pego minha jaqueta de couro, jogando-a facilmente sobre meus ombros. Minha camiseta estava em algum lugar na grama lamacenta e não senti necessidade de procurá-la.

Minha respiração começa a se regular enquanto faço meu caminho para o meu carro. Mesmo que a luta fosse branda, liberar

um pouco da minha fúria significaria que eu poderia dormir esta noite. Com tudo acontecendo, dormir não era algo que eu pudesse perder.

A música saiu dos meus alto-falantes assim que virei a chave. O som pesado e emocionante. Minha mão esquerda segura o volante com força, posso ver levemente o branco sob meus dedos encharcados de sangue. Eles pulsam com tanta força que quase dá uma sensação boa.

Rapidamente o coloco em marcha, pronto para dirigir até a casa dos meus pais. Vinte e oito mil pés quadrados, nove quartos principais, dez sobressalentes, sete banheiros, vinte e seis acres, e ainda não há espaço suficiente entre mim e minha família. Meu aperto aumenta, eu deveria estar em um vôo para a Costa Leste no próximo mês. Colocando um país inteiro entre eles e eu.

Em vez disso, estou preso aqui por pelo menos mais um ano, perseguindo um fantasma.

Fazendo uma curva fechada à direita, entro em nossa garagem. Uma que é coberta por árvores altas, a estrada pavimentada parou momentaneamente pelo grande portão de roubo bloqueando a entrada. Eu clico no botão do meu controle remoto para abrí-los automaticamente, passando por eles e entrando na propriedade da minha família.

Contornando a fonte de mármore cafona na frente, deslizo para minha vaga de estacionamento com facilidade. Nenhum dos carros habituais está aqui, o que significa que não há ninguém em casa. Não importaria de qualquer maneira, mesmo quando eles estão aqui, eu sou invisível para eles.

Sempre fui.

Relâmpagos estalam no céu atrás da casa, iluminando a névoa por uma fração de segundo antes de um trovão sacudir o chão sob meus pés enquanto eu ando em direção à porta. O teclado brilha sob meu toque, inserindo minha senha e entrando.

Quando meus pais e meu irmão estão aqui, esta casa brilha com luz. Seu brilho pode ser visto através das árvores na estrada. Festas extravagantes, comemorar uma unha do pé cortada, jantares em família para os quais nunca sou convidado. Mas quando eles se vão, somos apenas eu e a escuridão.

Minhas botas ecoam no chão, passo a passo, até que estou na cozinha abrindo a torneira. Passo minhas mãos inchadas na água morna. O sangue começa a escorrer pelo ralo, pelo menos um pouco. Tem um pouco preso entre meus dedos, já seco.

Não deve haver barulho dentro de casa. Deve ser como sempre é quando estou aqui.

Silêncio mortal.

Exceto que não há. Meus ouvidos se contorcem, captando o clique familiar, seguido por um assobio ao acender a pederneira.

— Tentando me assustar? — Eu digo em voz alta, secando minhas mãos lentamente antes de me virar.

Eu espio na escuridão da sala de estar, o rosto de Rook iluminado pela única chama de seu zippo enquanto ele o vira entre os nós dos dedos e entre os dedos. Vejo o único fósforo de diamante descansando em sua boca, a ponta escarlate aparecendo do lado.

Ele está recostado na cadeira chanfrada de couro, os braços apoiados nas laterais enquanto me encara no escuro.

— Se eu fosse, você não teria me ouvido. — Ele retruca.

Eu navego até a cadeira em frente a ele. Puxando a corda da lâmpada, iluminando a sala com um brilho âmbar. Assim que afundo no material velho, apoiando os braços nos joelhos, ouço passos se aproximando atrás de mim. Não me incomodo em olhar por cima do ombro.

— Rook. — Cumprimento, ao ver sua sombra passar por mim, sentando-se à nossa esquerda.

Com 1,80m, Thatcher é o mais alto do grupo. Não que ele precise de seu tamanho para assustar alguém.

Ele joga uma perna sobre a outra, o tornozelo apoiado no joelho, — Tire suas pedras batendo na cabeça de uma pobre criança, Ali?

Eu cerro os dentes, o idiota pomposo sabia que eu odiava ser chamado assim. Sabemos disso desde que somos amigos, mas não seria ele se não estivesse tentando entrar na pele *de alguém*.

Você vê, as veias de Thatcher estavam constantemente bombeando com água gelada e as minhas estavam sempre fervendo.

— Você realmente quer falar sobre o que afasta as pessoas, Thatcher? — Eu levanto uma sobrancelha para ele, observando seu terno Armani. Eu aprendi a parar de questionar seu guarda-roupa extravagante há muito tempo.

— Eu não gostaria de te dar pesadelos. — Ele sorri, e eu não posso evitar o sorriso correspondente que aparece no meu.

Eu estaria mentindo se dissesse que não quis arrancar a cabeça de cada um deles em algum momento. Sabíamos como apertar os botões uns dos outros. No entanto, agora, lembrei-me de como mataria qualquer um que tentasse fazer o mesmo.

É por isso que estou disposto a ficar nesta cidade esquecida por Deus porque um dos nossos foi desprezado.

— Onde está Silas? — Eu pergunto.

— Dormindo pela primeira vez em, porra, eu nem sei. — Rook responde.

— Não seja ingênuo, Rook. Silas não dorme mais. Quando ele o faz, ele a vê. Nós todos sabemos isso. — Thatcher intervém, lembrando a todos nós por que estamos aqui em primeiro lugar.

O relógio antigo no corredor toca sinalizando que a meia-noite chegou. O peso de suas palavras invade a sala. A ira que eu tinha acabado de tentar liberar antes, começou a rastejar de volta. Eu podia sentir as chamas lambendo meus calcanhares, o gosto de cobre na minha boca.

— Falando nela. — Rook estende a mão, jogando uma pasta de cor creme sobre a mesa no meio de todos nós. Vantagens de ser o filho do procurador distrital.

Eu me inclino para frente, agarrando-o, — Você já olhou dentro?

Ele balança a cabeça, — Queria esperar até que estivéssemos juntos. — Levantando-se um pouco, ele enfia a mão no bolso de

trás, pegando o maço branco de cigarros. Puxando um único para fora, passando a mão por seu longo cabelo castanho.

— Alis? — Ele pergunta, referindo-se à fumaça.

— Queime tudo que me importa. — Eu digo honestamente. Rook se recosta na cadeira tirando o fósforo da boca e acendendo-o com os dedos, um truque que ele aprendeu sozinho quando estávamos no acampamento de verão. Ele acende a ponta, inalando profundamente uma nuvem de fumaça que se forma ao redor de seu rosto.

Desde os seis anos de idade, as únicas coisas com as quais me importei foram Rook, Thatcher e Silas. Nós juramos proteger um ao outro sempre, mesmo que isso significasse causar estragos nos outros no processo. Nada mais importava além deles, para qualquer um de nós.

Você nunca vê um de nós sem os outros, somos as crianças que nunca foram feitas para serem boas. Sempre fomos feitos para ser tortos e quebrados.

— Estamos todos cientes do que acontecerá quando começarmos a investigar isso, correto? — Thatch pergunta: — Haverá sangue em todas as nossas mãos. Não apenas a pequena destruição que fizemos na cidade durante toda a nossa vida. Não estaremos queimando igrejas históricas ou jogando jogos perversos. Estaremos matando alguém.

Devemos recuar ou nos encolher com a ideia de tirar a vida de alguém. Mas todos sabíamos do que cada um era capaz.

— A culpa é deles. Eles deveriam saber melhor do que machucar alguém de quem gostamos.

Eu me lembro daquela noite. Lembro-me do cheiro daquela casa em que a encontramos. Como merda de porco e vômito. Uma armadilha onde os drogados se escondem e atiram seu ouro líquido. Lembro-me de como era o corpo dela, curvado e deixado sem esperança no chão imundo.

Como um anjo que se perdeu e se encontrou no Inferno. Ela não merecia morrer ali. E Silas não merecia encontrá-la assim.

Eu ainda podia ouvir seus gritos quando fecho os olhos. Horas e horas de gritos. Uma besta ferida cuja dor estava crescendo em fúria não filtrada. Uma emoção que percorreu todos nós.

— Nós descobrimos quem fez isso. Nós acabamos com eles. E ele pode seguir em frente. Ele será capaz de seguir em frente.

— Ele não vai seguir em frente. — Eu balanço minha cabeça, — Mesmo que encontremos o que estamos procurando. Você não segue em frente com algo assim.

Abro a pasta, revelando as páginas em branco presas entre elas. O nome do paciente em negrito, letras em negrito que fazem minha mandíbula tremer. Rosemary Paige Donahue. Meus olhos examinam o relatório, todas as perguntas feitas. A morte do paciente era esperada? Não. ACLS foi realizado? Sim (por um dos meus melhores amigos até que o tiramos dela, observo). Folheando para a próxima página, encontro o desenho de um corpo de frente e de trás, mas em vez de ter círculos em torno de certas áreas, como imaginei. Estava em branco.

Minhas sobrancelhas se juntam enquanto leio as descobertas do legista,

Sem sinais visíveis de trauma ou contusões.

Então os arranhões nas mãos dela? Os círculos roxos dos hematomas óbvios em seus braços? Eu vi aqueles. Eles estavam lá.

O achado mais significativo da autópsia foi a presença de metilenodioximetanfetamina (MDMA) no sistema do paciente. Depois de uma investigação minuciosa, é minha conclusão que a quantidade ingerida causou insolação no paciente. A temperatura corporal central foi elevada levando à parada cardíaca que levou à morte. Nenhum jogo sujo foi detectado.

Então a sujeira sob suas unhas, como se ela estivesse arranhando alguma coisa? Isso foi apenas uma coincidência? A polícia não investigou mais sobre o fato de Rose nunca ter tocado em drogas até aquele momento?

Havia coisas que não estavam somando. Isso não estava certo para mim.

— Aqui, gênio, você lê. Me diga o que você acha. — Eu jogo os arquivos para Thatcher, observando enquanto ele descansa a mão no queixo enquanto seus olhos examinam o papel.

— Nenhuma evidência de jogo sujo? Nenhuma documentação dos hematomas ou marcas na pele dela? — Ele diz em voz alta e eu aceno em concordância silenciosa.

— Vimos o corpo dela. Não sei quanto a vocês dois, mas eu tenho uma visão vinte por vinte. Rose não estava lá por vontade

própria. Ela também não morreu de boa vontade. Ela nunca foi a festas com a gente, fazia o Si ficar em casa com ela o tempo todo. Ponderosa Springs está realmente tentando esconder o assassinato da filha do prefeito? — Rook comenta, dando outra tragada em seu bastão de câncer. Um que estou prestes a roubar para mim.

Rose não era apenas a namorada de Silas, ela se tornou... uma de nós. Lentamente, ela abriu caminho para o nosso grupo, tornando-se uma amiga. Não admitíamos isso em voz alta, mas todos cuidávamos dela como uma irmã.

A morte dela estava comendo a todos nós.

— Não seria o pior escândalo aqui.

— Então, se um patologista mentiria sobre algo como ferimentos de defesa e jogo sujo, o que mais ele estaria encobrindo? Melhor ainda, *quem* ele está acobertando? — Thatcher pergunta.

— Acho que devemos fazer uma visita ao bom médico. — Eu examino meus olhos em meus dois amigos. A boca de Rook se contorce em um sorriso enquanto ele vira seu zíppo entre os dedos, fechando-o.

— Não precisa me dizer duas vezes. — Ele murmura.

Thatcher sorri abertamente: — Contanto que eu corte primeiro.

Fizemos um acordo.

Uma promessa a um de nossos melhores amigos, que descobriríamos quem fez isso com sua garota. Deixou-a morta e suja. Todos nós desistindo de nossos planos de deixar este lugar

tóxico por um ano inteiro, apenas para obter a vingança de que ele precisava.

Nem mesmo Deus poderia salvar as pessoas que atrapalharam isso.

DOIS



ATRAVÉS DA NÉVOA

Briar

Somos todos ladrões, Briar. Acabei de ser pego.

Era o que meu pai costumava me dizer toda vez que era levado na traseira de um carro da polícia.

Até certo ponto, ele estava certo. Somos todos ladrões.

Roubamos ar da atmosfera para podermos respirar. Roubamos a felicidade. Nós roubamos isqueiros, não existe algo como: — Ei, cara, pode me emprestar seu isqueiro?

Se você acredita que eles vão devolver, bem, você é apenas um idiota com um isqueiro a menos.

Mas a maioria de nós, todos nós realmente, roubamos tempo.

Não nos é devido nenhum número definido de minutos nesta Terra, mas nós o aproveitamos de qualquer maneira. Cada dia que você acorda, é mais um dia arrancado de dentro da ampulheta.

Eu tinha onze anos quando aprendi a furtar carteiras. Quase uma profissional, dominei a arte dos sete sinos em seis meses e logo me tornei um prodígio do crime.

Então, enquanto minha mãe estava virando hambúrgueres, meu pai montava manequins todos vestidos com ternos masculinos, cheios de bolsos, e eles eram equipados com sete sinos estrategicamente colocados.

Meu objetivo era deixar o manequim limpo, sem tocar uma única campainha.

Eu era seu mini-eu. Seu orgulho e alegria. Sua pequena criminosa.

Eu tinha destreza, velocidade e era ágil.

Furto de carteiras, arrombamento de fechaduras, arrombamento de cofres, todas as coisas para ser uma vigarista perfeita no qual eu me destacava aos treze anos.

Outras meninas aprenderam balé. Eu poderia arrombar um cofre contra incêndio sem suar a camisa. Quer dizer, diabos, não havia muito que eu não pudesse fazer. Mesmo quando ele começou a me guiar, eu sabia que era errado. Roubar era ruim. Todo mundo sabia disso.

Mas aqueles momentos que passei com meu pai? Essas madrugadas aperfeiçoaram minha técnica e foram os melhores momentos da minha vida. Sua profissão mantinha as luzes acesas, a comida na mesa, mantinha minha família unida.

Sim, algumas famílias provavelmente se uniram por jogos de tabuleiro, a minha por furto.

— *Há honra entre os ladrões, Briar. Honra entre nós.*

Eu estava acostumada com ele entrando e saindo da prisão, passando alguns meses aqui e ali, mas ele sempre voltava para mim. Ele prometeu que sempre voltaria para nós.

Mas um dia ele não o fez.

Minha bússola moral nunca teve um norte verdadeiro. Talvez fosse por isso que sempre tive tanta curiosidade sobre coisas que não deveria. Eu estava ciente de que meu comportamento não é socialmente ético, mas não me arrependi de nada que já fiz. Eu fiz isso para minha mãe. Eu estava trabalhando com as habilidades que recebi.

Quando a vida te der limões, roube a porra de um espremedor.

— Você está animada com este novo começo? É um grande negócio eles terem aceitado você, mesmo com minha recomendação. Eles gostam de aceitar apenas os locais. — Meu tio Thomas, irmão de minha mãe, fala comigo pela primeira vez desde a viagem de avião.

Ele é tímido assim. Minha mãe diz que é porque ele nasceu torto, todo aquele conhecimento e nenhuma habilidade social. Eu sempre gostei dele desde que ele deu ótimos presentes de Natal. Em vez de falar, ele estava sempre prestando atenção nas pequenas coisas.

— Parece mais um culto do que uma escola, T.

Provavelmente era um culto. Na verdade, eu sei que é um maldito culto. É a única universidade nos estados com dinheiro e

poder suficientes para aceitar apenas pessoas da área, filhos de ex-alunos ou crianças que vieram de famílias extremamente ricas.

Todo mundo com a cabeça para fora de uma pedra sabia sobre Hollow Heights.

Como uma ladra com ficha, pontas duplas e apenas dois centavos para esfregar é aceita? Essa é uma boa pergunta.

Tinha pouco a ver com meus 4,0, altas pontuações nos testes e extensa capacidade atlética. E tudo a ver com o fato de Thomas ser o professor de biologia há três anos.

Meu tio estava em seus trinta e tantos anos, o mais novo dos dois irmãos. Minha mãe e ele cresceram pobres durante toda a vida, assim como eu. Exceto quando Thomas completou dezoito anos, ele dobrou o rabo e fugiu para longe de sua família. Voltou anos depois com um diploma elegante e um Rolex.

Não, eu não tentei roubá-lo.

— Não é tão pretensioso quanto você está imaginando. É surpreendentemente pé no chão. — Ele diz, com um sorriso.

Eu zombo: — O folheto incluía um segmento inteiro sobre como um príncipe, um verdadeiro príncipe escocês se formou lá. Parece que todas as escolas da ivy league se reuniram e tiveram uma orgia. — Eu bocejo um pouco, — Você vai olhar para mim e me dizer que esse lugar não está cheio até a borda com garotos ricos com cartões Amex?

Eu cruzo meus braços sobre o peito, olhando para ele com uma sobrancelha levantada.

Não me interpretem mal, estou grata por estar presente. A educação que receberei daqui me garantirá um emprego depois de me formar. Só não estou animada para ser a garota da '*bolsa*'. É muito parecido com ser a garota da lancheira de papel pardo, ou aquela que pega suas melecas e as come.

Não é uma boa aparência.

— Não seja tão crítica. Deve haver algumas pessoas aqui que não têm muito dinheiro, Briar. Estes serão os melhores quatro anos da sua vida, eu prometo. — Ele estende a mão apertando minha mão de forma tranquilizadora e eu não sabia o quanto eu realmente precisava disso.

Quanto mais descíamos por esse caminho de entrada sem fim em direção aos portões pretos iminentes, pior ficavam meus nervos. Embora fosse um sonho ser aceita, este lugar parecia muito com um pesadelo.

Olhei pela janela para as pequenas gotas de chuva que se agarravam ao vidro. Inspeicionei as fileiras e mais fileiras de pinheiros. A qualquer momento parecia que eles iriam estender a mão e pegar o carro.

O sol usava as nuvens molhadas como guarda para que cada momento aqui parecesse cinza. Vazio de todas as cores. Vazio de calor.

Parecia, para mim, de qualquer maneira, que essas crianças estavam pagando uma porrada de dinheiro para viver dentro de um romance de Stephan King.

Limpei a garganta, sentando-me um pouco mais ereta, puxando meu moletom na cabeça e coloquei meus fones de ouvido em meus ouvidos tentando acalmar meu estômago. O silêncio estranho que se instalou ao nosso redor estava me dando sérias vibrações de casa mal-assombrada.

Mesmo com a música tocando, eu podia ouvir o cascalho estalando sob os pneus enquanto ele continuava dirigindo dentro do campus. A primeira parte da faculdade que você vê, dando as boas-vindas a todos os alunos novos e antigos, era um grande arco de tijolos desgastados com uma falsa placa de metal aparafusada na frente. A ferrugem e a hera tentaram proteger as palavras escritas nele, mas não adiantou.

Universidade Hollow Heights

Husa. 1634

— *Nós convidamos o sucesso.*

O nome foi gravado com ousadia, levando seu nome a todos que entram.

Onde os livros encadernados em couro sussurram em línguas mortas e os corredores vazios de mármore rangem em desafio. A luz nunca toca o chão, uma manta constante de névoa dança através dos pinheiros imponentes.

A infame universidade para meninos e meninas ricos. Uma das faculdades mais isoladas e de elite da história. Há rumores de ter abrigado algumas das mentes jovens mais ricas do país.

Os pais segurados de Hollow Heights não ficariam desapontados depois que seus filhos concluíssem o programa

aqui, eles retornariam após a formatura de forma diplomática e refinada. Prontos para assumirem qualquer trabalho que for lançado em seu caminho.

A faculdade ficava na costa do Oregon, trezentos acres de arquitetura vitoriana que parecia mais velha que terra. Eu o visitei online, mas o computador não fez justiça.

A cidade em que foi construída era Ponderosa Springs, conhecida, você adivinhou, pelos pinheiros de mesmo nome. Eu não sabia muito de sua história, exceto que era cheio de famílias ricas, era preciso passar por ele para chegar ao campus e não era muito grande.

Fosse de propósito ou por acidente, os arquitetos da escola fizeram com que este lugar parecesse a quilômetros e quilômetros de qualquer tipo real de civilização. Era como seu próprio mundo além das árvores construídas em um pântano sombrio, isso me deixou enjoada. Sabe, como depois de comer sushi de posto de gasolina?

— Sua coisa está me assustando de novo com seus olhos vermelhos redondos. — Thomas diz, enquanto estaciona no ponto de desembarque dos dormitórios.

Eu espio o pequeno animal em minhas mãos, seu pelo branco puro macio sob meus dedos e seu focinho empinado no ar cheirando seus arredores.

— O nome dela é Ada e ela não é uma coisa. Ela é um rato mudo albino. Se você chamá-la de coisa de novo, ela vai te morder. — Eu aviso, embora eu saiba e Ada também, que ela não faria mal a uma mosca.

Quando meu pai me deixou escolher um animal de estimação quando eu era jovem, escolhi um rato. Não porque eu estava tentando ser diferente ou fora da caixa, mas porque havia algo superlegal nos ratos. Eu tive três, cada um deles vivendo até a expectativa de vida de dois anos antes de morrer. Esperei alguns meses para chorar, chorei todas as vezes e comecei a procurar um novo companheiro.

Ada e eu estamos fortes há cerca de um ano.

— Precisa de ajuda para levar as malas para o quarto? Ou você acha que consegue? — Ele pergunta do banco do motorista.

Eu olho para o dormitório, Iruine District, onde todos os alunos do primeiro ano ficavam. Uma fonte de água circular repousava no centro, um grande santo, creio, servindo de espeto de água. O mármore rachado me fez sentir que ele iria desmoronar a qualquer segundo.

Corvos grasnavam lá de cima, suas asas negras disparando através da névoa. Meus olhos tentando contar o número de gárgulas que montavam guarda no topo dos pedestais e estacas.

Eu aceno para ele, — Eu posso lidar com isso. Obrigada. — Abro a porta, enfiando Ada no bolso do moletom onde ela fica a maior parte do tempo quando não está em sua jaula.

Eu automaticamente gostaria de ter colocado um par de jeans em vez desses shorts esportivos, não estou acostumada com o frio. Texas não tinha tempo frio, nem tanto nevoeiro.

Caminhando até o porta-malas do carro, levanto-o, coloco minha mochila nos ombros e pego minha mala.

Uma rajada de vento frio corre pelas minhas costas, como se algo tivesse passado pelas minhas costas. Virei minha cabeça ligeiramente, olhando para os prédios esperando ver alguém parado ali. Esperando ver alguém olhando em minha direção, mas só encontrei alunos se arrastando pelo terreno da escola, carregando suas malas para dentro.

— Você está bem? — Thomas pergunta ao meu lado.

— Sim, — balanço a cabeça, sorrindo, — estou bem.

— Isso vai ser muito bom para você. Eu só tenho esse pressentimento. — Ele esfrega as mãos: — Aqui está a chave do seu dormitório e o cartão do almoço. Se precisar de alguma coisa, você tem meu número, meu apartamento fica fora do campus na cidade, mas é uma viagem curta, então não hesite em perguntar. — Ele envolve um braço em volta do meu ombro, me dando o abraço de lado mais estranho da história.

— Obrigada, tio T.

Afeto não era algo em que eu fosse grande para começar. Você não pode ser pobre e mole.

Eu deveria estar nervosa caminhando em direção a uma escola que faz Harvard parecer uma faculdade comunitária do interior.

Mas eu não estava.

Não era da minha natureza ficar nervosa ou com medo. Quando você vive a vida que eu vivi. Aquela em que você tem que lutar pela sua sobrevivência, as refeições na sua mesa, o teto sobre sua cabeça? Você não tem tempo para ter medo de nada.

Você faz o que precisa ser feito.

TRÊS



LINDO NÓS VAMOS

Alistair

— Vocês dois demoraram o suficiente, — murmuro, empurrando-me para fora do carro com a bota, jogando o cigarro no chão, apagando a brasa moribunda.

— Thatcher teve que pressionar seu processo. — Silas empurra o corpo de Thatch com o ombro, seu corpo coberto com um moletom totalmente preto. A luz da lua refletindo em seu rosto endurecido.

— Versace? Para uma cena de crime? Um pouco pretensioso, até para você. — Eu olho para sua roupa, parecendo que ele está participando de algum fodido debate político sobre aquecimento global ou saúde.

— É bom ver que você não odeia muito a mamãe e o papai, parece que você pelo menos aprendeu suas marcas com eles. — Sua voz aumenta: — Sabemos que você se opõe a tudo que é riqueza, Alistair, mas não há necessidade de ficar com ciúmes do meu estilo incrível. — Ele ajeita o colarinho.

Eu me aproximo dele em advertência, mas o som de um motor alto interrompe minha raiva temporária em relação ao meu melhor amigo.

A motocicleta cor de aço de Rook desvia para o estacionamento do necrotério. O ronco da moto termina repentinamente quando ele gira a chave. Puxando o capacete preto fosco da cabeça e balançando o cabelo como se fosse algum tipo de membro de uma boy band.

— Que bom que você pôde se juntar a nós, Van Doren. — eu observo.

Ele caminha em direção ao resto de nós, mantendo suas luvas de montaria, o único de nós com um sorriso no rosto. Ele levanta sua mochila.

— Tenho tudo, extra no caso de decidirmos...

— Não vamos explodir nada hoje, Rook. — Thatcher o interrompe já sabendo para onde seus pensamentos estão indo. Ele levanta as mãos em defesa.

— Vamos descobrir o que o bom médico sabe. — Eu me viro, o cascalho estalando sob minha bota enquanto caminhamos em direção à porta dos fundos do prédio. Rook veio mais cedo, fez um pequeno recado para seu pai no escritório do promotor hoje.

Qualquer coisa para ajudar seu pai e destrancar esta porta para que tivéssemos uma maneira fácil de entrar.

Meus dedos doem de ansiedade enquanto abro a porta com cuidado. Ouvi Silas clicar na fechadura atrás de nós, só para que ninguém mais nos siga. Nós caminhamos juntos enquanto

caminhamos pela área da recepcionista, meu coração bate forte dentro do meu peito. Sabor metálico se espalhando pela minha boca enquanto cerro minha mandíbula.

O que isso dizia sobre mim e quem eu era para que essa situação me deixasse entusiasmado?

Eu posso ver o brilho das luzes, pouco antes de eu pressionar minhas mãos nas portas duplas, abrindo-as com um baque alto. O cheiro dentro do consultório do legista é horrível. Ele se apegava e permeia. Um corpo frio com um lençol puxado até o peito.

À esquerda, o Doutor Howard Discil pula em sua mesa, a cadeira rangendo sob seu peso. Rapidamente, ele ajusta os óculos, tentando se recuperar de nós o assustando.

— Com licença, — ele pigarreia, tentando soar um pouco mais severo, — mas vocês não podem estar aqui agora. — Ele se reajusta em seu assento, olhando para cada um de nós com cautela.

Eu olho para os meninos, todos nós fazendo contato visual por um breve momento, como se esta fosse a última chance de alguém desistir antes de começarmos a realmente sujar nossos discos. Quando ninguém diz nada, volto-me para Howard.

— Não me lembro de termos pedido sua permissão.

É um trabalho rápido depois disso. Silas e Rook recuperam a corda de nylon da bolsa, prendendo o médico em sua cadeira. Ele luta, desesperadamente, mas ainda luta. Balançando em suas mãos enquanto eles enrolam a corda preta ao redor de seu corpo, prendendo-o completamente.

— O que diabos vocês pensam que estão fazendo?! — Ele grita, seu rosto ficando com um tom feio de vermelho.

Rook pressiona o pé nas costas, empurrando a cadeira de rodinhas para o meio da sala. Fica atrás da mesa enquanto começa a abrir gavetas e vasculhar papéis.

Enfio a mão no bolso da jaqueta e tiro um par de soqueiras douradas. O metal está frio na palma da minha mão, o calor da minha pele os aquece rapidamente. Dando um passo em direção a Howard, deslizo meus dedos pelas alças, permitindo que a ponta curva se aninhe na palma da minha mão, apertando-a com força em minhas mãos.

— Rosemary Donahue. — Eu digo ainda olhando para o metal refletivo na minha mão, minhas iniciais gravadas no topo de cada junta. — Você fez o relatório da autópsia dela, certo?

— Essa é uma informação privilegiada. Não posso simplesmente dizer algo assim. — Ele argumenta, lutando contra suas restrições.

O músculo do meu maxilar pulsa duas vezes quando inclino a cabeça para a esquerda, estalando o pescoço.

Meu braço avança, repentino e forte. Minha mão está protegida do impacto com o aço que a protege do lado de fora, mas ainda posso sentir o metal cavando em sua bochecha.

Uma lufada de ar passa por nós, quando a cabeça dele vira para a esquerda com o impacto. Um gemido de dor saindo de sua boca, junto com um líquido carmesim. Respinga no chão, na camisa dele. Provavelmente quebrei um dente.

A pele onde fiz contato está rachada, sangrando do corte feio já começando a inchar, ficando vermelho queimado.

Coloco minhas mãos em cada lado de sua cadeira, curvando-me para que meu rosto fique próximo ao dele, balançando a cabeça e estalando minha língua.

— Resposta errada, Howard.

Algo afiado, como eletricidade dispara pelo meu corpo enquanto seus olhos brilham de medo.

A adrenalina de saber que ele está apavorado por sua vida agora faz meus dedos do pé se enrolarem dentro das minhas botas. Eu poderia viver disso. Seu medo. Eu poderia me alimentar dele como a porra de um cachorro faminto.

— Vou perguntar de novo, — digo enquanto me levanto, — Rosemary Donahue. Sua autópsia.

— Sim! Sim! Eu fiz a autópsia dela! Por que isso Importa?! Foi apenas uma overdose. — Ele grita freneticamente.

Eu aceno, — Bom, isso é muito bom, agora me diga, por que você esqueceu de mencionar as feridas defensivas em seu corpo?

Choque registra em seu rosto, como se os pontos de por que estamos aqui estivessem finalmente se conectando. Ele sabe que sabemos alguma coisa. A questão é: ele será estúpido o suficiente para mentir na nossa cara?

Com um breve aceno de cabeça, — Não havia. Foi apenas uma overdose.

Eu estava quase feliz por ele ter mentido de novo.

Outro soco forte e mortalmente forte atinge o mesmo lugar. Desta vez, ele realmente cuspiu um dente, talvez dois. O peso do soco inglês torna meus socos ainda piores.

Essa raiva, aquela que sempre libero tão rápido, já existe há algum tempo, escapando toda vez que abro os olhos. Estou com raiva de balconistas e motoristas. Tudo e qualquer coisa.

E toda vez que dou esses socos, toda vez que estou machucando outra pessoa, são eles que estou imaginando. As pessoas que me deram meu sobrenome e todos os que estão ligados a ele.

Aqueles que me fizeram nada além de um sobressalente.

Eu mudo minha direção, cavando um golpe selvagem em suas costelas, eu juro que meus ouvidos poderiam ouvi-los estalando dentro de seu peito. Dor esmagadora de ossos, que me fez sentir como se estivesse tomando a melhor droga do planeta. Nada poderia superar essa euforia.

— Eu estava lá, sua escória de merda, — cuspi as palavras, — eu vi o corpo dela antes da chegada da polícia. Suas unhas sangrentas e sujas de tanto arranhar alguma coisa. Machucada como se ela tivesse sido pressionada. Você vai mentir para mim de novo? Eu prometo que se você fizer isso, você vai se arrepender. Acredite ou não, Howard, estou pegando leve com você em comparação com o que meu amigo fará.

— Eu não estou mentindo, — Seus pulmões ofegam por ar, — Eu juro, todas as minhas descobertas estavam no relatório. Isso foi tudo! — O sangue pinga de sua boca no jaleco totalmente branco.

Eu me pergunto se quando ele passou a calça esta manhã ele pensou em sujar de sangue mais tarde.

Se ele quisesse ser difícil, então poderíamos ser difíceis.

— Não diga que não avisei.

Eu viro as costas para ele, chateado por não ter conseguido que ele derramasse mais informações.

— Ele é todo seu. — eu murmuro.

Dando a Thatcher o aval para fazer o que quer que sua mente distorcida tivesse inventado. Não fui tão cruel a ponto de deixá-lo ir primeiro. Eu pelo menos tentei dar uma chance ao bom médico.

O clique de seus Oxfords ricocheteia no chão de madeira. O peso de suas intenções sinistras vibra nas paredes deste escritório. Encosto na parede, descansando ali enquanto observo Thatcher participar de um de seus passatempos favoritos.

Fazendo as pessoas sangrarem.

Ele tira o paletó, jogando-o sobre a mesa, enquanto demora a arregaçar as mangas até os cotovelos. Tudo isso faz parte do jogo mental que ele joga.

Nós éramos um bom contraste, ele e eu. Ele era frio e calculista. Eu era uma crueldade instintiva e de sangue quente.

O par perfeito de sociopatas.

Howard balança a cabeça violentamente, — Por que você se importa?! Vamos rapazes, pensem nisso. Se alguém descobrisse que vocês me agrediram, seus futuros estariam arruinados! — Ele argumenta freneticamente: — Ela era apenas uma garota rica.

Apenas uma garota burra que teve uma overdose, provavelmente festejava o tempo todo, você conhece esse tipo!

O ar corre frio, nenhum som pode ser ouvido, exceto por sua respiração ofegante. Atrás dele, como água silenciosa, Silas se move das sombras. Seu capuz preto escondendo seu rosto enquanto ele agarra a parte de trás do cabelo de Howard, torcendo-o fortemente em seu aperto.

Com um movimento fluido, ele joga a cabeça para trás, o médico geme em protesto,

— O nome dela era Rosemary. E ela não era apenas uma garota.
— Sua voz é áspera, não rápida e afiada como a de Thatcher, ou sarcástica como a de Rook. É grosseiro, áspero, maltratado e batido. É cheio de angústia e vingança.

— Ela era minha. E agora você vai ver o que acontece quando alguém mexe com coisas que me pertencem. — Ele rosna em seu ouvido.

Thatcher agarra o banquinho circular perto da mesa do necrotério, sentando-se em cima dele e rolando na frente do homem amarrado. Semelhante a como um médico faria ao examinar um paciente. Silas recua novamente, braços cruzados encostados na parede, continuando a assistir.

— Você ganha uma vida modesta, não é, Dr. Discil? Sessenta mil por ano? Presumivelmente mais aqui em Ponderosa Springs. É uma vida agradável para seus dois filhos, não é? Quantos anos eles têm mesmo? Cinco e dez? — Ele pergunta calmamente, esperando educadamente por sua resposta.

Ao fazer isso, ele estende uma bolsa de couro preta enrolada. Com as mãos relaxadas, ele desata as fivelas laterais, virando-as para cima, e lentamente começa a desenrolá-las sobre a mesa. O metálico dos objetos lá dentro capta a luz da lua, brilhando na escuridão como estrelas mortíferas.

— Seu merdinha retorcido... — Howard sibila, tentando se levantar da cadeira.

Os dedos longos e gelados de Thatcher percorrem sua coleção, para frente e para trás: — Pergunto porque suas mãos são vitais para o seu trabalho. Eu, de todas as pessoas, sei como as mãos são importantes para a arte do desmembramento, então eu me relaciono com você, Dr. Discil.

Eu cerro os dentes, observando enquanto o médico examina todas as lâminas sofisticadas em sua mesa. Seu pomo de Adão balançando.

— Ainda não aprendeu a parar de brincar com a comida antes de comer, não é Thatch? — Rook diz enquanto continua olhando pelo escritório.

Thatcher apenas sorri, continuando sua linha de perguntas. Entrar na cabeça dele é metade da diversão para ele. Ele não gosta apenas de fazê-los sangrar por fora, ele anseia pelo medo por dentro.

— Meu pai me deu essa, — diz ele pegando uma das facas, — Você conhece meu pai, não conhece?

A pergunta faz o médico tremer,

— Sim, presumi que sim.

— Veja bem, com esta faca, eu poderia usar este pequeno gancho aqui e enfiá-lo na carne de suas costas antes de descascar sua pele. Estou no mercado à procura de um novo par de botas de couro.

— Eu não sei de nada! Isso não tem sentido! — Howard continua, sua voz tremendo ao pensar em Thatch transformando-o em um par de sapatos.

Terminada a provocação, ele pega uma lâmina longa e grossa, sentindo-a em sua mão por um momento antes de agarrar o médico pelo pulso para segurá-lo firme. Com precisão e quase graça, Thatch corta direto a primeira junta de seu dedo mindinho. O pedaço do apêndice caindo impotente no chão.

O osso branco é rapidamente coberto por uma fonte de sangue, esguichando do que resta de seu dedo mínimo. Um grito desumano irrompe dele quando ele olha para sua mão, horrorizado com o que estaríamos dispostos a fazer.

— Você acha que o que ele fez doeu? Vários socos no estômago e um lábio partido? Vou mostrar-lhe a dor, Dr. Discil. Dor extrema. — Ele ferve, — Até que as últimas palavras que você coxar de sua boca vil sejam: 'por favor, apenas me mate'. Então, sugiro que você responda à nossa pergunta antes que não haja mais nada para eu cortar. — Por um momento, a fachada do político mais rico e futuro de Ponderosa Springs racha. A criatura que se esconde por baixo saindo para brincar.

— Eu não, eu só- — Ele gagueja sobre suas palavras, pronto para quebrar. Exceto que não é rápido o suficiente para nós.

O som de alguém cortando uma cenoura enche a sala mais uma vez, outra junta cortada, deixando apenas uma lasca de dedo sobrando. O sangue encharca a frente da camisa Versace branca de Thatch.

Outro grito enche a sala e estou grato por termos conseguido entrar aqui depois do expediente.

Howard está tentando recuperar o fôlego, enquanto Thatcher se alinha novamente,

— Espere, espere, pare, por favor! Eu vou te dizer! Eu vou te dizer, apenas pare!

Finalmente as palavras que esperávamos ouvir. Eu me inclino na parede, caminhando um pouco na direção deles,

— Não sei quem foi. Tudo o que sei é que recebi uma carta quando o corpo de Rosemary chegou ao meu escritório, pedindo-me para encobrir qualquer evidência de crime no corpo. — Ele respira, gemendo de dor entre as palavras,

— E isso tem a ver com Rose, como? — Thatch aplica pressão em seu dedo.

— Espere, espere, estou chegando lá. — Ele implora: — No começo eu fui contra, eu ia colocar minhas descobertas no relatório de qualquer maneira m... mas...

— Eles fazem o que todo mundo em Ponderosa Springs faz. Deram-lhe dinheiro pelo silêncio. — Eu terminei. Meu sangue bombeando quente em minhas veias.

— Sim, e eu precisava do dinheiro extra! Eu não poderia deixar passar. Eu verifiquei minha conta bancária e, com certeza, havia o dinheiro.

— E Rose? Qual foi a causa da morte dela? — Rook pergunta por trás da mesa, suas mãos segurando a borda com tanta força que pensei que a madeira poderia se estilhaçar sob seu aperto.

— Ela teve uma reação alérgica a algo na droga. Foi injetado na lateral do pescoço dela, encontrei um orifício de entrada. Mas quando fiz meu exame, alguém enfiou alguns dos comprimidos em sua garganta, tentando tornar mais crível que ela mesma os tomou, mas eles fizeram isso depois da morte, então...

— Então ela não podia engolir-los. — Thatch termina para ele.

Ele acena com a cabeça: — Ela morreu de choque anafilático! Isso é tudo que sei, juro por Deus! — Ele chora, o sangue vazando de sua mão bombeando ao ritmo de seu coração.

Há um rápido silêncio que se passa entre todos nós. Esperávamos que talvez alguém com dinheiro estivesse encobrindo o fato de que a mataram para atacar o prefeito.

Acho que não éramos os únicos monstros à espreita na cidade.

Thatcher olha para mim e eu aceno, dando-lhe sinal verde. Ele começa a limpar suas facas, limpando-as em suas calças, colocando-as ordenadamente em seu estojo.

— Os comprimidos na garganta dela, onde estão eles? — Silas pergunta atrás dele.

— Embaixo, gaveta esquerda. Eles estão em um saquinho Ziplock. Por favor, por favor, só não me mate! — Ele chora.

Rook recupera o saquinho, todos nós caminhando um em direção ao outro, formando um pequeno círculo.

— Eles estão marcados, algum tipo de símbolo neles. Está desbotado, porém, eu teria que dar uma olhada. — Ele semicerra os olhos, olhando para as pílulas rosa brilhante, — Posso ligar para algumas pessoas, ver quem está vendendo Ecstasy com esta etiqueta.

— E seguir as drogas vai fazer o que por nós? — Thatcher impõe.

— É tudo o que temos agora. É isso ou nada. — Eu indico. — Thatcher, termine e vamos dar o fora daqui.

Olhando para Silas, pergunto: — Você está bem?

Ele acena com a cabeça, enfiando as mãos nos bolsos do moletom, — Tudo bem.

Sabendo que é tudo que conseguirei dele, não me incomodo em perguntar de novo. Quando ele precisar de algo, ele nos avisará. Silas não fala a menos que seja absolutamente necessário.

— Espere, espere, o que vocês estão fazendo? Eu te contei tudo! — Howard grita enquanto Thatcher caminha em sua direção.

Ele se abaixa, agarrando a parte de trás da cabeça com uma mão enquanto a outra pressiona uma lâmina em sua garganta, um pequeno fio de sangue vazando da pressão,

— Se você disser uma palavra, eu voltarei para pegar o nó. Então vou pegar sua língua traiçoeira. Ou talvez eu vá atrás de suas crianças. Você acha que eles vão gostar da minha coleção de

facas? — Há um murmúrio de palavras de Howard, algum tipo de pedido.

— Você tem sido bom em esconder as coisas ultimamente, certifique-se de que continue assim, Dr. Discil. Fazer. Não. Fazer.
— Ele empurra.

— Está claro?

Thatcher pega sua maleta, pegando o paletó preto e dobrando-o sobre o antebraço, caminhando atrás de mim enquanto saímos do escritório.

Eu podia sentir o peso em meus ombros enquanto caminhávamos em direção aos nossos carros no estacionamento, uma cobra deslizando pela minha espinha, sabendo que era a última pessoa que deixaríamos viva em nossa jornada para a vingança.

Misericórdia não existe mais.

QUATRO



BEM-VINDO A CASA

Brian

Preto e dourado, cores de extravagância, riqueza e mistério se notam por toda parte. São as cores de assinatura da escola e não poderiam ser mais adequadas. Eu ando pelos corredores de decoração ornamentada. Altas janelas caleidoscópicas arqueadas que me davam vertigem com a forma como a luz deslumbrava através delas. Tudo ao meu redor parecia... caro.

Vi grupos de garotas reunidas enquanto passavam por mim, de braços dados, rindo de algo engraçado. Seus saltos estalavam em sincronia, cada uma com o cabelo trançado ordenadamente nas costas. Perdidos em seu próprio mundo. Ada guincha no meu bolso, cutucando a cabeça para fora, apenas para se esconder novamente quando me abaixo para pegar uma bola que foi lançada sobre minha cabeça, virando bruscamente para ver um cara pegá-la com um taco de lacrosse. Ele levanta os braços em comemoração, enquanto seus amigos passam por mim batendo no meu ombro rindo e cumprimentando uns aos outros.

Outra garota estava distribuindo panfletos para uma equipe de debate, sua saia xadrez e colete me diziam que ela provavelmente queria fazer algo importante na vida. Eu me senti tão fora do meu elemento, como se eu fosse apenas uma sombra em suas vidas.

Quer dizer, não foi culpa deles terem nascido ricos e eu não.

Essa onda de compreensão, de percepção, me atinge enquanto caminho por esses corredores sinuosos, pelos arcos pontiagudos e subo um lance de escadas embelezadas. Meus fones de ouvido cavaram dentro dos meus ouvidos, vibrando.

Ninguém aqui me conhece.

Nem uma única alma sabe quem eu sou.

Eu fiz meu caminho através de colegas de classe, mudei e me movi através dos abraços de reunião dos alunos do segundo ano. Mal percebi, não porque eu era estranha ou estava sendo ignorado, porque eu era nova.

Cheguei ao quarto no final do terceiro andar. Do lado esquerdo, os números dourados, 127 na frente. Minha mão agarrou a maçaneta, logo depois que alguém bateu no meu ombro. Eu puxo meu fone de ouvido da minha orelha esquerda, a música ainda tocando na minha direita.

— Sim? — Eu pergunto, olhando para a loira alta e bonita com dentes super brancos. Há uma bola de futebol debaixo de seu braço, e ela está mascando chiclete, sem parar.

— Lizzy Flannigan, — ela empurra sua mão livre para mim.

Eu devolvo, — Briar, uh, — faço uma pausa sem saber por que estamos nos apresentando com sobrenomes, — Lowell.

Os nervos borbulham no meu estômago. Medo da rejeição automática que costuma vir junto ao meu sobrenome.

— Hmmm, nunca ouvi falar de um Lowell antes. De qualquer forma, é Flannigan como no óleo Flannigan. Sim, meu pai é o dono, muito legal. Eu só queria avisar um pouco antes de você entrar no palácio dos insetos. — Ela acena com a cabeça em direção ao meu dormitório, estourando uma bolha enquanto o faz.

Um suspiro de alívio passa pelos meus lábios, como eu disse, eles não me conhecem aqui.

— Palácio dos Insetos? — Eu pergunto, desviando a atenção de mim.

Um lugar tão bom tinha um problema de pragas? Talvez se eles parassem de pagar tanto pelos cortadores de grama para fazer padrões quadriculados perfeitos, eles pudessem conseguir um exterminador.

O orçamento vai longe, sabe?

— Sim. É uma merda para você, mas você está dividindo o quarto com Lyra Abbott. Garota gótica superestranha com uma obsessão por insetos nojentos, você pode ficar conosco na sala dos alunos se não quiser estar lá. Você pode até conseguir uma troca de colega de quarto. — Ela balança nos calcanhares, para frente e para trás.

Tenho a sensação de que Lizzy está sendo legal porque ela não encontrou um motivo para ser A. Ameaçada por mim. Ou B. Não farejou minha fraqueza.

Eu gosto de fazer minhas próprias suposições sobre as pessoas e gostaria de fazer isso com minha própria colega de quarto.

— Obrigada pelo aviso. Acho que posso lidar com isso.

Texas tem cascavéis, acho que posso lidar com alguns insetos. Eu começo a me afastar dela quando ela fala novamente.

— De qualquer forma, — ela suspira, — eu deveria entregar isso para todos os calouros. — Ela me entrega um panfleto preto, — É uma festa de boas-vindas. Jason Ellis está sediando este ano, o que significa que seus pais estão fora da cidade a negócios, então temos toda a propriedade deles para delirar.

Eu nunca tinha sido convidada para uma festa antes, muito menos fui a uma. Tenho certeza de que as pessoas da minha escola os tinham, mas nunca fui. Isso parecia um passo na direção certa.

Fiquei imaginando como seriam as festas aqui? Pelo que ouvi, garotos ricos adoram se meter em coisas que não deveriam. Algo sobre ter tudo o que eles poderiam querer, mas ainda precisando de mais.

— Parece legal. Obrigada pelo convite. — Eu digo friamente.

— Você é tipo, uma local? Ou de uma daquelas grandes famílias monopolistas da costa leste? Eu nunca vi você antes. — Ela inclina a cabeça, olhando-me de cima a baixo. Levando-me para dentro.

Aqui está, ela está tentando descobrir se eu sou uma competição ou apenas outra garota estranha sobre a qual ela pode fofocar para seus amigos.

— Hum, não, — eu balanço minha cabeça, — Eu sou do Texas.

— Ohhhh, dinheiro do sul hein? Isso é demais.

Abro a boca, querendo corrigí-la, não quero dar uma falsa impressão. Não tenho vergonha de ser pobre. Lutar pelo que você tem só mostra força. Não há nada que eu precise me sentir envergonhado.

— Lizzy! Vamos! — Alguém grita do corredor,

— Essa é a minha deixa, vejo você amanhã à noite? — Ela oferece.

— Ugh, com certeza, sim, totalmente. — Eu gaguejo sobre a minha resposta, sorrindo um pouco.

Finalmente abrindo a porta do meu dormitório, tudo que eu quero fazer é cair no colchão com cheiro de naftalina e me cobrir com o edredom áspero que comprei no Walmart.

— Sim, com certeza, totalmente... Que idiota de merda. — Eu me imito, querendo bater minha cabeça na parede por ser tão desajeitada.

Ada começou a se mexer no bolso do meu moletom, o que significa que ela estava pronta para se acomodar em sua nova jaula. Thomas havia movido algumas das minhas coisas para dentro antes de eu chegar, ele pensou que isso tornaria minha transição um pouco mais fácil.

Duas camas de solteiro iguais em lados opostos do dormitório, uma mesa no final para cada um dos alunos dentro. Eu valso até a mesa, abrindo a gaiola de tamanho médio cheia de cordas, brinquedos e pontes, deixando Ada entrar para que ela possa se acostumar com seu novo ambiente.

Eu levo meu tempo olhando para a decoração dela. Agora estou ciente de por que eles o chamam de palácio dos insetos. Suas paredes estão cheias de caixas de vidro e pôsteres de insetos mortos. Principalmente besouros e borboletas, mas tenho certeza de que localizei uma aranha em algum lugar.

Eu ouço a descarga do banheiro, assim que me viro vendo a porta do banheiro aberta. Minha colega de quarto sai, usando botas de chuva vermelhas brilhantes que estão cobertas de lama encharcada, secando as mãos em uma toalha de papel.

Não falamos um segundo, ela me aceita como eu faço com ela. Seu cabelo castanho crespo que está tentando se esconder debaixo de um chapéu de couro preto, os pedaços de sua franja reta saindo um pouco. Noto o anel oval âmbar em seu dedo indicador que parece ter algum tipo de inseto preso dentro dele.

— Está morto. — Ela diz, me pegando olhando para ele, ela mexe o dedo, antes de apontar para os que estão na parede: — Todos eles estão mortos. Então você não precisa se preocupar com nada rastejando em você à noite.

A maneira como ela diz isso me faz pensar que ela já disse essas palavras antes ou está acostumada a defender seu hobby. Ela gosta de insetos e eu roubo coisas, quem sou eu para julgar?

— Eles não me incomodam, — eu digo, examinando a sala, rindo um pouco. — Quero dizer, as aranhas são um pouco assustadoras, mas é bem legal. Nunca conheci ninguém que as tenha colecionado antes.

Um pouco de peso cai de seus ombros, um lindo sorriso aparece em seu rosto quando ela estende sua mão recentemente limpa

para mim, — Eu sou Lyra. Chama-se entomologia. O estudo de insetos, mas hoje em dia sou principalmente um lepidopterista, apenas borboletas e mariposas, menos alguns besouros.

Ah, apenas primeiros nomes. Que bom começo.

— Briar. Meio ciumenta por não ter um hobby legal. Existe uma razão para isso? Ou você sempre gostou de insetos? — Retribuo o aperto de mão com um sorriso.

— Eu tenho uma queda por coisas mortas. É uma longa história, então Briar Lowell, certo? Ouvi você conversando com Lizzy. — Ela começa a caminhar em direção ao seu lado da sala enquanto continua falando: — Princesa da indústria do petróleo. Campeã estadual de futebol por quatro anos, se formou em quarto lugar na nossa classe e empurrou a melhor amiga em uma piscina no baile de formatura por acidente, porque ela acidentalmente vestiu a mesma cor que ela. As palavras *acidentalmente* são usadas em citações de dedo.

— Então, ela é a abelha rainha por aqui? — Eu jogo minhas coisas na cama, sentando no colchão elástico. Eu estava tentando não julgar, mas Lizzy me deu as vibrações do tipo de garota de quem você era amigo apenas porque não a queria como inimiga.

— Essa é a coisa sobre Ponderosa Springs. — Ela segue meus movimentos em sua própria cama, tirando as botas. — Outros lugares têm uma Regina George. Aqui, nunca há apenas uma. Cada parte da hierarquia tem sua própria garota malvada, os atletas, têm Lizzy. Nerds têm Emily Jackville, futura engenheira aeroespacial. Os fanáticos por arte têm Yasmine Poverly, filha não

de um, mas de dois magnatas da arte, e dizem que tem redemoinhos como Picasso. Ou o que quer que isso signifique.

— Este lugar é o sonho de todo adolescente, hein? — Eu brinco sarcasticamente.

Ela bufa, — Basicamente.

— Então, como você sabe de tudo isso? Você é local?

Girando o anel no dedo e olhando para o teto, ela responde: — Sim. Nascida e criada em Ponderosa Springs. Não sou de uma família rica e louca, então para mim isso significa que sou um fantasma. Eu não sou realmente intimidada, mas ninguém fala comigo também. Eu não benefico ninguém, então não estou incluída. Eu meio que flutuo por este lugar, observando todo mundo. — Ela vira a cabeça para olhar para mim: — Qualquer coisa que você precise saber sobre este lugar e as pessoas que moram aqui, provavelmente já sei.

Eu aceno, — Eu sei como é. Sendo invisível, é mais fácil assim quando você conhece a alternativa. Em casa, também não tinha muitos amigos.

— Bem-vinda à sociedade solitária, Briar Lowell. Eu sou a presidente, mas há uma vaga para vice-presidente.

Eu rio, inclinando-me e sentando-me com as pernas cruzadas. Sociedade solitária festa de duas. Eu gostei do som disso. Ter uma amiga, fazer parte de algo. Eu me abaixo, pegando o panfleto que Lizzy me deu.

Meus dedos roçam o papel grosso, lendo as palavras uma e outra vez.

Quando eu estava no ensino médio, fui convidada para uma festa de aniversário do pijama. Nada grande, apenas algumas meninas da minha aula de inglês. Eu nunca tinha ido à casa de ninguém antes e fui estúpida em ficar excitada.

Para encurtar a história, minha diversão acabou depois da manicure e pedicure, quando meu pai foi preso tentando roubar um banco. Estava por toda a cidade em questão de segundos e eu rapidamente saí de Briar, garota quieta em inglês. Para Briar Lowell, lixo de estacionamento de trailers cujo pai roubou para sobreviver.

Disseram-me para deixar a festa naquela noite.

E nunca mais falei sobre isso.

Mas as coisas são diferentes aqui. Ninguém reconhece meu sobrenome. Ninguém sabe quem eu sou. Eu posso ser quem eu quiser. Não há limite. Não preciso mais ser um prodígio criminosa com uma reputação manchada.

Não preciso mais ser a estranha. Me esconder para roubar porque tudo aqui já está pago. Tudo porque eu estava preocupada com as luzes apagadas ou com a falta de comida na mesa.

Eu queria uma vida que não tivesse apenas que sobreviver.

Um que eu poderia desfrutar.

E eu sabia exatamente como começar.

CINCO



CONHEÇA SEU DIABO

Brian

Essa ideia fazia muito mais sentido dentro da minha cabeça do que agora. Parecia um grande plano a noite toda, nos preparar, dirigir até aqui, mesmo os primeiros vinte minutos pareciam promissores.

— Não acredito que deixei você me arrastar até aqui, — Lyra ri, escondendo o rosto atrás de seu copo solo vermelho que ainda está na mesma quantidade desde que chegamos e servi para ela.

Estávamos agrupadas em um canto do lado de fora observando as pessoas.

Na minha cabeça, quando chegasse aqui, seria uma borboleta social. Lyra e eu conversariávamos com garotas sobre aulas ou garotos que achávamos fofos. Talvez eu até falasse com um cara para quem eu poderia dar meu número de telefone.

Não foi esse o caso, de forma alguma.

— Ok, então talvez, — eu faço um som de *oof* quando alguém bate em mim bêbado, murmurando um pedido de desculpas antes

de continuar a passar por mim, — Talvez este não tenha sido o melhor plano. Em minha defesa, não pensei que a festa fosse assim!

Olhei para o quintal da casa de Jason, paramos no pátio dos fundos, onde os corpos enchiam o quintal e a piscina subterrânea. Era uma piscina linda, uma que deixou a nadadora dentro de mim com inveja. Era o único esporte em que eu era decente e nem mesmo minha escola tinha uma tão boa.

Bem menos os fluidos corporais e lixo no momento. O DJ tocava música de vários alto-falantes pela casa, e Deus, se você pensasse que o quintal estava lotado. Corpos estavam preenchendo cada centímetro quadrado desta mansão, saindo da sala de estar, cozinha e até mesmo dos quartos superiores.

Eu assisti através da névoa da máquina de fumaça e ervas daninhas, enquanto os corpos se moviam ao som da batida forte.

— Eu disse a você, as crianças de Ponderosa Springs não são normais. Tudo o que eles fazem, eles têm que fazer dez vezes mais do que os adolescentes normais. É o dinheiro. Dá a eles todo esse complexo de que são intocáveis. — Ela grita sobre a música.

Eu praticamente arrastei minha nova colega de quarto para este lugar, vomitando alguma besteira sobre tentarmos ser algo mais do que fantasmas. Este foi o nosso primeiro ano de faculdade, os próximos quatro anos deveriam ser os melhores de nossas vidas.

Achei que uma festa era a maneira perfeita de começar isso.

Obviamente, eu tinha as intenções certas, a execução foi um pouco errada.

— Eu voto para sairmos e irmos ao restaurante Tilly para comer hambúrgueres gordurosos e batatas fritas, o que você acha? — Lyra oferece, vendo como nós duas estamos desconfortáveis.

Eu dou outra olhada ao redor, casais, casais e mais casais com suas línguas na garganta um do outro. Observando a transação dissimulada de comprimidos em saquinhos plásticos. Meus pulmões queimavam com o ar reciclado, embora estivéssemos todos do lado de fora, eu queria estar em qualquer outro lugar, menos aqui agora.

— Inferno sim- — eu começo, mas minha voz é abafada pelo canto do nome de alguém.

Lyra e eu mudamos nossos olhares para o telhado, onde um cara está em cima dele, usando apenas o que Deus lhe deu e um capacete de lacrosse.

— Querido Deus... — Lyra murmura, protegendo os olhos no momento em que ele grita algo incoerente e se joga do telhado na piscina.

Os que estão ao nosso redor perdem o sentido que lhes resta, gritando, rindo, completamente submersos no momento.

— Se eu nunca mais for a uma dessas, será muito cedo, — murmuro, Lyra acena com a cabeça em concordância. Jogando a bebida por cima do ombro,

— Eu tenho que ir ao banheiro bem rápido, então podemos sair.

— Você quer que eu vá com você? Não sei se confio em todos aqui. — Ela grita sobre o caos.

— Sim! Assim não nos perdemos.

Juntas atravessamos o quintal em direção à porta dos fundos, o calor dentro da sala me dá um tapa na cara, me assustando um pouco. Está escuro como breu lá dentro, a única luz são as lâmpadas estroboscópicas prateadas que esporadicamente atravessam a sala. É um aperto confortável por dentro, as pessoas amontoadas impossivelmente próximas umas das outras.

Como alguém ainda gosta disso?

Minhas mãos suadas agarram as de Lyra enquanto ela navega entre as pessoas da melhor maneira que pode. Parece que estamos avançando em meio a todos até que alguém se esbarra no meio de nós.

Minha mão escorrega da dela, minha bebida derramando na frente da minha camisa e, para piorar, está tão escuro que mal consigo ver o rosto de alguém.

— Lyra! — Eu grito sobre a loucura, apertando meus olhos tentando pegar um vislumbre de seu cabelo castanho ondulado e camisa estampada.

Minha respiração encurta, minha boca seca enquanto eu lambo meus lábios para umedecê-los um pouco. Desejando não estar usando minha bebida agora porque minha garganta parece o Saara. Eu tento manter a calma, não querendo surtar, e de repente desenvolvo um medo de espaços fechados.

Meus pés se arrastam para a frente, meus olhos localizam a porta da frente e suponho que é para onde Lyra iria também se nos perdêssemos. Há apenas uma montanha de pessoas que preciso passar primeiro.

A música muda, não mais um hip-hop animado com um remix estranho, mas sim um guincho penetrante de uma guitarra emparelhada com uma bateria frenética. Uma brisa gelada repentina corre pela minha espinha, calafrios indesejados espalhando-se pela minha pele. Meus sentidos se alargam. Minha pele formigando, respirações se estabelecendo mais fundo no meu estômago. Meus ouvidos quase se contraem a cada som minúsculo.

Eu conheço essa sensação. Fui treinada para perceber isso, mesmo quando outras pessoas não reconhecem a sutil sensação de estar sendo seguido, eu reconheço. Você sempre deve confiar em seu instinto como ladrão, saber a hora certa de atacar é tão importante quanto a habilidade em si.

Então acho que, na verdade, sei que tem alguém aqui me observando. Viro-me rapidamente, verificando minha esquerda e direita, todos estão envolvidos na euforia que esta festa lhes deu.

Alguém sopra uma nuvem de fumaça na minha cara, me fazendo tossir, acenando com a mão para limpá-la da minha visão.

Meu corpo recua, meu coração afundando aos meus pés, assustada com o que encontrei. A luz estroboscópica captura os ângulos de seu rosto em falhas. Num segundo ele está lá, no próximo é escuridão.

Ele vem a mim em seções, como um quebra-cabeça.

Seus ombros largos eram protegidos por couro preto, uma camisa branca bem colada em seu peito, esticando-se contra os músculos rígidos que estavam por baixo. O corpo de nadador perfeito. Alto, largo, todo afunilado até a cintura ajustada. Eu encontro uma de suas mãos suspensas ao seu lado, enquanto ele se apoia contra a parede, sua bota o mantém lá. Pernas compridas cobertas por jeans de lavagem escura, padrão para universitários, sem a corrente da carteira que envolve sua pélvis e faz meus pulmões pulsarem de adrenalina.

Há pelo menos vinte pessoas de mim até ele, cercando-o dos dois lados, mas ele se destaca. Estou imóvel, continuando a juntar as peças dele. Minha boca começa a salivar, minhas mãos suam profusamente e sinto um latejar dentro do meu estômago.

A fumaça de seu cigarro cria um véu de mistério em torno de seu rosto, o estroboscópio revelando-o gradualmente. Eu pego as veias em suas mãos dominantes, salientes, demorando dedos muito grandes que são embelezados com anéis de prata.

Estremeço inconscientemente, manchas de sangue agarradas aos nós dos dedos. Ele recentemente os conectou ao rosto de alguém e eu não tinha certeza se isso me emocionou ou me assustou. Alguém que pudesse lutar? Ou alguém violento por natureza?

Eu estava tão curiosa. Meu eu intrometida queria mais. Mais do que os pedaços dele eu podia ver. Isso foi até que comecei a juntar as bordas de seu rosto. A batida no meu estômago caindo para o sul, rastejando entre minhas pernas.

Eu apertei meu corpo junto, mordendo duramente minha língua.

A dura carranca que adorna seu rosto angelical me suga o fôlego. Como alguém tão bonito poderia parecer tão amargo, estava além de mim. Sempre fui boa em matemática, ângulos, pontos e números.

Tudo nele era de proporções perfeitas. Alinhado, nítido e intenso.

Cabelo escuro, cor de ônix. Olhos escuros como fios de alcaçuz, açucarados o suficiente para comer e azedos o suficiente para deixá-lo doente. Não foi um daqueles casos em que você pensou que alguém estava olhando para você, mas na verdade eles estavam olhando para outro lugar.

Seus olhos não deixaram dúvidas. Ele estava olhando para mim.

Mas foi a sombra de seu coração que me assustou. Um nível tão aterrorizante de preto envernizou o órgão dentro de seu peito que reciclava o sangue repetidamente. Isso me fez pensar que se eu o cortasse, seu sangue derramaria carmesim?

A parte inferior do meu abdômen estremeceu de pavor, de desejo. Havia uma atração gravitacional em sua aparência, me atraindo. Mas eu podia sentir as sensações que ondulavam dele como uma pedra em um lago parado. Ele estava cheio de tumulto, anarquia, violência personificada e isso tocou algo em mim que não era tocado há muito tempo.

Temer.

Medo de sangue quente ferveu em minha garganta, comeu minha pele e me deu a necessidade repentina de correr para longe, muito longe dele.

Enquanto meu cérebro estava em alerta máximo, gritando para sair e pegar a estrada.

Meu corpo teve uma reação totalmente diferente. Estava se recusando a deixar seu olhar. O lado de fora de mim, congelado. Mas o interior zumbiu. A sensação presa entre minhas pernas se intensificou porque havia algo sobre problemas que eu sempre adorei.

Quando a luz estroboscópica se apagou por uma fração de segundo, iluminando novamente a sala, ele não estava mais encostado na parede. Agora ele estava um pouco mais perto de mim.

Em um segundo ele estava lá, no próximo não estava, apenas para reaparecer mais um centímetro mais perto de mim.

Ele era um predador à espreita em busca de algo para se banquetear. Algo em que ele pudesse afundar os dentes e rasgar pelas costuras, alimentando sua necessidade de caçar e curando sua fome.

Eu envolvo minha mão em volta do meu pulso, cravando minhas unhas na carne macia do meu braço. Obrigando-me a ficar parada. Eu precisava ver o que aconteceria.

O que ele faria.

Outra explosão de luz e então, eu pude senti-lo em meu espaço.

Ele estava tão perto de mim. Sugando todo o meu oxigênio. Olhando por cima do meu corpo. Só mais um passo à frente, só mais um centímetro, e eu poderia tocá-lo. Sentir o cheiro dele. Sentir sua presença dez vezes.

Como se pudesse sentir esse conhecimento, ele enfiou a língua na bochecha, passando-a pelos dentes caninos e deixando cair a cabeça, mandíbula tensa. Seus olhos me chamando, me dando esse desejo de mostrar a ele algo... especial.

Ele sabia que eu estava nervosa. Ele estava pronto para eu virar e correr para as colinas. Acho que um pedaço dele queria me perseguir, queria que eu tentasse fugir para que o lobo nele pudesse me caçar.

A escuridão me envolve por mais um segundo, prendendo a respiração, pronta para enfrentar as consequências da minha decisão. Para lidar com qualquer destruição que ele estivesse pronto para me fazer, preparado para ver seu rosto se iluminar com algo como uma surpresa por eu ter ficado parada.

Por um milissegundo, pude sentir o cheiro de algo picante e quente. Eu podia sentir sua proximidade bem em mim, até mesmo ouvir sua respiração soprar em meu rosto.

Meus olhos se fecharam, flutuando nos segundos antes de ele atacar.

— Briar!

A voz de Lyra atravessa a névoa, meus olhos se arregalando ao perceber que o homem misterioso se foi, desapareceu no meio da multidão com nem uma palavra.

— Ei, você conhece... — Eu me paro, sabendo que Lyra está cheia de conhecimento sobre as pessoas que moram aqui, mas como eu poderia explicar isso?

Alto? Quente? Quando ele olha para você, você sente que ele pode comê-la viva? Ela pensaria que eu estava louca.

— Conhece quem? — Ela grita, as sobrancelhas se juntando em preocupação.

Eu olho ao meu redor mais uma vez, tentando pegar pelo menos um vislumbre de sua jaqueta de couro ou anéis de prata.

Apenas para ficar desapontado.

— Ninguém, não foi ninguém. Vamos, vamos sair daqui.

Alistair

— Bem, você conseguiu sua dose, Alistair? Eu não sabia que você era o tipo de cara que apenas assistia. Fiquei esperando para ver quando você iria atacar, você me decepcionou, amigo. Eu estava pronto para um show.

Desço correndo os degraus da entrada da frente, acendendo um cigarro enquanto faço isso. A fumaça queimando meu peito, incendiando tudo de bom que sobrar lá dentro.

— Não está tendo ação suficiente, perfeita? Precisa parar de me assistir agora? Tudo o que você precisava fazer era pedir, Thatcher, e eu deixaria.

Seu apoio de braço na janela do lado do motorista, olhando para mim com um brilho. Lentamente, ele levanta o dedo médio, a gema de rubi com o sinete de sua família refletindo na noite.

— Mova-se, doçura. — Abro a porta do motorista, com um sorriso sarcástico.

— Este é o meu carro!

— E você dirige como se fosse um homem idoso com catarata. Agora vá embora.

Ele range os molares, levantando-se sobre o console do meio e para o banco do passageiro. Reajustando seu terno de três peças. Eu odiava este carro. O Lamborghini Huracán foi um dos melhores do mercado, mergulhado na cor da assinatura de Thatcher. Vermelho escuro. Mas até eu poderia respeitar que este carro precisava ser dirigido corretamente e ultrapassar dez vezes o limite de velocidade, não era?

— Aperte os cintos, querido. Não gostaria que você se machucasse.

Eu posso sentir seu olhar no lado da minha cabeça enquanto eu coloco em movimento, pressionando agressivamente no acelerador, os pneus cantando alto.

— Se você quebrar isso, você paga. — Thatcher resmunga enquanto saímos da garagem em direção ao endereço que Rook nos enviou.

Sua mão direita agarra a lateral da porta, é sutil, a maioria nem notaria sua mão já pálida ficando outro tom de branco enquanto ele aperta a maçaneta.

Exceto que eu sei que esta é a única coisa com a qual Thatcher não consegue lidar e que é não estar no controle.

— Oh sim? Com que dinheiro? Você acha que posso desembolsar os duzentos mil para isso?

— Ah, não seja modesto, Alistair. Todos nós sabemos que você tem mais dinheiro do que Deus. Uma das vantagens de ter seu sobrenome em tudo na cidade.

Minhas mãos agarram o volante com força impossível. O animal em minhas entranhas acordando, sempre que o dinheiro da minha família é levantado. Minha família em geral.

— Não é meu dinheiro. É deles.

Ele relaxa um pouco em seu assento, apoiando a cabeça no apoio de cabeça com um suspiro,

— Tudo o que você disser, Ali. Qualquer coisa que você diga.

A viagem passa rápido, este carro come a calçada no café da manhã. Não demora muito para eu virar o carro para a entrada suja. Uma caixa de correio velha e frágil marcando a casa.

Eu vejo o fogo antes mesmo de pararmos na frente da casa, o brilho laranja entre as árvores estalando e crescendo.

— Eu vou matá-lo, porra. — Eu gemo, passando a mão pelo meu cabelo com agitação sacudindo minhas mãos.

O carro se arrasta até parar quando estamos estacionados a vários metros de distância do trailer em chamas. Eu sou rápido para sair do carro vendo Silas pairando sobre um corpo ajoelhado, um taco de beisebol de madeira em suas mãos.

— Onde diabos você esteve? — Rook sibila, vindo em minha direção, a raiva irradiando de seu corpo.

— Sim, por que demoramos tanto para chegar aqui, Ali? Você não teria se distraído? — Thatcher pergunta, astuciosamente. Ele tem a tendência de fazer perguntas para as quais já sabe as respostas. Aumentando seu ego monstruoso.

Eu empurro o peito de Rook antes que ele possa ficar na minha cara, apontando meu dedo para ele, — Eu te disse para esperar. Eu disse a você que se o pior acontecesse, você poderia acender, mas não antes mesmo de eu chegar aqui.

O anarquista nele se recusa a recuar, muito menos admitir que o que ele fez foi imprudente. Eu deveria saber melhor do que deixá-lo assumir a liderança neste. Rook é tão imprevisível quanto as chamas rugindo atrás de nós.

Eu me distraí. É minha culpa não ter estado aqui antes.

As distrações o tornam fraco. Fazem você estúpido e eu não sou nenhuma dessas coisas.

Eu me permiti ser ambos esta noite.

Normalmente não gosto de festas. Fui hoje à noite porque precisávamos cuidar de Nate. Esperando ele sair. Antes eu só ia quando a gente tinha um plano de causar algum tipo de caos, assustar as pessoas, brigar com alguém, queimar alguma coisa,

estragar a diversão de todo mundo. Nunca indo para uma festa de verdade. No entanto, este retorno ao lar de Hollow Heights provou ser... interessante.

Eu deveria ter me concentrado na tarefa em questão. Havia muito em jogo agora, mas em vez disso parei para observá-la.

Aquela que não desviou os olhos dos meus olhos, nem mesmo quando minha presença começou a assustá-la. Seu rosto angelical brilhava na escuridão, refletindo as luzes estroboscópicas. Eu não conseguia vê-la muito, não tinha certeza se seu cabelo era castanho ou se era aquele tom sujo de loiro que eu parecia gostar.

Eu não tinha tanta certeza de que importava.

Havia algo dentro dela que era mais interessante do que sua aparência. O jeito que ela não fugiu de mim. Ela não permitiu que seu medo a superasse. Não, ela estava curiosa. Ela deixou a curiosidade vencer, queria ver o que eu faria.

Meu pau se contraiu.

Querendo saber o quão longe ela me deixaria ir antes de chorar por misericórdia.

— Você não é o meu maldito chefe, Caldwell. Se eu quiser incendiar esse buraco de merda porque acho que é a melhor aposta para nos proteger, então é isso que vou fazer.

— Cuidado, Rook. — Eu o aviso.

— Ou o que? Você vai me bater? — Ele levanta uma sobrancelha, — Faça isso, tenho certeza que posso aguentar. — Ele está me provocando. Mas isso não é sparing no meu porão como de costume, sou eu deixando minha raiva escapar e ele

precisando de dor. Estou prestes a arrancar as bolas dele e colocá-las em uma prateleira na porra do meu quarto.

— Senhoras, temos assuntos mais urgentes no momento. Guarde seus paus, você é inadequado comparado a mim, vamos nos concentrar em não morrer ou ir para a cadeia por enquanto.

Thatcher dá um tapa em nossos ombros, empurrando-se entre nós e caminhando em direção a Silas. Saber disso não é nada para se preocupar porque é como irmãos discutindo sobre o último pedaço de torta.

— Você pelo menos cobriu seus rastros? — Pergunto a Rook enquanto seguimos os movimentos de Thatcher.

Ele me dá um olhar de soslaio, — Eu não sou um amador. Lâmpada quebrada no forno, ligada no máximo, levou dez minutos para explodir. No entanto, temos que fazer isso rápido, ele tem um laboratório no quarto dos fundos e ouvi dizer que a metanfetamina é altamente inflamável.

Droga.

— Bata em cima! — Thatcher uiva como um lobo na lua cheia.

Silas se endireita, como se estivesse lutando pelo título da World Series. Empurrando o barril de madeira para trás, ele o joga para frente, balançando os quadris e a parte superior do corpo com ele. Um baque seguido pelo estalo do que soa como Rice Krispies eletriza a noite.

Aparentemente, Silas tinha ficado cansado só de ver toda a nossa diversão.

Uma carga de excitação percorreu meu sangue, meu pau contraindo novamente. Esta noite tinha sido cheia de coisas que aparentemente me motivaram.

— Quem é ele? E o que sabemos?

— Nate Robbins, autoproclamado Rei dos Doces. Vende de tudo, de maconha a heroína. A única pessoa na cidade de quem você pode obter êxtase com uma coroa. — Rook nos diz, — Não disse nada sobre de quem ele pegou isso. São apenas as respostas normais, *pare, não me mate*.

Eu olho para o trailer batendo, todo o lado esquerdo é invadido por fogo laranja, movendo-se rapidamente para trás. Eu não estava interessado em ser queimado esta noite. Então, precisaríamos encerrar isso.

Felizmente para nós, era isolado. Situado em um terreno cercado por árvores altas, a quilômetros de distância de qualquer outra pessoa. O lugar perfeito para cometer assassinato.

O vento uivava, as corujas cantavam nos galhos, e eu podia sentir o cheiro da chuva a caminho. Sempre há um cheiro que se espalha no ar quando uma tempestade está chegando.

Nate mal conseguia se sentar de joelhos, se ele fosse esperto, e eu sabia que Silas era, ele tirava as pernas primeiro. Sujeira cobria suas roupas, sangue pingando de seu rosto rápido demais para ser saudável.

Duvido que ele consiga sair dessa, se o deixarmos viver tanto tempo.

Ele grita de dor. Eu sabia que este seria um pouco mais difícil de decifrar do que o Doutor Howard. Nate era um criminoso, tinha mais a perder se contasse a verdade.

— Eu não estou dizendo merda nenhuma a vocês idiotas! — Ele cospe saliva e sangue no chão à sua frente.

— Que heroico. — Thatcher resmunga.

Nós não tivemos tempo para mexer com esse cara, não como com Howard. O relógio estava correndo e precisávamos de respostas.

Eu estalo meu pescoço, agarrando Nate pela parte de trás de seu cabelo oleoso. Silas tinha feito um número nele, feridas abertas escoavam sangue e hematomas já começaram.

— Thatcher me dê sua faca. — Estendo minha mão livre para ele, sentindo o metal frio do exército suíço em minha mão.

Eu abro a lâmina facilmente, enganchando a lâmina sob uma ferida já aberta, levantando a pele, rasgando ligamentos e nervos. É extremamente doloroso, algo que eu não gostaria que acontecesse comigo mesmo.

— Filho da puta!! — Ele chora, posso sentir suas lágrimas quentes nas costas da minha mão enquanto ele murcha em meus braços. Cada osso que Silas atingiu provavelmente está quebrado ou estilhaçado. Eles doíam com todos os seus movimentos.

Eu não conseguia imaginar que tipo de dor ele estava sentindo.

— Eu não mentiria de novo, Nate. Conte-me sobre o êxtase.

— Maldição! Foda-se! ME AJUDE! ALGUÉM AJUDE! — Ele geme noite adentro como um banshee.

Revirando os olhos, fileto a pele ainda mais, puxando-a para cima e pressionando a ponta da lâmina no tecido abaixo. Sinto a lâmina atingir sua bochecha, então começo a esfregá-la para frente e para trás.

— Grite como um maricas o quanto quiser, Nate. Ninguém pode te ouvir aqui. Não há ninguém que vai te salvar disso. — Eu vejo-o.

— Foda-se agh, tudo bem! — Ele geme, chorando como um bebezinho. Eu não o culpo embora. — Eu vou falar, por favor, eu vou falar!

Eu dou um tapa no lado oposto de seu rosto, — A jogada mais inteligente que você já fez, Nate.

— Recebi meu X de um assistente de professor em Hollow Heights. O nome é Chris. É produto bom, só há um cara que faz assim no estado. Eu só, eu... — Ele para,

— Ah ah, continue Rei dos Doces. — Eu acrescento, balançando a faca na frente de seu rosto.

— Eu apenas marco com o meu símbolo, ok?! Fazendo as pessoas pensarem que sou eu que estou fazendo a merda. Eu encontro o cara no estacionamento do Tilly's aos sábados, ele dirige um Volvo branco. Isso é tudo que eu sei, eu juro.

— Um assistente de um professor? Você está brincando, porra. — Rook respira.

Eu jogo o corpo de Nate no chão, ele o acerta com um baque. As janelas dentro da casa se quebram, uma explosão audível

ressoa de dentro das paredes. O fogo sibila e cacareja, alertando-nos de sua fúria.

Eu jogo meu braço para cima para proteger meu rosto da onda de calor. Precisávamos ir embora. Agora.

Deixando Nate lá, sem medo de ele falar ou se ele morrer, de qualquer forma ele não pode nos tocar. Ele é traficante e nós somos quatro dos filhos mais importantes dessa porra de merda.

Corro até o carro de Thatcher, usando a faca para cortar rapidamente os pneus de Nate, tornando muito mais difícil para ele conseguir ajuda.

— Todos nesta porra de cidade estão envolvidos? Quem é o próximo, a porra dos padres? — Rook murmura, jogando sua bolsa nas costas, capacete na mão enquanto se vira para mim.

Eu olho para Silas, ele está olhando para as chamas que sobem cada vez mais alto a cada segundo. Perdido em sua cabeça e me pergunto se ele está vendo algo mais do que apenas chamas. Querendo saber se as vozes estão lá, ou se ele está imaginando pessoas dançando através do fogo.

Querendo saber se ele está saindo com ela.

Vermelho pisca em meus olhos, sabendo que não posso fazer nada além de vê-lo sofrendo agora. Não posso ajudá-lo, pelo menos ainda não. Mas posso massacrar as pessoas envolvidas na morte dela. Não posso trazê-la de volta, mas posso vingá-la.

Para Silas.

Eu volto meus olhos para Rook, — Se eles estão, — uma erupção sacode o chão, uma rajada de vento quente atinge todos

nós. Nate grita, o fogo provavelmente se espalhando para fora da casa e se aproximando dele.

— Então vamos assistir a cidade inteira queimar por esse erro.
Por Rose.

SEIS



OS MENINOS OCOS

Brian

— Então vamos lá, desembuche. Diga-me o que preciso saber sobre este lugar. Oque evitar, sociedades secretas. — pergunto a Lyra quando começamos a comer nosso almoço.

O tempo estava bom o suficiente para comer fora, sem sol é claro, mas não havia chuva e eu precisava dar um descanso às minhas alergias de toda a poeira dentro das paredes do prédio.

Espeto um tomate com o garfo, enfiando-o na boca enquanto Lyra começa a arrancar o caroço das cerejas pretas. Os sucos escuros manchando seus dedos. Hoje tinha sido uma orientação obrigatória para todos os alunos. As aulas começariam amanhã e eu não tinha certeza se estava animada ou se queria vomitar nos meus tênis.

A orientação foi um festival de soneca. Professor após professor, então o reitor expressando sua necessidade de obediência e excelência. Professores aplicando regras que estavam aqui há mais tempo do que a maioria de nós estava vivo. Eu mal ouvi, não

planejava fazer nada muito escandaloso que exigisse que eu conhecesse os detalhes de sua autoridade.

— O que você quer saber? — Ela responde, colocando um de seus grossos Doc Martens pretos embaixo dela.

— Tudo e mais alguma coisa. — Eu dou de ombros, — O Kennedy Hall é realmente assombrado? — Eu levanto uma sobrancelha com um sorriso brincalhão.

Lyra ri um pouco, — Quem sabe? A história diz que havia uma garota que estava dormindo com um dos professores de inglês, quando a escola foi inaugurada. Aparentemente, ele tentou acabar com isso e ela ficou com o coração tão partido que pulou da borda de uma das aberturas das colunatas. Eles recuperaram o corpo dela no fundo do penhasco, preso em uma das pedras pontiagudas. O boato diz que, se você caminhar pelo Kennedy Hall depois da meia-noite, poderá ouvir os gritos dela quando ela caiu.

O vento joga meu cabelo atrás dos ombros, um pensamento fermentando na minha cabeça. O que há no amor que faz as pessoas quererem morrer se não podem tê-lo? Eu ouvi uma vez que era uma substância química em seu cérebro e estava começando a pensar que me faltava a biologia para me sentir assim.

— É louco como as pessoas amam tão profundamente, não é?
— Eu digo em voz alta.

Lyra morde sua cereja sem caroço, mastigando suavemente, — Isso não é amor. É obsessão. Duas coisas muito diferentes.

— Sim? Você não acha que é a mesma coisa?

— Não, — ela balança a cabeça, — o amor é real. Uma coisa tangível sobre a qual você pode passar os dedos, quente e segura. Obsessão é viver uma fantasia em sua cabeça, repetidamente. Obsessão é viver em um pesadelo, mas nunca querer acordar.

Aperto os olhos, suprimindo um sorriso. Seu rosto está tão sério, olhando para as pontas dos dedos encharcadas de cereja, como se houvesse algo olhando para ela. Sei que há esqueletos no armário da minha colega de quarto, todo mundo tem.

Algo que os faça vibrar. Um segredo central que motiva cada movimento deles e quando ela estiver pronta, ela vai me contar. Mas uma parte de mim pensa, esta é uma pista sobre quem Lyra Abbott realmente é.

— Uau, isso é profundo. — murmuro sarcasticamente.

Ela responde quando ouve minha voz, empurrando meu ombro de brincadeira, — Estou falando sério. É uma linha tênue entre os dois, mas ainda assim há uma linha.

Abrindo meu suco, espiei à minha esquerda ao som de barulhos altos, vendo um pequeno grupo de caras jogadores futebol americano no meio da área comum. Escolhemos uma das mesas aninhadas sob uma árvore, longe das áreas movimentadas porque, como percebemos na outra noite, socializar era algo que teríamos que aprender.

Um dos jogadores rompe o resto tentando chegar até ele, cruzando a linha combinada para um touchdown. Erguendo os braços acima da cabeça, seu cabelo loiro sujo cobrindo o topo de sua testa. O tipo de garoto feito para chamar a atenção.

Sua camisa branca de manga comprida deixando pouco para a imaginação, seu material transparente permite uma visão direta dos músculos profundos do torso que se contraem enquanto ele ri e torce com seus amigos.

— Easton Sinclair. — Lyra sussurra: — O filho de Dean Sinclair. Um dos filhos mais queridos de Ponderosa Springs. Atleta, presidente do corpo estudantil, voluntário no abrigo de animais local. Um humano perfeito, se é que algum dia existiu.

Eu mastigo o interior da minha bochecha, tendo um problema em não olhar para ele. Você não poderia me culpar, não tínhamos caras assim em casa. Um que se parece com os modelos da Abercrombie.

Com certeza de que meu olhar está queimando buracos na lateral de sua cabeça, ele vira o rosto em minha direção, as sobrancelhas franzidas em seu rosto bonito enquanto ele procura os olhos olhando para ele.

Eu rapidamente me viro para Lyra, o rosto em um vermelho brilhante.

— Sim, — Lyra ri, — Ele tende a ter esse efeito nas garotas. Vamos ver, quem mais... Oh! Scottie Campbell, — ela aponta para a nossa direita,

— Os pais dele são donos de várias siderúrgicas e ele derramou toda a bandeja de comida em mim no primeiro dia da quinta série. Então ele caiu um lance de escada inteiro na escola no dia seguinte, comecei a acreditar em karma depois disso.

O cara é alto, esguio e parece o tipo de cara que implica com os outros até que alguém maior apareça.

Não sendo capaz de evitar minha curiosidade, eu viro minha cabeça de volta para Easton, apenas o suficiente para ter um vislumbre de uma bela morena jogando os braços em volta de seus ombros e colocando um beijo em seus lábios.

— Então e ela? — Eu pergunto, com um pouco de inveja da forma como sua saia xadrez se encaixa em sua forma. Um lindo cardigã cobrindo os ombros e uma tiara segurando os cabelos soltos. Posicionado, elegante e deslumbrante.

Todas as coisas que eu não sou.

— Mary Turgid, os pais são donos de cadeias de lojas. Uma das pessoas mais competitivas academicamente em nossa série. Dupla especialização, com o objetivo de ser advogada de defesa de um dos maiores escritórios de advocacia da América. Determinada, bonita e mestre em matar pessoas com bondade.

Sim, definitivamente o oposto de mim. Eles formam um casal fofo, no entanto. Os jovens John F. Kennedy e Jackie O.

Eu me pergunto como é ser aquela garota. Miss América, aquela que todos amam, que prospera sob os holofotes. Faz uma semana que estou aqui e já estou pensando em coisas que sei que nunca estarei.

Mesmo que Hollow Heights fosse nebuloso e um pouco misterioso. Tinha algo que o Texas nunca fez.

Esperança de uma vida melhor.

Uma rajada de vento gelado vira as páginas do livro de Lyra violentamente, uiva entre as árvores fazendo-as gemer e balançar. O céu outrora silencioso, estala com trovões. Um aviso para uma tempestade se formando. Lá vai nosso almoço fora.

Começo a arrumar minhas coisas, não querendo ser pega nessa chuva Rookncial quando ouço Lyra inalar profundamente, como se alguém a tivesse socado direto no estômago.

— Porque eles estão aqui? — Ela resmunga, sua voz meio trêmula de medo. Pressionando o livro contra o peito como se fosse protegê-la.

Olho em volta rapidamente, notando os murmúrios e sussurros que se espalham pelo pátio. Todos eles olhando ou encarando na mesma direção. Posso sentir a mudança de humor no ar, como se uma força das trevas tivesse varrido todos.

— Quem? O que está acontecendo? — Eu franzo minhas sobrancelhas, olhando para o salão principal, a porta aberta quando um policial sai. Já houve uma apreensão de drogas? Por que todo mundo está tão assustado?

Sou respondida pela porta dando lugar a um corpo alto que fez um pequeno lampejo de algo muito parecido com medo correr pela minha espinha. A luz do dia ilumina seus corpos, um a um conforme vão aparecendo, com as mãos algemadas nas costas. Eles não poderiam estar a seis metros de mim.

Mesmo preso por pulseiras de metal, a histeria que estourou entre os alunos ao meu redor me disse que as algemas pouco fizeram para conter o poder que reverberavam.

— Os meninos ocos.

É falado como uma oração de culto satânico. Eu meio que espero que o chão comece a tremer e o fogo do inferno comece a chover com o peso de seu tom. Era óbvio, por alguma razão, não era a primeira vez que esses caras faziam algo assim.

As pessoas tinham medo deles por um motivo.

Quatro deles no total.

E era difícil negar o quão atraentes eles eram. Bonitos o suficiente para puxá-lo, mas o ar que os cercava fazia você querer dar um passo para trás. Vários passos para trás.

Eles saíram, um após o outro como domínios demoníacos, caindo em alinhamento perfeito. Cada um deles tão diferente, mas parece que se encaixaram tão bem. Como facas e sangue.

O som de alguém chupando os dentes vibrou pela área,

— Não dá para começar o ano sem uma espécie de caos, não é mesmo, rapazes? — Ele uiva alto.

Os alunos estremeceram fisicamente, o cabelo da minha nuca se arrepiou dolorosamente, ciente do mal-estar que percorria meu corpo. Eu me orgulhava de não ter medo de nada, mas havia algo contagioso no medo. Uma vez que agarrou uma pessoa, passou para os que estavam ao seu redor.

O primeiro estava com os ombros para trás, com um sorriso de lobo enquanto um único fósforo estava em seus lábios vermelhos, como um aviso. Toda vez que sua boca se movia, ele a rolava para o outro lado da boca.

— Isso é uma partida? — Eu pergunto, ridiculamente.

Lyra acena com a cabeça, — O nome dele é Rook. Rook Van Doren. Filho do promotor público. Ele é o mais... acessível dos quatro. Você pensaria que suas características de garoto da casa ao lado fariam dele o doce. Mas a partida existe por uma razão, — ela murmura como se estivesse me contando uma história assustadora ao redor de uma fogueira.

— As pessoas brincam que o fósforo está ali para acender o pavio curto. No ano passado, ele queimou o salgueiro mais antigo da cidade. Nenhuma razão por trás disso. Só fez isso porque gosta de ver as coisas queimarem. Cada incêndio, cada ato criminoso, todo mundo sabe que é ele. Mas isso é apenas o que eu ouvi.

Eu queria revirar os olhos. Diga a ela que ela estava sendo dramática, até boba. Mas eu podia sentir o quão selvagem ele era, estava em seus olhos. A maneira como eles queimavam e crepitavam como um incêndio na floresta, apenas esperando para derrubar qualquer coisa em seu caminho.

— Uma adorável recepção em casa, eu acredito. — A pessoa atrás dele, sua voz ecoando como gritos em uma caverna vazia. Ele ricocheteia dentro do meu peito e seus olhos azuis gelados picam todos à sua frente, inclusive eu. São os olhos mais azuis que já vi em um ser humano. Ele é o mais alto e mais magro do que seus colegas, mas, de longe, acho que ele pode ser o mais intimidador.

Pele de porcelana, combinada perfeitamente com seu sobretudo carvão, uma gola rulê preta engomada e calça xadrez, fiquei com inveja de como ele estava bem vestido. Tudo nele me dizia que ele se importava com a forma como as pessoas o viam. Certificando-

se de que cada mecha de cabelo loiro de algodão estava no lugar o tempo todo.

— Thatcher Pierson. A morte manifestada em um humano perfeitamente feito. — Lyra respira da mesma forma que respira quando está admirando um de seus insetos mortos. Com animação.

— Capaz de sufocá-lo com as próprias mãos e não sentir nada em seu coração frio e escuro. Ele é incapaz de sentir qualquer coisa. Por isso, acredita-se que a maçã não caiu longe da árvore. Seu pai era o único serial killer de Ponderosa Springs.

— Você está brincando, porra. Um assassino em série? — eu assobio. Eu pensei que meus pais estavam fodidos. Pai psicopata bate em pais falidos na porra.

— Você... — Eu não posso acreditar que estou realmente perguntando isso, — Você acha que ele é como o pai dele? Ele, você sabe, mata pessoas? — Eu sussurro porque serei amaldiçoada se ele me ouvir.

Tudo o que ela faz é encolher os ombros, observando-o caminhar cada passo até os carros da polícia.

— Eu não sei e não é uma teoria que muitos testaram. Então, até então, ninguém saberá. — Ainda movendo os olhos com ele, mesmo quando pergunto a ela sobre os outros.

— Hã, Silas Hawthorne. — Ela acena com a cabeça: — Herdeiro de um império de tecnologia. Diagnosticado com esquizofrenia quando tinha doze anos. Claro que seus pais tentaram encobrir, mas não há nada que fique quieto em Ponderosa Springs. Não para

sempre, de qualquer maneira. Ele nunca falou muito, mas agora, desde Rosemary, está praticamente mudo.

Eu abano meus olhos através do de pele dourada. Uma aparência externa projetada para a luz do sol que carregava eras de escuridão por dentro. Bonitos olhos castanhos dourados que deveriam transmitir calor, mas eu tinha a sensação de que eles apenas abrigavam demônios.

— Rosemary? — Eu questiono, sentindo como se estivesse sendo pego no trabalho local de uma gangue ou algum clube assassino.

Ela acena com a cabeça, me mandando calar, querendo que eu fale baixo, — Rosemary Donahue, filha do prefeito. Não tenho certeza do que exatamente aconteceu, mas todo mundo diz que ela teve uma overdose. Silas era o namorado dela. Eles estavam juntos desde, eu acho que o ensino médio. Foi ele quem encontrou o corpo dela. Todos eles fizeram.

Fazia sentido. Eu podia ver a ira que estava sobre seu ombro. A razão pela qual a escuridão se acumulava nele em ondas. A perda de alguém que ele amava o transformou em algo completamente diferente.

Eu tinha tantas perguntas. Tantos sentimentos. Não houve tempo suficiente para esclarecer meus pensamentos.

Foi então que as nuvens começaram a chorar, lágrimas pesadas e molhadas que espirraram em minha fina jaqueta de tecido cinza. Seria encharcado em breve. O material barato não reteve bem a água.

Precisávamos entrar antes que a chuva caísse com força total, mas permaneci sentada no meu lugar. Porque o último membro desceu os degraus de paralelepípedos e eu não tinha certeza se ele precisava de uma apresentação.

Eu o conhecia.

Eu me lembraria daqueles olhos em qualquer lugar.

Os outros garotos estavam vestidos com elegância, roupas de grife, usando sua riqueza como um distintivo de orgulho. Mas ele estava usando uma jaqueta de couro desgastada que se moldava a seus ombros poderosos. Uma Henley cinza por baixo e jeans simples.

A mesma sensação que tive na outra noite deslizou pelas minhas pernas, no escuro ele era atraente, mas à luz do dia ele parece tão impressionante que tira o fôlego dos meus pulmões.

— Esse é Alistair Caldwell. Eles nunca diriam isso em voz alta, mas todo mundo sabe que é ele quem manda. Sua família é dona de metade da cidade, um de seus bisavós fundou Ponderosa Springs. Ele luta no Cemitério todo fim de semana e nunca perdeu. Duvido que alguém tenha posto a mão nele.

Alistair.

Então esse é o nome do cara misterioso que eu vi na festa.

Minha respiração sai em baforadas visíveis, a corrente em sua cintura, os anéis em seus dedos. Tudo funcionou tão bem para se encaixar nessa imagem de um menino zangado. Um deus irado. Nem uma única emoção registrada em seu rosto, exceto raiva.

Eu podia sentir isso até daqui.

— Os filhos dos torturantemente ricos. O pior pesadelo de Ponderosa Springs. Eles são a peste negra desta cidade. Não porque sejam populares, mas porque têm o poder de assustar as pessoas. Lendas. Pretensioso e eles são donos de tudo. Eu só não sei por que eles estão aqui. — Lyra diz confusa.

Eles estavam gostando disso. Cada um deles. Evocando terror e perguntas. O corpo estudantil tão preocupado com o que era que exigia que todos fossem algemados. Eles estavam amando o medo. Como monstros famintos e foi a refeição perfeita.

— Eles moram aqui, por que não viriam para Hollow Heights?
— De alguma forma, encontro minha voz o suficiente para fazer outra pergunta.

— Eles odeiam isso aqui. Todos eles. Eles deveriam sair depois do último ano. Eu pensei... não sei. Eles simplesmente não deveriam estar aqui.

O vento belisca minha pele exposta, o suor se acumula nas palmas das mãos e uma respiração trêmula me escapa. A chuva cai mais forte, mas nós sentamos lá assistindo eles serem empurrados na parte de trás do SUV preto.

A adrenalina que senti perto dele, Alistair, rivalizava com qualquer crime que já cometi. Meu coração esmurrou minha cavidade torácica. Enquanto eles colocavam a cabeça dele para dentro, seus olhos escuros perfuraram os meus até aqui.

Eu sabia que ele me viu. Assim como ele fez na festa.

O canto de seu lábio se contraiu e eu respirei fundo. Lentamente, ele piscou antes que a porta estivesse completamente fechada e eles fossem para a delegacia.

Naquele dia, uma nuvem escura me perseguia, mesmo depois de tirar as roupas molhadas e ficar debaixo do chuveiro quente. Eu fiquei lá, este sentimento pairando sobre mim que Alistair não tinha terminado comigo, ainda.

SETE



CRIANÇAS DAS SOMBRAS

Alistair

Ao longo da minha vida, houve muitas coisas que eu nunca senti. Coisas que eu não poderia me importar menos se eu experimentasse agora.

Coisas triviais como paz, conforto, amor.

Veja bem, uma criança precisa dessas coisas para crescer. É vital para como eles acabam. No entanto, eu havia aceitado há muito tempo que o que me alimentava não era algo macio e doce.

Não fui criado com bondade ou alegria. Desde o momento em que vim a este mundo ficou muito claro o meu papel na minha família.

Nada além de um sobressalente. Um backup.

A menos que algo acontecesse com meu irmão mais velho, eu não passaria de um desperdício de móveis perfeitamente bons.

Mas havia um sentimento que eu conhecia. Não por causa da minha família de sangue. Não porque meu pai me ensinou, ou minha mãe me mostrou quando menino.

Era algo que eu podia sentir em meus ossos e corria em minhas veias. Algo que aprendi com anos de experiência. Era uma das únicas coisas sobre as quais eu tinha certeza.

Lealdade.

Sabendo que havia alguém lá fora que estava me protegendo assim como eu estava com eles. Sabendo se era para eles ou para mim, eu me jogava debaixo do ônibus todas as vezes.

E foi assim que eu soube que esse idiota com um distintivo estava falando merda.

— Desista, Alistair. Os outros garotos já nos contaram tudo, culpando você. Você não quer ser indiciado por tentativa de homicídio e incêndio criminoso agora, quer, filho?

Meu lábio superior estremece, tenho que engolir fisicamente a vontade de me levantar e esmagar seu rosto contra esta mesa de metal que nos separa. No entanto, não me mexo, mantendo as mãos algemadas no colo.

Estou impressionado com meu próprio autocontrole.

— Sim? Diga-me, *papai*, o que é que eu fiz? Você vai me dizer como eu fiz isso? Hum? — Eu murmuro imperturbável com seus jogos.

A irritação o consome. Ele provavelmente está recebendo a mesma merda de Rook e Thatcher, Duvido que Silas tenha

murmurado uma palavra desde que eles nos arrastaram até a delegacia.

Eles não receberiam nada de nós e logo perceberiam como era inútil nos prender.

— Eu não sou seu pai, garoto. Se eu fosse, você iria para a escola militar mais rápido do que poderia abrir sua boca espertinha. — Seu sotaque sulista me incomoda, é óbvio que ele se mudou para cá mais tarde na vida porque os locais não soam como caipiras do interior.

— E eu não sou seu filho ou seu menino, seu caipira consanguíneo. E não estou dizendo mais nada, então você está perdendo seu tempo.

Despreocupadamente eu joo minhas pernas em cima da mesa, a lama no fundo das minhas botas caindo na superfície. Colocando minhas mãos atrás da cabeça e inclinndo-me para trás, fechando os olhos. Eu nunca estive mais despreocupado.

Não éramos cães famintos que estavam prontos para se despedaçar no momento em que nossa lealdade fosse testada. Durante anos estivemos encobrindo um ao outro, nem precisávamos saber os detalhes do que um de nós havia feito e, ainda assim, poderíamos ter mentido tão perfeitamente que eles nunca seriam suspeitos.

Eles achavam que iríamos delatar um ao outro? Colocar-nos em quartos separados? Abaixar o termostato? Nos manter algemados e nos deixar aqui por uma hora antes de entrar? Que eles poderiam nos assustar e nos virar uns contra os outros?

Nós não éramos cães de merda.

Nós éramos lobos. Raivosos, selvagens e ferozmente leais ao nosso bando e apenas ao nosso bando.

— Você acha que isso é uma piada? Estas são acusações graves, você está olhando para anos de prisão. Você acha que esse ato de durão vai funcionar em uma penitenciária estadual? — Ele levanta a voz, ouço seu punho bater na mesa com força, mas não me preocupo em abrir os olhos.

— Se você tivesse um fragmento de prova, eu poderia, e quero dizer isso, eu poderia piscar. Até lá, vou dormir um pouco, você se importa? — Eu abro um dos meus olhos, apontando para o interruptor de luz.

O rangido de sua cadeira vibra na sala, passos pesados se aproximam de mim, sinto seus dedos cavarem nas bordas da minha jaqueta de couro, puxando-me para mais perto de seu rosto. Posso sentir o cheiro de seu café matinal e sua loção pós-barba barata.

— Eu vou te pegar por isso, seu pequeno idiota. Se for a última coisa que eu fizer, eu mesmo vou jogar sua bunda na prisão. — Ele sibila.

Eu cerro meus dentes, meus olhos se abrindo e tenho certeza de que não há nada além de puro mal por trás deles. O borbulhar vermelho começa a se filtrar em minhas íris, a sala girando em círculos rápidos, o policial cujo nome nem tenho certeza começa a se tornar nada além de uma silhueta negra.

Algo que preciso obliterar. Não consigo parar o tremor em minhas mãos, ou a maneira como minhas mãos balançam para cima, mesmo presas por algemas, batendo na parte inferior de seus braços. As mãos dele voam de cima de mim.

— Coloque as mãos em mim de novo, e eu vou enfiar meu punho tão fundo na sua bunda branca que você vai lambar a porra dos meus dedos.

Eu me levanto, minha altura me dá talvez uma polegada sobre ele. Eu o encaro, me perguntando se ele teria as mesmas bolas se eu não estivesse algemado e ele não tivesse a porra de uma arma. Eu duvido.

— Sim, garotão? Faça isso. Dê-me um motivo para jogá-lo no poço. — Ele sorri, todo arrogante como se eu não fosse quebrar seu rosto.

Minha contenção não é algo pelo qual sou conhecido e a única coisa que me salva de vê-lo levantar sua mandíbula do chão é a porta da sala de interrogatório se abrindo com um baque.

— Seu cavaleiro de armadura brilhante está aqui! — Rook canta enquanto entra na sala.

O policial idiota dá um passo para trás, — Você não pode estar aqui, esta é uma entrevista em andamento.

— Bem, veja o que acontece, — Rook começa, mas não consegue terminar porque eu posso ouvir seu pai no corredor atrás dele.

— Alguém quer me dizer por que meu filho foi preso por causa de algo que um traficante disse?! — Ele grita, e eu sei que o oficial ao meu lado está percebendo que ele estragou tudo.

O pai de Rook, Theodore, não era um inimigo que as pessoas faziam levianamente. Seu pai já foi juiz e Theodore estava a caminho de promotor distrital de Ponderosa Springs para sua homenagem em apenas alguns anos. E como seu pai antes dele, ele lentamente se tornou o pior pesadelo de seu próprio filho. Mas deixá-lo ir para a cadeia não ia acontecer. Isso mancharia muito seu nome.

Eu olho para Rook, algo como compreensão em meu rosto pelo que eu sei que ele terá que lidar mais tarde esta noite. Se alguém merecia deixar este lugar, era ele. Se alguém precisava fugir de sua família tóxica, era Rook.

Ele balança a cabeça, silenciosamente me dizendo para deixá-lo cair.

Eu levanto minhas mãos para cima, sacudindo as algemas. Está comendo-o vivo que ele tem que me deixar ir. Está tudo sobre ele enquanto enfia a chave na fechadura, soltando minhas mãos das pulseiras de metal.

Eu não dou a ele nem mais um minuto do meu tempo, eu tenho muita coisa acontecendo do jeito que está. Lidar com as besteiras desse idiota não é algo que eu queira adicionar à lista de coisas que preciso fazer.

Caminhando em direção à saída com Rook liderando o caminho, eu o ouço abrir a boca novamente.

— Caldwell, — diz ele.

Eu viro minha cabeça apenas o suficiente para que ele saiba que estou ouvindo.

— Qual é a sensação de saber que seus pais são os únicos que não atenderam o telefone? Eles estão ocupados? Eles não estão visitando Dorian em Boston, ele ganhou outro prêmio?

Eu odeio o som de seu nome.

Dorian.

A razão pela qual eu acabei assim. A razão pela qual eu nasci em minha família fodida. Acho que era a única pessoa no mundo que odiava Dorian Caldwell.

No entanto, parei de me importar com o que eles faziam há muito tempo e não precisava ser atualizado sobre o que eles estavam fazendo com seu amado filho de ouro.

Todos nesta cidade sabem que sou a sombra dele. Eu os vejo sussurrar e murmurar sobre isso quando entro em salas lotadas. Eu não sou nada além do substituto barato que nunca teve chance.

Eu sei que ele está tentando ficar debaixo da minha pele, tentando me irritar, mas eu não justifico uma reação. Não vale a pena e eles também não.

Em vez de fazer qualquer coisa, continuo saindo da delegacia. Silas está sentado no banco esperando por nós, levantando-se assim que nos vê.

Precisávamos conversar sobre isso, mas agora não era a hora nem o lugar.

Thatcher sai de uma das salas de interrogatório, com o pai de Rook não muito atrás dele. Seu casaco caído sobre o ombro e um sorriso no rosto.

Felizmente a chuva havia parado quando saímos, Rook acendendo um cigarro apenas para seu pai arrancá-lo de sua boca e jogá-lo no chão.

— Preso? No primeiro dia de aula, Rook? Quanto tempo mais essa rebelião vai durar? Mais um ano, dois? Porque estou ficando *muito* cansado de cobrir sua bunda! Você não acha que já fez essa família sofrer o suficiente? — Ele levanta um pouco a voz, afinal está em público. Com um aceno de cabeça e um sorriso forçado, ele termina: — Sabe de uma coisa, podemos ter essa conversa hoje à noite.

Meu punho se fecha, esta não foi a primeira vez que eu quis bater na cara maltrapilha do Sr. Van Doren. Não foi a primeira vez que eu ofereci também.

Mas por alguma razão, que em nossos anos de amizade nunca havíamos descoberto, Rook não nos deixava colocar a mão em seu pai. Mesmo depois de tudo que ele o fez passar.

Eu tinha minhas opiniões embora. Eu sabia que Rook gostava de ser ferido. Quando ele me ligava à meia-noite e precisava que eu o agredisse. Ele disse que era para liberar a tensão. eu sabia melhor.

Eu sabia que ele sentia que era um castigo por algo que havia feito em sua vida, algo que machucou seu pai em algum momento, mas nunca tive certeza do que era.

Ele desce os degraus da frente da estação, andando com os ombros furiosos até seu Cadillac.

— Eu tenho que colocar em dia todo o trabalho que perdi porque meu filho é um pedaço de merda sem consideração, mas espero que você esteja em casa quando eu chegar lá, está claro, Rook?

Tudo o que ele faz é acenar com a cabeça, sem sequer olhá-lo nos olhos.

— E vocês três, — ele se vira apontando um dedo para nós, — estou perto de deixar todos vocês apodrecerem na prisão, ele nunca deveria ter se tornado amigo de vocês. Tudo caótico que ele já fez é por causa de vocês três. — Ele acusa, como se estivesse no tribunal nos julgando pela corrupção de seu doce e inocente Rook.

— Terrivelmente hipócrita da sua parte, Theodore. — Thatcher responde, encarando-o.

Não precisamos dizer em voz alta que sabemos sobre o relacionamento que Rook e seu pai compartilham. Ele sabe que estamos bem cientes do que acontece quando ele perde a paciência.

Não há mais nada trocado entre nós até o carro dele sair do estacionamento.

Eu me viro para Rook, jogando meu braço em volta de seu ombro, — Já podemos matá-lo?

— Eu apoio isso e falando pelo mudo, ele apoia também. — acrescenta Thatcher.

Ele balança a cabeça, olhando para o céu cinza como se houvesse alguma mensagem naquelas nuvens para ele.

— Não. A morte é uma recompensa para ele. Eu quero que ele sofra. Apenas como eu.

OITO



ALISTAIRATCS APLICADO

Brian

Desde pequena, sempre fui boa com números. Embora isso possa ter algo a ver com meu pai me ensinando a contar cartas quando eu era jovem, ainda preferia números a qualquer outra coisa.

Dois mais dois serão sempre quatro.

A raiz quadrada de cento e sessenta e nove nunca deixará de ser treze.

Em matemática, tudo tem uma resolução fixa, com certeza existem várias maneiras de chegar à resposta, mas na maioria das vezes você segue uma fórmula definida e ela produzirá a mesma solução todas as vezes.

Matemática é mais fácil do que coisas como inglês ou pessoas. Ambos são complexos demais, podem ter respostas múltiplas, dezoito mil possibilidades diferentes de como decompor um poema ou ler o que alguém quer dizer quando diz: — Estou bem.

Em um mundo onde tudo tem muitas probabilidades, prefiro números. Sempre.

Eu brinco com o caderno limpo na minha frente, batendo a ponta da minha caneta nas folhas brancas prontas para a aula já começar. Todo mundo ao meu redor está se socializando, encontrando seu caminho para os assentos que circundam a sala de aula. Eu escolhi um assento na parte de trás à esquerda da frente porque eu odiava sentir que alguém estava falando de mim pelas minhas costas.

Eu também, reconhecidamente, adorava observar as pessoas.

Ocupando-me, começo a puxar meu computador para fora da mochila, deslizando o novo MacBook sobre a mesa, maravilhado por ter um desses. Thomas comprou para mim como um presente, quase recusei aceitá-lo, mas sabia que precisaria para os cursos que estava fazendo.

— Briar, certo? — Eu pego à minha direita, inconscientemente estremeço antes de encontrar um par de delicados olhos azuis.

Minhas sobrancelhas franzem porque não tenho certeza do que ele está fazendo falando comigo ou como ele sabe meu nome.

— Eu sou Easton, Lizzy mencionou que você era nova na cidade. — Ele estende a mão para apertar a minha como se fosse uma conferência de negócios legal. O sorriso que ele tinha quando chegou não caiu um centímetro.

Retribuo timidamente o gesto, agarrando sua mão quente na minha e acompanhando seu movimento de sobe e desce. Tomei banho esta manhã, mas algo sobre tocá-lo me fez sentir suja. Ele

parece tão limpo, tão equilibrado e perfeitamente arrumado que me sinto como água de esgoto ao lado dele. Preocupada que eu vá olhar para baixo e ver lama espalhada em sua palma não manchada por meus dedos.

— Uh, prazer em conhecê-lo? — A maneira como digo isso, cheia de nervosismo, faz com que pareça mais uma pergunta do que uma afirmação.

Ele ri sem esforço, seus cabelos loiros balançam com força, seu peito grande balançando um pouco.

— Meu pai pode me matar se eu não der as boas-vindas formais a um estrangeiro. Ele vem tentando trazer estudantes de fora do estado para cá há anos. Você é formada em matemática?

Falar com as pessoas é uma habilidade que ele dominou ao longo dos anos. Você pode dizer. Na forma como ele se comporta. A confiança em seus ombros e a energia natural que ele emite fazem com que seja fácil conversar com ele. Só não sei por que ele escolheu falar comigo. Considerando que tenho certeza de que estou no fundo da cadeia alimentar metafórica em comparação com ele.

— Estatísticas, na verdade.

— Inteligente e bonita. Você tem uma combinação e tanto. — Seu sorriso se torna mais sedutor.

Eu podia jurar que Lyra disse que ele tinha namorada.

Talvez ela estivesse errada?

— Dificilmente. — Eu zombo, a tensão em minhas juntas diminuindo um pouco, — E você? Você é formado em matemática?

— Ciência da Computação. — Ele mexe os dedos como se estivesse digitando: — Sou muito bom com meus dedos.

Eu sei que ele está falando sobre seus dedos em um teclado, mas não posso evitar o rubor de morango que começa a esquentar minhas bochechas. Mesmo pensando nele de óculos, camisa branca arregaçada até as mangas, digitando em um computador, o brilho da tela iluminando os pontos delicados de seu rosto.

É o suficiente para fazer qualquer garota corar.

Percebo que o assento ao meu lado está vazio neste momento, mastigando o interior da minha bochecha, decidi que diabos? O pior que ele pode dizer é não.

Eu aponto para a cadeira ao meu lado, — Você quer fazer este se-

— Easton! Querido, consegui nossos assentos na frente! — Uma voz açucarada e doce ecoa na sala, nossas cabeças olhando na direção de onde ela veio.

Molly? Não, Mary!

Essa é a namorada dele, eu me aviso. Sabendo pelo que Lyra me disse, não quero fazer dela uma inimiga, mesmo que ela pareça inofensiva com seu guarda-roupa inspirado em Blair Waldorf.

— Você provavelmente deveria se sentar. Acho que está prestes a começar. — Saio correndo, não querendo nenhum conflito entre ele e ela. Não preciso estar no meio de um casal de TI. Não está na minha lista de coisas a fazer.

— Sim, foi um prazer conhecê-la, aqui, — Ele pega minha caneta das minhas mãos, puxando meu caderno aberto para ele e

rabiscando algo rapidamente, — Ligue-me se precisar de alguma coisa ou quiser ir à biblioteca para estudar.

Ele só está sendo legal, Briar.

Os rapazes podem ter amigas que são meninas. Ele está apenas sendo cortês, não leia muito sobre isso. A namorada dele provavelmente está bem com isso.

— Obrigada, vou fazer. — Pego minhas coisas dele, colocando-as na minha frente enquanto ele caminha para a frente, deslizando em seu assento ao lado de Mary. Presumo que ela esteja perguntando sobre mim, porque seus olhos rapidamente se voltam para mim, antes de começar a sussurrar em seu ouvido.

Ele planta um beijo rápido em sua bochecha que reconhece qualquer pergunta que ela estava fazendo, porque ela sorri e se acomoda em seu lugar ao lado dele.

Não tenho muito tempo para pensar nisso porque nosso professor entra, sua voz alta e controlando a sala. Seguindo logo atrás dele, está um cara mais jovem que se senta no canto da sala em sua própria mesa.

— Bem-vindos à matemática aplicada. Sou o professor Sheridan e este é meu TA, Sr. Crawford. Supondo que todos aqui estejam estudando algum campo envolvendo matemática, é seguro dizer que este deve ser um curso muito direto para você. Alguma pergunta antes de começarmos? — Ele cruza as mãos atrás das costas, andando em frente ao longo quadro-negro verde, permitindo que os alunos levantem as mãos.

Quando o silêncio se segue, ele acena com a cabeça: — Ótimo, vamos começar, certo?

Meu primeiro dia havia começado da mesma forma que a maioria dos primeiros. Natural. Tive um professor duro que falava rápido e escrevia ainda mais rápido. Significando que minha caneta estava trabalhando em dobro, no meio do caminho eu decidi gravar no meu computador, para pegar qualquer coisa que eu perdesse.

Eu superei a parte difícil, acho, o primeiro dia é sempre o mais difícil e fiz um amigo. Eu acho, então eu considero isso uma vitória.

Quero dizer, pensei ter passado pelo meu primeiro dia sem nenhum obstáculo. Estava indo tão bem, eu estava focada, entendi tudo, fiquei satisfeita, e aí o ar se agitou.

Estávamos na aula por cerca de trinta minutos quando a porta se abriu com um rangido pesado. Passos de botas pisam no chão de tábuas enquanto o mesmo rosto desprezado que eu tinha visto nos últimos dias toda vez que fechava os olhos apareceu dentro da sala de aula. Isso não era confiança, ele não carregava uma luz encantadora como Easton. Seu sorriso não fez borboletas vibrarem no meu estômago. Ele as incendiou. Foi o desafio e o poder de eu não dou a mínima.

Ele não se importava de estar atrasado, de estar infringindo ou de todo mundo estar olhando para ele. Ele não se importava com nada.

A escuridão que senti na boca do estômago naquela noite voltou. Ele incha dentro de mim, comendo seu caminho até minha garganta.

Eu vejo o professor Sheridan começar a repreendê-lo por seu atraso, mas quando ele percebe quem ele é, tudo o que ele diz é um mero: — Por favor, sente-se, Sr. Caldwell.

Alistair examina a sala um pouco, parando nosso professor e seu assistente por mais um segundo antes de mudar para a sala de aula, procurando por uma cadeira vazia.

Os alunos à minha frente têm reações divididas. Alguns deles, principalmente meninas, estão movendo suas bolsas para liberar um lugar livre ao lado delas, esperando que ele escolha o assento ao lado delas. Outros estão fazendo todo o possível para fugir de seu olhar.

Medo e admiração.

Duas emoções muito diversas e muito comparáveis. Ambos estão enraizados no mesmo lugar, interesse.

Observar todos os outros significa que tirei os olhos dele, então, quando eles voltam para ele, vejo que ele já está subindo os degraus em direção à minha seção de assentos.

Há várias cadeiras vagas diante de mim. Ele tem que escolher uma dessas. Se não o fizer, ficará muito claro que ele escolheu o assento ao meu lado por um motivo. O resto da turma vai notar. Não quero ser conhecida como a garota que Alistair Caldwell escolheu entre as demais.

Mas boa sorte é pedir demais, porque seu corpo desliza para a cadeira ao lado da minha. Seu grande corpo preenche o espaço, sufocando-me, fazendo-me sentir tão pequena. Como se eu

estivesse confinada em um canto e um animal selvagem estivesse me mantendo no meu lugar.

Meu aperto em minha caneta é tão forte que meus dedos estão brancos. Posso sentir meu coração batendo de forma irregular, esmagando minhas costelas com tanta força que acho que vou desmaiar.

Eu estupidamente olho em volta observando as pessoas que eu nem tive a chance de falar para começar a ofegar e sussurrar. Fazendo suposições sobre por que ele se sentaria aqui de todos os lugares. Suas vozes abafadas e olhares pouco reservados me deixam desconfortável em meu assento.

— Algum problema? — O tom profundo dessas poucas palavras é suficiente para me dizer que sua voz se assemelha a tudo o mais sobre ele.

Alarmante.

Os alunos cobiçosos e fofoqueiros movem-se tão rápido que estou surpresa que eles não tenham tontura.

Tudo se acomoda enquanto nosso professor passa a explicar alguma fórmula que cinco segundos atrás eu entendia perfeitamente e agora nem conseguia reconhecer que aula era aquela.

É o cheiro dele. Está me sacudindo.

Não apenas um vislumbre dele como na festa, mas todo o seu perfume.

Picante, como cravo e carnal. É o cheiro de magia negra à meia-noite. Quando as bruxas ficam em volta de sua bebida à noite com

a lua e as velas queimando o quarto. Incensos flutuando no ar. Feitiços antigos e feitiçaria oculta picam meu nariz. É fumaça, madeira e eu odeio o quanto eu amo esse cheiro.

Estúpidos hormônios de merda.

Proibindo-me de olhar para ele, afundo na cadeira, mantendo os olhos à frente e fingindo me concentrar no que o professor Sheridan está dizendo. Mas minha visão periférica vê muito dele. O suficiente para me manter preocupada. Suas mãos carnudas descansando sobre a mesa casualmente. É uma coisa tão estranha de se notar. Como suas mãos parecem normais agora e não como armas. Parece impossível vê-lo como algo além de problemas.

O anel em seu dedo indicador tem suas iniciais, algo que eu chamaria de bonito em qualquer outra pessoa.

Meu Deus, mesmo do meu lado ele é lindo.

Mas não lindo como Easton. Não. Easton é cercas brancas, pai do futebol, almoços de domingo e sexo com as luzes apagadas. E não há nada de errado com isso, é algo que eu quero.

Algo durável e seguro. Confiável.

Alistair é lindo de uma forma sinistra. Abandono imprudente, tumulto, corações partidos, mas você nunca o deixará porque a maneira como a boca dele percorre seu corpo enquanto você está acorrentada à cama dele é suficiente para fazer qualquer mulher ficar.

Eu não queria problemas. Eu queria seguro.

Esta oportunidade, esta escola, é minha chance de ter isso um dia. Uma vida da qual não preciso fugir. No entanto, eu ainda estava me permitindo ser afetada por ele.

Mesmo sabendo o que aconteceria se eu me envolvesse com um garoto como ele.

Minhas mãos estão suando, essa sensação de coceira nas palmas das mãos. A mesma sensação que tenho toda vez que estou prestes a roubar algo de alguém. Ele coloca o sabor em sua boca como néctar. Doce e viciante.

É por isso que sair do lado errado dos trilhos é tão difícil.

Você sabe o quanto isso é ruim para você. Você viu o que isso pode fazer com você. Mas é tão foddidamente bom que você só precisa tê-lo.

Você anseia por isso. Você faria qualquer coisa por isso. Você morreria por isso.

— Você tem algum rancor contra essa caneta? — Ele diz, ainda de frente para a sala de aula.

Parece que não sou a única usando sua visão periférica no momento.

Sua voz não faz nada além de me agitar mais. Quero dizer, por que ele está aqui? Ele ainda faz essa aula?

Estou aborrecida por ele estar me afetando assim.

Não é inesperado, mas você pensaria que ele traria pelo menos uma folha de papel e um lápis, um livro mesmo? Quem aparece na aula sem material?

Pessoas como ele sempre me incomodaram. Aqueles que deixam o dinheiro dos pais administrar todos os seus problemas. Nunca entendendo o que significa luta porque mamãe e papai os salvaram de tudo.

Claro, as pessoas nesta cidade tinham medo dele. Ele e seus cachorros espumantes.

Mas o que eles eram, exceto quatro pirralhos mimados que adoravam ter acessos de raiva? Quer dizer, eles não eram assassinos, pelo amor de Deus, eles estariam na cadeia se fossem! Eles são apenas um bando de garotos ricos com más atitudes.

— Você está mesmo nesta classe? — Assim que eu disse, quero retirar. Não porque eu não quis dizer isso, mas porque sei que ele vai responder.

Eu nem deveria tê-lo reconhecido. Mas minha boca nunca foi boa em ficar fechada, especialmente quando estou irritada.

Ficamos sentados em silêncio e espero, rezo 'pra' caralho, que ele não tenha me ouvido. Assim posso esquecer que falei e sair dessa aula sem um arranhão.

Ele torce a cabeça casualmente, olhando diretamente para o lado da minha cabeça como se não pudesse acreditar que eu disse qualquer coisa também.

— Não. — É tudo o que consigo.

Deixa 'pra' lá, Briar. Deixe-o em paz.

— E daí, você apenas senta na aula que quiser? É uma vantagem de ter seu sobrenome em uma placa do lado de fora da

biblioteca? — Eu olho para ele, seus olhos escuros observando meu rosto.

Dane-se isso. Vou deixar claro para ele que não tenho medo dele ou de seus amigos. Mexer comigo não é uma boa ideia.

Um sorriso se abre em seus lábios e não posso deixar de me perguntar como ele ficaria quando sorrisse. Se o simples movimento suavizasse suas feições.

— Cuidado, — ele sugere, — eu não sairia por aí falando sobre coisas que você não entende. Você não tem ideia das *vantagens* que tenho por causa do meu sobrenome.

Reviro os olhos, segurando minha caneta com mais força na mão como se fosse me proteger de alguma forma.

— Oh, eu entendo completamente. — A única maneira de superar o que te assusta é enfrentá-lo, derrubá-lo para que se torne apenas uma praga. — Você é um garoto chique que provavelmente teve seu AMEX roubado? Você está punindo mamãe e papai por colocar você de castigo em seu Lambo? Cansado de seu estilo de vida extravagante e quer causar alguns problemas? Supere-se e seja bem-vindo a todos os clichês adolescentes ricos. Você não é especial.

Caramba, Briar, isso foi duro. Mais do que eu gostaria, mas queria deixar bem claro que não deixaria ele ou seus amigos malucos me empurrarem. Eu me recusei a ser Briar invisível aqui.

Não é como se eles pudessem fazer alguma coisa comigo.

Nada muito prejudicial.

No entanto, não tenho certeza se isso é verdade enquanto conto os carrapatos em sua mandíbula.

Primeiro, ele trabalha os músculos da mandíbula?

Dois, ele deveria raspar seu tropeço.

Três, porra.

Ele solta um suspiro escuro que queima seu nariz, inclinando o pescoço apenas o suficiente para estalá-lo. Falando realisticamente, ele não vai me bater na frente de todas essas pessoas. Teoricamente, não o conheço bem o suficiente para saber que ele não faria isso.

Atualmente, estou enlouquecendo tentando descobrir como consertar isso antes que ele exploda.

Ele se mexe para me encarar mais uma vez, me observando com buracos no lugar dos olhos, estendendo a mão para agarrar a perna da minha cadeira e me puxando para perto dele. Não sei dizer se é a cadeira rangendo ou se sou eu. De qualquer maneira, meu rosto fica vermelho feroz porque sei que as pessoas estão assistindo.

Eu faço um som embaraçoso quando o canto do meu assento se choca com o dele. A mesma mão que eu estava olhando começa a rastejar para agarrar minha coxa, seus dedos apertando com força de modo que o jeans do meu jeans range contra mim. E de repente estou dividida entre as duas metades de mim mesma.

O lado de mim que quer esbofeteá-lo por colocar a mão em mim e o lado de mim que está latejando com o calor de seus dedos na parte interna da minha coxa. Perigosamente perto do meu centro.

Sua respiração me dá um tapa no rosto, espalhando-se por meus lábios e bochechas. Posso sentir o cheiro do café nele, seu cigarro matinal e o chiclete com sabor que está mascando.

Está girando em meu cérebro, confundindo meus pensamentos. Entorpecendo o lado lógico do meu cérebro como na noite em que o vi pela primeira vez. Eu sabia que deveria ter ido embora, mas fiquei mesmo assim. Assim como eu estava fazendo agora.

Minha boca está silenciosamente aberta, escancarada para ele enquanto seus olhos escuros movem-se de meus lábios para meus olhos, uma e outra vez antes de ele falar,

— Existe uma linha tênue entre ser corajosa e estúpida, garota. Você está fodendo com isso. — Ele respira, meu corpo recuando com o insulto, seu rosto se inclina ainda mais perto.

Seus lábios desesperadamente perto dos meus, a uma polegada de distância, talvez. Posso sentir o calor de sua pele sozinha e sei que deveria me afastar, mas não o faço. Meu corpo não deixa. Ele se recusa.

— Eles não têm medo de mim por causa do meu dinheiro, eles me temem porque eu poderia, e os matariam se eles me cruzassem. Você deveria pensar sobre isso antes de abrir esses lábios chupadores de pau novamente.

Eu respiro fundo, a imagem lasciva de mim de joelhos na frente dele enquanto ele diz essas palavras exatas. Minha boca enrolada confortavelmente em torno do comprimento grosso em seu jeans, sua mão enrolada no meu cabelo me puxando para cima e para baixo para que ele pudesse se dar prazer.

— Não seja estúpida. Isso vai te matar. — Ele termina, soltando minha coxa e empurrando minha cadeira de volta ao seu lugar. Voltar a enfrentar o tabuleiro, cruzar os braços sobre o peito assim não aconteceu por acaso.

Alguns alunos se viraram olhando, nosso professor não percebeu, já que estávamos no fundo e ele estava de costas para nós.

Prendo a respiração, querendo me dar um tapa na cara, mas também dizendo a mim mesma que preciso transar o mais rápido possível porque, obviamente, estou tendo um caso de privação sexual se esse psicopata estiver me excitando.

Estou apenas projetando, é isso. Digo a mim mesma enquanto tento acalmar minhas bochechas coradas e minha respiração irregular.

— Você está bem, Briar? — A voz melodiosa de Easton vem como um cobertor de segurança misturado com água gelada, trazendo-me de volta à realidade.

Eu pisco, olhando para os alunos que estão saindo da sala de aula e juntando suas coisas. Aparentemente, eu tinha perdido o sombrio. Eu nem ouvi se tínhamos dever de casa. Agradeço sem palavras a mim mesma por gravar no meu computador, salvar o arquivo instantaneamente e enfiar minhas coisas na bolsa.

Eu me levanto, — Sim, eu estou uh, bem. Totalmente bem.

Realmente crível, Briar. Honestamente. Onde está o seu Oscar?

Easton olha para Alistair, seu rosto outrora encantador tornando-se frígido, — Caldwell. — Ele pronuncia dando-lhe uma saudação nada estelar.

— Sinclair. — Ele canta, olhando para ele com um sorriso.

Um ao lado do outro, eles parecem a representação perfeita do dia e da noite. Ying e yang. O bem e o mal.

Estou presa no meu lugar, incapaz de passar por Alistair, a menos que ele mova a cadeira para frente. Então eu apenas fico parada, observando-os desajeitadamente.

— Como está seu irmão? — Easton pergunta presunçosamente como se fosse uma piada interna ou algo assim.

Rápido como um chicote, Alistair responde com a mesma ironia: — Como está sua mãe?

Por alguns momentos, eles travam uma disputa de olhares, nenhum dos dois fala uma palavra, apenas se observando. É claro que eles não se dão bem, mas sabem o suficiente um sobre o outro para se irritarem.

— Vamos, Briar, vou te ajudar a encontrar sua próxima aula. — Easton responde de volta para mim, com um sorriso amigável no rosto.

Agradeço a ajuda, querendo sair dessa situação o mais rápido possível, mas Alistair ainda não moveu a cadeira.

— Deixe-a sair, idiota. — Ele zomba.

— Se ela me pedir educadamente, vou pensar sobre isso. — Isso é direcionado a mim.

Aqueles olhos escuros olhando para mim e brilhando com um desafio. Me desafiando a fazer algo sobre isso.

Eu engulo a bile na minha garganta, não querendo me atrasar para minha próxima aula e precisando de um pouco de ar fresco que não cheire a cravo quente. Eu odiava estar aqui, estar no meio disso.

Eu não era uma garota que pudesse ser intimidada. Meu pai me criou melhor do que isso.

Você pode fazer isso, Briar.

Eu coloco minha mochila mais para cima no meu ombro, puxando meu cabelo para o lado e respirando fundo para criar coragem.

Com facilidade, eu balanço minha perna sobre o colo de Alistair tentando ignorar o desejo entre minhas pernas que está diretamente sobre seu colo. Nossos olhos se encontram por uma fração de segundo, sua mandíbula apertada e os braços cruzados no peito, as veias salientes.

Easton agarra minha mão para me apoiar, ajudando-me a puxar minha outra perna antes de ficar ao lado dele na fileira de fora.

— Eu tenho estatísticas com Gaines a seguir, — digo a ele já caminhando pelo corredor em direção à porta, sentindo o par de olhos de ébano seguir cada movimento meu.

Eu tento não olhar. Eu tento lutar contra a parte de mim que procura por problemas. O pedaço de mim que sente falta da

adrenalina de roubar e vagar nas sombras. Digo a mim mesma que posso ser diferente agora, que não preciso ser aquela pessoa.

Mas ganha. A luta é inútil.

Cautelosamente, eu viro minha cabeça para o topo da sala de aula, olhando para o imóvel Alistair. Seus olhos nunca vacilando dos meus, como se ele soubesse que eu olharia de volta para ele.

Um sorriso adorna seu rosto assim que ele levanta a mão, balançando os dedos suavemente em um falso aceno de adeus.

Daqui de baixo, seus olhos não são tão escuros. Eles são de uma cor marrom deslumbrante e acho quase injusto que os meninos costurados com magia negra e intenções cruéis sempre tenham os olhos mais bonitos.

NOVE

UMA ESPADA

Alistair

Eu fui à terapia uma vez.

Uma vez, uma única consulta que durou talvez vinte e cinco minutos antes que os psiquiatras se recusassem a trabalhar comigo por mais tempo.

Eu tinha doze anos, uns quinze centímetros a menos do que tinha agora, e tentei esfaquear meu irmão de dezenove anos em nossa cozinha durante uma festa de Natal, depois de quebrar seu nariz e os nós dos meus dedos direitos.

É engraçado, não me lembro muito além do que me disseram e, com uma visão perfeita, lembro-me de estar sentado no chão da cozinha observando as pessoas conectadas puxando cordas ligando para os melhores cirurgiões plásticos e médicos que o dinheiro poderia comprar.

Minha mãe estava chorando, segurando o rosto de Dorian em suas mãos enquanto ele segurava um lenço ensopado de sangue em seu rosto, acenando para que ela se afastasse dele. Eles correram para fora da porta, todos saindo logo depois e nenhuma pessoa sequer procurou por mim. Não para punição. Não para se preocupar. Nem mesmo para perguntar por que fiz isso. Nada. A

única razão pela qual fui colocado em terapia foi porque minha avó insistiu para salvar o nome Caldwell. Alegou que eu tinha um distúrbio explosivo temporário, qualquer coisa para parecer melhor.

Todos eles passaram pela cozinha onde eu estava sentado, segurando meus dedos quebrados em minha mão, observando-os olhar através de mim como se eu não fosse nada além de vidro. Algo para apenas olhar através, nunca para mim. Não como Dorian, que não era nada além de ouro puro.

Esse foi meu primeiro soco. Minha primeira explosão de raiva que não pude conter. Eu fisicamente não conseguia mais engolir, tinha que fazer alguma coisa. Eu queria machucá-lo. Eu queria matá-lo.

Fui até a geladeira pegar um saco de ervilhas congeladas, sabendo que o frio ajudaria a diminuir o inchaço. Rook me ensinou isso antes mesmo de eu ter sete anos.

Dorian estava em seu segundo ano em Hollow Heights e decidiu que queria um escritório, para estudar, foder garotas, qualquer besteira que dissesse aos meus pais. Em vez de ocupar um dos quinze mil outros quartos vagos, ele ocupou meu jardim de inverno. Ele escolheu porque sabia que era o único lugar naquela porra de casa que eu poderia suportar. Ele nem queria um escritório ele só queria me mostrar, mais uma vez, que tudo na minha vida não passava de ser dele para levar.

O jardim de inverno ficava na extremidade oeste da casa, era uma pequena extensão circular da casa original. Meu avô o

construiu para meu pai quando ele tinha minha idade, e nunca foi usado até que eu tivesse cinco anos.

Eu fiquei lá o tempo todo. Eu nunca saía a menos que não estivesse em casa.

Eu gostava de ouvir a chuva bater na caixa de vidro que a cercava, ver os raios baterem nas árvores e o trovão sacudir o pequeno sofá verde lá dentro. Não havia muito além do sofá. Algumas plantas mortas e estantes inúteis, mas era meu e era o único lugar que eu tinha.

E ele tirou de mim.

Com a mesma idade que ele tinha quando tentei assassiná-lo, ainda não consegui entrar naquela sala. Quando ele saiu para a pós-graduação, eles deixaram todas as suas merdas lá e, verdade seja dita, deixou de ser meu no segundo em que ele pediu.

A pequena lista de lugares para onde eu poderia escapar havia diminuído ainda mais naquele dia. Ainda é tão curta.

O Cemitério era só nos finais de semana, eu comandava o ringue. Nunca batido. Nunca tocado. Mas não era meu. Na verdade, não. Ocasionalmente, eu ia à casa de Thatcher, mas mesmo lá me sentia deslocado com todas as esculturas únicas e decorações vitorianas.

O único lugar que eu tinha agora era Spade One.

Era uma loja de tatuagens nos arredores de Ponderosa Springs, espremida entre uma velha barbearia e um armazém geral. O letreiro de neon pendurado ao lado da vitrine zumbia e projetava um brilho roxo nas vitrines.

Com duas camadas, sendo a parte inferior a sala de espera com sofás de couro preto, a recepção e um pequeno armário de armazenamento.

O andar superior foi seccionado por altas placas de vidro, dando a cada artista seu próprio espaço para decorar sua estação como bem entendesse. A maioria dos quais eram designs personalizados emoldurados nas paredes, adesivos e equipamentos de tatuagem. E na parte de trás havia uma mesa de madeira onde eu ficava, a menos que estivesse limpando a loja ou ajudando.

A razão pela qual fiquei tão furioso com Dorian todos aqueles anos atrás, a razão pela qual ele me pressionou a dar meu primeiro soco, para realmente despertar aquela raiva dentro de mim que não vai embora, é porque é onde eu esbocei.

Eu não mantive isso em segredo porque bem, não é como se meus pais se importassem com o que eu fiz. Então eu os pendurava nos painéis de vidro das paredes do conservatório. Cada um coberto com uma folha de papel creme e algum tipo de desenho que eu desenhei. Dorian sabia disso. Ele tinha visto.

Por volta do meio-dia, eu havia coberto o espaço com eles. Então, quando o transformaram em seu escritório, nunca mais vi aquelas fotos. Todos eles foram jogados fora. Apenas mais um prego no meu caixão emocional.

Não querendo que ele ganhasse, querendo nunca mais que meus rabiscos caíssem em suas mãos novamente, comecei a desenhar em mim mesmo. Meus dedos, minhas mãos, braços e coxas. Onde quer que eu pudesse chegar.

Muitas vezes me perguntei se meu pai e minha mãe ao menos olharam para mim, viram que eu realmente tinha talento. Mas eu poderia ter me formado no MIT aos dez anos com um QI que rivalizava com o de Einstein e ainda assim não seria o suficiente para se igualar ao meu irmão. Não havia nada que eu pudesse fazer que fosse bom o suficiente para eles.

Acho que foi melhor ter aprendido isso ainda jovem, em vez de viver minha vida inteira disputando a atenção deles quando isso nunca aconteceria. Eles tinham tudo o que precisavam em uma criança quando tiveram Dorian. Eu era apenas um desperdício.

Desde os dezessete anos, comecei a vir aqui. Eu o encontrei uma noite enquanto dirigia meu carro tarde da noite, pensando em jogá-lo em um penhasco popular comigo dentro dele. Eu não tinha nada pelo que queria viver.

Não é tão triste quanto você pensa. Quer dizer, isso acontece todos os dias. As pessoas morrem, você supera isso.

Eu estava querendo morrer desde que descobri o motivo pelo qual me deram a vida. Quero dizer, os meninos teriam um ao outro. Eu não era necessário e estava cansado de lutar por uma vida que odiava. E foi quando eu vi a loja.

Então, se você acreditasse nas besteiras de Hollywood como o destino, poderia chamá-lo de algo assim.

Quando entrei, conheci o dono, Shade, e comecei a aparecer com uma identidade falsa só para fazer uma tatuagem, percebi que finalmente encontrei algo que era realmente meu.

Não do meu irmão. Não dos meus pais. Nem mesmo a dos meninos.

Era tudo meu, e ninguém poderia tirar isso de mim.

Shade me deixou trabalhar aqui quando eu tinha tempo, gratuitamente de minha parte, e a única vez que usei um centavo do dinheiro de meus pais de bom grado foi quando me inscrevi para meu estágio aqui depois que descobri que ficaria em Ponderosa Springs para o próximo ano.

O plano original, antes de Rose, era partir para Nova York. Shade gostou do meu trabalho e disse que iria abrir uma loja na costa leste para o meu estágio. Era como se alguém tivesse tirado um peso de uma vida inteira do meu peito e eu finalmente senti as asas que eles cortaram quando criança começando a crescer novamente.

Então alguém teve que matar a namorada do meu melhor amigo. Uma garota que eu via como uma irmãzinha. E todo esse plano foi colocado em pausa.

Eu ia dar o fora deste lugar, longe de todas as besteiras e apenas começar uma vida onde ninguém me conhecesse. Onde ninguém sabia meu sobrenome.

O lápis na minha mão se partiu em dois pedaços, estilhaçando-se na mesa de trabalho e na minha tatuagem inacabada. Era um pedaço de coxa que eu estava trabalhando desde que cheguei aqui hoje. Cada tatuagem que estava no meu corpo, eu mesma fiz ou desenhei. Meu corpo inteiro era meu portfólio. Eu deixaria Shade fazer o que eu não podia, mas minhas pernas eram todas minhas.

— Bom momento para uma pausa para fumar? — Shade diz de sua cabine, olhando para cima da perna do cara que ele está explodindo.

Eu aceno, — Eu acredito que sim. — Empurrando minha cadeira para trás e me alongando.

— No caminho de volta, pegue mais algumas luvas do depósito, certifique-se de...

— Os pretos. Eu me lembro das coisas, você sabe? — Eu chamo enquanto meus pés me carregam pelos degraus e pela porta da frente.

O tráfego de pedestres é lento, deixando-me com um pouco de paz e sossego enquanto acendo um Marlboro Red, deixando a fumaça familiar encher meus pulmões com a primeira tragada.

Achei que ia ter paz e sossego.

Meu telefone começou a zumbir no meu bolso da frente na minha segunda tragada e não posso deixar de atender. Não com tudo que está acontecendo.

Eu coloco a fumaça no meu lábio, segurando-a entre os dentes enquanto deslizo meu dedo pela tela, colocando o alto-falante no meu ouvido,

— Sim, esposa?

Eu ouço uma zombaria: — Se eu fosse sua esposa, você não se vestiria como um presidente aposentado de motoclubes com problemas com a bebida. — Thatcher me informa.

— Você com certeza é uma cadela como uma esposa. — Eu deslizo pela parede, agachando-me e descansando minhas costas

contra as janelas do chão ao teto do lado de fora da loja, — Por que você está me ligando?

— Melhor pergunta, onde você está?

— Por que? — Eu respondo a sua pergunta com uma das minhas.

— Porque você deveria estar aqui nos ajudando a supervisionar Rook. Você sabe, certificando-se de que ele não exploda minha casa em pedacinhos de um milhão de dólares, enquanto faz clorofórmio no meu porão.

Foda-se.

Eu esqueci disso.

Concedido, foi muito importante, mas tenho certeza que eles poderiam lidar com essa coisa sem que eu estivesse lá.

Chris Crawford, o professor assistente de quem nosso traficante delator nos falou, era a única pista que nos restava. Dizer assim nos fazia parecer detetives vingativos. Tomando a lei em nossas próprias mãos, salve o distintivo e nos dê facas.

Durante toda a semana, nós o seguimos, apenas tentando pegá-lo fazendo algo fora do comum e quase paramos, desistimos dele, até que Thatcher conseguiu fotos dele mexendo no produto em seu carro depois da escola. Se ele era nosso assassino estava para ser determinado. Mas ele estava fornecendo as drogas que mataram Rose e isso era melhor do que nada.

Tínhamos que ter algo para nos agarrar. Qualquer coisa. Se não o fizéssemos, eu estava com medo do que Silas faria.

— Ele é formado em química, Thatcher. É só acetona e alvejante, sua avó morta pode fazer isso. Contanto que ele não fique feliz no gatilho, você ficará bem sem mim por algumas horas.

Por mais faminto que eu estivesse por retaliação, não pude deixar de esperar que fosse o fim. Que Chris drogou Rosemary tentando entrar em suas calças e acabou terrivelmente. Poderíamos torturá-lo até que morresse lentamente. Então poderíamos continuar com nossas vidas.

Exceto Silas, é claro. Ele levaria anos.

Eu os vi crescerem juntos, Rose e ele. Ela era a única que realmente entendia sua esquizofrenia. Quando eles estavam juntos, era como se estivessem em seu próprio mundo pequeno e distorcido.

Eu não tinha certeza de quanto tempo levaria para ele superar. Se alguma vez o fizesse.

— Você nunca respondeu à minha pergunta original, Alistair.

Ai vem.

— Achei que tinha deixado bem claro que você daria uma esposa de merda. — Tentando distraí-lo, mas é tudo em vão, eu já deveria saber disso.

— Onde você está? — Ele fica inexpressivo, deixando claro que não quer perguntar de novo.

— Estou fora. — Eu expiro, olhando ao meu redor.

Sim, eu poderia dizer ao meu melhor amigo que estava em uma loja de tatuagem onde estava fazendo um estágio. Não é como se eu estivesse fazendo um drive-by, mas é o princípio.

O fato de eu ter uma coisa só para mim. Algo que não preciso compartilhar ou me preocupar em ser levado.

Você nunca sabe como é bom ser dono até ser aquele a quem nunca é permitido ter nada, aquele de quem sempre está sendo tirado.

— Eu precisava de um ar, fui dar uma volta. Você sabe o que Ponderosa Springs faz comigo. Por que você está tão interessado em saber?

Há um silêncio, antes que ele fale novamente: — Então estamos guardando segredos um do outro agora? É isso que estamos fazendo?

— Não. — Eu respiro a fumaça, — Se você precisasse saber, eu diria a você. — Passando a mão pelo meu cabelo porque sei que ele está prestes a pegar uma atitude comigo.

Eu posso praticamente ouvir seus dentes rangendo. Eu nem sei porque ele se importa com o que eu faço, não é como se ele fosse capaz de realmente se importar com alguém.

Tudo dentro de Thatcher está morto.

Toda emoção. Sentimento. Remorso. Tudo.

— Claro, amigo. — Ele murmura friamente.

— Encontro vocês amanhã. — Eu digo, mas ele não ouve porque sou recebido com o tom de discagem em meu ouvido antes mesmo de terminar minha frase.

— Puta merda.

Eu olho para o meu telefone, vendo uma mensagem perdida de Silas de antes. Eu abro, vendo um link e seu texto abaixo dele.

As coisas que você queria.

Tocar com o polegar no link leva-me a uma pasta de documentos que presumo que Silas tenha reunido. Um sorriso se forma lentamente em meu rosto, como quando você está caçando algo há meses e começa a cravar os dentes nele.

Na minha tela está tudo o que Silas conseguiu descobrir sobre Briar Tatum Lowell.

Além de saber que ela tinha uma boca esperta e que Easton Sinclair tinha tesão por ela, eu não sabia merda nenhuma e odiava isso.

Desconhecidos não eram algo que eu gostava.

A atitude dela em relação a mim deixou claro que ela não era local e, embora eu gostasse de uma garota que pudesse dar o máximo de si, eu estava brincando quando disse que ela estava seguindo uma linha.

Para irritá-la do jeito que eu queria, eu precisava saber tudo sobre meu oponente. Aquela tão corajosa e ousada, tão certa de que não tinha medo de mim enquanto suas coxas tremiam sob meu toque.

No começo eu ia deixar passar, mas mesmo depois daquela aula ela estava me atormentando. Me incomodando com seus olhos multicoloridos. Uma mistura de ouro, marrom e verde girava em uma espiral. Então verifiquei o Facebook antes de enviar uma mensagem para Silas. Eu não estava no Facebook há anos. Eu tive

que criar uma conta de merda falsa para procurá-la. Acontece que ela também não gosta de mídia social.

De acordo com seu histórico escolar, ela nunca perdeu um dia de aula, teve um GPA de 4,0 e esteve na equipe de natação durante os quatro anos. Havia até uma foto adorável de seu primeiro ano, quando ela usava aparelho.

Em todas as fotos da escola dela não havia uma única foto dela com um amigo, parecia que minha espertinha era solitária. Na noite do último ano da equipe de natação, ela ficou ao lado de seus pais, mal sorrindo, parecendo que faria qualquer coisa para desaparecer na multidão. Tentando fazer seu corpo parecer menor para não ocupar muito espaço. Eu admito, as tranças duplas que ela usava na piscina estavam fazendo meu pau estremecer.

Continuei folheando os arquivos, curioso para saber como ela era capaz de pagar uma escola como Hollow Heights devido ao passado de seus pais. Eles mal tinham duas moedas para esfregar. Mas eu rapidamente a alcancei, descobrindo que seu tio era um professor, Thomas Reid.

Minhas sobrancelhas franziram quando um registro criminal apareceu, não apenas um, mas três. Minha língua correu pelo meu lábio superior. Eu sabia que havia algo nela que me ansiava, percebendo que não era eu, mas o caos que veio comigo.

Ela também gostou das sombras. Gostava de espreitar lá. Ficar lá.

Uma conta agressão e espancamento, o que não é apenas impressionante por si só, mas também em um cara que tentou

atacar sua mãe. Outra acusação de vandalismo que parecia ser algum tipo de brincadeira. E uma acusação de furto.

Então ela é uma lutadora e uma ladra. Que interessante.

Eu me pergunto quantos pauzinhos Thomas realmente teve que puxar para colocar uma criminosa nesta escola. Para que sua inscrição fosse vista aqui, você tinha que ter treze clubes de merda e um GPA insano combinado com pontuações estelares nos testes.

E, no entanto, ela estava aqui.

Aqui em Ponderosa Springs, onde ela não pertencia.

Correndo sua boca rosa pensando que eu apenas sentaria e assistiria. Pensando que Easton Sinclair vai ajudá-la enquanto ela está sendo caçada por mim. Vou me encher de tanta testosterona quando ela vir que ele não pode me ajudar, que posso entrar em combustão. Aquele merdinha não consegue fazer nada comigo desde o jardim de infância, há algumas coisas que o dinheiro do papai não pode esconder e isso são vadias maricas.

Jogo a guimba do cigarro no chão, as brasas dançando no ar enquanto faço isso. Levanto-me em toda a minha altura e me viro para encarar a vitrine da loja.

O logo da caveira é transparente no meu rosto, me dando um efeito mascarado. A caveira branca cobrindo minhas bochechas e olhos. Inclino a cabeça para a direita e para a esquerda, o crânio parecendo mover-se comigo. Uma representação cruel do que sou por dentro.

Morto. Oco. Vazio. Impiedoso.

Exceto que não preciso de uma máscara para ser nenhuma dessas coisas. Eu apenas sou.

Briar Lowell pode pensar que ela não tem medo de mim porque eu não dei a ela nada para ter medo.

Ainda não.

DEZ



HOWTHORNE NA FLORESTA COM UM CONDLENSTICK

Brian

— Como você encontrou este lugar? — Eu sussurro ingenuamente, balançando a cabeça com a minha ignorância.

Quer dizer, não é como se os mortos pudessem me ouvir, pelo menos não que eu saiba.

Quando Lyra perguntou se eu queria ver algo legal, pensei que ela se referia a uma passagem secreta nos corredores da universidade. O que não me surpreenderia, na verdade estou determinada a encontrar um. Este lugar é muito antigo para não ter um.

Eu não esperava caminhar pelo menos três quilômetros na floresta atrás dos edifícios Rothchild. Caminhamos por trás dos prédios, afundando nas árvores iminentes que balançavam e uivavam.

A névoa estava bem acima de nossas cabeças, ficando cada vez mais baixa conforme o sol começava a se pôr. Derretendo em um pôr do sol obscuro de roxos escuros e laranjas amargas.

Estávamos caminhando perto da costa, eu podia ouvir o barulho das ondas contra as rochas próximas e sentir o cheiro do sal que cobria o ar. Era tão poderoso que eu quase podia sentir o cheiro acima do cheiro rico de terra molhada e pinho afiado.

Não foi até que eu vi as lápides brotando do chão musgoso que eu realmente comecei a me preocupar. Havia dez, talvez doze sepulturas marcadas com lápides lascadas e danificadas, tão cobertas de folhagem e sujeira que você mal conseguia distingui-las.

Mas essa não era nem a parte mais perturbadora.

— Minha parte favorita do Oregon é a população de insetos. Quando eu era jovem, minha mãe me deixava brincar em seu jardim e nunca falhava que eu voltasse com uma joaninha ou algum tipo de inseto. Então, quando eu estava procurando por *Scolopocryptops sexspinosus* no verão antes do início das aulas.

Mesmo que fosse um tanto incomum, achei tão fascinante o quanto ela sabia sobre insetos. Lyra era tão inteligente que às vezes me deixava com ciúmes. A maneira como seu cérebro absorvia fatos e os cuspiam da memória. Era incrivelmente impressionante, mas ela estava tão inconsciente disso que não parecia uma sabe tudo. Apenas uma garota que gostava de falar sobre coisas rastejantes assustadoras.

Eu franzo minhas sobrancelhas, seguindo-a através do pântano esponjoso, — Inglês, por favor.

Ela ri, — Bark Centípedes. Eu precisava de um para terminar minha caixa de espécimes de centopéia e eles geralmente são encontrados dentro ou ao redor de madeira podre. Houve uma

grande tempestade, então fui procurar árvores caídas e descobri este lugar. — Ela segura as alças de sua mochila olhando para o prédio imponente à nossa frente.

Era cinza, sombrio e parecia que poderia tentar me engolir se eu não tomasse cuidado. O fino portão de liga leve que funcionava como uma porta pendia lateralmente das dobradiças, e eu vi um rastro de aranhas deslizando ao longo do topo e isso fez minha espinha fazer um movimento de arrepio muito estranho.

— É uma igreja ou...? — Eu perguntei, olhando para ele com ela, um olhar de incerteza em meu rosto, o oposto dela. Ela estava radiante, alegre enquanto puxava o portão de metal, abrindo-o com dedos impacientes.

— É um mausoléu.

Ah, foda-se. Absolutamente não.

Eu não conseguia ver nada além de escuridão total lá dentro, nem parecia grande o suficiente para conter corpos, muito menos um monte deles. A estrutura não poderia ser maior do que um pequeno galpão ou prédio de trabalho.

Lyra muda para mim, acenando com a lanterna de forma provocante: — Vamos, não seja covarde. É legal por dentro.

Então ela desaparece no escuro, com um pequeno brilho para guiar seu caminho. Meus pés ficam aterrados do lado de fora. Meu cérebro tentando me assegurar que essa era uma ideia desastrosa, mas minha curiosidade era gananciosa.

Olhei para as nuvens sinistras, o céu derretendo em preto e comecei a sentir algumas gotas de chuva gelada na minha pele.

— Vou me arrepender disso, — murmuro para mim mesma, jogando meu capuz na minha cabeça e seguindo minha estranha amiga em busca do que quer que seja que estávamos procurando aqui.

Eu puxo minha própria lanterna, iluminando um conjunto de degraus de concreto que desciam estreitamente. Respirei fundo, meu primeiro passo foi dado com cuidado para não cair.

No meio do caminho, meu Converse prendeu em algo, fazendo-me pular para frente. Eu rapidamente agarrei a parede ao meu lado, estremecendo quando minha mão encontrou a superfície úmida. Firmando-me por um momento e limpando a mão na calça jeans, continuei descendo os degraus até chegar ao fundo.

Lyra já tinha começado a acender lamparinas a óleo, presumo que ela as tenha deixado aqui em suas visitas anteriores, iluminando o quarto com um brilho morno e sóbrio. O cheiro era horrível. Era mofado, úmido e madeira apodrecida pairava no ar como a morte.

O teto era muito mais alto do que eu esperava, as paredes de ambos os lados cobertas de criptas, algumas das quais foram arrombadas e eu não estava prestes a verificar se o corpo ainda estava lá. Uma cruz desnecessariamente grande encostada na parede à minha frente e no centro havia uma mesa retangular de granito onde Lyra colocou todas as suas coisas.

— É aqui que faço a minha taxidermia. É muito mais espaçoso e não preciso me preocupar com ninguém se intrometendo. — Ela gira em um pequeno círculo, os braços estendidos enquanto olha

para o telhado, como se este lugar fosse um grande refeitório e suponho que para Lyra seja.

— Então, por que insetos? — pergunto, pegando uma caixa de madeira e virando-a de cabeça para baixo para que eu possa me sentar nela.

— Por que não insetos?

— Touché.

— Minha mãe era bióloga, ela trabalhava com cobras em suas pesquisas médicas, então animais estranhos eram comuns em minha casa. Provavelmente é por isso que me dou tão bem com seu rato de estimação — ela pisca, usando a lanterna para olhar pelos cantos e embaixo de caixas velhas.

— Sua mãe ainda é...? — Eu pergunto, arrastando-o esperando que eu não tenha levantado um tópico delicado. Toda vez que ela fala sobre ela, é sempre no passado e presumi que ela havia falecido.

— Não. Morta como um prego. — Meus olhos se arregalam levemente com suas palavras grosseiras, mas provavelmente sei melhor do que ninguém que as pessoas lidam com a perda de maneira muito diferente: — Ela morreu quando eu tinha sete anos. Fui colocada em um orfanato e, quando fiz dezoito anos, tive acesso total à minha herança e ao dinheiro do seguro. Então me matriculei, imaginando que se já havia passado toda a minha juventude aqui, poderia muito bem receber minha educação aqui.

Concordo com a cabeça, absorvendo toda essa nova informação, gostando do fato de estar começando a conhecê-la. Eu

nunca tive um amigo de verdade antes e isso estava começando a parecer muito com uma amizade que duraria por toda a faculdade.

Ela pula em direção a um inseto espalhado no chão, suas pequenas mãos habilmente o pegam, segurando-o na palma da mão enquanto ele rasteja sobre suas seis patas. Sua lanterna brilha no exoesqueleto, as cores do inseto quase iridescentes com seus ricos verdes e azuis brilhantes.

— Besouro joia, as pessoas costumavam usar a carapaça para fazer bijuterias em cerimônias religiosas. Agora eles são apenas um item de colecionador devido à sua cor. — Ela olha para o lindo inseto, seus olhos brilham com admiração e curiosidade. Ela pega um frasco transparente e o coloca dentro antes de fechar bem a tampa.

— E você? Sua mãe está morta? Seu pai? Irmãos? Você não fala muito sobre si mesma, eu notei. Você não é um conselheiro residente secreto, é? — Ela brinca, sua voz aérea me fazendo sorrir.

Eu nunca tive ninguém me perguntando isso. Durante toda a minha vida ninguém teve a liberdade de me perguntar sobre quem eu era, sobre a minha vida. Eu estava lutando, tentando decidir se queria ser honesta sobre meus pais, sobre o que meu pai fez e em quem ele me transformou. Ou se eu quisesse mentir porque Lyra jamais saberia.

Ela só saberia o que eu digo a ela.

Eu poderia me transformar em qualquer pessoa que eu quisesse.

— Minha mãe ainda mora no Texas e meu pai está na prisão estadual desde que eu tinha treze anos. — Eu respiro, — Cresci no mesmo trailer quebrado desde que nasci e sou filha única. Não há muito a dizer sobre mim, honestamente.

— Seu pai está envolvido em algo ruim? Como matar alguém?

Eu balanço minha cabeça, — Não. Ele era um ladrão de carreira. Furtos, saques, esse tipo de coisa. Um dia ele pensou que poderia roubar um banco. Ele estava errado.

— Você sentiu sua falta?

— Sim, todos os dias. Sei que ser criminoso é ruim, roubar é errado, mas tudo o que ele fez, fez por mim e por minha mãe. Ele estava apenas trabalhando com o que tinha. No entanto, aprendi alguns truques com ele. — Eu digo com um sorriso.

Escolher ser honesta com Lyra não era tão problemático. Eu não queria que a base da nossa amizade fosse construída sobre mentiras. Isso nunca é saudável ou bom para ninguém a longo prazo. Além disso, eu sabia que podia confiar nela para não me julgar por nada que eu dissesse a ela.

— Vou ter que trancar minha Cherry Coke e chocolate amargo para evitar que você roube à noite? — Ela diz com um sorriso combinando.

Eu rio, — Seu esconderijo está seguro, honra dos batedores. — Levanto três dedos e coloco a mão no coração.

Os minutos passam, eu a observando bisbilhotar em busca de criaturas interessantes que a maioria esmagaria debaixo de um chinelo. Até segurei um besouro que ela jurou que não ia me

morder e foi bem legal. Quanto mais tempo fico aqui, menos assustador fica, uma vez que você supera o fato de que os cadáveres estão ao seu redor, não é tão ruim assim.

É como um refúgio isolado e, por causa disso, decidimos torná-lo nosso local de encontro para a Loner Society. Uma ordem secreta de duas pessoas e apenas duas pessoas. Bem, acho que até fazemos mais amigos, se isso acontecer.

Tudo estava indo bem até que o som agudo de alguém gritando penetrou no ar. Ele ricocheteou nas paredes, fazendo meus pés vibrarem e as câmaras do meu coração se contraírem de pânico. Eu pulei involuntariamente, olhando para os degraus de onde vinha o som. Era um pedido de ajuda e a parte mais assustadora era que não estava longe.

Foi por pouco.

Mesmo fora das portas do mausoléu.

Eles dizem que você nunca sabe como seu instinto de luta ou fuga funcionará até que seja acionado. É fácil sentar atrás de uma tela de cinema e gritar para a garota: — Não entre no armário!

Mas não é simples quando você é a garota presa em um cemitério subterrâneo assustador e a única maneira de sair disso é enfrentar o que quer que esteja do lado de fora, fazendo um grito humano indefeso de assassinato sangrento.

— Você- — eu começo.

— Sim. — Lyra termina, balançando a cabeça rapidamente. Seu rosto está tão pálido quanto o meu.

Silenciosamente começamos a desligar as lamparinas a óleo, colocando nossas bolsas nos ombros sem murmurar uma palavra. Ainda não sabemos como vamos sair dessa situação quando nem sabemos o que está lá fora esperando por nós.

Olho para ela, minhas mãos suando enquanto seguro minha lanterna.

— Precisamos ir ver o que há lá em cima, então podemos descobrir uma maneira de fugir, ok? — Eu digo, seu rosto brilhando na minha luz branca.

Ela acena com a cabeça, clicando nela deixando o quarto muito mais escuro.

Eu tomo uma respiração instável, recuando quando ouço outro grito agonizante. Como alguém que está sendo esfaqueado por um animal. Visões dos piores cenários possíveis invadem minha cabeça.

Alguém sendo comido vivo por um urso ou lobo encharcado de sangue. Pior ainda se estiverem sendo torturados por outro humano. Arrastados para a floresta onde ninguém podia ouvi-los gritar por causa das ondas quebrando e do vento constante que uivava.

Engulo a bile na garganta, desligando a lanterna. Não consigo nem ver minha mão na frente do rosto de tão escuro. Sinto Lyra estender a mão e agarrar a parte de trás da minha mochila, agarrando-se a mim com força enquanto começo a tatear o caminho até os degraus.

Minhas mãos tocam a parede imunda, meu pé encontra o primeiro degrau. Meus dentes estão cerrados com tanta força que estão pulsando, tentando tão urgentemente ficar quieta, apavorada que até mesmo a mais leve das respirações dirá à coisa lá fora que estamos aqui embaixo.

Dou cada passo gradativamente, vendo o portão de metal ainda aberto e o reflexo da lua nos iluminando lá fora. Posso ver as árvores balançando violentamente, mais uma vez posso sentir o cheiro do oceano e sei que estamos prestes a ver o que está fazendo aquele barulho.

Quanto mais subimos os degraus, mais eu posso ouvir. Como os ganidos baixos e gemidos abafados. Quando chegamos ao topo, nós duas olhando para fora para testemunhar, a respiração em meus pulmões deixa de existir.

As cordas de pavor dentro de mim estremecem.

Quatro homens altos cercam um corpo a alguns metros de distância. A presença deles é ameaçadora. A do mal e do tormento.

Eu lambo meus lábios, sua secura chegando de repente quando a boca de algodão se instala em minha língua.

— O que eles estão- — Eu coloco uma mão macia, mas firme sobre a boca de Lyra, silenciando-a ao meu lado. Meus olhos se arregalam enquanto balanço a cabeça, colocando minha mão livre sobre meus lábios e fazendo uma careta.

Eles estão todos vestidos de preto, da cabeça aos pés. Seus corpos se misturando à noite, um deles está atrás do homem ajoelhado no chão. A essa distância, posso ver como seu rosto está

aumentado e espancado. Seus olhos estão tão machucados que mal se abrem, sujeira e sangue cobrem suas maçãs do rosto.

O ácido borbulha em meu estômago e eu não quero nada mais do que vomitar agora. Estamos testemunhando um crime. Um que não tenho certeza se eu ou Lyra podemos parar.

Só consigo ouvir murmúrios, nada mais. Apenas os sussurros abafados e os sons de um de seus punhos se conectando a seus ossos. É enlouquecedor como o impacto é poderoso. Eu posso particularmente ouvir sua mandíbula quebrar daqui.

Parecia um jogo de espera.

Corremos para isso? Esperamos até que eles terminem?

Lyra e eu sentamos aqui. Encolhidas dentro do mausoléu, forçando os olhos para observar o horror à nossa frente. Eles o espancaram. Uma e outra vez. Sem piedade, sem simpatia. Apenas raiva e vigor não adulterados.

Este homem, que teria que ser identificado pelos dentes porque seu rosto estava tão irreconhecível, gemeu. Mas ele não implorou por sua vida, ele simplesmente a tirou. Quando eles paravam, possivelmente para fazer uma pergunta, e quando ele não respondia com o que eles queriam, era outro tapa na cara.

A pausa desta vez foi um pouco mais longa, o foco deles completamente nele. Um segundo depois, pude ouvir o silvo das criaturas mais associadas ao diabo. Um deles, o mais baixo do grupo, joga um saco de cobras coloridas e viscosas em cima do cara. Elas murcham e se enrolam em torno de seu corpo, e eu nunca tinha ouvido terror como ouvi naquele momento.

Não foi apenas um grito de medo. Ele ficou horrorizado. Isso traumatizaria esse homem para o resto da vida. A memória das cobras movendo-se ao redor de sua pele, sibilando e mordendo-o. O som escapou de seus pulmões e atravessou a floresta.

Agarrei a mão de Lyra, guiando o caminho pelo portão aberto silenciosamente e à esquerda do mausoléu. Mantendo nossa distância deles, mas ainda seguindo na direção da escola.

Precisávamos obter ajuda. Precisávamos sair de lá antes que fôssemos pegas.

Rastejamos vagorosamente, cada folha que gritava sob nossos sapatos nos fazia parar, prender a respiração para ter certeza de que não tinham ouvido antes de continuarmos em movimento. Foi quase doloroso. Quão fortemente eu estava esticando meu corpo. Como eu estava sendo cuidadoso para não fazer barulho.

Minha mandíbula estava dolorida de tanto apertar e minha cabeça doía por causa de todo o sangue latejando dentro dela.

— Briar, isso é uma faca? — Lyra sussurra nervosamente.

Eu me viro para encarar o perverso grupo de pessoas, embora eu estivesse tentando ignorá-los, esperando que, se o fizesse, a pressão em meu peito diminuísse.

Um deles agarrou o homem pelos cabelos, balançando-o na frente de todos como um cordeiro sacrificado. Seu pescoço estava exposto à luz, seu pomo de Adão coberto de gotas de sangue projetava-se para fora enquanto seguravam sua cabeça para trás. Expondo-o ao grupo.

Prendi a respiração.

Observei em câmera lenta enquanto a figura encapuzada levantava uma lâmina que captou o brilho da lua, brilhando por um momento. Minha respiração pairava no ar, os segundos parecendo passar em horas.

A faca atravessou a traqueia do homem, o espesso líquido carmesim começou a vazar como uma represa que acaba de abrir suas comportas. Em um ato de sobrevivência, ele levou as duas mãos ao pescoço, tentando segurar a pressão, tentando evitar mais perda de sangue, mas não adiantou.

Ele gorgolejou, espumando ainda mais sangue de sua boca enquanto lutava por sua vida. Murchando e jorrando. Os últimos momentos de vida deixando seu corpo.

O sangue encharcou a frente de sua roupa, saindo dele em uma velocidade não natural e simplesmente não havia como parar.

Minha mão levantada para a minha boca, os dedos tremendo contra a minha pele enquanto lágrimas escaldantes se acumulavam em meus olhos. Eles caíram por conta própria e eu não tinha intenção de detê-los. O medo me envolveu. Ao contrário de uma sombra que apenas segue, o medo infestou meu corpo. Uma infecção que se espalhou em milissegundos. Foi consumindo cada fibra, cada pensamento, cada pedaço fugaz de esperança até que não houvesse mais nada entre mim e a mortalha.

Apenas escuridão.

Algo mais dentro de mim se acendeu. Quando perguntado sobre esse momento daqui a alguns anos, horas talvez, eu não saberia o que dizer. Porque eu não estava em meu próprio corpo.

Minha humanidade cortou todos os laços com minha alma. Não senti nenhum remorso. Nenhuma tristeza. Sem dor. Como se meu cérebro tivesse comandado meu corpo para parar de sentir completamente. Seu único propósito agora era me tirar dessa com vida.

Preparando-me para me mover, agarrei o braço de Lyra, puxando-a em direção ao campus, apenas para encontrar sua resistência.

— E... e, ele está... morto. — Ela murmura: — Realmente, morto. Como realmente, realmente... — Seus olhos estão vidrados. Possuída por algo que a está prendendo no lugar, algo que a está fazendo assistir. Se eu não estivesse lá, teria medo de que ela ficasse aqui, vigiando-os até que fossem embora.

— Morto, Lyra. Eu sei. Agora vamos, precisamos sair daqui, por favor. — Eu imploro empurrando seu braço.

O tremor na minha voz deve acordá-la, finalmente desviando o olhar da cena e de volta para mim. Ela acena com a cabeça ao ver meu rosto e nós duas começamos a pegar o ritmo em nossa saída.

Deixei Lyra ir na minha frente porque ela conhece o caminho melhor do que eu, mas sem lanternas é um jogo de adivinhação.

Você vê apenas flashes da luz da lua entre as árvores, irregulares e insuficientes para iluminar o chão à sua frente. O que torna a navegação por uma floresta muito mais difícil.

Acho que estamos avançando. Acho que podemos sair ilesas disso, mas meu cadarço fica preso em alguma coisa, o puxão

abrupto na minha perna me faz cair no chão com um baque forte e um grito leve que não consigo controlar.

Meu corpo atinge o chão molhado, minhas palmas ardem com o impacto e eu sabia que me cortaria com a dor lancinante que senti. Mas a dor parecia trivial. Uma reflexão tardia honestamente.

Porque quando meus olhos olham para Lyra, ela não está olhando para mim. Ela estava olhando além de mim para o grupo de pessoas que tinha acabado de assassinar alguém a sangue frio.

Sua boca estava ligeiramente aberta e seus olhos brilhantes com lágrimas. Ela estava com medo.

E quando minha cabeça se virou para olhar para trás, eu entendi o porquê.

Como um bando de lobos famintos que acabaram de comer carne fresca, todas as quatro de suas cabeças estavam viradas em nossa direção. Cada um estava preso a nós. Seus capuzes ainda estavam erguidos e não consegui distinguir seus rostos no escuro, mas sabia que estavam olhando para nós. Em mim.

Uma onda de adrenalina percorreu minhas veias, meu peito apertou e uma forte onda de tontura me atingiu. Eu tinha certeza que desta vez eu estava tendo uma experiência fora do corpo.

Tudo parecia a necessidade de trabalhar em overdrive e eu sabia, este era o meu corpo desencadeando minha luta ou fuga. E quando se trata de qual deles é selecionado, achei melhor não discutir.

Eu me virei para minha amiga, que ainda não estava me observando,

— Lyra, — eu disse calmamente, — Corra.

ONZE



VEM JOGAR?

Alistair

Tudo estava indo de acordo com o planejado. Tudo estava indo fodidamente perfeito e eu deveria estar preparado para isso ir para a merda.

Silas e Thatcher pegaram Chris no estacionamento depois que ele saiu tarde, o sol se pôs e o clorofórmio funcionou como um encanto. Ele ficou inconsciente em segundos.

Eles me encontraram aqui a quilômetros de distância da escola, Thatcher cuidando de seu corpo por cima do ombro. Depois que Silas vasculhou seu telefone, não encontrando nada de útil além do histórico de pesquisa de pornografia de anime de Chris, jogamos o telefone no carro, para que não fosse rastreado até nós. Enquanto Rook jogou seu carro na lateral da Devils Highway, uma queda de trinta metros no Oceano Pacífico. Eles não o encontrariam por meses e, nessa época, nunca seriam capazes de encontrar seu corpo.

Quando todos nos encontramos aqui na floresta e Chris acordou, tudo depois disso também foi planejado.

Bem, demorou um ou dois minutos para ele falar, depois que ele terminou de gritar e eu bati nele literalmente. Ele ainda não entendeu a porra da dica. Não estávamos aceitando não como resposta.

— Apenas nos diga como seu produto acabou injetado na lateral do pescoço de uma garota morta, Chris. Você nos diz isso e tudo isso desaparece. — Eu cuspi na cara dele, enquanto ele se ajoelhava no chão na minha frente.

Ele tinha um daqueles rostos elegantes, onde seu nariz era muito fino e seus olhos arregalados. Eu conhecia Chris, antes deste momento e antes de começar em Hollow Heights. Eu o conhecia antes de começar a frequentar aulas que não estava fazendo, só para vê-lo ser um professor assistente de merda. Folheando em seu telefone jogando Candy Crush.

Ele tinha sido amigo de Dorian no colégio. Eles corriam nos mesmos círculos, ambos estavam na equipe de natação e Chris sempre foi um babaca. Existem apenas algumas pessoas que aderem como cola.

— Vá se foder, Caldwell. Isso não vai acabar, meu pai vai ouvir sobre isso! — Ele reclama, cabelo loiro tingido coberto de lama nojenta, suas palavras saindo gaguejando por causa do lábio arrebentado.

Eu agarro a gola de sua camisa com ambas as mãos, apertando o material com força enquanto o levanto em direção ao meu rosto.

— Você acha que eu estou com medo da porra do seu pai? A única pessoa que deveria estar com medo agora é você. Especialmente se você não me disser o que sabe. — Eu repito.

Havia um sentimento no ar. Uma espécie de zumbido. Ele zuniu e deslizou pelo meu corpo como uma corrente elétrica, porque eu sabia que não importa o que acontecesse esta noite, Chris Crawford não sairia vivo desta floresta.

Uma sensação de encontrar a verdade sobre Rose. De vingar uma alma que nunca mereceu o que teve. Meu aperto parece aumentar em sua camisa, mandíbula contraindo com impaciência.

Não fiquei surpreso, só não achei que ele tivesse coragem de fazer algo como cuspir na minha cara. Mas com certeza, ele recuou e cuspiu bem no lado da minha bochecha. A saliva quente misturada com sangue foi meu ponto de ruptura.

Ele gargalhou quando eu virei meu rosto dele, deixando-o cair no chão com um baque. Os demônios que vivem dentro da minha cabeça se enfureceram. Cansei de fazer minha parte. A verdade era que eu era o menos perigoso de nós. Eu sempre soube disso.

— Eu não posso te dizer o quanto você vai se arrepender disso.
— Thatcher diz atrás de mim.

Eu vivi para a dor. Para assistir as pessoas desmoronar sob meus pés e sucumbir à agonia que eu justifiquei. Se eu nunca mais comesse, mas pudesse continuar infligindo danos aos outros e me alimentando apenas da energia que vem de seu sofrimento, prometo que o faria.

Mas algo que conectava nós quatro. Algo que todos nós gostávamos era o medo das pessoas. Nunca quisemos ser reis populares ou do baile. Queríamos assustar a todos. De modo que, quando entramos na sala, eles ficaram com medo de olhar para cima. Com medo de que o contato visual fosse a gota d'água antes de fazermos algo horrível.

Fiz questão de saber as coisas que assustavam alguém. O que fazia o coração bater forte e as palmas das mãos suarem.

Embora eu soubesse que Chris nadava e gostava de drogar garotas em festas no colégio apenas para que ele pudesse transar, eu também sabia algo muito importante sobre ele que iria me ajudar a conseguir o que eu queria dele agora.

Chris tinha um medo mortal de cobras.

Ele estava na propriedade em um verão, brincando no quintal com meu irmão, quando uma simples e inofensiva cobra de jardim passou por eles. Dorian riu disso por dias, como Chris gritou como uma garota correndo para dentro de casa sem pensar duas vezes.

Eu apreciei essa memória. Aquele dom que me foi dado em uma idade tão jovem. Para lembrar o que realmente assustava as pessoas. Não apenas superficialmente, mas por baixo de tudo. O que fez sua pele arrepiar e os levou a ter terrores noturnos.

E então eu iria explorá-lo. Porque ansiava pelo poder que isso me dava.

Todos nós fizemos.

O único poder real na vida é o medo.

O dinheiro pode ser retirado. Os títulos podem ser removidos. Mas uma vez que você constrói uma reputação como nós, a inclinação que sobe pela espinha de todos quando entramos em uma sala não pode ser eliminada.

Eu levantei a barra da minha camisa, limpando meu rosto com força. O cuspe saindo com facilidade.

— Você os trouxe? — Eu pergunto a Rook.

Ele levanta o saco marrom, sacudindo-o um pouco, o peso parecia pesado. — Claro que sim. Este não é o meu primeiro rodeio. Você está se esquecendo do nosso baile de formatura?

O baile que nunca fomos. Bem, não tecnicamente.

No entanto, liberamos quatro jiboias totalmente crescidas dentro do prédio em que estavam sendo mantidas. Elas não morderam ninguém, mas foi divertido sentar no topo do telhado observando os alunos e professores saírem para o estacionamento. Seus gritos ecoando por dentro.

Um dos muitos truques que fizemos.

Rook caminha em direção a Chris, a bolsa em uma das mãos. Por um momento, há alívio nos olhos de Chris, grato por ter parado de vencê-lo. Meus dedos do pé se enrolam pensando em como em apenas alguns segundos, ele estará implorando para eu chutá-lo se pararmos o que está acontecendo. Rook foi atrás de Chris e disse: — A morte por picada de cobra não é o caminho certo, Chris. — Ele diz, antes de virar cuidadosamente a sacola de cabeça para baixo e despejar todo o conteúdo sobre o homem ajoelhado à sua frente.

As cobras pretas, vermelhas e amarelas caíram sobre seu corpo. Cobrindo os ombros e o colo. Demorou menos de um milissegundo antes que ele percebesse o que estava acontecendo. Registrando que seu pior medo havia se tornado realidade.

— Como é essa música, Thatcher? Vermelho e amarelo podem matar um sujeito? — Rook diz enquanto se agacha atrás dele, dizendo alto o suficiente para que ele ouça sobre a histeria.

Os gritos ficaram tão altos depois disso que ele não seria capaz de nos ouvir atormentá-lo. Tão agudo que eu tinha certeza que ele quebrou a barreira do som. Eu nem tinha certeza se havia capacidade suficiente nos pulmões humanos para emitir gritos como aquele.

Ele atirou os braços descontroladamente, jogando as criaturas tolas em várias direções, seus corpos furtivos girando ao vento. Duvido que ele soubesse que, se tivesse ficado quieto, elas não teriam se importado com a vida e o deixado em paz.

Mas as cobras corais mordem quando ameaçadas e ser pendurada parece bastante ameaçador quando você é uma cobra. O primeiro golpe atingiu seu pescoço, a pequena boca da serpente se abrindo para liberar a segunda neurotoxina mais venenosa do mundo. Outra golpeou sua mão. Com duas mordidas, ele teria menos de três horas antes de todo o seu sistema respiratório desligar.

— Diga-nos o que queremos saber Chris. Você pode sair dessa.
— Eu ofereço a ele: — O processo antes da morte por uma neurotoxina é doloroso. Suores, vômitos, dores excruciantes. Eu posso fazer isso desaparecer. — Eu continuo, caminhando em

direção ao seu corpo branco, tão curioso para saber por que ele está tão determinado a ficar quieto. O que será que ele estava escondendo?

Os gritos foram abafados, os soluços tomaram seu lugar. Seu corpo tremia pela pura força de suas lágrimas. Ele estava olhando para mim, rosto pálido e olhos leitosos. Desesperado, quebrado, a vontade dentro dele quebrou sob o meu peso.

— Recebi uma mensagem! Recebi uma mensagem de texto do meu cara! — Ele lamenta, tremendo — Por favor, tire-as! Tire-as e eu lhe direi! — Ele engasgou com as lágrimas, a umidade deixou escorrer por seu rosto, abrindo caminho no sangue que se tornou uma consistência de tinta.

Rook vem em seu socorro, tanto quanto pode após picadas de cobra. Usando o pé, ele as afasta de seu corpo trêmulo. Pegando algumas delas com as próprias mãos e colocando-as a vários metros de distância. Segurando uma na mão, brincando com ela.

— Você vai largar essa merda antes de ser mordido. — É frio.

Ele revira os olhos, abaixando: — Sim, capitão idiota.

Meus olhos voltam para Chris, observando-o ficar de joelhos. Todo o conteúdo de seu estômago se esvaziou no chão. Eu não tinha certeza se era dos nervos ou das mordidas. De qualquer maneira, achei difícil sentir pena dele.

Eu me perguntei se era assim que Rose se sentia. Se foi ele quem acabou com a vida dela, se ela se sentiu assustada assim. Se ela implorasse, se ela chorasse por Silas. Minhas narinas

dilatam, minha bota pressionando o lado de Chris, chutando-o de costas.

— Fale.

— Eu não faço as drogas. — Ele tosse, — Eu não... eu só pego e coloco onde precisa ir. Quando comecei a trabalhar lá, recebi uma mensagem de um número aleatório. Achei besteira, mas sempre tinha dinheiro na minha conta depois das quedas. Este trabalho de TA não paga merda nenhuma e é um dinheiro extra. — Ele respira, limpando a boca com as costas da mão.

— Recebi uma mensagem do meu cara, não sei quem ele é, só sei que ele me diz onde pegar as drogas e para onde estão indo. Ele me disse que tinha algo que precisava que eu cuidasse, eu apenas pensei - pensei que era outra corrida de drogas ou algo assim. Disse que pagaria meus dois mil e quinhentos por ele.

Tudo nesta cidade se resume a dinheiro. Tudo. Este lugar inteiro tinha vendido sua alma ao diabo por malditas moedas e dez centavos.

— Prossiga. — Eu empurro.

Ele leva a mão ao pescoço, onde a mordida está inchada e vermelha, estremecendo: — Eu apareci no endereço e havia um carro estacionado. Ele me disse para verificar o porta-malas e foi quando a encontrei. Ela já estava morta! — Ele diz em pânico.

— Eu disse a ele que estava fora. Eu não podia fazer isso, mas tudo o que ele precisava era que eu plantasse o corpo dela, fazendo com que parecesse uma overdose accidental. Era dinheiro fácil,

cara! Então eu... eu só, eu... eu a deixei naquela armadilha porque sabia que era lá que as crianças ainda festejavam.

A explicação dele só me deixa com mais raiva, não acalma nem ajuda. Isso só piora as coisas.

— Então devemos apenas acreditar que você não a matou? Devemos apenas acreditar na sua palavra, Chris? — Thatcher acusa.

Chris levanta a mão em defesa: — Eu juro! Juro! Isso é tudo que eu sei! Não sei quem a matou, — ele chora, como um bebê recém-nascido, — O cara que me manda mensagem é professor, está fazendo a droga, criando nos laboratórios da escola. Eu acho que é ele, ele fez isso! Eu não sei, por favor, cara, só não me deixe morrer! — E ele lentamente se transforma em outra bagunça chorosa, a dor começando a se instalar. Ele rolou em uma bola, embalando a si mesmo.

Eu corro minhas mãos pelo meu rosto. Estou tão fodidamente cansado de correr em círculos. Mais becos sem saída. Mais gente que não sabe de nada. Eu bato meu punho na casca da árvore mais próxima, lascando a primeira camada e pela sensação disso, cortando meus dedos bem abertos.

— Deus, caramba! — Eu grito para o céu.

E se eu pensei que estava com raiva. Se eu achava que minha raiva era inextinguível naquele momento, não conseguia imaginar o que Silas estava sentindo ao surgir das sombras.

Ele não dá chance a Chris de defender seu caso, ele se enterrou no momento em que admitiu ter colocado as mãos no cadáver de

sua namorada. Não havia como impedi-lo de andar atrás de Chris, agarrando seu cabelo e puxando-o até os joelhos.

Eu não pude argumentar quando vi o corte cego cortando direto a carne do pescoço de Chris. O líquido espesso saindo da ferida, derramando-se no chão.

Houve um momento de silêncio, nossa respiração pesada e o som do corpo de Chris jorrando por ajuda que ele não receberia de nenhum de nós antes de morrer.

Levamos um segundo para aceitar o fato de Silas ter acabado de matar alguém. Pela primeira vez ele acabou com a vida de um ser humano e isso deveria ter me atingido mais forte do que aconteceu. Algo dentro de mim deveria ter mudado se eu fosse uma pessoa normal. Mas eu não mudei. Parecia um dia normal.

E a partir desse momento, é quando tudo é uma merda absoluta.

eu ouvi.

O som de um galho quebrando, que poderia ser um animal, mas então ouvi uma garota gritando. Ele ecoou ao nosso redor, mas eu poderia dizer que estava perto. Muito perto.

Eu balancei minha cabeça em direção ao som, apenas vendo árvores, até que a lua me deu um vislumbre perfeito de onde aquele grito tinha vindo.

Não um animal, mas muito assustado, Briar Lowell deitou no chão da floresta. Uma amiga dela, parada atrás dela olhando para nós com o queixo no chão.

Fiz contato visual com Briar. Eu vi o interruptor dentro de seu cérebro mudar para o instinto sobre as reações humanas normais. Ela estava prestes a disparar.

Uma mistura de emoções inundou meu corpo. Uma era a irritação. Por que diabos ela estava no meio dessa floresta? Ela estava nos seguindo? Irritação porque agora eu tinha outro problema que precisaria resolver. Irritação por ela ser a razão de sermos indiciados por homicídio.

Ela acabou de passar de uma praga irritante, que parecia boa sob meus dedos. Ao inimigo público número um.

No entanto, a outra emoção era crua.

Foi o golpe de pederneira dentro da parte carnal de mim.

Como uma zebra ferida, ela não tinha nada além de medo e sobrevivência em seus olhos. Eles acabaram de testemunhar tudo o que fizemos com Chris. Elas tinham acabado de ver do que éramos capazes e duvido muito que planejassem manter a boca fechada sobre isso.

Como na noite da festa, ela sabia o que eu faria a seguir.

Ela sabia que eu era o caçador e ela minha presa, ainda mais agora.

Seleção natural no seu melhor.

Uma corrida para ver quem quer mais. Elas querem viver e nós não vamos ser pegas.

Predador contra presa.

E eu nunca perco.

— A loira é minha. — digo com arrogância.

Rook uiva na noite de tanto rir, a gargalhada sinistra ricocheteando nas árvores. Aquele que não leva nada a sério e está apenas animado para fazer parte da perseguição. Thatcher já começou a correr atrás deles e Silas tomou a decisão executiva de esperar com o corpo de Chris até resolvermos esse problema.

Meus pés me carregam por entre as árvores sinuosas, a chuva caindo em pequenas gotas escorrendo pelas costas da minha camisa. Botas trovejando sob meus pés, pressionando a terra para me empurrar para frente. Eu posso ver mechas de seu cabelo cor de mel selvagem, chicoteando atrás dela violentamente enquanto ela balança os braços, desejando que seu corpo a leve para longe de mim.

Eu tinha entrado no modo de instinto. A queimação em meu peito por curtos períodos de oxigênio foi ignorada. Eu não estava pensando no que aconteceria depois disso. A adrenalina que cobre minhas entranhas só me permite focar em uma coisa.

Pegando ela.

Meus reflexos ajudam mais do que nunca neste momento enquanto me esquivo de árvores, galhos caídos e pedras que se projetam do chão. Observo as pernas de Briar impulsioná-la para frente, esticando seu jeans apertado. Seu botão xadrez vermelho e preto balançando ao vento.

Minha Chapeuzinho Vermelho fugindo do lobo mau.

Nossa história é inevitável.

Eu a pego.

Eu me banqueteio.

Seu pé esquerdo a arruína. Ele pega uma raiz crescida demais, fazendo-a tropeçar apenas o suficiente para que eu consiga alcançá-la.

Estou atrás dela, ela pode me sentir atrás dela agora, toda a fé de fugir está lentamente deixando seu corpo e a desesperança logo começará a se instalar dentro dela.

Dando um salto para a frente, estendo meu braço para frente, enganchando-o em torno de sua cintura e puxando-a para o meu corpo enquanto avançamos. Meu corpo se torce instintivamente para que minhas costas caiam.

Caímos no chão, rolando até parar. Ela empurra-se para fora dos meus braços, rastejando em suas mãos e joelhos para ficar longe de mim. Eu agarro seu tornozelo, puxando-a de volta para mim.

Rapidamente manobrando meu corpo para sentar em cima dela. Prendendo sua cintura com a minha. Ambos os meus joelhos plantados firmemente em cada lado de seu corpo. Seus braços e pernas chutam, ela arranha, faz tudo o que pode para me derrubar, mas é inútil.

Um grito começa a sair de seu peito, assim que eu bato minha mão sobre sua boca, minha palma pressionando em seus lábios. Minha mão livre se juntando as mãos dela e segurando-as sobre sua cabeça.

Estamos a apenas vinte metros do campus, o que significa que temos que lidar com isso com delicadeza. Não posso permitir que os gritos dela acordem a escola inteira.

— Aqui eu estava pensando que você era inteligente, — eu respiro, meu peito arfando com a perseguição, um sorriso surge em meu rosto, — Você deveria saber o que acontece quando você corre. Isso só me faz querer perseguí-la mais.

Seu joelho bate na minha bunda, uma triste tentativa de me empurrar para fora de seu corpo. Elogiei o esforço, por mais triste que fosse. Posso admirar alguém que luta em vez de implorar por ajuda. O tipo de pessoa que era seu próprio salvador.

Ela grita na palma da minha mão, tudo abafado. Não vai demorar muito para ela aceitar o fato de que gritar não vai adiantar nada.

Eu empurro seu corpo para cima do chão, empurrando seu corpo na frente do meu, suas mãos em meu aperto atrás das costas, minha outra ainda mantendo sua boca fechada.

Rook aparece da floresta, sua amiga em uma posição semelhante em seus braços. Ele está respirando pesadamente, seu cabelo comprido desgrenhado e balançando. Ela também deve ter lutado muito.

— Bem, parece que temos um pequeno problema. — Thatcher diz sarcasticamente, ajustando seu casaco e limpando a garganta. Colocando as mãos nos quadris enquanto respira fundo.

— Pequeno? Elas apenas nos assistiram matar alguém. Então, o que diabos vamos fazer com elas? — Rook respira, o leve pânico em sua voz me irrita.

Eu vou cuidar disso. Eu sempre cuido disso.

— Quero dizer, temos opções. — Thatcher diz, olhando para Briar: — Parece que você pegou quem queria, Ali. — Seus olhos se moveram para a amiga de Briar.

Eu a tinha visto antes, brevemente, talvez duas vezes em toda a minha vida, mas eu sabia que ela morava por aqui. Eu só não tinha certeza de quem ela era exatamente.

Thatcher a observa e ela retribui o favor. Seus olhos grudaram um no outro, em algum estranho ritual satânico de acasalamento.

— Não podemos matá-las, Thatch.

Meu amigo loiro, aquele com mais problemas do que vigarista, sorriu no escuro. A lua refletindo nele, nos cegando.

— Quem disse? — Ele levanta a sobrancelha, ainda olhando para a pequena garota de cabelos escuros. O flash de seu canivete aparece e Briar enrijece em meus braços. Reta como uma tábua. O cabelo em seus braços se arrepiou.

Ela era pequena, comparada com a coisa esguia em meus braços. Tê-la pressionada contra mim me mostrou que ela era alta para uma garota. Também notei, através de minhas respirações profundas, que ela tinha um cheiro floral.

Suave, exótico, doce.

Briar estremece em meus braços, opondo-se à declaração de Thatcher. Eu não tinha certeza se ela estava lutando por si mesma

nisso, ou se ela estava lutando por sua amiga que se tornou um fascínio para meu parceiro psicopata.

— Calma, garota. — Eu murmuro em seu cabelo. Minha voz contém um sorriso malicioso, mas digo como se você falasse com um cavalo assustado.

— Diga-me, Thatcher. Nós as matamos e não somos melhores do que a escória que perseguimos. — Rook discute comigo.

— Legal, Rook. Isso é o que você nunca vai entender. Eu não sou melhor do que eles. — diz Thatcher.

— Vocês dois podem calar a boca para que eu possa pensar. — Eu gritei.

Por mais fácil que fosse matá-las agora, não era a melhor ideia. Elas, infelizmente, não tinham feito nada, ainda. Então matá-las seria massacrar pessoas inocentes e não era disso que eu gostava.

No entanto, matá-las garantiria que eu e os meninos estaríamos protegidos. Eu faria qualquer coisa para garantir que nada acontecesse com eles, mesmo que isso significasse ferir alguém inocente.

Droga.

— Não vamos matá-las. Porque elas vão ficar quietas, não é, Briar?

Ela estremece em meus braços, como se um calafrio tivesse acabado de atingí-la, isso mesmo querida, eu sei tudo sobre sua bunda doce.

Eu aperto minhas mãos com mais força, inclinando minha cabeça para baixo em seu ombro, minha respiração passando por sua orelha,

— E se você não fizer isso, sabe o que vou fazer com você? Quer saber o que farei com sua amiga? O que vou deixar que ele faça com sua amiga? — Eu aceno para Thatcher.

Há um pequeno gemido que sai de seus lábios, um que eu duvido que ela pretendia deixar escapar. Eu cerro meus dentes, meu pau se contraindo em meu jeans pressionado contra sua bunda.

— Mostre-me como você está com medo. — Eu rosno em seu ouvido, o som da minha voz fazendo-a tremer.

Me dê, quero sussurrar. Deixe-me alimentá-lo. Quero vê-la de joelhos, olhando para mim com aqueles olhos de caleidoscópio dispostos a fazer o que eu quiser. Eu estava tão empolgado naquele momento.

Eu queria sob sua pele. Em cima do corpo dela. Entre as pernas dela. Festejando, conquistando, mostrando a ela o quão duro ela poderia gozar quando ela estava tremendo de prazer e medo.

Não íamos matá-las. Isso é muito fácil. Não é divertido.

Íamos fazer o que fazemos de melhor.

Assustar as pessoas.

E secretamente, eu não tinha medo de que elas delatassem. O que uma zé-ninguém do Texas e sua amiga iria dizer que alguém realmente acreditaria?

— Porra! — Eu ouço Rook gritar, suas mãos em concha em seu rosto enquanto sua cativa sai em direção ao terreno da escola. Estou muito distraído com Rook para antecipar Briar cravando seus dentes na pele da palma da minha mão e empurrando um cotovelo forte em meu estômago, fazendo-me soltá-la.

As duas garotas fogem para o campus, deixando a poeira em seus rastros.

Rook e Thatcher vão atrás delas, mas eu os impeço.

— Não.

— Mas e se elas-

— Eu tenho um plano. — É tudo o que digo e para eles é o suficiente.

Eles confiam em mim. Eles sabem que tudo o que faço é para eles.

DOZE



DEDOS GANHAM PONTOS

Brian

Eu me sinto doente.

Fisicamente, mentalmente, espiritualmente, todos os aliados possíveis no corpo humano.

Nos últimos dois dias, estive cheia de ansiedade.

Constantemente olhando por cima do ombro esperando ver um policial ou pior, um deles. A comida mal tinha gosto e, pior ainda, eu mal conseguia engolir alguma coisa.

Toda vez que algo batia no fundo do meu estômago, eu pensava no sangue. Pensei nas cobras e nos gritos, mandando tudo o que engoli de volta pela minha garganta.

Minhas entranhas estavam queimando, refluxo ácido e a necessidade de contar a alguém. Qualquer um. Guardar esse segredo que eu não devia manter estava me matando por dentro. Comendo-me.

Minhas noites eram assombradas por cadáveres, morte e cadáveres em decomposição, revirando-se até que o sol opaco se lançasse no dormitório.

Pesadelos de como meu coração quase explodiu no meu peito. Como meus pés doíam de tanto correr e ainda não era o suficiente para me manter longe de suas garras. Eu vi seus olhos em meu sono, eu os vi quando ele estava em cima de mim, perscrutando minha alma.

Tão escuro. Mal. Alimentado por tanto ódio.

Isso me fez pular da cama, coberto de suor. Sua voz soando em meus ouvidos,

— *Mostre-me como você está com medo.*

A maneira como suas mãos seguravam meus pulsos, seus dedos cavando em minha pele. Sua palma sobre minha boca, a forma como seu cheiro me agrediu de uma forma que me fez doer. Eu ainda podia sentir seu corpo áspero e duro empurrado contra o meu.

Ele se sentia perigoso. Como segurar um raio. Tudo nele me fazia sentir insegura e vulnerável. Eu estava à sua mercê. Ele poderia ter feito qualquer coisa que quisesse comigo, e eu odiava isso.

Eu o odiava pelo poder que ele tinha sobre mim.

Mas o que mais me assustou, mais do que seus amigos psicopatas, mais do que suas mãos assassinas, foi como, embora eu temesse pela minha vida, isso me excitou.

Naquele momento eu me senti viva. Cada célula dentro de mim reverberava com vitalidade. Eu poderia ter pulado de um penhasco sem medo, roubado um banco. Eu me senti sobre-humana com toda a adrenalina que passou por mim.

Meu corpo ainda estava segurando a atração que senti por ele na noite da festa. Minha mente sabia como era tortuoso ser atraída por um cara como ele, meu cérebro entendia as consequências. A destruição que ele faria.

Mas meu corpo.

Meu corpo adorava o fluxo de eletricidade. As endorfinas.

Arriscar minha vida, minha liberdade, era algo que eu fazia desde que aprendi a roubar. Era uma droga que eu tinha parado antes de vir para cá, uma que eu estava determinado a não voltar a usar.

E as mãos de Alistair Caldwell pareciam o pior tipo de recaída.

Eu o odiava mais por isso.

Pensar nele me fez enfiar a mão no bolso do moletom, deslizando meu dedo pelo anel volumoso que outrora adornava a mão do rei dos meus pesadelos. Eu podia sentir as peças ocas de suas iniciais esculpidas, traçando-as repetidamente.

Eu roubei para o caso de eles nos matarem. Assim a polícia saberia quem procurar. Se eu fosse cair, não cairia sozinha.

Nos últimos dois dias, estive esperando que o outro sapato caísse. Vê-lo entrar na minha aula de matemática, vir direto na minha direção e me sufocar com as próprias mãos. Terminando o trabalho que havia começado na floresta.

Eu não tinha visto nenhum deles e nem Lyra.

Os rangidos e gemidos silenciosos da biblioteca quase antiga me fazem estremecer. Eu rapidamente viro minha cabeça por cima do ombro, certificando-me de que não há nada ou ninguém atrás de mim.

Fazendo meus olhos se esforçarem para procurar entre as fileiras e fileiras de estantes mal iluminadas, quase esperando que ele estivesse à espreita nas sombras. No entanto, não havia ninguém importante, apenas outros alunos em busca de material.

Eu me viro no meu assento, puxando meu pé para cima na cadeira e colocando-o embaixo de mim. Meus fones de ouvido em meus ouvidos enquanto volto meu olhar para os artigos de jornal plastificado.

O departamento de genealogia dentro da biblioteca da escola era muito mais extenso do que eu pensava. Eu li o que pareciam ser centenas de artigos sobre a história deste lugar e a cidade em que ele se encontra.

Principalmente, eu procurei por qualquer coisa com os sobrenomes, Caldwell, Van Doren, Hawthorne e Pierson. Tudo isso parecia um elaborado jogo de xadrez, e eu estava perdendo terrivelmente porque não conhecia meu oponente direito.

Pelo que eu li, eles eram descendentes dos fundadores originais da cidade. Suas famílias estavam entrelaçadas desde 1600. O que significava dinheiro antigo e segredos ainda mais antigos. Embora não houvesse basicamente nada pertencente a eles, havia uma série de relatórios envolvendo suas famílias.

O pai de Silas foi um dos proprietários de tecnologia mais bem-sucedidos do mundo. Ele havia criado um sistema que protegia grandes corporações de ataques cibernéticos. Parecia que qualquer empresa que ganhasse dinheiro havia investido na Hawthorn Inc. Ele também tinha dois irmãos mais novos, ambos no ensino médio e bastante inteligentes, ganhando prêmios a torto e a direito.

A família de Rook estava repleta de advogados e juizes. As pessoas encarregadas de equilibrar a balança do certo e do errado. Como eles poderiam ter entendido tão errado com esta geração? Não havia muito sobre a mãe dele, e eu nem tinha certeza se ela estava por perto.

Os Piersons, sem falta de palavra melhor, eram prostitutas de atenção. Não havia muito sobre Thatcher, o que não me surpreendeu, mas seus avós multimilionários estavam por toda parte. Eles construíram um império imobiliário depois de deixar o negócio agrícola nos anos cinquenta. Mas o maior escândalo em torno dessa família foi o pai de Thatcher, que atualmente estava no corredor da morte depois de matar treze mulheres em quatro anos.

Aqui estava eu, pensando que minha família estava ferrada. Eu era a garota-propaganda da felicidade em comparação com algumas dessas pessoas. Quero dizer, imagine crescer como filho de um assassino em série, você não pode deixar de se perguntar o que isso faz com uma criança.

Você não pode deixar de entender como ele ficou do jeito que está agora.

Também me fez questionar, é a natureza? Ou nutri? Existe algo biologicamente codificado no cérebro de Thatcher? Ou as tendências sociopatas só surgiram depois que o mundo lhe disse que ele era um monstro?

Embora as outras famílias tivessem vários recursos, os Caldwells levaram o bolo da maioria dos artigos publicados em Ponderosa Springs.

Páginas e páginas de sua história. Como eles vieram do nada e construíram um legado. A migração original para a área foi pela liberdade religiosa e a partir disso eles criaram uma das cidades mais ricas do mundo. Mais do que isso, descobri que Alistair tinha um irmão mais velho chamado Dorian e ele parecia amar os holofotes.

Nadador de renome, orador da turma no ensino médio e em Hollow Heights, ele ganhou quase todos os prêmios que você possa imaginar. Eu quase engasguei com o quão parecidos eles são. Quase como gêmeos, embora Dorian fosse mais velho. A principal diferença era que Dorian era alegre, um sorriso brilhante iluminando suas feições para que seus cabelos e olhos escuros não parecessem tão escuros.

Ele agora estava morando em Boston, fazendo parte de um dos melhores programas de residência dos Estados Unidos e logo seria um cirurgião de acordo com este artigo mais recente.

Não pude deixar de olhar para a foto na primeira página de um artigo anterior sobre laços familiares, o Sr. e a Sra. Caldwell ficaram orgulhosos atrás de Dorian, cada um com uma mão em seu ombro enquanto ele se sentava em uma cadeira na frente

deles. O tempo todo, Alistair foi empurrado para o lado, sem calor, sem atenção, nada foi dado a ele.

Ele era um estranho em todos os lugares. Incluindo em torno de sua família.

— Ei, você está pronta para ir?

Eu pulo, colocando minha mão no meu coração, a rápida mudança de velocidade me fazendo querer desmaiar. Eu estava tão nervosa, inquieta, que tudo me fazia estremecer.

— Desculpe, eu não queria assustar você. — Lyra sorri suavemente, sua mão ainda descansando em meu ombro.

Eu rapidamente reúno a pesquisa que eu estava mergulhando, organizando-a em uma pilha organizada, antes de concordar.

— Sim, vamos voltar antes de escurecer. — eu digo.

Normalmente eu não me importaria de andar pelo campus à noite. Mas normalmente não estou preocupada com quatro idiotas assassinos com rancor contra mim também.

Juntos, saímos da biblioteca. Instantaneamente eu puxo minha roupa em torno de mim mais apertada para evitar que a brisa fresca passe.

— Eu sei que você não quer falar sobre isso, mas acho que precisamos. Precisamos descobrir um plano, para quem vamos contar. — Minha voz interrompe o silêncio vazio de nossa caminhada.

Para quem passava, éramos apenas duas meninas conversando sobre a vida.

Eu queria contar a alguém imediatamente após chegar à segurança. Eu ainda queria contar para alguém. Senti que agora seria o momento perfeito.

A única razão pela qual não o fiz foi porque Lyra foi inflexível sobre o quão horrível era a ideia.

Ela estava genuinamente tão apavorada com eles que até a ideia de eles descobrirem que dissemos que qualquer coisa a levaria a um colapso.

— Isso de novo não. Achei que tínhamos concordado em não falar sobre isso. — Ela geme.

— Não não. Você concordou. Eu nunca disse isso. É nossa responsabilidade contar a alguém. E a família desse homem? Você não acha que eles merecem saber?

Incomodava-me pensar que havia alguém desaparecido. Alguém com uma família sente falta dele e ainda não informamos ninguém.

— Você não entende, Briar. — Lyra me diz novamente enquanto caminhamos pelo terreno em direção ao nosso dormitório. Minha jaqueta fina está fazendo um trabalho de merda mantendo o vento frio da minha pele. O verão já se foi e o outono chegou rapidamente.

— Eu sei que eles têm dinheiro, mas isso não os protege de tudo. — Eu discuto pela centésima vez. — Este não é um filme de Tarantino. As pessoas não se safam com esse tipo de coisa se você contar a alguém.

— Eles fazem se você tiver o sobrenome certo, olhe, — ela respira, olhando em volta rapidamente como se para ter certeza de que eles não estão lá. — Eles são filhos de famílias fundadoras. As coisas são diferentes em Ponderosa Springs do que onde você cresceu. Existe uma hierarquia, regras tácitas, e uma delas é que os garotos são intocáveis.

Tudo parecia tão inacreditável. Eles estavam tão protegidos que poderiam realmente escapar impunes de um assassinato?

— Eu sei tudo sobre isso. Famílias fundadoras. Riqueza de merda. Eu sei. Podemos ir às autoridades fora de Ponderosa Springs. Temos opções, Lyra. Não podemos simplesmente deixá-los escapar impunes. Seu legado não os torna invisíveis à lei.

Seu rosto está frio, sério, mas ainda posso ver a inclinação do medo em seus olhos. — Sim. Eles estão acima de tudo. Claro, cada um deles odeia sua riqueza e família pelos danos que infligiram, mas esses sobrenomes os protegem de *tudo*. O fato de eles nos deixarem ir em primeiro lugar é um presente. Você não sabe porque não cresceu aqui, mas eles farão de tudo para se protegerem. Mentir, roubar, enganar, matar. Somos chiclete sob seus sapatos. Se a escolha é entre eles não irem para a cadeia ou nós vivendo, eles não vão pensar duas vezes antes de escolher um ao outro.

Meu Converse bate contra o paralelepípedo enquanto serpenteamos pelo campus, outros alunos passando por nós. Todos eles preocupados com notas ou festas, e de alguma forma tiramos o palito. Estávamos preocupados com nossas vidas e com

o que poderíamos ter feito para amaldiçoar Deus tão injustamente, que ele nos jogou no caminho dos Hollow Boys.

Meu aperto no anel de Alistair aperta.

— E daí, você realmente quer manter isso para nós mesmas? Agir como se nunca tivesse acontecido? Você acha que pode fazer isso? — Eu pergunto.

— Não me julgue! Você não vê, mas é o melhor para nós duas.

— Ela responde deslizando pela porta primeiro.

— Lyra, não podemos...

— Briar! Eu já sei o que acontece quando você delata pessoas como eles. Quando você revela segredos sobre essas famílias que não são da sua conta. — Ela estica o braço,

— Minha vida inteira foi arruinada porque minha mãe pensava da mesma maneira que você. E agora ela está apodrecendo por causa disso. — Sua voz está trêmula, seu lábio inferior tremendo quando ela se vira para me encarar no corredor.

Minhas sobrancelhas franzem, — Do que você está falando?

Presumi que a mãe dela tivesse morrido de ataque cardíaco, talvez um acidente de carro? O que eles tinham a ver com a morte da mãe dela?

Ela passa a mão pelo cabelo crespo, a chuva deixando-o crespo, seus dedos presos nele enquanto ela suspira frustrada.

— Henry Pierson é o que eu estou falando. O pai de Thatcher. Açougueiro da Primavera. Ele assassinou e estuprou mulheres. Manteve-as em seu porão por semanas a fio, apenas para prolongar a tortura o máximo possível. Ele fez coisas indescritíveis

com aquelas mulheres. E porque minha mãe tentou ser uma heroína, tentou ser como você, ela era uma dessas mulheres.

Meus olhos se arregalam, borbulhando de ácido estomacal me deixando doente.

Algumas semanas atrás, este lugar era um sonho. Uma terra de oportunidades.

Rapidamente se transformou no meu maior pesadelo.

— Ela o viu colocando um corpo no porta-malas enquanto ela saía para correr. Imediatamente, ela foi à polícia pensando que eles fariam alguma coisa. Pensando que eles a protegeriam, — Lyra zomba, mordendo o lábio inferior com força e olhando para o teto.

— Mas ela aprendeu da maneira mais difícil, não há ninguém que possa protegê-lo de alguém assim. Aqui, não há onde se esconder. Não das famílias fundadoras. — Lágrimas de raiva brotam de seus olhos, reunindo-se nos cantos antes que algumas delas caiam, — Eu estava lá na noite em que ele apareceu. Procurando amarrar cordas soltas.

Engasgo com os dedos cobrindo a boca, quase como se isso fosse impedir o fim da história de Lyra.

— Ele invadiu e minha mãe, ela me colocou em seu armário. Eu gostava de dormir com ela quando era pequena. Ela tentou pedir ajuda, mas não adiantou, ele a dominou. Observei o que ele fez com ela, Briar. Eu vi do que homens como eles são capazes. Eu vi a morte naquela noite. Deitei ao lado dela até a faxineira aparecer no dia seguinte. Eu a observei se decompor e inchar. Eu vi tudo isso. Eu vi o que aconteceu e estou tentando avisá-la. Estou

tentando salvá-la, implorando para que não diga nada. Não vai acabar do jeito que você pensa.

Pequenas lágrimas caem de seus olhos, escorrendo pelo queixo e no chão do corredor do nosso dormitório. Eu nem sabia o que dizer. Como você responde a algo assim?

Nos últimos dois dias eu não tinha feito nada além de incomodá-la sobre contar a alguém, qualquer um, que precisava liberar isso do meu peito, mas nunca percebi o que isso poderia estar fazendo com ela.

Como abrir minha boca para as pessoas erradas afetaria a vida dela e a minha. Eu nunca estive nesta posição antes, à mercê de outra pessoa. Não havia nada que eu pudesse fazer para proteger a mim ou a Lyra. Não podíamos pedir ajuda ou entrar em contato. Estávamos sozinhas nisso.

Prendo a respiração, estendendo a mão e agarrando a mão de Lyra, mostrando meu apoio. Este inchaço desconhecido no meu estômago. Nós de nervosismo e ansiedade porque eu não sabia o que aconteceria a seguir. Eu não sabia qual seria meu próximo passo, mas faríamos isso juntas.

Eles nos deixariam em paz? Eles terminariam o que começaram? O que eles estavam fazendo matando alguém em primeiro lugar? O que havia em suas vidas que eram tão ruins que os fez recorrer ao assassinato?

Essas eram perguntas persistentes para as quais eu temia nunca obter as respostas.

— Ok, eu entendo. Eu não vou dizer nada. Eu prometo. — Eu sussurro baixinho, puxando-a para um abraço apertado. Mesmo que eu não acreditasse totalmente nas palavras que eu disse. Eu não diria nada até ter certeza de que nada aconteceria com Lyra.

Meus olhos se fecharam por um momento, pensando em como deve ter sido horrível para ela. Os pesadelos que ela deve ter tido, o ódio que ela deve sentir ao assistir Thatcher valsar pelo campus. Sabendo que seu pai é a razão dela ter ficado órfã. Havia raiva em meu estômago por ela.

Seus braços me abraçaram de volta, — Como você fica olhando para ele, Lyra? Por que você ainda está aqui? — eu questiono. Se fosse eu, sinto que teria fugido desta cidade o mais rápido possível.

Ela se afasta um pouco, enxugando as lágrimas do rosto. — É difícil explicar, mas me sinto perto dela quando estou aqui. Sair daqui é como deixá-la, acho que ainda não estou pronta para isso.

Posso dizer que há mais coisas que ela quer dizer, há algo que ela não está me contando, mas eu não forço o envelope. Acredito que ela compartilhou história familiar o suficiente para o dia.

O silêncio retorna enquanto caminhamos para o nosso quarto. Subindo as grandes escadas até o terceiro andar. Eu meio que me acostumei com as decorações extravagantes e formalidades exageradas. Estava começando a ficar normal. Mesmo que eu tivesse apenas começado a me acomodar, eu sabia que se essas noites sem dormir e memórias assombradas continuassem, eu teria que me transferir no próximo semestre.

Eu não poderia ficar aqui se estivesse constantemente preocupada com quem estava me observando. Quem estava atrás

de mim. Mas também não podia deixar Lyra sozinha para se defender sozinha de lobos famintos.

Houve barulho no corredor quando chegamos ao degrau mais alto, no final do longo corredor onde nosso quarto ficava à esquerda havia uma multidão de garotas vizinhas. Suas vozes ricocheteando nas paredes e ricocheteando em nossa direção.

O pânico total começa a se instalar. Eu sei que não é uma coincidência que elas estejam amontoados em nosso dormitório, assim como não foi uma coincidência eu ter sentido alguém me observando na biblioteca antes de Lyra aparecer.

Eles estavam nos observando. Brincando conosco.

Mesmo que nem Lyra nem eu os tivéssemos visto fisicamente desde a outra noite. Eles ainda estavam lá. Rondando no escuro. Esperando pacientemente pelo momento perfeito para atacar. Predadores de emboscada, animais que capturam suas presas furtivamente e atraindo.

Eles se tornaram criaturas perseguidoras ontem à noite por necessidade. Mas eu sabia tão bem quanto eles, homens como eles, eles não perseguem. Eles esperam. Usando o elemento surpresa a seu favor, para que eles ataquem quando você menos espera, e o medo é aceso nas brasas de seus olhos.

É isso que torna a caça divertida para eles.

Não deixo que meus medos me impeçam de descobrir o que exatamente chamou a atenção de todos. O que tinha sido tão interessante que fez com que todos saíssem de seus próprios espaços e fossem para o corredor após um longo dia de aulas.

— Desculpe-me, — murmuro, separando os corpos. Navegando por eles com Lyra em meus calcanhares. Seus passos menos ansiosos que os meus como se ela já soubesse o que a esperava.

— O que é isso?!

— Malditos esquisitos!

— Isso fede!

Havia um único prego perfurando o crânio de um bicho esfolado e fatiado. Seu corpo de tamanho médio pende de pregos de lasca, um fluxo de fluido escuro escorre pela porta e congela em uma bolha no chão. O cheiro havia fermentado devido ao calor que se espalhava pelos corredores.

Carne podre e intenção selvagem penetraram em meu corpo. Minha pele se arrepiou com a inevitabilidade. Minhas mãos suando, minha boca seca e meu coração batendo em meu esterno como um tambor. Eu empurrei, agarrando a maçaneta e abrindo a porta.

Eu freneticamente fiz meu caminho até a gaiola na minha mesa, abrindo a tampa e estalando minha língua. A esperança se desintegra em meu peito. Minha doce menina toda branca não sai correndo de seus esconderijos para uma guloseima como ela normalmente faz.

Desesperada, reviro os balanços e as casinhas, vasculhando todo o espaço da casa dela. Um soluço sai da minha garganta enquanto eu pego a gaiola de metal jogando-a furiosamente no chão. Os pedaços se estilhaçaram.

Eu nunca senti tanta fúria na minha vida. Ninguém nunca tinha feito algo assim comigo antes, entrou no meu espaço e me roubou. Eu sempre fui o único a tomar. Eu estava no controle do que alguém poderia manter e o que não poderia.

— Briar... — Lyra sussurra atrás de mim, meus ombros subindo e descendo com respirações pesadas, água escorrendo pelo meu rosto. Minha visão está embaçada de raiva e dor. Seus olhos tristes por mim, mas um pedaço dela quer me dizer eu avisei. Eu posso ver isso.

Eu me viro vendo o andar inteiro me olhando como se eu fosse um número de circo. Eu quero gritar, gritar com eles para dar o fora, e estou prestes a fazer isso.

Mas eu vejo o papel. O papel branco que está embaixo do meu rato morto que está pendurado na porta. Eu limpo minhas lágrimas com as costas da minha mão, caminhando até a porta, as garotas atrás dela pulando para trás com a minha natureza agressiva.

Eu arranco o bilhete da parede, olhando para as palavras rabiscadas em vermelho escuro, sem dúvida sangue. Não tinha assinatura, nada, porque ele sabia que eu identificaria de quem era. Não era de Rook, nem de Thatcher, nem de Silas.

Não, era daquele com os olhos escuros.

Estou indo atrás do que é meu, Ladrazinha. Até lá, fique quieta.

TREZE



DIRETO NO ALVO

Alistair

Pop-pop, pop-pop.

O som agudo se propaga pelo ar e não preciso mandar mensagem para ninguém para saber onde estão. Fogos de artifício de heavy metal ecoam enquanto eu ando pelos fundos da casa de Silas até o quintal onde há uma seção do espaço dedicada a uma de suas muitas atividades extracurriculares.

O lugar que sabemos que ele vai quando as vozes ficam muito altas. Quando as coisas em sua cabeça começam a se infiltrar no mundo real. O estande de tiro que seu pai projetou para ele é simples, alvos em estaleiros diferentes, uma cabine atrás da qual devemos ficar junto com equipamentos de segurança que nunca foram tocados. — Duzentos dólares dizem que você não vai ficar na frente do alvo de quinze jardas. — Eu ouço Thatcher dizer quando a arma para de disparar.

— Faça cinco e você tem um acordo. — Barganha Rook.

Há um rápido aperto de mãos e sei que devo dizer alguma coisa. Diga a eles que é estúpido e imprudente, qualquer outra pessoa diria. Se eu fosse um bom amigo, eu o faria. Não precisamos de alguém baleado em cima da merda que temos no prato, mas se eles estão apostando, eu sei quem está atirando.

E ele não erra.

Nunca.

As folhas começaram a cair no chão, triturando sob meus pés enquanto me dirijo ao estande. Apoio os braços no banco, observando-os. Silas está surpreendentemente sem seu moletom preto, uma camiseta cinza apertada contra seus ombros enormes.

Ele sempre se esconde. Nunca o tipo de cara que se pavoneia ou se exhibe. Contente por estar em segundo plano, mas quando está em seu elemento, quando está fazendo o que gosta, adora exhibir seus talentos.

Rook está segurando um saco de batatas fritas, caminhando pelo caminho de árvores abertas em frente a um alvo preto, branco e vermelho na forma da parte superior do corpo de um humano. Ele se vira para nós, sorrindo.

Não há medo. Sem ansiedade. Só emoção pela adrenalina que está por vir. Quando você supera os obstáculos que seu cérebro lhe dá quando uma situação de medo está presente, quando você enfrenta o pânico de frente, o medo pode se tornar o melhor afrodisíaco do mundo.

Chama-se dilúvio.

Um impulso de endorfinas através de seu sistema. Fazendo sua pele formigar e o coração disparar. É por isso que existem viciados em adrenalina no mundo. Porque eles gostam de sentir medo. A pressa da morte.

Algo que todos nós gostamos de uma forma ou de outra.

Silas recarrega sua arma com um novo clipe, o clique e o estalido da arma são os únicos ruídos dele, mesmo enquanto observa Rook sorrir como um bastardo atrevido na frente dele.

Enquanto Silas reuniu uma grande coleção de armas ao longo dos anos, eu o conheço. Ele tinha um favorito. A que ele usava com mais frequência, a que ganhou aos quinze anos.

O cano da Desert Eagle.50 capta a luz do sol, as duas frases inscritas em cada lado dizem,

Timebo mala à esquerda.

Vallis tua umbra à direita.

É latim para, — Não tema o mal. A sombra e o vale são seus.

Fora dado de presente de aniversário por Rosemary. A empunhadura de caveira vermelha personalizada e o cano cromado polido custaram nada menos que três mil. Tinha sido o presente perfeito para alguém como ele, uma prova de seu relacionamento e da conexão que compartilhavam.

Uma conexão destinada a durar uma vida inteira, mas foi violentamente arrancada de ambos.

Com facilidade ele levanta a arma, a enorme arma semiautomática não era algo de que eu fosse fã. Preferi ter controle total sobre a destruição que apliquei. As armas pareciam muito

impessoais. Para não mencionar, disparar aquela coisa parecia bater um martelo contra sua mão.

No entanto, ele fez parecer fácil. Simples. Como se não fosse nada.

Apoiado nos cotovelos, esperei, observando enquanto ele levantava o ombro direito logo abaixo da bochecha, segurando a arma à sua frente com habilidade. Rook ergueu bem os braços, deixando espaço para Silas atirar ao redor de seu corpo.

Há uma pausa para efeito dramático antes que a arma comece a disparar. Mal puxando as mãos de Silas para trás enquanto ele atira repetidamente, ajustando e posicionando sua mira para passar zunindo pelo corpo sólido de Rook.

Uma vez que a arma está vazia, ele aponta para o chão. Estalando o pescoço enquanto olha para trás em seu trabalho prático.

Todos nós assistimos Rook se afastar do alvo, uma linha perfeita de buracos de bala marcando sua silhueta atrás dele. Eu pensei que estava vazio, até Silas disparar mais duas balas, abrindo dois buracos nas lascas.

— Tentou tirar um pouco do topo, não é sua cabeça de merda?
— Rook brinca, fazendo beicinho que seu lanche agora está arruinado.

Um fantasma de sorriso encontra seu caminho no rosto de Silas e eu sorrio um pouco. A primeira emoção real além de raiva ou angústia evidente que eu tinha visto desde que Rose morreu.

Rook era bom nisso. Fazendo Silas sorrir, fazendo-o esquecer a dor por momentos solitários de cada vez.

Ele precisava disso. Precisava de seus amigos. Ele precisava saber que ficaria bem e que estaríamos lá se ele não estivesse.

— Pague, vadia. — Rook estende a mão para Thatcher, que desliza as mãos para dentro da calça, folheando notas de cem dólares novinhas e colocando-as na palma da mão.

— Pena que ele perdeu. Eu estava esperando por um pouco de sangue.

— Claro que sim, Drácula. — Ele diz dobrando o dinheiro no bolso de trás.

Eu rolo minha língua entre os dentes, — Não que eu não goste de passar o tempo com vocês três, mas por algum motivo recebi uma mensagem de 911? — Falo pela primeira vez desde que cheguei.

Eu tinha planejado ir para o Spade Um esta noite, mas recebi uma mensagem de emergência de Silas, que raramente envia mensagens no grupo, então eu sabia que tinha que ser importante.

Thatcher é a primeira a me reconhecer: — É sobre o seu bichinho de estimação.

Briar Lowell.

Não é um animal de estimação. Apenas um alvo.

Eu não estava preocupado que ela abrisse sua boca bonita, eu mantive um olho nela e em sua amiga. Uma prova de minhas habilidades para ficar fora de vista, porque as duas não conseguiam parar de olhar por cima dos ombros.

Especialmente Briar.

Ela podia me sentir lá e acho que estava deixando-a louca por não conseguir me encontrar quando sentiu meus olhos em seu corpo. Escondido nas sombras da biblioteca, pelas janelas de suas aulas. Eu fiz questão de garantir que ela não murmurasse uma única palavra.

Eu não ia fazer nada grave, não até que fosse absolutamente necessário. Até que notei que uma parte vital de mim estava faltando. Eu pensei, talvez eu o tivesse perdido no tumulto, mas quando o barato se instalou, percebi que não o havia perdido.

Foi tirado de mim.

Seus dedos pegajosos de anos de roubo roubaram meu anel. A garota que rapidamente mudou de uma espectadora ingênua com olhos de caleidoscópio para as mulheres que roubaram de mim.

Esfreguei meu dedo onde meu anel perdido costumava ficar, me sentindo nu sem ele. Na minha raiva, decidi matar dois coelhos com uma cajadada só.

Entrando sorrateiramente em seu quarto antes de ir para a biblioteca para observá-la. Eu tinha planejado destruir o lugar para encontrar o que eu tinha vindo, mas quando não estava em lugar nenhum, fui com a opção B.

Provando um ponto e certificando-me de que ambas sabiam o que estava por vir se falassem uma palavra do que haviam testemunhado.

Eu nem sabia que ela tinha um animal de estimação. Isso foi sorte da minha parte e uma grande inconveniência para ela.

Claro, deixei Thatcher lidar com a esfolagem do animal, achei que seria rude não incluí-lo em algo tão sangrento.

Eu não tinha visto o rosto dela quando ela o encontrou. Mas eu a ouvi, o grito colérico, o estrondo de jogar coisas ao redor da sala enquanto eu esperava na parte inferior dos degraus de seu corredor.

Essa raiva era toda minha. Eu tinha feito isso com ela. Coloquei fogo embaixo da bunda dela. E eu possuía cada centímetro dessa emoção. Todas as suas emoções.

— E daí? — Eu pergunto, cerrando o punho com a necessidade de recuperar o que me pertencia.

— Silas finalmente entrou no banco de dados de acesso ao crachá da escola, — diz Rook, — Um baseado e dois sacos de Doritos depois, e descobrimos que o tio de Briar, Thomas Reid, é professor de biologia.

— E o estudo dos organismos tem a ver exatamente com o quê?
— Eu digo não seguindo.

— Olhe para você, Ali, prestando atenção na aula. Mamãe e papai ficariam tão orgulhosos. — Thatcher provoca, eu ranjo meus molares.

Mamãe e papai podem ir para o inferno.

— Você vai me dizer porra o que você encontrou?

— Thomas Reid entrou e saiu do laboratório de química mais do que qualquer professor de ciências da universidade. — Silas fala, o clique de um toque de metal. Chocando-me um pouco, é que ele está realmente falando.

— Nos últimos dois anos ele esteve lá depois do expediente, uma, duas da manhã. Centenas de vezes.

Eu lambo meu lábio inferior, — Então achamos que ele é o professor que mandou uma mensagem para Chris? Sem querer dizer o óbvio, mas e se Chris estivesse apenas mentindo para que não o matássemos? E se for ele mesmo quem fez isso?

Eu odiava ter que jogar essa merda de ligar os pontos. Eu me senti como um detetive corrupto e ser um policial não era algo que eu jamais aspirei ser.

— Por que nos falar sobre plantar o corpo então? Se ele quisesse mentir, não teria simplesmente negado tudo? Além disso, que professor você conhece que vai para o laboratório de química às duas da manhã? Faria sentido para ele ser, mas não podemos cortar sua cabeça, — Rook sorri perversamente, — Ainda.

— Mas é uma pista. Podemos vigiá-lo, seguí-lo, até obtermos a prova de que precisamos. Ele continua.

O zippo de Rook estala, a chama acendendo a ponta de seu cigarro, — E achamos que sua querida sobrinha está envolvida ou pelo menos sabe disso. Quero dizer, pense sobre isso, — ele inala,

— Ela está falida como uma maldita piada. Você acha que uma bolsa de estudos é o que está pagando por Hollow Heights? Como ela conseguiu entrar, para começar, é uma pergunta ainda melhor. Ela não é excepcionalmente inteligente ou extremamente talentosa. Thomas deve ter tido algumas cordas que ele poderia puxar para trazê-la aqui. O tipo de dinheiro que compra sua sobrinha de aparência caseira em uma universidade de prestígio. O tipo de dinheiro que paga pelo silêncio das pessoas.

Eu cruzo meus braços sobre o peito, mastigando o interior da minha bochecha.

Era isso, uma razão sólida para ir atrás dela. Duro.

Para mostrar a ela como é quando você se envolve com pessoas que não dão a mínima se você vive ou se morre.

As ideias estalaram. Os pensamentos dispararam.

Imagens de seus olhos arregalados encharcados com lágrimas não derramadas e pânico. Seu lábio inferior rosado tremendo enquanto ela contempla cada decisão de vida que ela já tomou até aquele ponto.

Eu ia tirar tudo dela.

A alegria dela. Amigos dela. Seus segredos. Seu medo.

Era tudo meu para levar. Tudo meu para roubar.

— Sim. Estou com você, mas ela nem estava em Ponderosa Springs quando Rose foi morta. E duvido que o tio dela esteja falando com ela sobre assassinar garotas.

No entanto, eu precisava proceder com cautela. Se formos atrás das pessoas erradas, pisarmos no pé errado, machucarmos a pessoa errada, toda essa operação terminará em vinte segundos.

— Você está defendendo ela?

Eu cortei meus olhos para Thatcher, seus braços cruzados sobre o peito, combinando com a minha postura. O vento empurrando seu cabelo gélido penteado para trás fora de ordem. A gola alta cinza e a jaqueta preta o faziam parecer mais velho.

Mais sofisticado. Era apenas mais uma camada de seu processo de intimidação.

Veja a parte. Faça a parte. Mas por dentro é onde você pode apodrecer em paz.

Por dentro, você pode ser tão mau e sinistro quanto desejar. Thatcher acredita em uma máscara. Escondendo o mundo do que acontece abaixo da superfície.

Eu não.

Eu visto quem eu sou. Não tenho motivos para me esconder.

Ele se encaixa na cadeia alimentar social com aparência e comunicação. Mas nós somos os únicos três que viram o que realmente está sob a pele congelada de Thatch.

E porque sabemos disso, porque o temos em desvantagem, ele despreza a possibilidade de deslealdade. De ser traído.

— Parece que estou defendendo ela, idiota? Estou apenas relatando fatos. — Eu franzo minhas sobrancelhas com raiva, saindo da cabine para que estejamos em igualdade de condições.

Se havia uma coisa que eu odiava era ser questionado sobre minha lealdade. Especialmente por eles.

Rook coloca a mão no meu peito, — Falem baixo, rapazes. Ninguém estraga a calcinha. Não estou dizendo que ela sabe sobre o assassinato. Apenas dizendo, tenho um bom pressentimento de que ela sabe algo sobre as drogas. Quero dizer, — ele zomba com uma risada,

— Basta olhar para o registro dela. Não é exatamente uma cidadã cumpridora da lei.

— Bem, nem todos nós temos pais que limpam nossos registros. — Agora Thatcher está apenas sendo um idiota. Ele está plenamente ciente do preço que Rook paga no final do dia por aquele favor de seu pai.

— Que tal não entrarmos em problemas com o papai hoje, okay American Psycho?

Eu sempre admirei isso em Rook. Sua habilidade de rir da dor, fazer uma piada sobre algo que deixaria qualquer um com raiva.

Juntando-me à diversão, cheiro o ar sarcasticamente: — Ignore-o, é a semana do tubarão. — Eu bato no ombro de Rook com um sorriso e uma risada.

Sempre aquele que come e nunca aquele que gosta de pegar, um olhar irritado se instala em seus olhos. Assim como ele levanta os dois dedos para cada um de nós.

Tínhamos uma direção, tínhamos outro plano, outra pessoa de interesse. Por mais irritante que fosse, estávamos nos aproximando. Cada marca em nossa alma, todo o sangue que derramamos, valeria a pena no final.

E agora, eu poderia me divertir um pouco mais com isso.

— Temos que ser pacientes agora, — eu digo, certificando-me de que todos estão me ouvindo, — Nós vigiamos Thomas. Vejamos como ele se move, o que ele faz.

— E as meninas? — Thatcher pergunta.

— Nós as assustamos. Fazemos o que for necessário para garantir o silêncio delas. Obtemos todas as informações de Briar

que pudermos no processo. Mas não colocamos a mão nelas, ainda não. — Eu aviso.

Tínhamos que construir para isso. Deixá-las tão paranóicas que mal conseguiam piscar de medo de que aqueles segundos com os olhos fechados seriam o momento em que atacaríamos. Fazê-las sentir que a cada momento as assistimos, que estamos sempre lá. Prontos para atacar.

Eu as queria assombradas. Eu as queria petrificadas e aterrorizadas.

Só então, quando tivéssemos a prova de que precisávamos, poderíamos terminar o que havíamos começado.

O mais alegre que me senti em muito tempo. Meu sangue bombeia, fico com água na boca.

— Quem não gosta de umas preliminares antes do evento principal? — Rook mexe as sobrancelhas, trabalhando por conta própria para pegar a arma de Silas, que está olhando para ele por tocá-la.

Temos que ser criativos. Temos que ser sinistros e furtivos.

Vamos fazê-los desejar que acabemos com eles, apenas para obter uma pausa do terror que destruiu seus corpos.

Era para isso que eu vivia.

QUATORZE



PELO PREÇO DOS POLEGARES

Brian

Eu tinha atingido oficialmente a privação extrema do sono. Eu comecei a sentir fortemente os efeitos de não dormir depois de quarenta e oito horas. Ansiedade, irritabilidade e até comecei a alucinar nas primeiras horas da noite. Ouvir os sons de passos, ranger de portas, ver sombras no meu dormitório vazio.

Mesmo quando eu deitei na minha cama, meus olhos se recusaram a fechar. Meu cérebro estava determinado a ficar acordado e alerta. Eu não queria dar a eles uma chance de me pegar vulnerável ou em desvantagem.

Eu senti que se estivesse sempre acordada, estaria pronta a qualquer momento.

Fazia alguns dias desde a comoção do meu rato morto na porta. Os sussurros ainda eram muito altos e as pessoas falavam de mim pelas costas na sala de aula, mas eu aprendi a voltar ao que era antes. Bloqueando tudo o que estava sendo dito, e realmente

comecei a contar com o apoio de Lyra, que felizmente estava bem com isso e também se apoiou em mim.

Ela cuidou da bagunça na porta, colocando Ada rapidamente em uma caixa e limpando o sangue que havia vazado. Juntas, nós a enterramos na base de uma árvore atrás de um dos prédios da escola, fazendo um pequeno funeral no processo antes de retornar ao nosso dormitório e assistir aos filmes de Harry Potter.

Tentei permanecer otimista, mas não ajudou. Cada dia parecia outro jogo de espera, outro dia em que percebi uma sombra se movendo com o canto do olho, mas me virei para ver que não havia ninguém lá.

Ontem almocei com tio Thomas, que estava cheio de energia e falava o tempo todo. O que estava bem, significava que tudo que eu tinha que fazer era sorrir e acenar com a cabeça. Ele ouviu de meus professores que eu era uma boa aluna e ficou feliz por eu estar me adaptando bem.

E, embora quisesse contar a ele, havia prometido a Lyra que não contaria. Então guardei tudo para mim, engolindo com comida sem gosto enquanto ele continuava falando sobre um próximo evento escolar anual que eu não queria ir.

No entanto, eu disse a ele que iria, esperando que fosse apenas algum tipo de assembleia. Eu não estava com vontade de fazer nada além de aulas e me esconder no meu dormitório.

Eu estava vivendo minha vida em um estado constante de limbo agora, sempre me perguntando quando isso iria acabar.

Depois das aulas de hoje fui estudar na biblioteca, percebendo rapidamente o calor do aquecedor dentro do grande prédio, misturado com meus olhos cansados tentar ler foi uma péssima ideia porque acabei pegando no sono em cima de um dos meus livros e sonhando.

E como sempre era sobre ele.

Não seus amigos perversos que andam de cabeça erguida e sorriem como gatos Cheshire enquanto se pavoneiam pelo campus. Nem mesmo aquele que pensa que virar seu zíppo é um traço de personalidade com quem eu divido uma aula.

Eu só sonho com ele.

Não tenho certeza do que há em seu comportamento que deixa minha coluna reta ou como ele é capaz de fazer meus sentidos aumentarem como um gatinho assustado. Eu nunca tive medo de uma pessoa do jeito que tenho com ele.

Havia algo sobre Alistair Caldwell que me deixou em pânico. Algo dentro dele era tão escuro, tão maldito, que chamou as partes mais profundas da minha alma. A maneira como ele me encarava do outro lado do pátio, como se soubesse cada detalhe da minha vida.

O que me fez pular, o que me fez vibrar, meu passado, de onde vim. Ele me olhou como se soubesse de tudo. O que eu faria antes mesmo de fazer.

E ele sabia que eu tinha roubado dele.

Em retrospecto, eu não tinha certeza se estava saindo viva de seu alcance e precisava ter algo em meu corpo para que eles

soubessem quem me matou, eu não estava roubando porque queria. Mas porque eu precisava.

Eu também não podia ir até ele e jogar o anel nele.

Eu gostava de ter essa vantagem sobre ele.

Eu tinha algo que ele queria. Algo que ele precisava. Se ele o quisesse de volta, teria que arrancá-lo de minhas mãos mortas. Eu senti que o tinha em desvantagem, talvez em menor escala do que ele tinha em mim, mas uma desvantagem, no entanto.

Depois que acordei do meu sono rápido, fui nadar, a água fria da piscina da escola acordou meus músculos e me deu um impulso de energia muito necessário. Foi bom fazer algo normal da minha antiga vida. Eu tinha sido uma ótima nadadora no ensino médio, não importava ser um titular ou qualquer coisa porque eu não tinha o sobrenome correto, mas eu era boa.

Meu cabelo cheirava a produtos químicos quando terminei, meus dedos podados e, embora eu estivesse com medo de um banho me deixar com sono, eu precisava lavar a água da piscina.

Então eu coloquei minhas roupas sobre meu maiô úmido, planejando correr todo o caminho de volta para os dormitórios antes de deslizar sob a água quente que acalmaria meus músculos. Estremeci com a perspectiva enquanto abria a porta do salão de bilhar, começando minha caminhada pelo campus.

O vento bate forte na minha pele, arrepios aparecendo automaticamente. Meus pés correram pelo terreno cobrindo tanto terreno quanto eu poderia com minha velocidade de caminhada. Eu podia ver a luz escapando da janela superior da porta do meu

dormitório, quase em segurança quando um calafrio diferente caiu sobre meus ombros.

Eu senti tarde demais, a presença de alguém atrás de mim. O sol se foi, eu estava sozinha e a vontade de gritar borbulhava em meu estômago. Virei-me rapidamente, preparada para ver o que sempre faço, nada.

Ele não me deixa vê-lo. Ele só fica o tempo suficiente para eu saber que ele está assistindo.

Estou preparada embora. Estou pronta.

Eu cerro meu punho, girando em meus calcanhares quando o sinto perto do meu corpo,

— Br- — Eu ouço o começo do meu nome de sua boca apenas um segundo antes de eu bater meu punho para cima esperando fazer contato com algo em seu rosto.

Meus dedos latejam instantaneamente, meu rosto fica quente quando vejo uma mecha de cabelo dourado.

Oh Deus.

— Que porra! — Easton sibila, segurando sua mandíbula onde eu lancei o melhor gancho de direita da minha vida. Ronda Rousey ficaria orgulhosa.

Meu coração bate rápido, os nervos e a rápida queda de medo é uma corrida para a minha cabeça. Eu coloco minhas mãos sobre minha boca,

— Oh minha merda. Oh meu Deus, eu sinto muito. Eu murmuro.

Ele vira a cabeça para mim, ainda segurando o rosto, esfregando a área vermelha na bochecha.

— Maldita garota. Não gostaria de encontrá-la em um beco escuro. — Ele brinca com a dor e eu rio nervosamente.

— Me desculpe, eu não queria, eu só, eu pensei que você fosse...
— Eu congelo, pensando que é melhor não terminar a frase do jeito que eu queria.

— Pensou que eu fosse...? Um assaltante?

— Algo assim, você está bem? — Pergunto preocupado, sinto como se tivesse acabado de dar um soco em um cara que confia mais no rosto do que a maioria. Respirando fundo, tentando me acalmar.

— Vou sobreviver. Melhor pergunta, você está bem? Você parecia seriamente assustada.

Eu corro minhas mãos pelo meu rosto ansiosamente, suspirando, — Estou cansada, só isso. Não tenho dormido bem, minha cabeça está confusa.

Ele acena em compreensão, a vermelhidão crescendo, e eu sei que vai doer pela manhã. — Se isso faz você se sentir melhor, acho que quebrei o dedo. — Eu levanto minha mão para que ele possa ver a articulação já inchada.

Com facilidade, ele agarra minha mão, não me dando tempo suficiente para sequer recuar. Baixando os olhos para examinar meus dedos. Seu polegar roça a pele sensível e eu estremeço ligeiramente.

— Eu acho que você pode ter quebrado; você quer que eu vá pegar um pouco de gelo para você? — Ele sussurra suas palavras na minha mão, seus lábios mais próximos do que precisam estar. Posso sentir o calor de sua pele perto da minha, retraindo rapidamente minha mão.

Já roubei muitas coisas.

Um liquidificador, uma TV, um relógio, até roubei pilhas de controles remotos.

Namorados não é uma das coisas que pretendo adicionar à lista.

— Eu vou ficar bem, apenas um pequeno arranhão é tudo. Você pode simplesmente dizer a Mary que o outro cara parece pior do que você amanhã. — Eu deslizo, sorrindo suavemente.

— Sim, — ele acena, coçando a nuca de um jeito infantil, — vou tentar isso. Está tudo bem, porém, eu não deveria ter esbarrado em você assim, acho que todo mundo está um pouco assustado agora.

Aí está de novo.

O pânico.

— Pelo que? — Eu faço a pergunta para a qual tenho certeza de que sei a resposta.

— O professor assistente, Chris? Aquele da nossa aula de matemática aplicada, ele está sumido. Tem sido nos últimos dias, e agora Coraline Whittaker está desaparecida. Os pais dela denunciaram ontem, todos estão nervosos. Esta cidade adora alimentar rumores e assustar os não locais com suas histórias de

fantasmas, — ele sorri, — Eles provavelmente abandonaram este lugar, não seria a primeira vez que a pressão de Ponderosa Springs chegasse a alguém.

Eu já tinha dado um soco na cara dele e agora estava com vontade de vomitar nos sapatos dele. Esta foi a primeira vez desde que vimos o assassinato que alguém o mencionou para mim.

Minha boca secou completamente. Minha cabeça se encheu de imagens das cobras rastejando por todo seu corpo, seus dentes afiados afundando em sua pele. Observando o sangue escorrer como uma cachoeira de sua garganta. Os sons dele gorgolejando por sua vida.

Eu estremeço, me afastando de Easton, precisando chegar ao meu dormitório.

— Sim, provavelmente só precisava de uma pausa na escola ou algo assim. — Eu respondo: — Tenho que voltar para o meu quarto, vejo você na aula amanhã.

Agarrando a alça da minha bolsa, — E eu sinto muito pelo seu rosto! Eu vou compensar você com as respostas do dever de casa algum dia. — Eu me apresso, querendo sair dessa conversa.

Ele franze as sobrancelhas em incerteza. Provavelmente pensando em como sou esquisita, considerando que dei um soco na cara dele e estava fugindo como uma galinha com a cabeça decepada.

Eu viro as costas, movendo minhas pernas em direção ao meu corredor.

— Briar! — Ele chama atrás de mim.

Mudando meu pescoço para olhar para ele, — Sim?

— Tome cuidado. Nem todo mundo aqui é quem finge ser. — Ele levanta a mão no ar, esfregando o dedo médio em referência ao anel que adorna o meu. Eu tinha esquecido dele, esquecido que o tinha colocado depois de nadar porque não tinha bolsos.

— Sim, uh, obrigada. — Eu chamo de volta, desaparecendo na segurança do meu dormitório.

Ótimo. Perfeito.

Ele agora pensa que estou com Alistair. Vamos adicionar isso à lista de coisas que não precisam estar acontecendo na minha vida agora.

Eu quase corro para o meu quarto, tateando meu caminho até a porta. Tudo começa a girar, não consigo acompanhar a velocidade das coisas. O quarto está escuro, exceto pelo abajur de cabeceira de Lyra, a luz fraca projetando uma sombra em seu rosto adormecido. Um livro que ela estava lendo descansando em seu peito enquanto ela dormia tranquilamente.

O que eu daria para fazer isso.

Para não sonhar com ele.

Para não pensar nele.

Eu me tranco no banheiro, correndo para o vaso sanitário, onde caio de joelhos. Eles escavam o ladrilho enquanto esvazio a pouca comida que tenho em meu corpo na tigela branca.

Minhas costelas apertam, minha garganta já dolorida por causa do ácido estomacal. Meus olhos se fecham enquanto a

estática pisca atrás deles. Todas as cobras. Todo o sangue. O som deles uivando de tanto rir enquanto nos perseguiram pela floresta.

Era um jogo para eles.

Eles provavelmente só mataram Chris para se divertir. Uma piada. Tão entediados com todo o seu dinheiro e status que tiveram que aumentar a aposta. Saber seus sobrenomes os salvaria de qualquer reação que recebessem.

Eles não chegariam nem perto de serem pegos, porque em todo o caos está o cálculo. Eles têm uma razão para tudo, um plano, sempre planejando o próximo passo.

Não me levanto até ter certeza de que terminei, só então começo a tirar minhas roupas e pular no chuveiro branco.

Puxando a goma, a cortina de plástico fechada eu fecho meus olhos, levantando minha cabeça até o chuveiro enquanto meus dedos transformam o metal frio em água quente escaldante. Eu queria derreter as memórias de mim.

— Uh. — Eu suspiro bruscamente, a água é um choque para o meu sistema, meus dedos do pé congelando sob o calor. Quase gemi com a sensação boa. Abaixando minha cabeça, deixando o fluxo cair em cascata pelas minhas costas e cobrir meu cabelo.

Senti cada gota ricochetear na minha pele, o silêncio além do tamborilar da água batendo no ladrilho sob meus dedos dos pés. Concentrei-me em minha respiração, no líquido, em como me sentia quente.

Desde que aconteceu, pensei sobre por que eles cometeram assassinato. Eles estavam realmente tão entediados? Ou algo mais aconteceu?

As pessoas realmente nasceram monstros? Ou eles foram condicionados a ser assim?

E aquela garota, Coraline, eles não teriam feito nada com ela, teriam? O que me levou a pensar, se eles fizeram algo com ela, eles foram a razão pela qual a namorada de Silas acabou morta?

Eu não conseguia imaginar alguém sendo tão cruel a ponto de matar a própria namorada, mas também nunca tinha visto nada como esses quatro garotos, então tudo era possível.

Qualquer coisa.

Eu era uma forasteira investigando os segredos e traições desta cidade. Eu estava em grande desvantagem, Lyra conhecia os meandros. Tudo o que eu sabia era o que estava aprendendo no dia a dia e não era o suficiente para me preparar para eles.

Meus dedos desembaraçaram meu cabelo, o vapor da água limpando meu peito. Abri os olhos, minha intenção era pegar o xampu para o cabelo, mas fiquei cega de vermelho, literalmente.

A princípio pensei que meus dedos estavam sangrando, mas era demais, havia tanto sangue ao meu redor que não tinha como ser de mim, eu estaria morta.

Era como algo saído de um pesadelo.

Minhas mãos estavam cobertas por uma fina camada de líquido vermelho escuro. Derramou pelo meu rosto, caindo nos meus olhos deixando tudo embaçado. A cor do sangue me envolveu.

Eu jogo meu cabelo para a esquerda, observando-o respingar nos ladrilhos brancos que vazam para correr em direção ao ralo. Espalhei-o pelos meus braços, pelo meu estômago boquiaberto com o quanto havia. Quão grosso parecia contra a minha pele macia.

Meu coração disparou, bateu forte e tentou correr para salvar sua vida.

Embora fosse quase inodoro, o cheiro de ferro e moedas velhas queimava os pelos do meu nariz. Parecia muito real. Tudo isso parecia tão real.

Lembrei-me de Chris e de todo o sangue que escorria de seu pescoço. Este foi o meu karma por não contar, por deixá-lo morrer como um animal abatido.

Lágrimas se misturaram com a água carmesim, minha garganta entupida por muitas emoções. Mas logo a animosidade aumenta. Ela borbulha e espuma em meu estômago porque sei que isso não é carma. Isso foi feito por alguém com dois braços e duas pernas, não o destino ou alguma intervenção divina.

Eu me senti estúpido por duvidar deles. Por duvidar de até onde eles estariam dispostos a ir para garantir nossa cooperação. Eles estiveram dentro do nosso dormitório novamente. Mostrando como eles podiam facilmente entrar e sair de nossa casa, provando como realmente estávamos desprotegidos.

Minhas mãos alcançam o bico do chuveiro, desparafusando e arrancando-o em pedaços. Cinco cápsulas falsas de plástico são enfiadas lá dentro, pingando sangue falso. Jogo o esguicho no chão, sem me importar se vou acordar Lyra.

Eu encontro os ladrilhos para me apoiar, descansando minhas duas mãos neles enquanto eu abaixo minha cabeça, respirando profundamente.

Ele cai em cascatas em rios e poças, batendo contra minha pele e escorrendo pelo ralo. A cor vermelha me provocando.

Sua maneira de me dizer que tenho sangue em minhas mãos. Me mostrando que não sou inocente nisso. Eu os vi fazer isso com aquele homem. Não gritei por socorro ou gritei para eles pararem, apenas deixei acontecer.

O sangue de Chris cobre minhas mãos tanto quanto as deles. Eu era culpada. Eu não era melhor do que eles e é assim que eles queriam que fosse.

Eles queriam que fôssemos sujos. Mentirosos. Assassinos. Eles queriam que sentíssemos a culpa em nossas almas.

Nós somos as marionetes amarradas com suas cordas. Esperando seu próximo movimento. Nossa vida inteira nas mãos deles, quem sabe por quanto tempo eles continuarão nos lembrando disso com essas pequenas travessuras.

Eles nos têm exatamente onde precisam de nós.

Não havia nenhum lugar para se esconder, nenhum lugar para onde correr.

Sem saída.

QUINZE



ALGO MALÉFICO VEM NESTA DIREÇÃO

Brian

A função da escola que Thomas me fez prometer que eu iria era, de fato, não uma assembleia.

A escola inteira, ou pelo menos o que parecia, havia se reunido na parte de trás do Burley District, onde eu passava a maior parte do tempo. Era onde acontecia a maioria das aulas de matemática.

Em vez de um comum aberto como no meio do terreno, um salão recreativo como atrás do distrito de Iruine ou o mausoléu assustador além do distrito de Rothchild. Em vez disso, havia um labirinto de sebes.

Foi realmente uma surpresa que Hollow Heights tivesse um labirinto luxuoso, provavelmente com alguma história assustadora ligada ao seu nome? Na verdade.

Eu aprendi rapidamente que veio com o território.

Ponderosa Springs e a universidade que foi construída sobre ela não eram para os fracos de coração.

Os ambiciosos sete círculos concêntricos feitos de sebes de buxo ocupavam todo o espaço atrás do prédio antes de desaparecer na linha da floresta. Uma única entrada na grama que se formava, e o que presumi ser uma saída. No centro havia uma Rook com uma escada externa de dupla hélice, só para confundir mais as pessoas.

A noite chegou rápido, os alunos usando pulseiras que brilham no escuro e segurando lanternas enquanto se amontoavam em grupos, rindo, aproveitando outro evento universitário sobre o qual falariam no dia do casamento.

Eu os invejava.

Sua natureza alheia e privilégio.

Eu me perguntei quantas pessoas apareceriam se soubessem que os alunos estavam sendo levados e os professores estavam sendo assassinados na floresta.

Eles ainda se divertiriam? O guarda-chuva da riqueza os protegeria de coisas tão cruéis quanto a morte?

Eu não tinha tanta certeza.

Deslizando meus polegares cuidadosamente nos buracos no punho da minha camisa de manga comprida, senti o poliéster macio contra a minha pele quando o vento o pressionou contra meu corpo. Lyra havia trançado meu cabelo firmemente nas costas, escondendo o leve vermelho que manchava minhas mechas loiras sujas.

Nós esfregamos o chuveiro por horas em nossas mãos e joelhos com pouca prova. O ladrilho branco tinha uma leve camada rosa

agora. Sem mencionar que minha pele ainda estava tingida da mesma cor, mesmo depois de um banho limpo.

— Eles chamam isso de Labirinto. — Lyra fala, caminhando em sintonia comigo enquanto descemos os degraus de paralelepípedos até a grama úmida em frente ao labirinto.

Meu estômago roncou com falta de comida e exaustão, — Claro que é.

Cruzo os braços na frente do peito, apoiando-me no pé esquerdo para espiar a entrada, saudada com a visão da escuridão e uma escassa quantidade de luar. Não havia como navegar por isso sem uma lanterna.

— Foi inspirado no mito grego, sabe Teseu e o Minotauro? Os construtores queriam que fosse uma réplica da de Creta. Eles fazem esse jogo para os calouros todos os anos, o desafio é sempre diferente e geralmente é algum tipo de quebra-cabeça. Eu estava ansiosa por isso quando estava no ensino médio. — O uso do pretérito não me escapa. Estava ansiosa, como se ela não pudesse se importar menos agora.

Eles não apenas roubaram nossa sensação de segurança, mas também nossa sensação de alegria. Estávamos com tanto medo de fazer qualquer coisa divertida, com tanto medo que eles aparecessem na esquina e nos queimassem até o chão.

O que era péssimo porque eu sempre me considerei bastante decente em quebra-cabeças.

— Bem-vindos à turma de calouros de Hollow Heights! — Um dos professores anuncia com um microfone no topo dos degraus de paralelepípedos atrás de nós.

— Estamos entusiasmados em incluí-los em uma tradição secular aqui! Cada ano é um jogo diferente, mas a recompensa é sempre a mesma. Se você encontrar a chave de ouro dentro do Labirinto, terá acesso a uma das muitas salas escondidas da escola que foram transformadas em salões recreativos privados.

Há uma grande alegria e um entusiasmo retumbante de nossos colegas, mais empolgados com a competição do que com a recompensa, tenho certeza. Embora esta seja uma universidade renomada com mais placas e prêmios do que a porra do papa, eles não oferecem esportes organizados, com medo de que o atletismo se torne mais prioritário do que a educação e isso não pode acontecer em uma escola como esta.

Se alguém por um único segundo pensasse que Hollow Heights estava fazendo algo para desviar as maiores mentes jovens de gerações fora do curso, seria imediatamente desacreditado. As pessoas tentam há anos colocar seus filhos aqui, até mesmo ter suas inscrições tocadas por um maldito clipe de papel.

É daqui que viria nossa futura América.

Mexeu com a minha cabeça saber que quatro daquelas pessoas já tinham uma ficha criminal sangrenta como um tampão, o que eles planejavam fazer depois disso? Estariam ajudando crianças? Governar o mundo livre?

— Equipes de dois e três apenas! Cada equipe terá quinze minutos dentro do labirinto para localizar a chave, caso não tenha

sucesso, após a buzina a ar disparar, levante sua lanterna para o céu e espere um professor vir e guiá-lo para fora do labirinto. Como sempre, queremos garantir a sua segurança durante esses momentos divertidos...— Eles vão para uma lista de precauções de segurança que mais da metade de nós não vai lembrar em vinte segundos, a outra metade não ouviu da primeira vez.

Meus olhos examinaram o mar de alunos, procurando inconscientemente por um deles. Outra lição rápida que aprendi é que se você visse um dos The Hollow Boys, os outros três não estariam muito atrás. Nunca houve um sem o outro. Como os tubarões que caçam em bando, nunca é com o tubarão que você vê que você precisa se preocupar, é com aquele que está à espreita nas sombras que você não consegue identificar que tem mais chances de arrancar um pedaço de sua perna.

Não vejo o moletom preto de Silas, o cabelo tingido congelado de Thatcher ou ouço o clique do zíper de Rook acima do barulho. Eu nem senti a pressão que vem quando os olhos de Alistair estão em mim. Geralmente é assim que eu sei que eles estão farejando.

O pânico. O suor. A adrenalina.

É como se todos os sentimentos que eu já experimentei fossem combinados em um, mas ao mesmo tempo era como nada que eu já havia experimentado antes.

Deus, eu o odiava por isso.

Mas esta noite eu não os vi. Eu não podia sentir a presença deles. As funções organizadas da escola não eram exatamente a coisa deles de qualquer maneira. Muitos olhos, muitas expectativas a serem atendidas.

Eu cutuco Lyra com meu quadril, sorrindo um pouco, — Ainda podemos tornar isso divertido, certo? Seria bom ter um lugar secreto para se esconder.

Ela ri, ofegante e é o primeiro som de alegria nas últimas semanas.

— Você realmente acha que vamos encontrá-lo antes de tentar muito que Tracy e o menino de ouro Garrett façam? — Seus olhos se voltam para Easton e Mary, um casal poderoso tanto em visão quanto em personalidade.

Não sinto falta do hematoma amarelo e roxo adornando seu rosto perfeito ou a maneira como Mary intencionalmente combinou seu cardigã com a cor de sua camisa.

— Não se trata de qual pai pode comprar o maior iate para eles. Trata-se de navegar em um labirinto. Sem dinheiro. Nenhum status. Claro, dia após dia eles têm vantagem, mas agora, nós temos a vantagem.

— Nossas personalidades encantadoras?

Eu empurro seu ombro levemente, a brisa pegando seus cachos e empurrando-os para trás de seu ombro, — Além disso, espertinha. Nossa vantagem é a esperteza das ruas. Você acha que essas crianças já tiveram que pensar antes? Sair de uma situação complicada sem a mãe e o pai? — Eu duvido. — Eu não estava sendo má, apenas dizendo a verdade.

Parecia-me que Lyra e eu éramos as duas únicas pessoas nesta escola que cresceram abaixo da linha dos milionários. Claro que Lyra tinha dinheiro agora aos dezoito anos, mas ela cresceu no

sistema e eu sabia como isso era. Eu vi o que o orfanato fez com as crianças. O que os transformou e os deixou se tornarem.

Desde o nascimento, você é trazido a este mundo sem a capacidade de cuidar de si mesmo. Você tem que aprender e se adaptar com os outros. A maioria tem pais que os orientam e ensinam. Para mostrar-lhes os erros e os direitos da vida.

Depois, há outros.

Os párias, os náufragos, os solitários do mundo que aprendem todas essas coisas sozinhos. Aprendemos da maneira mais difícil, aprendemos falhando, com erros. Crescemos garras e dentes afiados em vez de corações quentes. Lutamos para chegar ao topo. Cuidemos de nós e dos nossos. É isso.

— Você não está preocupada com... — Ela faz uma pausa, olhando por cima do ombro para se certificar de que ninguém está ouvindo, — O labirinto pegando fogo ou sendo fisgada por uma armadilha para ursos?

Eu não rio, embora devesse. Eu não duvidaria que nenhum deles fizesse algo assim.

Eu estava preocupada? Sim.

Eu ia deixar isso arruinar isso? Eu ia tentar como o inferno não.

— Eu duvido que eles estejam aqui esta noite. Além disso, eles não podem entrar no labirinto quando estamos lá dentro, há professores nas duas entradas. Devemos estar seguros para nos divertir esta noite, ok? — Eu a tranquilizo.

Ela acena com a cabeça, sem perceber que pretendo continuar:
— Mas realmente acho que devemos considerar contar a alguém, Lyra.

Nada sai de sua boca por um tempo, silêncio enquanto ouvimos uma buzina ao nosso redor repetidamente sinalizando o início e o fim do tempo das pessoas dentro do Labirinto.

— Vamos tomar hoje à noite. Apenas neste momento. Apenas uma noite normal e podemos conversar sobre o que precisamos fazer pela manhã.

Foi o mais perto que cheguei de um sim dela. Eu sabia que ela estava mais apta a dizer não agora, mas ainda sentia que era uma pequena vitória. Ela estava começando a se animar com a ideia de confiar em alguém. A polícia. Um professor. Quem puder nos ajudar.

Eu enganchei meu braço no dela, — Você vai conseguir se manter nessa saia? — O tecido xadrez verde e preto roçava a parte superior de suas coxas, fazendo-me lembrar os uniformes da Sonserina de Harry Potter.

Era fofo o jeito como Lyra era um paradoxo. Ela usava saias xadrez e calças de veludo cotelê para coletar insetos assustadores da lama. Sempre entrando no dormitório com sujeira nos joelhos e nas palmas das mãos. A maneira como ela cruzava as pernas quando se sentava com um livro no colo, mas arrotava mais alto do que qualquer homem adulto que ouvi depois de engolir uma lata de Coca-Cola. Como ela poderia ser tão suave, tão feminina, mas fazer algo que seria visto como um menino. Admirei a maneira

como ela conseguiu equilibrar os pedaços de si mesma com tanta facilidade.

— Provavelmente não, mas vamos tentar. — Ela ri, puxando-me para a linha de encurtamento para a entrada do labirinto.

Conversamos para passar o tempo, observamos os alunos reprovando repetidamente, a buzina estridente perfurando o céu pouco antes de um professor anunciar que outra equipe ainda não havia localizado a chave.

Nossa vez foi a próxima, ficamos entre o professor de psicologia de Lyra e meu professor de estatística, esperando o sinal verde para entrar na escuridão iminente entre as sebes verdes e macias.

Uma rajada de vento me atingiu por trás, me empurrando para frente o suficiente para que eu tivesse que me segurar na beira do labirinto. Ele disparou por entre as árvores, seus membros doloridos gemendo e balançando além de nós.

Olhando para os meus punhos cerrados, a maneira como minhas unhas se cravam na palma da minha mão, enquanto o ritmo do meu coração começa a acelerar.

— Briar! — Lyra estala os dedos na frente do meu rosto, tentando me trazer de volta à terra.

— Estamos de pé. — Ela sorri, indo primeiro para o Labirinto.

A névoa baixou no chão, sugando-a para dentro da névoa enquanto ela desaparece lá dentro. O medo lambe a parte de trás do meu pescoço, mas eu rapidamente o afasto. Seguindo minha amiga.

Minha mão se estende para correr ao longo do labirinto de sebes, a outra clicando no botão de ligar da minha lanterna. O brilho atinge o rosto de Lyra e ela levanta a mão para se proteger da luz forte.

Eu aponto a luz para a esquerda, depois de volta para a direita vendo os dois caminhos diferentes. O nevoeiro tornando a visibilidade distante quase impossível.

— Quer dividir? Podemos cobrir mais terreno dessa maneira.
— Ela oferece.

Meu primeiro instinto é dizer não. Somos mais fortes em números sempre. Mas esta é uma função da escola, não um plano de fuga deles. Então eu aceno,

— Vou pegar a esquerda. Boa sorte. — Eu dou um sorriso de bom humor.

Enquanto seguimos caminhos separados, respiro fundo, inclinando a cabeça para estalar um pouco o pescoço. Quando começo a navegar pelas esquerdas e direitas, tudo fica meio borrado, então tento pegar o ritmo.

Sei que não temos muito tempo aqui dentro e odeio perder. Quanto mais entro, mais perdida me sinto, cada curva, cada mudança de direção parece o caminho errado. A altura do labirinto é demais para eu olhar para cima e por cima das sebes, então não consigo nem dizer se estou perto do meio ou não.

Tenho certeza de que a buzina vai disparar a qualquer momento, só esse pensamento já me faz correr mais rápido.

— Sou dona de um rato vitalício, devo ser capaz de sair dessa coisa estúpida. — Eu resmungo, respirando fundo e tossindo um pouco. Meus pulmões molhados do nevoeiro. Meu coração doeu um pouco com a menção de Ada. Se eles me deixassem se formar sem me matar, eu voltaria para esfaqueá-lo por matar meu animal de estimação.

Coloco minhas mãos nos joelhos, abaixando a cabeça para recuperar o fôlego.

Quando a levanto novamente, levanto-o com minha lanterna, examinando-o à minha frente. A luz atravessa a névoa, refletindo na pintura branca da Rook que se ergue alguns metros à minha frente.

— Eu vou ser fodidamente amaldiçoada. — Eu sussurro, um sorriso no meu rosto.

Ao me aproximar da estrutura, localizo a chave mestra dourada pendurada em um único fio nos degraus. Ficando na ponta dos pés, eu envolvo meus dedos em torno do metal vivo, orgulho me enchendo até a borda.

Eu ouço o puxão da corda soltando a chave quando ela cai em minhas mãos. Há alguns segundos para eu admirar o ouro falso, mas minha ação pareceu desencadear uma série de eventos horríveis. Como se a corda fosse uma armadilha e eu fosse a vítima perfeita.

Gritos, gritos agudos e ensurdecadores irrompem ao meu redor. Vozes gritando de fora do Labirinto. Eu pulo, girando da esquerda para a direita esperando que alguém esteja perto de mim. Em vez

disso, há um toque consistente de tiros disparados na noite, um som distinto de tiros.

São apenas fogos de artifício, racionalizo, embora não haja brilho ou cintilação de luz colorida que sobe para as nuvens. Posso dizer a mim mesma que só quero fogos de artifício, mas isso não vai mudar a verdade.

— Todos fiquem calmos e, por favor, dirijam-se ao pátio! — Eu ouço um dos professores anunciar pelo microfone, a voz ecoando em minha direção.

Eu não tinha certeza do que era pior.

Estar presa neste labirinto ou não saber o que estava acontecendo fora dele.

Meus instintos de sobrevivência foram acionados mais nas últimas semanas do que nunca. Isso não foi nada como ser pego pela polícia ou quase ser pego pelo cara de quem você está roubando.

Isso é muito pior.

— Lyra! — Eu grito a plenos pulmões, minha garganta tocando dolorosamente. — Lyra!! — Eu saio, minha lanterna me guiando enquanto começo a refazer meus passos que já havia começado a esquecer.

Meus olhos estão se esforçando para ver na escuridão, trabalhando para procurar por Lyra, ao mesmo tempo em que tento me tirar deste labirinto com segurança. A névoa e os gritos já haviam perturbado meus sentidos o suficiente, agora havia uma música estridente que começou a vibrar nas paredes do Labirinto.

Sem letras, apenas acordes discordantes sinalizando um destino iminente no meu futuro. Parecia uma música tocada em um carrossel, destinada a atrair as pessoas para as cores vivas e os cavalos giratórios.

É apenas uma piada que os alunos mais velhos fazem com os alunos mais novos, eu acho. Isso é tudo.

— Lyra! — Eu tento novamente, mas não ouço nada chamando de volta para mim. O som de um baque alto chega ao meu ouvido, pouco antes de meus olhos dispararem para a direita e para um cilindro preto fino que tinha acabado de começar a expelir fumaça vermelha brilhante do topo. Ele vazava e borbulhava se espalhando ao meu redor em ondas grossas.

Começando pelos meus pés antes de escalar meu corpo, não esperei que continuasse ocupando espaço. Comecei a me mover para frente, meus braços esticados na minha frente como uma múmia glorificada.

Baque. Baque. Baque.

Mais bombas de fumaça voando pelo topo das sebes, caindo em pontos aleatórios ao meu redor. A fumaça tomou conta da minha visão, envolvendo-me completamente em uma cor vermelha brilhante e alarmante.

Terror tomando conta de mim, levantando os cabelos finos na parte de trás do meu pescoço. Meu coração martelando em meus ouvidos enquanto meus olhos ardem de irritação.

Não tive medo nem tive pavor.

O que eu senti foi além de um substantivo inútil.

O que senti foi uma força viva e tangível que se arrastou sobre mim como um animal faminto. Ele mastigou minha carne crua, rasgando-me membro por membro até que pudesse se banquetear com o coração imobilizado dentro do meu peito.

Eu não conseguia mais controlar minhas mãos enquanto elas tremiam.

Tosse encheu meus pulmões, agitando meus braços com pouca utilidade tentando mover a fumaça da minha visão. Tudo era um borrão, tudo girando rápido demais. Fiquei parada por alguns momentos, meu estômago revirando, fechando os olhos desejando ser pequena novamente. Desejando estar de volta em casa no Texas e buscando conforto nos braços de meu pai. Permitindo que ele me proteja.

Pensei em meu pai e em como ele me criou para ser mais forte do que isso. Mais corajosa que a moça que se deita aos pés de quem está decidido a derrubá-la. Ele me mostrou como roubar a riqueza bem debaixo de seus narizes arrebitados. Fui ensinada a não ter medo dos solavancos da noite. Porque eu era o solavanco da noite.

Uma respiração instável roça meus lábios, minha lanterna não faz nada além de iluminar as nuvens de fumaça diretamente na frente do meu rosto. Foquei meus ouvidos nos sons dos gritos, de onde as vozes ecoavam, se eu pudesse ir na direção deles, me tiraria desse labirinto.

— Lyra! — Eu engasgo, esperando que minha voz estrangulada alerte alguém.

Enfio a chave no bolso, colocando a lanterna na boca e segurando-a com os dentes enquanto tiro o pulôver da cabeça e o jogo no chão.

Uma regata preta gruda na minha pele com a ajuda de um pouco de suor que escorreu entre o vale dos meus seios e no meu estômago. Prendo a respiração e tento acalmar o pânico, caminhando em direção à saída.

É quando eu ouço o riso abafado.

Uma risada escura e encapuzada que fez meus músculos ficarem tensos. Elas me fazem mover minhas pernas mais rápido. Saber que algo estava próximo. Eles estavam perto e eu estava preso aqui com eles. A aura ameaçadora do som fez meus ossos tremerem de pânico. Ecos de risadas ecoando dentro do meu peito, zumbindo na minha cabeça.

A música do carrossel girava mais rápido, ficando cada vez mais alta a cada passo à frente.

Senti uma brisa de vento atrás de mim, um toque casto na parte inferior das minhas costas, fazendo-me girar apenas para encontrar mais fumaça. Outro sussurro de mão contra minha perna esquerda me faz virar novamente. Eles estavam bem ali. Logo além da parede de fumaça, se escondendo, brincando. Eu girei em círculos enquanto eles roçavam meu corpo quando me afastei deles.

Eu estava presa em uma falsa realidade. Enfiada dentro de um jogo assombrado do qual não queria fazer parte. Meu estômago revirou, minha mente nadando enquanto eles cacarejavam e roçavam contra mim. Aparecendo e desaparecendo nas sombras.

Eles estavam em todos os lugares e em nenhum lugar ao mesmo tempo.

Impossível acompanhar.

— Que porra você quer?! — Eu grito, farto dos jogos, cansado do tormento do gato e do rato. Minha lanterna apontou para a frente enquanto meu peito subia e descia com raiva, — O que você quer?! — Eu grito novamente.

Mais risadas se seguem, minha lanterna captando vislumbres de seus rostos enquanto eles se aproximam cada vez mais. Caminhando lado a lado, seus ombros largos movendo-se em sincronia um com o outro. Pedacos de uma máscara de palhaço cobrem a da extrema esquerda, a do meio com o rosto de quebra-cabeça característico, e a última exibia uma simples e lisa branca que tinha sangue vazando de onde seus olhos estariam.

O vômito fica na minha garganta quando eles se aproximam de mim. Eu recuo, subo, subo, até atingir algo sólido. Eu tinha certeza de que era assim que o inferno parecia. O da máscara branca, o mais alto, estende a mão e engancha um pedaço da minha trança entre os dedos, esfregando-o entre o polegar e o indicador.

Fiquei tão imóvel enquanto ele se inclinava para mim, pressionando meu cabelo nos buracos do nariz de sua máscara e inalando desesperadamente alto.

— O que você quer? — Eu pergunto com uma voz áspera e quebrada.

O que eu pensei ser um pedaço do labirinto começa a se mover atrás de mim. Eu me afasto dele, apenas para me aproximar de outro corpo. Eu não tinha para onde ir, não havia nada que eu pudesse fazer para evitar que seus braços me envolvessem, sua palma apertando minha boca enquanto ele pressionava seu corpo duro no meu.

Aquele que se esconde na sombra e é filho da noite. Mesmo com uma máscara eu sabia quem ele era. Eu podia sentir isso.

Eu me preparo para gritar com o horror na minha frente,

— Seu medo. — Seu tom animalesco alto sobre a música e comoção. Posso sentir o gosto do couro de sua palma enluvada enquanto choro em sua mão grande.

A frente de sua máscara está tocando meu nariz. Meus olhos se cruzam para distinguir o crânio preto e branco na parte superior de seu rosto, a parte onde seus lábios deveriam estar escondidos por uma espessa máscara de gás preta que distorce sua voz.

— O seu silêncio. — Ele continua.

O cheiro de plástico e fumaça é quase avassalador, mas não tão forte quanto o cheiro subjacente de cravo e magia negra. A adrenalina bombeia em minhas veias como ouro líquido. Cada terminação nervosa disparando, cada átomo tremendo de energia. Eu estava viva.

Eu estava nas mãos da morte e me sentia tão fodidamente viva.

— A verdade. — Ele grunhe.

Que verdade?

Que ele é um filho da puta assassino? Eu já poderia ter dito isso a ele.

O braço de Alistair envolve minha cintura, puxando-me para mais perto, se possível, os sons ofegantes de sua respiração através da máscara, me fazendo tremer. Eu me encolho quando seus olhos escuros se cravam em minha alma através do crânio.

— Eu possuo você agora, pequena ladra. Nós possuímos você. Você pertence a nós. Lembre-se disso. — O rosnado balança meus ossos, meu lábio inferior tremendo.

Eu me encolho com sua declaração, sabendo que não poderia fazer nada sobre isso de qualquer maneira. Eu não poderia me salvar desse momento. Eu não poderia impedir que isso acontecesse.

Meu coração batia tão forte que eu sabia que ele o sentia contra o próprio peito. Quente, úmido, fluido encharcado entre minhas coxas, meu corpo sexualmente excitado pela carga de terror primitivo. Disse a mim mesma que era apenas a reação natural do meu corpo. Que eu não poderia evitar. Foi uma resposta biológica.

Seu aperto em meu corpo aumentou, a mão sobre minha boca tornou-se mais dura, — Você gosta de ter medo, não é, Briar? Você gosta de brincar nas sombras conosco, monstros? — Ele questiona, me provocando como uma criança.

Eu me empurro contra seu aperto, tentando mostrar o máximo de desvio possível em meus olhos. Eu estava cansada de ser perseguida e ele me pegar. Eu estava exausta de correr, de esperar que ele fizesse um movimento. Eu não queria mais bancar a garotinha assustada, mesmo sabendo que não estava por dentro.

Meu corpo quase recusou, pedaços de mim querendo buscar seu calor e o desejo que emanava dele em ondas, mas lutei contra isso. Com toda a força que eu tinha em meu corpo, eu levantei minha cabeça para trás antes de bater em seu nariz.

Um estalo satisfatório é registrado apenas brevemente antes de eu me afastar de seu corpo e correr na direção oposta, sem parar para ver como ele reagiu à cabeçada que estava fazendo minha cabeça latejar de dor. Eu tropeço no labirinto, caindo nas laterais das sebes, arranhando e cortando meus braços. Eu podia ouvi-lo atrás de mim, seus passos pesados, a maneira como suas botas batiam no chão.

Meu peito doía por uma lufada de ar limpo, sem fumaça, minhas pernas queimando enquanto eu dobrava outra esquina.

Eu me virei por uma fração de segundo, só para ver o quão perto ele estava de mim e quando o fiz meu corpo colidiu com outro. Minha reação imediata foi lutar contra eles, chutando, arranhando, gritando porra de assassinato.

— Briar! Briar! — Meu nome é gritado pelo meu atacante enquanto eles tentam agarrar minhas mãos, lutando contra minhas unhas de seu corpo.

— Ajuda! Alguém ajuda! — Eu disparo, continuando minha luta. Delirante e quebrada.

— Briar! É Dean Sinclair, estou tentando ajudar! — Quem eu pensava ser um dos meus agressores acabou sendo o reitor da nossa escola. Um reitor que havia perambulado pelo labirinto em busca dos dois alunos presos lá dentro após a comoção do lado de fora.

As paredes ao meu redor parecem cair em cascata enquanto eu caio nos braços de alguém que não são eles. O diabo poderia estar estendendo a mão para ajudar e eu pegaria. Sr. Sinclair envolve seus braços em volta de mim segurando-me em seu peito largo que cheira a tempero velho e embala a parte de trás da minha cabeça, — Está tudo bem, você está bem. — Ele murmura, provavelmente sentindo os saltos erráticos do meu coração e vendo meu estado esgotado.

Fechei os olhos, as lágrimas escapando deles e foi naquele momento que eu estava tão cansada de chorar.

Eu estava tão farta de vomitar e de me sentir impotente. Jogando um jogo em que eram especialistas. Nada além de um pequeno peão lamentável em sua partida de xadrez. Eles estavam governando minha vida, meus pesadelos, controlando minha vida.

Uma vida que lutei para ter e estava apenas deixando que eles a levassem.

Eles eram idiotas mimados com vinganças nas quais eu não estava envolvida. Eles queriam me matar, tudo bem. Mas acabei com seus tormentos e suas piadas doentias.

Cansei de ser a marionete. Cansei de ser o rato neste jogo dominado por gatos.

Se eles querem jogar, tudo bem.

Eu vou jogar também.

DEZESSEIS



MENINA FOI MORDIDA

Alistair

Eu não a estava desenhando porque ela era atraente.

Muitas garotas são atraentes. Há muitas garotas bonitas e algumas gostosas, mas isso não é o que importa agora. Eu não me importo que ela seja bonita.

Repeti essas palavras várias vezes enquanto usava meu lápis de carvão para realçar a curva de seu rosto redondo, detalhes extras na maneira como suas bochechas tingem quando ela está nervosa. Suas sobrancelhas arqueadas, mesmo a esquerda com uma fenda de uma cicatriz que se recusava a permitir que o cabelo crescesse sobre ela. Aliviando a pressão enquanto eu desenhava o formato de seus lábios rosados.

Eu a estava desenhando porque ela era outra lembrança de algo lindo que não fazia nada além de me fazer sangrar. Minha vida inteira foi passada cercada por coisas brilhantes, por pessoas deslumbrantes com sorrisos brilhantes e belas casas. Tudo o que

eles fizeram foi tirar de mim, me machucar, até que não houvesse mais nada para tirar, nada humano para machucar.

Era apropriado que o nome dela fosse Briar, um maldito arbusto espinhoso ao meu lado. Me cutucando, esfaqueando, me irritando.

O labirinto tinha sido divertido. Emocionante. Minhas mãos envolveram seu corpo assustado enquanto ela tremia sob meu toque. Mesmo na escuridão, com a fumaça se acumulando ao nosso redor, pude ver aqueles olhos coloridos dançando de terror.

Eles tremeram por mim, imploraram por misericórdia sob a camada de dissidência. Ela não morreria facilmente, recusando-se a deitar e desistir. O que estava bom para mim, mais do que bom.

Gostei que ela estivesse disposta a tentar e dar o máximo que conseguisse.

Meu lápis pressionava o papel com mais força, esses desenhos eram apenas lembretes. Avisos sobre o que acontece quando você confia na beleza ao invés da ação.

Usando meu polegar, comecei a misturar as bordas duras, sombreando-as na textura da pele, dando a ela mais profundidade do que ela merecia.

Meu telefone tocou no meu bolso, a única coisa capaz de tirar minha cabeça do meu caderno de desenho durante a aula. Eu aprendi a abafar os sons daqueles que estão no poder desde muito jovem, a escola era uma brisa para mim agora.

Depois de tirá-lo do bolso, vejo algumas mensagens dos caras, principalmente falando sobre Silas e sua bunda lenta. Estávamos

esperando há algumas semanas para ouvir sobre a filmagem de segurança que ele estava tentando hackear.

Algo sobre isso ter sido mais difícil de fazer do que outras coisas, acho que ele mencionou algo sobre um firewall? Eu não sei porra. Tudo o que eu sabia era que ele estava tomando seu precioso tempo.

Estávamos seguindo Thomas, nos revezando para ficar de olho nele e ainda não o pegamos fazendo nada suspeito. Nenhuma corrida à meia-noite de seu apartamento na Main Street, nenhum contrabando de drogas ilegais em seu carro depois da escola, nem mesmo o pegamos entrando no laboratório de química.

Achei que ele estava guardando tudo em sua casa agora. Tentando ficar quieto depois que Chris desapareceu e o Rei dos Doces quase morreu em um incêndio que começou em sua casa. Quem estava envolvido sabia que poderia ser um alvo. Eles sabiam que alguém viria atrás deles em seguida e provavelmente estavam fazendo tudo o que podiam para manter sua presença no mínimo.

Rook e eu acampamos por uma noite inteira fora de sua casa e não havia nem mesmo um lampejo de luz na direção errada. Eu estava começando a acreditar que estávamos olhando para o cara errado, que as entradas e saídas do laboratório de química eram apenas uma coincidência.

Eu disparo uma mensagem de volta, deslizando meu telefone de volta no bolso e pego o lápis para terminar o que eu estava trabalhando.

Era raro eu prestar atenção nas aulas, mesmo quando tive sorte e tive arte como disciplina eletiva no ensino médio, ainda

abafava os sons dos professores e suas orientações. Não porque achava que estava melhor, porque não precisava da ajuda deles. Eu não queria a orientação deles.

Folheando para a próxima página em branco do meu caderno, começo a trabalhar em alguns desenhos de tatuagem. Os que eu gostaria de ter, os que eu gostaria de dar aos outros. Quanto mais eu trabalhava, mais eu me inclinava para desenhos ilustrativos em preto e cinza, até mesmo um pouco de surrealismo onde eu podia dobrar o espectro criativo na pele.

Shade acreditava em dominar todas as técnicas de tatuagem, começando com o básico e construindo. Você pode ter uma especialidade, uma categoria em que é realmente bom, mas também precisa fazer as outras. Então, embora eu odiasse o estilo tradicional de trabalho japonês, trabalhei no esboço de um dragão no meu papel.

— Sr. Caldwell. — Ouço meu nome segundos antes de meu livro ser fechado por alguém que não sou eu. As páginas do meu caderno de desenho caem em cima da minha mão de desenho e lápis.

O resto da classe parece inalar simultaneamente, todos eles possivelmente em estado de choque por ver alguém me desrespeitar descaradamente. Claro, os professores estão no comando em Hollow Heights. É o trabalho deles nos ditar e nos guiar ao longo de nossa jornada de quatro anos.

Só não eu.

Eu não.

Silas não.

Não Rook ou Thatcher.

Eles nos deixam em paz. Deixando as maçãs podres se guiarem, esperando que nossos sobrenomes e dinheiro cubram qualquer dano horrível que causamos no tempo que estamos aqui.

Eles não se incomodam em nos mandar porque sabem que isso cairia em saco roto. Não só poderíamos causar o caos por conta própria, como disciplinar um de nós significaria a possibilidade de perturbar nossas famílias. E com um nome como Caldwell. Aquele que está na metade da cidade, na biblioteca da escola e no conselho da universidade, a minha era a última família que você queria irritar.

— Você se importaria de me dizer a definição de Axônio? Em relação ao corpo, é claro. — O professor Thomas Reid está de pé na frente da minha mesa, eu nem queria sentar na frente, mas quando cheguei aqui, era tudo o que restava.

Eu arrasto minha língua pela frente dos meus dentes, fazendo um barulho profundo de sucção. Alunos ao meu redor prendem a respiração, me observando,

— Você se importa de beijar minha bunda? Em relação ao corpo, é claro.

Não é a resposta que ele queria, mas é a resposta que ele esperava de mim. Ele zomba, os cantos de seus lábios se curvando em um sorriso satírico. Eu ainda não tinha visto nada sobre Thomas e Briar que se parecesse um com o outro, exceto a cor

loira suja de seus cabelos. Se eles não te contassem, acho que ninguém saberia.

— Inteligente, Alistair, muito inteligente. Você sabe o que dizem, o sarcasmo é a forma mais baixa de humor.

Eu sorrio, — E a mais alta forma de inteligência. Talvez você devesse continuar ensinando biologia em vez de dar palestras aos alunos sobre Oscar Wilde. Não parece ser o seu forte. — Outra tentativa falha em mim mudou sua atitude quase inteiramente.

O agravamento sentado em seus ombros enquanto ele imagina um cenário onde ele pode me dizer o que pensa sem que eu reclame com ele.

— Você tem razão. Isso é biologia. Então vamos guardar os rabiscos e esboços para a aula de arte. Preste atenção ou vou te expulsar.

É evidente que o professor Reid, um professor que está aqui há apenas alguns anos, não se importa com a reputação indisciplinada que me cerca e com meu sobrenome. Eu respeito isso. Um homem que faz suas próprias suposições, alguém que não permite que outros o assustem para que não faça seu trabalho.

É uma qualidade honrosa e em qualquer outra situação, pode me fazer respeitá-lo mais, mas, infelizmente, não é e tudo o que faz é me irritar 'pra' caralho.

Eu arrasto minha cadeira para trás, a madeira sob ela rangendo ruidosamente. Pegando minhas coisas, colocando meu

lápiz atrás da orelha antes de olhá-lo nos olhos. Se ele estiver envolvido, espero que tudo em meu olhar esteja dizendo a ele,

Eu estou indo para você.

Meu maxilar se aperta quando fico de pé em toda a minha altura, mais alto do que ele por mais de alguns centímetros,

— Permita-me. — Eu murmuro, realmente não dando a mínima se ele me expulsou ou não. Eu estava saindo de qualquer maneira.

Eu ia embora sem dizer mais nada, caminhar até o meu carro, dirigir até em casa e depois descontentar minha frustração em um saco de pancadas ou na parede. Eu sabia que seu carma estava chegando e saber que poderia fazê-lo pagar dez vezes mais tarde foi o que me impediu de fazer qualquer coisa imprudente no momento.

Isso foi até que eu senti sua mão no meu peito.

A porra da mão dele.

No meu peito.

Meu sangue estava quase fervendo quando abaixo a cabeça para olhar seus dedos finos colados na frente da minha camisa branca. Minha mente divaga por alguns segundos, apenas girando em torno das infinitas possibilidades de como quebrar cada osso do corpo dele.

Cada um esmagando sob meu punho, sob meu sapato enquanto eu desço em sua traqueia esmagando-a lentamente. Eu queria rasgá-lo em pedaços e usar os pedaços que sobraram como brinquedos para mastigar para o cachorro de Silas, Samson.

Fiquei com água na boca de fome de uma comida que não existia.

Para dor. Para ossos quebrados. Por gritos de misericórdia.

— Seus pais podem estar no conselho, Alistair, mas isso não o torna intocável. Todos nós respondemos a alguém. — Ele diz baixinho, perto do meu ouvido.

Levanto os olhos vagorosamente, respirando fundo, sinto minhas narinas dilatarem com o ar agressivo que passa por elas.

— Tire a mão de mim. — Eu resmungo, de repente perdendo todas as desculpas na minha cabeça por que eu não colidi meu punho em cada osso do rosto dele. Meu controle está escorregando cada vez mais longe.

— Você vai bater em um professor, Sr. Caldwell? Isso é motivo para expulsão, não importa qual seja o seu sobrenome.

O que há com essa família testando a porra da minha paciência? Primeiro sua sobrinha, que não vai saber a bunda de sua cabeça quando eu terminar com ela e depois essa porra de ferramenta. Ambos, estranhos a este lugar, a como isso funciona.

Pensando que eles estão acima do pedigree sem fim.

Pontos vermelhos começam a nublar minha visão, a besta que não me preocupo em trancar rosna dentro do meu peito, pronta para devorar meu alvo pretendido.

Estendendo minha mão para envolver seu pulso, eu o agarro com muita força para ficar confortável.

— Não há muitas limitações para o que posso fazer, professor Reid. — Minha língua cospe seu nome como carne podre. Por uma

fração de segundo, um fogo de artifício de preocupação explode no centro de sua pupila antes que se apague.

Eu libero seu pulso, passando por ele com meu ombro um pouco para garantir e me viro para olhar para ele, o olhar em seu rosto me desafiando a dizer qualquer coisa que ele possa usar para me colocar em apuros, — Você deve ter cuidado, professor Reid. Pessoas desaparecendo e tudo.

Foi irresponsável dizer na frente das pessoas, mas achei um pouco melhor do que matá-lo com minhas próprias mãos nesta sala de aula. Abrindo a porta, ando pelo corredor, agradecido por estar vazio e não haver ninguém para empurrar para fora do caminho enquanto faço meu caminho para o estacionamento.

Eu duvidava que chegaria em casa antes que meu punho batesse em algo ou alguém. A vontade de ligar para Rook e dizer a ele para me encontrar em casa para um sparring era tentadora. Da maneira como Thatcher e eu batíamos de frente, Rook e eu parecíamos nos encaixar.

Ele precisava apanhar às vezes e eu precisava bater.

Acho que havia algo sobre estar no controle de quem o atingiu que tornava isso diferente. Tudo o que sei é que ele precisava disso às vezes, ele precisava da dor e eu poderia dar a ele.

E faríamos qualquer coisa um pelo outro. Não importa o favor. Mesmo que isso significasse bater um no outro.

A raiva está saindo de cada poro, minhas mãos tremendo quando eu clico no botão destravar meu chaveiro, minha mão enrolando em torno da porta e abrindo-a.

Eu precisava de um segundo para recuperar o fôlego. Eu precisava de um momento para me acalmar.

O que eu não precisava era abrir a porta do meu carro apenas para encontrar milhões de insetos rastejando por dentro. Centenas de corpos ovais achatados se espalhando ao longo do meu painel e se enterrando em meus assentos.

Na minha ilusão, pensei que havia cobras acompanhando os gigantescos insetos de aparência alienígena, mas rapidamente percebi que eram elas que estavam fazendo o barulho.

— Que porra é essa, — eu xingo, inspecionando o lado de fora do meu veículo, certificando-me de não ter atropelado algo que possa tê-los atraído para dentro do meu carro.

Quando não vejo nada, olho para dentro, roçando uma folha de papel branco com tinta vermelha salpicada. Eu alcanço o ninho de talvez vinte deles, sacudindo o papel até que eles caiam no chão.

Levaria meses para tirar o cheiro de mofo e umidade dos meus assentos. Eu não tinha medo de insetos nem eles me incomodavam, era apenas altamente irritante.

O mundo tinha a intenção de me testar hoje, aparentemente.

Eu examino a nota algumas vezes, olhando para as baratas, de volta para a nota uma e outra vez. Um vislumbre de um sorriso faz meus lábios tremerem.

Não tenho medo de você, Caldwell. Foda-se e encontre um novo hobby. Sugiro começar com a coleta de insetos. Aqui, eu vou te dar uma vantagem.

Eu lambo meu lábio inferior, balançando a cabeça, que porra de guerreira ela é.

Uma guerreira que eu iria destruir sob minha bota de combate. Eu assistiria aquela pequena luz espertinha que brilha em seus olhos quando eu não estou por perto, desaparecer para sempre. Eu pegaria tudo o que ela achava que sabia e viraria.

E ela ia ter gosto de mel na minha língua quando isso acontecesse.

Humana o suficiente para ter medo, forte o suficiente para não deixar isso influenciá-la. Eu não era estúpido, eu sabia que ela estava com medo, mas eu tinha uma forte inclinação de que ela tinha acabado de nos deixar passar por cima dela.

Uma coceira na minha mão me faz olhar para baixo e ver que o vertebrado robusto se arrastou para a minha pele. Jogo o inseto no chão pouco antes de esmagá-lo com o pé. Ele tritura sob o meu peso.

Ela não apenas conseguiu colocar centenas de baratas em meu carro, mas também invadiu meu veículo sem acionar o alarme. Mostrou talento. Mostrou promessa.

Era uma pena que seria desperdiçado. Que eu teria que pegar uma garota que achava que sabia tudo e mostrar a ela o que a vida realmente significava.

Arrastá-la para a escuridão, para as sombras onde eu gostava de me esconder, e mostrar a ela exatamente por que ela deveria ter medo de alguém feito de pesadelos.

Alguém como eu.

DEZESSETE



ENTRE AS ONDAS

Brian

A auto-satisfação correu forte pelo meu sangue hoje. Eu tinha uma vitalidade diferente no meu passo a partir de hoje. Andando pelo campus sabendo que Alistair estava ocupado limpando seu carro de merda de barata.

Lyra estava convencida de que isso os estava apenas provocando. Tornando as coisas piores para nós mesmas. Talvez estivéssemos, talvez a pegadinha fosse um erro, mas pelo menos eles sabiam agora, não íamos nos deitar para eles cuspirem em nós.

O labirinto foi a palha que quebrou as costas do camelo.

Farto de ser presa fácil, cansado de deixá-los vencer, mesmo que eu tenha perdido a guerra, ganhei uma batalha. Servi a Alistair uma colher de seu próprio remédio e esperei que tivesse gosto de leite podre.

Eu me arrastei pela entrada do salão de recreação da escola, a porta de vidro com uma fechadura simples era a única coisa que

me mantinha longe da piscina. O brilho das luzes sob a água refletia nas paredes quando me aproximei.

Com dedos suaves puxei dois grampos de cabelo do meu cabelo, pegando o primeiro e separando-o com os dentes formando um ângulo de noventa graus com ele. Agachada no chão para trabalhar com o outro, enfio-o por dentro virando para a esquerda para criar tensão dentro do cadeado padrão.

Deslizo o primeiro alfinete por cima do outro, brincando com os alfinetes de dentro. É matemática simples, na verdade, uma fechadura padrão tem cinco pinos e cada pino precisa ser pressionado para que a fechadura seja aberta. No entanto, existem pinos presos, pelo menos três que são mais difíceis de liberar, então começo com eles. Balanço o grampo para cima e para baixo, até sentir a quantidade certa de resistência.

Quando sinto isso, pressiono com força ouvindo o clique gratificante.

— Um já foi, faltam dois. — Eu sussurro, continuando o mesmo processo até que todos os pinos sejam puxados e a fechadura ceda, abrindo de um lado.

Eu sorrio presunçosamente enquanto puxo o cadeado da porta, colocando-a para o lado antes de deslizar para dentro da sala de bilhar. Eu observo o céu escuro brilhando acima de mim, a hera inglesa sobe pelas laterais dos painéis de vidro invadindo o topo do telhado, onde mais placas transparentes compõem o topo da casa.

Durante o dia, a luz brilhava em todas as direções, era convidativa e quente. Mas à noite, havia uma vantagem. Olhando

para a floresta, imaginando se há algo entre as árvores olhando para você. Se você estrelasse por muito tempo, encontraria exatamente o que estava procurando. Sua mente entretém a escuridão se você não for cuidadoso.

Coloquei meu telefone em um pequeno alto-falante, alto o suficiente para eu ouvir, mas baixo o suficiente para não alarmar ninguém com a minha presença. Decidi não clicar nas luzes internas, as que iluminavam a piscina pareciam ser suficientes.

As luzes brilhantes e quentes deram à piscina um tom verde-espuma, tornando-a mais convidativa.

Tirando minhas roupas com entusiasmo, deixando-me com minhas duas peças pretas. Eu estive esperando o dia todo para entrar na água fria. A natação me fazia sentir leve. Nada realmente importava, exceto a maneira como meu corpo se movia. Meu cérebro poderia desligar um pouco e eu poderia apenas flutuar.

Eu precisava disso.

Chega de Hollow Boys. Sem planos de vingança. Sem problemas escolares ou de matemática.

Só para flutuar um pouco.

Meus pés descalços dançaram no chão frio ao redor da piscina. Ligeiramente úmido e grudado nos pés, inalo o cloro que permanece no ar úmido. A verbena e as rosas silvestres plantadas ao redor da piscina quase a dominam, mas não totalmente. Eu adorava aquele cheiro. Do cloro. Bufando como tinta antes das competições enquanto me preparava no trampolim, preparado para lançar na água.

A música pairava no ar, melodias suaves e distorcidas, com letras subversivas e cheias de angústia. O tipo de música que alimentava corações partidos e trazia náufragos para casa.

Inquieta, mergulho de cabeça na extremidade de três metros de profundidade da piscina olímpica. A corrente de casulos de água em torno de mim, estabelecendo-se do lado de fora das minhas orelhas e tornando tudo acima da superfície trivial.

A pressão da água me abraça, me mostrando o conforto que me faltava por estar aqui. Minha família pode ter sido pobre, meu pai pode ter roubado para conseguir um emprego, mas cresci amada.

Cresci em uma casa onde os abraços eram dados livremente e com frequência. Onde a churrasqueira estava sempre acesa no verão, o cheiro de carvão flutuando no ar quente. Onde nos invernos encontrávamos a maior colina em nosso estacionamento de trailers e descíamos com tampas de plástico para recipientes de armazenamento. Onde minha mãe lia minhas histórias para dormir e me colocava na cama.

Eu estava acostumada a ser invisível para todos fora da minha casa. Para sentir fria e indesejada na escola, julgada no supermercado, mas eu sabia que entraria em um trailer de dois quartos que me senti em casa e me apoiou. Eu não tinha basicamente nada para chamar de meu, exceto família e agora parecia que nem isso eu tinha.

Eu nunca me senti mais isolada.

Sim, eu tinha Lyra, eu tinha Thomas e ligava para minha mãe com bastante frequência, mas não parecia o suficiente. Andar por

aqui é um frio constante na espinha, sempre carregando o chip no ombro pronto para me defender.

Sem ser perseguido por homens psicóticos, presumi que a maioria dos calouros da faculdade se sentia assim.

Tentando desesperadamente se encaixar, para encontrar um lugar para pertencer no mundo sozinho. Afastar-se da família sempre soa melhor na sua cabeça, até que você esteja longe, sozinho, comendo ramen com um moletom que não é lavado há três dias.

Mas é um processo. Eu sei que isso vai passar de uma forma ou de outra. Ou começo a me acostumar com o tormento ou deixo que me afugente.

Fico lá embaixo até meus pulmões quererem estourar, até que manchas pretas comecem a aparecer atrás das minhas pálpebras.

Perfurando a água com um suspiro de ar, eu empurrei meu cabelo para fora do meu rosto, alisando-o nas minhas costas. Cloro ardendo em meus olhos o suficiente para me fazer limpá-los.

Com um ritmo lento, sigo para a parte rasa, esticando as pernas na beira da piscina, puxando os braços sobre o peito, exercitando os músculos.

Eu queria dar minhas voltas durante a noite, sabia que isso me cansaria e eu poderia descansar um pouco esta noite. O que eu precisava, porque tinha prova amanhã e não queria reprovar no primeiro teste da faculdade.

Escolhi a raia do meio, número cinco, a música mudando conforme mergulho de volta na água, começando com o nado peito nos meus primeiros cem metros.

Medley de quinhentos metros sempre foi minha bateria. Acho que silenciosamente matou meu treinador de natação o fato de eu ser a única na equipe que conseguia fazer todos os quatro estilos de natação. Ganhei competições só para ver o olhar irritado em seu rosto porque, assim como todo mundo, eles esperavam que eu falhasse.

E acho que é nisso que tudo se resume.

É por isso que não enrolei o rabo e fugi para longe desta escola homicida com tendências a sequestros.

Eu não queria dar a eles o que eles queriam de mim.

Falha.

É tudo que alguém já viu quando olha para mim. Quando eles superam a invisibilidade, tudo o que veem é o lixo do estacionamento de trailers destinado às sarjetas.

Eu queria mais para mim. Eu queria provar que todos estavam errados. Eu vivi pelos momentos que vivi, quando pude ver o choque em seus rostos. É isso que vou tentar fazer aqui.

Construir um futuro melhor para mim, para que quando as pessoas olharem para mim, vejam uma mulher crivada de sucesso e confiança. Eles não seriam capazes de me imaginar como qualquer outra coisa.

Aqueles garotos não iriam tirar isso de mim. Eu também não ia deixar que eles me vissem fracassar. Mesmo que eles olhem para

mim de seus respectivos tronos, pensando que suas travessuras de terror vão me afastar, me arruinar.

Eles não seriam o meu fim. Eles não estão tirando meu futuro de mim.

No início do meu nado de costas, meus braços estavam queimando, eu respirava com mais força e permanecia sob a superfície por cada vez menos tempo. A fadiga estava se instalando profundamente em meus músculos.

Mas eu empurrei. Eu exigi mais do meu corpo porque minha mente ainda não estava pronta. Nadei porque a água sempre foi uma espécie de liberdade para mim. Uma ruptura com as regras da gravidade e a chance de me sentir absolutamente sem peso.

Há algo sobre o movimento dele, quando você passa pela queimadura, começa a parecer natural. A forma como a água gira ao meu redor, a água fria enquanto me movo por um meio diferente do ar.

Tornei-me nadadora por acidente.

Eu tinha onze anos e minha mãe me inscreveu em um programa de verão, passei três meses inteiros na piscina. E no final do programa teve uma corrida, que eu ganhei aos trancos e barrancos.

Foi o primeiro rótulo positivo que recebi.

A garota que sabia nadar como um peixe.

Então nunca parei.

Eu virei debaixo d'água uma última vez, pressionando a lateral da piscina com os dedos dos pés e calcanhares o mais forte que

pude, impulsionando-me para frente sob a água como uma adaga rápida ao vento.

Eu reapareço na superfície, girando meus braços em círculos constantes enquanto forço meu corpo a terminar este último metro de nado livre. Meus braços deslizam para dentro e para fora da piscina, minhas pernas chutando com força enquanto o resto da minha resistência começa a diminuir.

Meus dedos e minha mão batem no topo do concreto, marcando o fim do meu medley. Fico de pé na água rasa, com as pernas bambas, enquanto respiro fundo. Segurando-me contra a borda, recuperando meu senso de visão acima da água.

Com pouco esforço, deitei-me, deixando a água me levar. Minha respiração se regula enquanto olho para o céu estrelado através das janelas de vidro. Mergulhando em um mundo só meu.

Me imaginando como uma mulher com poder. Uma empresária. Uma pioneira. Alguém importante. Alguém que não pode ser esquecido. Eu não sabia o que queria fazer para trabalhar depois da faculdade, principalmente porque não achava que seria capaz de pagar a faculdade. Agora as possibilidades são infinitas.

Tenho escolhas sem fim com um diploma sofisticado de Hollow Heights.

Meus olhos se fecharam por conta própria. Completamente absorvida pela água, o silêncio da água acalmando o caos dentro da minha cabeça. Não sei quanto tempo fiquei ali, apenas flutuando, mas podia sentir meus dedos começando a podar.

Quando reabro os olhos, a luz da piscina abaixo de mim não está mais refletindo nas janelas. Tudo é preto.

No alto do meu nado, acho que ainda estou de olhos fechados. Só quando fico de pé na piscina, com os pés afundando no fundo, esfregando as pálpebras, aceito o fato de estar no escuro.

Não apenas escuro, o esquecimento escuro como breu. Não consigo nem ver minha mão na frente do meu rosto, nem mesmo a luz das estrelas é suficiente para perfurar o escuro.

É ridículo. Eu sei que as luzes da piscina provavelmente apagaram ou expiraram, uma explicação simples. Mas medos irracionais sobem pela minha espinha, sussurrando em meu ouvido.

E se esta universidade tiver tubarões que eles soltam aqui à noite? Ou crocodilos? Eles têm tudo o mais perigoso e assustador, por que isso seria tão rebuscado?

Eu olho para a água, o líquido preto como tinta é apenas um som em meus ouvidos. Eu mal posso ver o topo dela, muito menos o que está abaixo de mim. Meus dedos dos pés formigam querendo que eu os tire desta piscina.

O sangue bombeia forte através de mim, batendo contra a minha pele com cada batida do meu coração. Minha boca começou a secar, como se bolas de algodão tivessem acabado de ser enfiadas na minha garganta.

É uma reação humana normal. Qualquer um se sentiria assim. A sensação de que algo vai agarrar meu pé, puxando-me para

baixo da água. Nunca mais vendo a superfície. Seja um feroz tubarão-branco ou um humano.

Felizmente ainda posso tocar, não tenho certeza de quão longe da borda estou devido à minha flutuação imprudente. Começo a caminhar para a frente, um braço estendido procurando por algo sólido que possa me ajudar a sair da piscina.

Olhar para trás está fora de questão, sei que assim que vir a desolação sem fim por cima do meu ombro, isso só me deixará em pânico ainda mais.

As lâmpadas acabaram de queimar, só isso...

Respingo

Eu lambo meus lábios ressecados, congelando quase imediatamente.

O que quer que tenha acabado de entrar na água comigo, o fez de forma deselegante. O peso deles vibrava no fundo da piscina, tocando minhas pernas já fracas.

Anaconda gigante?

Tubarão-touro?

Humano vingativo?

Estou de frente para a direção do som, lentamente começando a recuar, medindo minha distância por onde a água fica na minha cintura. Quanto mais eu me movo para trás, menos água se acumula em volta do meu estômago, o que significa que estou indo para a parte rasa.

Se for um animal, estou perdida. Eles podem me ver nesta escuridão. Eles podem sentir meus movimentos leves. Meu coração disparado.

Mas se for um humano. Um com uma vingança, então eu tenho uma chance porque eles não podem me ver mais do que eu posso vê-los.

Houve apenas um respingo, o que significa que havia apenas um deles aqui comigo. Mas os outros três podem muito bem estar esperando em todas as minhas saídas esperando que eu faça um movimento.

Eu ouço a água ondulando na minha frente, a alguns metros de distância, talvez se meus sentidos estiverem bons. Outra ondulação, depois outra, como se estivesse se movendo em minha direção tão lentamente quanto eu estava me movendo para trás. Ambos tomamos cuidado com as razões contrastantes.

Eu, querendo sair dessa piscina com o mínimo de dano e o mais silenciosamente possível na esperança de que eles nem percebam que eu saí.

Eles, não querendo me assustar para que eu não fuja, para que eu não corra.

A água fica repentinamente fria. Gelado. Como imagino as águas do Alasca correndo no auge do inverno. Pequenas protuberâncias crivam minhas coxas, meus braços, meu lábio inferior tremendo. Eu nunca quis sair da água antes. Não como eu fiz agora.

Minhas costas batem na lateral da piscina, alívio inundando minha alma. Levantando os braços, pressiono as palmas das mãos no chão de ardósia, levantando-me para trás, pronta para pegar minhas coisas e sair correndo daqui.

Mas eu vou mais longe na minha cabeça, depois na vida real.

Mãos, mãos humanas agarram meus quadris, puxando-me de volta para a água sem nenhuma compaixão. Deslizo de volta para a piscina, como se nunca tivesse saído dela. Meus pulmões se enchem com um grito poderoso, abrindo minha boca para gritar por ajuda apenas para tê-la coberta pela palma da mão.

— Agora mesmo, Briar. Não gostaria que ninguém soubesse que você está invadindo lugares que não deveria depois do toque de recolher no campus.

Aquela voz. Essas mãos. Esse sentimento.

Aversão, ódio vil fervilha em minhas veias. O fato de que ele me colocou na posição novamente, que suas mãos estão me segurando e meu corpo está comendo. Espumando pela boca, imaginando o que fará a seguir, como uma garotinha ingênua. Ele me prende na parede, facilmente com uma mão no meu quadril.

Sinto seu jeans áspero e encharcado roçar minhas coxas nuas, sua camisa macia grudando em meus braços expostos. Quem pula em uma piscina com roupas?

Eu afasto minha boca de seu aperto, — Eu acho que o assassinato teria prioridade sobre invadir uma piscina, não é, Alistair?

Não consigo vê-lo, apenas o contorno obscuro de sua forma. Os ombros musculosos, a maneira como sua cabeça se inclina divertida com a minha resposta e eu sei, sem precisar ver, que há um sorriso fatal em seus lábios.

Rochas, rochas enormes pesam no meu peito. Cada respiração dói quando estou perto dele. Ele toma todo o oxigênio. Deixando-me com nada além de seu perfume picante para inalar como combustível.

— Agora, por que você iria falar sobre algo que não envolve você? Achei que estávamos começando a nos tornar amigos. — Ele repreende, com uma ameaça subjacente, me deixando enjoada. Me deixando tonta.

Eu sinto seu polegar roçar meu estômago descoberto, pequenos choques em cascata pela minha barriga. Eu ignoro suas perguntas completamente. Ele não merece uma resposta.

— Você vem sozinho? Ou você trouxe seus animais de estimação para ajudá-lo a derrubar o pequeno eu?

Nervo atingido porque sinto seu polegar cavar em minha pele, áspero e exigente. Me fazendo engolir em dor. Todos os seus grandes botões vermelhos, aqueles com os quais eu não deveria mexer, cercam seus amigos. Você pode atacá-lo, mas no segundo em que voltar sua atenção para seus lacaios de merda, ele estará pronto para atacar.

Eu tento me livrar de seu aperto, apenas para ser recompensado com um golpe de volta no lugar. Minhas costas perfurando a lateral da piscina.

— Baratas. Um pouco juvenil, mesmo para uma vagabunda como você.

— Roupas na piscina. Um pouco inseguro, mesmo para um cara com pau pequeno.

Ele ri, profundo e rico como bolo de chocolate amargo. Amargo no início, mas gradualmente derrete na língua, tornando-se açucarado e pegajoso. Meu tipo favorito de chocolate.

Meu corpo treme em suas mãos, mais uma vez meu cérebro está em guerra com o resto de mim. Endorfinas me encham, formigando minhas coxas, varrendo meu núcleo. Eu engulo minha bile, segurando meu queixo, mesmo que ele não possa ver.

A mão que não está no meu corpo começa a correr ao longo do meu ombro, apenas as pontas dos dedos passando pela minha silhueta. Vendo-me com as mãos.

— Você tem algo que me pertence, Ladrazinha. — Todas as risadas se foram. Todas as reminiscências de sua humanidade desaparecendo.

Meus olhos se voltam para minha camisa de botão na cadeira perto do alto-falante onde a música ainda toca, sabendo que seu anel está enfiado no bolso da frente da camisa. Grata pela primeira vez que ele não pode me ver.

— E eu quero de volta. — Ele rosna, seu tom belisca minha pele como lobos ferozes mostrando os dentes.

— Eu não tenho nada. — Eu resisto a ele, o que é inútil, mas não quero que ele pense que estou recuando. Meu coração bate forte com a mentira descarada.

Sua mão agarra a parte de trás da minha cabeça, agarrando o cabelo lá atrás com um aperto inebriantemente vicioso. Me puxando para baixo, de modo que meu rosto esteja apontado para ele. Posso sentir sua boca flutuando sobre a minha e prometo a mim mesma que, se ele me beijar, vou arrancar sua língua com uma mordida.

— Você viu o que fizemos com aquele professor, não viu? — As imagens vívidas me assombram. — Isso é o que acontece com as pessoas que tiram coisas de mim, Briar. Eles acabam mortos.

Sua respiração é Novocaína para meus sentidos, entorpecendo tudo. O veneno em sua voz penetra em meus poros, me infectando. Todas aquelas imagens correm de volta, aquelas que me atormentam à noite. Do sangue, das cobras, dele.

As dele são as piores porque sempre acordo com o suor escorrendo pela parte inferior das costas e a calcinha úmida.

— Eu não tenho medo de você. — Eu estremeço, outra mentira.

— Sim? Prove. — Juro que sinto seu lábio superior bater no meu quando ele pronuncia o P em prova.

Enrolando a mão no meu cabelo mais apertado, tornando-o uma coleira para ele me controlar. Com velocidade e precisão, ele aloja sua coxa direita encharcada entre minhas pernas. Me abrindo e me levantando ao mesmo tempo.

Eu inalo um suspiro, minha respiração engatando na minha garganta, minha cabeça caindo para trás em seu aperto enquanto os parafusos de fricção leves do meu centro até os dedos dos pés. Um raio atinge meus ossos. Tudo estava completamente vazio,

todas as moléculas se foram. Essa imensa força de energia surge através de mim, foi apenas um segundo de toque, mas senti mais.

Todo o meu corpo se equilibra em sua rótula, toda a pressão direcionada para o meu núcleo. Seu jeans áspero esfrega a pele delicada entre minhas pernas. Levo alguns momentos para perceber minhas mãos descansando em seus ombros cobertos pela camiseta.

— Você ainda está com medo, Ladrzinha?

Eu cerro os dentes, tentando respirar, mas tudo o que consigo são goles dele. Seu hálito esfumaçado me enchendo cada vez mais. Eu ia explodir. Tentáculos de terror envolveram minha garganta, me sufocando.

Tive medo, sim. Minha mente, meu coração.

Mas meu corpo, meu corpo doente e fodido, ele gostou.

Ele gostou demais.

Tanto que não pude impedi-la de provar meu ponto.

— Coma-me. — Eu mordo.

Eu sinto seu sorriso presunçoso, logo acima dos meus lábios. Provocando-me. Brincando comigo.

Eu sinto isso em ondas. A maneira como seu joelho começa a se mover em círculos curtos, a tensão nunca deixando meu clitóris. Eu posso sentir tudo como se ele não estivesse tocando nada além da pele nua. O material fino do meu biquíni não faz nada, mas ajuda no atrito.

A intensidade lentamente começou a crescer. Minha língua inchando na minha boca enquanto eu a mordo, proibindo qualquer gemido de escapar. De repente, senti calor, a água que antes se transformava em gelo agora era lava derretida. Cada movimento de seu joelho aumenta as chamas e eu só posso assistir. Eu só posso sentir como o inferno cresce.

Sou simplesmente brasas e cinzas de prazer em suas mãos.

Deus e ele sabe disso.

Ele passa a língua pelo lábio inferior, pegando a minha no processo e eu sinto o gosto dele. Você sabe como é assustador quase provar a única droga na Terra que pode te matar?

Eu estava pendurado no balanço da vida ou da morte nos braços de Alistair. Buscando o prazer daquele que busca o silêncio de mim.

Isso é apenas para provar um ponto. Eu me lembro. Estou apenas provando um ponto. Estou mostrando a ele que não vou desistir e ele não pode me assustar. Não mais.

Ele se levanta, fazendo um gemido torturado sair da minha garganta. Alistair inala profundamente, absorvendo meu prazer enquanto trocamos pesados grunhidos e gemidos.

Eu não podia negar a umidade que vazava entre minhas pernas, talvez eu pudesse culpar a piscina, mas ele sabia, ele sabia tão bem quanto eu. Meu corpo ansiava por isso.

— Apenas me diga o que eu quero ouvir. Diga-me que você está com medo de mim, vagabunda. — Ele murmura contra meus lábios.

O calor sobe dentro do meu estômago com seu insulto grosseiro, minhas bochechas ficam vermelhas, ou talvez queimem porque eu vergonhosamente giro meus quadris sobre sua coxa musculosa. Ele se flexiona e retesa sob meu peso, me empurrando cada vez mais para a borda.

— Apodreça no inferno, vadia do fundo fiduciário. — Minha maldição é apenas uma ameaça com o quão ofegante ela sai. Em vez dos sons suaves e suaves do nome de um amante cruzando meus lábios. Seu termo degradante cheio de tanto ódio.

Odiando-o por me fazer amar isso.

Minhas unhas arranham sua pele. Certificando-me de que quando ele sair, ele descobrirá minhas marcas. Para que, ao se olhar naquele espelho dourado pela manhã, se lembre de que tenho unhas e dentes afiados.

Como é possível estar tão ligada agora e meus sentimentos são tão opostos? A tensão dentro de mim só piora quando o desejo aumenta. Minhas pernas tremem, fazendo a água espirrar ao nosso redor.

Meus quadris se movem por vontade própria, buscando alívio, buscando aprovação. Eu nunca me senti assim.

Eu não tinha certeza se queria me sentir assim novamente. Este calor. Esta alta. Este imprudente.

A adrenalina era demais. Meu coração não aguentou.

Um grito valente cresce em meu peito. Eu caio, não, estou sendo jogada no fundo de uma poça pegajosa e ambrosial de

necessidade. A bobina dentro do meu estômago comprime mais forte, tudo por causa do menino cheio de jogos perversos.

Eu não pensei que ele poderia chegar mais perto, mas ele faz. Seus lábios pressionaram os meus, mas não em um beijo.

— Você não pode me usar. Não para fazer sua boceta apertada e rosa gozar. Não para jogos bobos com sua amiga. Por nada. Vou pegar o que é meu, Briar. Mesmo que eu tenha que te matar por isso. — Ele vomita, minha boca se movendo com cada palavra sua.

Espere, o que?

A água ao meu redor tornou-se ondas de prazer, prestes a me sugar para uma maré de êxtase, até que esfrie mais uma vez.

Ele me deixa cair na piscina, a mudança abrupta me faz cair em um líquido frio, recuperando meus pensamentos antes de voltar, tossindo por ar. Pela minha sanidade.

Quando me recomponho, olho em volta, as luzes da piscina estão acesas novamente e não há sinal de Alistair Caldwell.

Meu peito arfa, minha mente gira,

Ele realmente estava aqui? Adormeci na piscina? Eu tive outro sonho?

A dor entre minhas coxas me dá a resposta. O latejar na parte de trás do meu crânio por causa de seu aperto me diz que tudo isso foi muito real.

Eu estava assustada.

Eu estava chateada.

Eu estava vazia.

Como ele está tão bravo por causa de um anel? É uma joia, pelo amor de Deus. Detesto sentir que há mais na história dele do que posso ver. Não quero saber a história dele. Eu não ligo.

Ele é um pirralho sádico que faz mais birras do que uma criança de dois anos. Não há desculpa para como ele age.

Nenhuma.

Outra música começa a tocar, como se os últimos trinta minutos nunca tivessem acontecido. A vida recomeça e sou puxada do túnel do tempo em que ele me joga.

A frustração me preenche tanto, que afundo no fundo da piscina. Caio como uma pedra, nadando até sentar no fundo.

Então, arregalo os olhos, deixando o cloro queimá-lo da minha memória, abro a boca e grito.

DEZOITO



SESSÕES DE TERAPIA

Alistair

— Mais forte.

— Mais forte!

— Vamos, cara, eu disse mais forte! Isso é tudo que você tem? Não é de admirar que você seja o sobressalente. — Sua saliva cai no meu peito nu, a vermelhidão em seu rosto é da cor de um hidrante. Da gritaria, da luta.

Minhas mãos enfaixadas cutucam seu estômago exposto, meus olhos não podem deixar de notar as profundas cicatrizes dilaceradas que estão lá e em seu peito. Enfio minha cabeça em seu ombro, minha esquerda enganchada em seu pescoço para mantê-lo imóvel enquanto dou soco após soco em seu estômago.

O sobressalente.

Eu odeio esse nome esquecido por Deus.

Prefiro que Thatcher me chame de Ali todos os dias pelo resto da minha vida do que ouvir alguém falar essa palavra para mim novamente.

É tudo o que eles me veem, é tudo o que alguém já me viu.

Golpes doentios vêm do meu punho, feitos para quebrar ossos. Não conheço muitas pessoas que aguentariam golpes como esses. Eu acho que depois de anos de abuso, ele se acostumou com isso. Era uma sensação distorcida de união entre amigos.

Velhas feridas que adoro enterrar com raiva explosiva, desenterradas neste porão. Eles estão abertas, deixando-me sangrar todas as razões pelas quais eu gostaria de nunca ter nascido.

Seja de propósito ou por acidente, meus pais me deram o nome do carrasco e torturador chefe do Inferno. Antes mesmo que eu fosse capaz de pensar cognitivamente, recebi um nome que predestinou quem eu me tornaria.

Alguém que trouxe dor às almas. Um nome dado a espíritos malignos e indivíduos mal-humorados.

Não poderia ter sido mais perfeito.

Rook impulsiona meu temperamento com suas palavras, assim como eu sabia que ele faria. Assim como eu preciso que ele faça.

— Você é fraco, Alistair. — Ele geme, embora eu esteja causando dano suficiente para quebrá-lo, ele ainda quer mais.

Minha cabeça lateja com todo o sangue correndo para ela, — Cale a boca, Rook.

Foi aqui que transformamos anos de dor em momentos de liberdade, batemos o tormento nos ossos um do outro.

Usando o braço em volta de seu pescoço, eu puxo seu rosto para baixo em direção ao meu peito, conectando minhas mãos na base de sua cabeça. Mergulhando minha rótula no ponto fraco logo abaixo de sua caixa torácica. Um movimento receptivo que faz minhas pernas doerem de exaustão. Vergões começam a aparecer em sua pele.

Nossos corpos se unem devido à transpiração que escorre de nossos corpos. Usando um ao outro como válvula de escape que nunca tivemos quando crianças.

Suor, fumaça e o cheiro persistente de borracha do tapete obstruem meu nariz. Só não o suficiente para esquecer aquele aroma floral exótico que grudava na minha pele como sanguessugas. Ele penetrou no cloro, mesmo depois do meu banho, eu ainda podia sentir o cheiro. Eu ainda podia sentir o cheiro dela.

O vigor que senti depois de deixá-la lá, encharcada até o âmago, sabendo o quanto ela pulsava para um orgasmo. Eu podia sentir o calor, os sucos que escorriam de sua boceta, mesmo na água. Sabendo que eu tinha torcido sua pequena mente em nós.

Eu mostrei a ela que ela não era melhor do que nós. Uma garota suja e corajosa que gostava das coisas que surgiam durante a noite. Observá-la ofegar e choramingar nos braços do cara que ela odeia.

Perseguindo um orgasmo na coxa do homem que seria sua morte. Era inebriante. Eu nunca senti poder assim antes.

Minha cabeça não está no lugar certo para isso. Está se afastando desta luta a cada segundo.

Em meu estado distraído, dou a Rook a oportunidade de colocar as mãos no meu peito, me empurrando para trás e para longe de seu corpo. Ele joga um gancho de esquerda desleixado em minha mandíbula, força suficiente para cortar meu lábio inferior. Sinto o sangue começar a escorrer pelo meu queixo.

Nós congelamos por um segundo, ambos em estado de choque. Os olhos de Rook estão um pouco mais abertos, e eu levanto meu dedo ao meu lábio, puxando-o para inspecionar o líquido vermelho brilhante deixado para trás.

Eu nunca tinha sido atingido antes.

Eu nunca tinha permitido que ninguém me batesse antes.

Eu não tinha certeza de quem estava mais chocado, eu ou Rook. Pela primeira vez desde que éramos adolescentes, ele acertou um soco que trouxe sangue.

Ela estava arruinando a porra de tudo. O cheiro dela, os gemidos patéticos, os quadris ansiosos e a respiração ofegante estavam arruinando minha concentração. Sua existência estava fodendo minha vida.

Tão consumido por ela, em me livrar dela, em mantê-la quieta que outras mulheres eram um borrão. Todos eles fora de foco e nebulosos porque minha visão estava tão focada no que ela estava fazendo, onde ela estava, com quem ela estava falando.

Na noite na piscina, ela fez tudo o que eu queria que ela fizesse. Uma marionete no meu fio. Mostrando a ela que ela não passava

de um brinquedo que eu podia controlar. Não era minha intenção que ela montasse na minha coxa, mas era meu plano observá-la descobrir quem exatamente estava no comando desta situação.

Eu sabia que ela não recuaria. Nem que ela estivesse mijando nas calças com medo. Há algo em Briar Lowell que se recusa a permitir que ela se afaste do que a assusta.

E eu não quero nada mais do que esmagá-la com minhas malditas mãos.

Meus pensamentos estavam emaranhados, eu era um frenesi de fúria. Eu ataquei duramente Rook, na minha histeria. Rolando-o sobre o tatame e ouvindo-o aterrissar com um forte golpe no chão.

Eu estava fervendo sob minha pele, minha temperatura central disparando. Eu tinha certeza de que minha pele começaria a derreter em breve.

Eu queria destruí-la. Eu queria consumir tudo isso.

Eu recuperei o poder depois de sua pequena farsa de barata, mas ela logo encontraria outra coisa para me bater de volta. Eu a queria tão quebrada e perdida que ela não tivesse escolha a não ser se submeter e me implorar para acabar com seu sofrimento.

De joelhos toda ofegante e frágil.

Rook gargarejou para respirar debaixo de mim, minha técnica desleixada enquanto eu girava meu corpo em torno do dele, puxando-o para um estrangulamento. Minhas pernas enlaçaram sua cintura, meu braço direito circulou sua garganta, enquanto

meu esquerdo funcionava como uma alavanca para apertar minha traqueia.

Demônios, os diabinhos que eu escondi dentro de mim rastejaram para fora, arranhando minhas entranhas em pedaços no processo. Eu mal podia ver, minha visão embaçada e vermelha.

Quase não havia formas, apenas pontos de luz. O gosto do meu próprio sangue na minha língua me fez torcer seu pescoço com mais força. Quanto mais eu o machucava, mais perto eu chegava de pegá-la.

Quanto mais perto eu chegava de corrompê-la completamente. Até que não restasse nada de quem ela era. Quando ela se olhasse no espelho, nem ela mesma reconheceria. E talvez ela pensasse duas vezes antes de encobrir seu tio e seus negócios obscuros.

Talvez então ela se arrependesse de ter feito parte da morte de Rose. Fazer parte da destruição de um dos meus melhores amigos.

— Ali... Alistair, eu bato! Cara, eu... eu... toco! — Rook gorgoleja através do meu aperto, me trazendo de volta à vida real.

Lembrando-me que estou a dez segundos de matá-lo. Eu nem tinha sentido sua mão repetidamente batendo no meu antebraço, até agora.

Eu o deixei ir imediatamente, permitindo que ele se sentasse e rastejasse em direção aos bancos do outro lado da sala. Seu cabelo comprido coberto de suor e balançando na frente de seus olhos.

Eu caio de volta na parede atrás de mim, ficando sentado na minha bunda. Abaixando o rosto para olhar para o chão abaixo de

mim, segurando minha cabeça entre as mãos. Eu tenho que controlar minha merda.

Ela está ocupando muito espaço no meu cérebro.

Ocupando todo o espaço do meu cérebro.

— Você está bem? — Eu pergunto a ele enquanto ele engole um galão de água em menos de quinze segundos.

— Nunca melhor. — Ele diz com um sorriso cansado, o inchaço e vermelhidão em seu pescoço claro como o dia.

Sentamos em silêncio, recuperando o fôlego, nos recompondo. Deixando a euforia do momento se acalmar e a adrenalina se esgotar.

Isso me lembra da primeira vez que ele me pediu para socá-lo. Quando tínhamos quatorze anos e em seu quintal. Seu olho já estava roxo da noite anterior com seu pai, estávamos nos revezando atirando com sua espingarda de ar comprimido em pássaros que voavam pelo céu.

Ele se virou para mim com isso, esse olhar em seus olhos. Como se ele precisasse de mim. Como se ele precisasse da minha ajuda.

E lembro-me de pensar como era bom ser necessário. Ser querido como amigo e procurado para ajudar, mesmo que a ajuda fosse algo psicótico. No verdadeiro estilo Rook, ele fez uma piada no começo, ele queria ver o quão forte eu poderia realmente bater.

Mas quando eu não estava dando tudo de mim, foi quando eu vi um lado dele que ninguém raramente via. Incluindo eu e o resto dos meninos. A parte dele que ainda é uma criança quebrada.

— *Eu preciso da dor, Alistair. Preciso disso para não esquecer o que fiz.*

Era tudo que eu ou qualquer outra pessoa tinha conseguido dele.

Nunca mais falamos sobre isso depois. Acabei de aparecer quando ele ligou e fui trabalhar como se ele fosse meu saco pessoal de mudança.

— Quando seus pais voltam para casa? — Ele pergunta, afastando o cabelo do rosto.

Eu dou de ombros, — Foda-se se eu sei, na próxima semana talvez. Eles têm uma reunião do conselho da escola chegando e não perderiam a oportunidade de mostrar suas realizações. E com as férias chegando, minha mãe tem que começar a planejar suas festas berrantes.

As férias eram sempre as piores.

Natal, Ação de Graças, Halloween.

Qualquer desculpa para organizar uma reunião onde as pessoas pudessem admirá-los. Qualquer desculpa para estar no centro das atenções, eles aceitaram.

A casa estava sempre cheia de gente, fervilhando como vespas disfarçadas de borboletas. Sempre muito alto, muito brilhante, muito falso. Então, geralmente eu ficava com Thatcher e seus avós nas férias.

Porque não importava se eu aparecesse na manhã de Natal ou não, eles não se importariam, nem se dariam ao trabalho de

perguntar onde eu estava. Além disso, a avó de Thatch faz panquecas incríveis pela manhã.

— Silas não iria culpá-lo, você sabe.

Minhas sobrancelhas se juntam, — O quê?

— Ele não te culparia se você decidisse ir embora antes de descobrirmos o que aconteceu com Rose. Ele sabe o que você passa aqui. Nenhum de nós iria culpá-lo.

Isso nunca havia sido dito em voz alta até aquele momento, mas eu já sabia disso. Todos nós sabíamos disso.

— Você se culparia? Se você o deixasse sozinho em sua dor, antes que ele obtivesse respostas, você se culparia? — devolvo a pergunta.

— Eu me odiaria se o deixasse.

— Então o que te faz pensar que eu me sinto diferente?

Ele balança a cabeça, aceitando minha resposta. Não é como se ele duvidasse, mas acho que ele sentiu que precisava dizer isso, para ter certeza de que eu não estava aqui porque tinha que estar.

Esta cidade pode ter sido amaldiçoada com mentiras e pais inúteis, mas nela encontrei as pessoas pelas quais derrubaria os portões do Inferno.

Família não era com quem você nasceu. Era por quem você sangraria.

Thatcher. Silas. Rook.

Eles são as únicas pessoas que importavam.

Seguimos para o andar superior da casa, nós dois nos separando para tomar banho, demorando apenas o tempo suficiente para nos limparmos antes que minha porta da frente se abrisse e pelo clique dos sapatos Oxford, eu sabia que era Thatcher.

— Que porra você está vestindo? — Rook comenta da minha cozinha, onde está comendo um sanduíche com apenas uma toalha em volta da cintura.

Tiro a camisa pela cabeça, olhando para Thatcher, que está usando um suéter marrom e creme que parece ter sido raspado do corpo de um cordeiro.

— Luxo italiano, querido. Custa mais do que seu testículo esquerdo.

Eu solto uma risada, vendo Silas entrando atrás dele, pastas debaixo do braço. Tínhamos planejado nos encontrar aqui hoje cedo. Silas não estava na escola e nem Rook porque os dois ficaram acordados a noite toda enquanto Silas hackeava as câmeras de segurança.

Ele havia enviado uma mensagem de texto dizendo que havia encontrado algo que seria do nosso interesse.

Rook ficava com ele a maior parte do tempo. Em parte para ficar de olho nele, a outra parte para ter certeza de que ele estava tomando seus remédios. A última coisa de que precisávamos era que ele fosse vingativo e não fosse medicado com suas drogas esquizofrênicas.

Eu sigo os dois até a cozinha, dando um tapinha nas costas de Silas em saudação, antes que ele coloque a pasta na ilha de mármore.

— Thomas e Briar não estão envolvidos. — É a primeira coisa que sai da sua boca, antes mesmo de abrir o que tem dentro.

O som de seu nome faz meus dedos do pé se curvarem e o desejo de mostrar os dentes me atinge abruptamente. Não gosto da maneira como as outras pessoas dizem o nome dela. Algo sobre isso esfrega minhas engrenagens na direção errada.

— Desculpe, o quê? — Eu digo, choque evidente em meu tom.

Abrindo o fichário branco, ele tira folhas do que parecem ser tempos, junto com fotos em preto e cinza.

— Eu finalmente entrei nas câmeras de segurança e encontrei isso, — ele as espalha para todos nós olharmos.

Meus dedos pegam uma das fotos, vendo um professor que não é Thomas saindo dos laboratórios. O que pode significar qualquer coisa neste momento.

— Parece o Sr. West, ele é meu professor de química orgânica. O que ele tem a ver com qualquer coisa? — Rook pergunta.

— Greg West tem usado o distintivo de Thomas para entrar e sair dos laboratórios. Não tenho certeza de como ele conseguiu, mas ele os trocou. Veja, — ele desliza a folha de horários para o meio, apontando para logins e logouts.

— Todas as vezes que Greg entra, ele registra o número de identificação de Thomas e vice-versa. Greg é quem entra furtivamente no laboratório depois da meia-noite. Essa era a

maneira dele de se proteger caso alguém descobrisse sobre as drogas.

Meu estômago revira.

A desculpa para bater no rosto de Thomas Reid até que ele morra de hemorragia agora voou pela janela. Agora ele é apenas um professor com um pau gigante enfiado na bunda e com tesão por me irritar.

— Semanas de vigilância nas malditas pessoas erradas. — Eu falo.

Thatch vira os olhos para mim, — Ah, ah, — Ele estala a língua, — Não vamos fingir que você não gostou de espionar a querida sobrinha de Thomas, Ali.

— Você sempre pode trocar de lugar comigo. Eu seguiria uma garota gostosa em vez de passar pelo escritório e apartamento de Thomas. A cor combina com a cueca. — Rook brinca, falando com a boca cheia de comida.

Eu cerro meus molares, ignorando Rook. — Você quer que elas delatem? Alguém tem que ficar de olho nelas enquanto você engraxa a porra dos sapatos, Thatch.

Com um sorriso astuto, ele levanta as mãos no ar, deixando Silas continuar a nos contar o que ele conseguiu encontrar.

— Voltei alguns meses e você pode ver algumas horas depois que Greg sai, Chris aparece, entra e sai com uma mochila e vai fazer o que for necessário.

— Então, Greg é o professor que mandou uma mensagem para Chris sobre plantar o corpo, o que significa que ele fez isso ou sabe quem fez. É isso que estamos dizendo?

Silas acena com a cabeça, seus punhos cerrados com a menção de sua morte, — Ele é a única pessoa que conseguimos conectar a Chris. E por que ele roubaria o distintivo de Thomas, por que não usaria o seu próprio? A menos que...

— A menos que ele tenha algo a esconder. — Eu terminei.

Deixamos que a nova informação se instale. Passo os dedos pelo cabelo, pressionando as palmas das mãos nos lados da cabeça.

Sabendo que perdemos um mês inteiro olhando para a pessoa errada, mas também sabíamos que isso não seria fácil. Nós conversamos sobre isso antes de começar. Sabendo que pode levar anos até descobrirmos o que aconteceu com ela, se é que aconteceu alguma coisa.

Mas isso, isso parecia algo mais próximo de uma pista. Eu podia sentir o fim disso se aproximando, sabendo que quando encontrássemos as evidências de que precisávamos, confrontaríamos Greg e descobriríamos exatamente o que aconteceu naquela noite.

Poderíamos deixar Rose descansar em paz sabendo que quem tirou sua vida teve o mesmo destino.

DEZENOVE



TILLY'S DINER

Brian

— Dois cheeseburgers duplos, segure a cebola, uma cesta de Tilly's Curly Frillys e dois milkshakes de morango, isso parece certo, senhoras?

Meu estômago roncou quando nossa garçonete repetiu nosso pedido de volta para nós. Comida gordurosa e deliciosa era tudo que eu precisava na minha vida agora.

— Sim. — Lyra e eu dizemos juntas, rindo um pouco da nossa união.

— Vou fazê-lo!

Quando ela saiu, virei a cabeça para olhar pela janela ao meu lado, olhando para a estrada escura e o estacionamento cheio de carros. Este pequeno mergulho foi a primeira coisa nesta cidade que me lembrou de casa.

A música da velha escola que tocava na jukebox no canto, o piso xadrez, as cabines vermelho-cereja e as brilhantes luzes azuis

de neon me levaram de volta para casa no Texas e no Waffle Palace, que ficava a três quilômetros de minha casa.

O cheiro de óleo fritando, risos, tinha um sorriso no meu rosto na primeira vez que viemos aqui.

Nós duas estávamos estudando por horas, cansadas e famintas nós entramos no carro de Lyra e pegamos o carro de vinte minutos para chegar aqui. Eram apenas sete, então a multidão do jantar estava quente e pesada. O restaurante cheio de pessoas que você nunca esperaria estar aqui.

Homens de terno, mulheres de salto.

Parecia ser uma ruptura com o luxo. Reunindo todos em um estabelecimento humilde que servia de tudo, desde bolos de funil a peixes e batatas fritas.

Estávamos a uma semana e meia de outubro e as folhas estavam totalmente viradas. Exceto pelos pinheiros. Eles mantinham o casaco verde escuro o ano todo, ao que parecia.

Desde o último encontro com a prole de Satanás na piscina, ainda não tínhamos notícias deles. Nós os vimos brevemente no campus, mas as pegadinhas, as cartas, tudo isso havia parado por volta do primeiro dia do mês.

Eu ainda podia sentir a presença de Alistair ocasionalmente, observando, pairando, mas não era como antes. Ou eles estavam planejando algo como nosso grandioso sequestro e matança, ou acreditavam que seus tormentos haviam assegurado nosso silêncio.

Parte de nós queria esquecer tudo o que víamos. Eu queria estar fora do radar e longe de seus olhares. Mesmo que isso significasse ficar quieta. Eu queria me concentrar na escola e agir como se aquela noite nunca tivesse acontecido e parecia que Lyra estava muito melhor do que eu.

A outra parte de mim parecia que ia entrar em combustão. Guardar um segredo como esse pelo resto da vida. Eu tinha certeza que isso me comeria viva, mas depois da piscina prometi a mim mesmo que me formaria aqui, teria como me proteger e contaria a alguém.

Eu contaria a eles tudo o que vi e esperaria que a justiça fosse feita, mas não poderia fazer isso agora. Eu seria apenas a garota falida do Texas que estava acusando os filhos mais importantes de Ponderosa Springs de assassinato.

Não importa quantos cenários eu tenha passado, isso nunca terminou bem para mim.

A promessa que fiz havia acalmado um pouco minha ansiedade. O suficiente para que meu apetite tivesse voltado. O que foi bom para mim, porque Thomas estava começando a se preocupar com o quão frágil eu estava ficando.

— Easton Sinclair me perguntou sobre você na aula hoje. — Lyra anuncia, apoiando as costas contra a janela de vidro, os pés estendidos à sua frente na cabine. — Ele não fala comigo desde que estávamos no jardim de infância e pediu emprestado meu giz de cera amarelo.

Eu levanto uma sobrancelha, — Por que ele estava perguntando sobre mim?

Desde que acidentalmente coloquei Jackie Chan de bunda, eu só o tinha visto na aula e uma vez na biblioteca onde repassamos as respostas em um guia de estudo juntos. Achei que não tinha feito nada que justificasse que ele perguntasse a Lyra sobre mim.

— Ele queria o seu número de telefone, — ela ri, — Alguém está apaixonado por você. — Ela canta com uma voz suave, balançando o dedo indicador para mim.

Eu afasto isso, revirando os olhos com uma risada suave, — Ele provavelmente só precisava de respostas para o dever de casa ou algo assim, você disse a ele para dar o fora e se preocupar com a namorada?

Ela balança a cabeça, — Nah, eu disse a ele que se você quisesse dar a ele, você teria.

Eu a amava ainda mais por isso.

— Além disso, ele não parece ser o seu tipo de qualquer maneira.

— Eu tenho um tipo? — Eu pergunto, nunca realmente pensando em mim como o tipo de pessoa com um tipo. Quero dizer, tirando o fato de que eu exigi que os caras em quem eu estava interessada fossem solteiros e maiores de idade.

— Você simplesmente não parece a garota que acaba com um cara das nove às cinco. Você ficaria muito entediada. — Ela começa: — Acho que existem dois tipos de mulheres, as que buscam conforto e as que buscam amor.

Eu nunca tinha ouvido ninguém dizer algo assim antes. Quero dizer, você poderia ter os dois, certo? Você poderia ter um

relacionamento estável e estar apaixonada, isso acontecia o tempo todo.

— Você não acha que as pessoas podem ter os dois? Você não deveria se sentir confortável quando está apaixonada? Eu não acho que você pode ter um sem o outro.

Nessa hora nossa garçonete volta com nossa bandeja de comida, deslizando tudo na nossa frente e perguntando se ela pode nos trazer mais alguma coisa, quando recusamos ela nos deixa para comer.

Lyra pega a cereja do topo de seu milk-shake, colocando-a na boca. — Para mim, o amor não deveria ser confortável. O amor deve deixá-lo *desconfortável*, deve desafiá-lo, deve ultrapassar seus limites, fazer você crescer como pessoa e todas essas coisas que você precisa estar fora de sua zona de conforto para fazer. Então eu acho que você não pode ter os dois, não.

Adoro ouvi-la falar. Adoro ouvir como ela se sente sobre a vida, o amor, a filosofia, mesmo quando temos um debate completo sobre um episódio de Criminal Minds. Tudo o que ela diz é como se estivesse fermentando em seu cérebro há anos. Você não presumiria isso quando a visse pela primeira vez, porque ela é tímida, mas Lyra é engraçada. Ela é rápida com respostas sarcásticas, e fico triste por ser a única pessoa na escola que sabe disso.

Todo mundo que perdeu a oportunidade de ser seu amigo estava perdendo muito.

Pego uma batata frita mergulhando-a no ketchup: — Então você é a garota que quer amor, certo? Um cara aventureiro que te

ajuda a desenterrar minhocas e sabe como se sujar? — Eu reviro minhas sobrancelhas provocativamente, enfiando a batata frita salgada na boca e mastigando.

Um fantasma de um sorriso passa por suas feições, assim como ela bufa como se estivesse pensando em um certo garoto ou talvez uma garota, eu nunca perguntei a ela sobre sua orientação sexual.

— Algo assim, quem sabe.

Pego meu hambúrguer, o queijo derretido escorrendo do lado e os pedaços de bacon aparecendo por baixo do pão. Minha boca estava cheia d'água quando a levei até a boca, dando a maior mordida na comida da minha vida.

— Lyra Abbott! Essa é sua doce garota?

Eu quase engasgo, tentando mastigar essa mordida ímpia de comida enquanto um homem em um terno apertado caminha até nossa mesa.

— Ei, prefeito Donahue. — Lyra diz suavemente, sorrindo para o homem com uma barba bem aparada e cabelo ruivo suave que está olhando para mim agora.

Claro que conheceria o prefeito de uma das cidades mais prestigiadas do país enquanto estava com a boca cheia de comida. Coloco a mão na boca, mastigando o mais rápido possível.

— Oi, — murmuro, engolindo em seco, — Desculpe, sou Briar. — Eu limpo minhas mãos em um guardanapo, esticando minha mão para cumprimentá-lo.

Ele retribui com um sorriso, movendo minha mão para cima e para baixo suavemente, — Prazer em conhecê-la, Briar. Eu me

orgulho de conhecer todos os rostos por aqui, mas não posso dizer que conheço você! Você é nova aqui?

Eu aceno, — Sim, senhor. Estou estudando em Hollow Heights.

— Por favor, apenas me chame de Frank. É emocionante saber que temos alunos de outros lugares se juntando ao nosso cantinho do mundo! Vocês estão gostando do primeiro semestre até agora? Ouvi dizer que houve uma falha acidental de alguns fogos de artifício na outra noite na caça anual ao labirinto.

Lyra e eu olhamos uma para a outra com os olhos semicerrados, pensando naquela noite. Mas ela se recupera rapidamente,

— Está indo bem, apenas batendo nos livros e tentando atender às expectativas estabelecidas para nós, alunos. — Ela cobre.

— Bem, vou deixar vocês jantarem, Lyra, me avise se precisar de alguma coisa, ok? — Ele oferece, e ela acena com a cabeça em concordância, observando-o se afastar e ir em direção à porta para sair.

— Você conhece casualmente o prefeito? — Enquanto nos acomodamos em nossa mesa, continuando a comer.

— Ele conhecia minha mãe naquela época, eu sempre estava nas mesmas classes que suas filhas cresciam. — Ela faz uma pausa, pegando uma batata frita e mergulhando-a em seu milkshake. Torço o nariz, confusa com a combinação, porém aprendi a não questionar as estranhezas da minha amiga. — Sinto muito por ele.

— Por que?

Olhando ao redor para ter certeza de que não há ninguém ao nosso redor ou ouvindo nossa conversa antes de falar,

— Não apenas sua esposa o deixou por outro homem, mas ele perdeu as duas filhas em seis meses. Ele perdeu tudo e não sei como ele consegue continuar sorrindo.

Começo a me lembrar dela falando sobre a filha do prefeito que morreu, lendo em uma das reportagens quando eu estava pesquisando coisas sobre os meninos. Ele disse que ela foi encontrada em uma casa de festa local e a polícia determinou que foi uma overdose accidental, mas aparentemente o boato gostou de adicionar sal a uma ferida já dolorida. Se você perguntasse a alguém na escola, eles diriam que ela se matou ou Silas a matou porque ela estava dormindo com outra pessoa.

Se você me perguntasse, era apenas triste de qualquer maneira.

Uma garota da minha idade, que ainda não tinha começado a viver a melhor parte de sua vida, tinha pessoas especulando e inventando mentiras apenas para adicionar drama a seus próprios mundos chatos. Foi patético.

Pelas fotos nos artigos, ela era bonita, querida pelo obituário, apenas uma garota normal cuja hora chegou cedo demais.

— Rosemary tinha uma irmã? — Eu não poderia imaginar perder meus dois filhos, mas tão juntos?

— Irmã gêmea, — ela se encolhe, — o nome dela é Sage. O prefeito Donahue teve que interná-la em uma clínica psiquiátrica em Washington depois que Rose morreu. Ela simplesmente perdeu

o controle, eu acho. Simplesmente não conseguia parar de falar sobre sua morte e que alguém a havia matado. Foi triste vê-la nos corredores depois. Como se ela tivesse perdido metade de si mesma e acho que de certa forma ela perdeu. — A tristeza da história faz meu coração doer: — Embora eu não fosse amiga dela, era nosso último ano. Era para ser divertido e os momentos que lembrávamos quando éramos velhos. E tudo o que ela vai lembrar é o ano em que sua irmã morreu.

Eu não tinha irmãos, mas não conseguia imaginar como seria perder um irmão gêmeo. Ser trazidas ao mundo juntas apenas para serem levadas embora aos dezoito anos. Ela provavelmente perdeu metade de si mesma quando morreu. Mas uma facilidade? Isso pareceu um pouco duro.

— Você não acha que uma ala psiquiátrica é um pouco severa? Quero dizer, talvez ela estivesse apenas de luto. Perder alguém assim pode justificar algum comportamento estranho.

Eu não queria julgar, só estava achando difícil entender por que um pai que acabou de perder uma filha mandaria outra embora. Quero dizer, ele não iria querer segurá-la o máximo que pudesse? Nunca a deixando fora de vista? Modo pai helicóptero ou algo assim?

— Eu realmente nunca pensei sobre isso honestamente. Quero dizer, talvez seja? Não tenho certeza de todos os detalhes, mas alguém disse que o prefeito a encontrou se cortando na banheira. Acho que ele estava apenas fazendo o melhor que podia, sabe? Apenas fazendo o que podia para protegê-la. — Ela gira outra batata frita em seu milk-shake antes de tomar um gole.

As palavras pairam no ar enquanto empurro meu resto de comida para o lado do meu prato, remexendo em algo para tornar o silêncio não constrangedor. Apenas permitindo que meu cérebro absorva tudo isso.

Onde quer que eu vire aqui, há algo escuro, algo mórbido e triste.

Por que diabos alguém mora aqui?

— Preciso de uma maratona de Netflix no Loner Society Clubhouse? — Ela pergunta mudando de assunto, uma linha de chantilly lhe dando um bigode.

Na loucura do labirinto, depois que Dean Sinclair me escoltou para um local seguro e vi que Lyra já havia conseguido sair, lembrei que havia encontrado a chave. Eu apresentei ao reitor e ele nos declarou vencedoras.

A chave nos deu acesso ao que chamamos de LS Clubhouse, uma sala secreta dentro do terceiro andar do distrito de Rothchild. Dentro havia sofás, uma TV, mesas e até uma pequena máquina de pipoca.

Tínhamos o quarto até o final do nosso primeiro ano e era onde começamos a passar a maior parte do tempo. Em parte porque era nosso, em parte porque podíamos trancar a porta com chave e nos sentíamos seguras.

— Desde que eu seja a primeira a escolher o filme. — Eu levanto meu copo de milk-shake para ela,

— Negócio fechado.

Nós clicamos nossos copos e por um momento me sinto como uma estudante universitária normal.

Eu me sinto como uma garota normal que estava prestes a ter uma noite de cinema com sua colega de quarto.

E não pude deixar de me perguntar se Lyra estava certa ou errada. Eu era a garota que precisava do desafio? Quem precisava escolher o amor? Eu precisava do drama extra que minha vida havia recebido? Um cara que é ruim para mim, mas bom para o meu senso de aventura?

Porque isso, por mais simples que fosse esse momento, parecia o suficiente para mim.

VINTE



PREDADOR TERRITORIAL

Alistair

Uma vez, quando eu tinha oito anos, meu avô me levou para caçar.

Ele gostava muito de animais de grande porte. Coisas que ele podia estripar, esfolar e pendurar na parede ou colocar no chão como um tapete em frente a uma de suas muitas lareiras. Não porque gostasse de matar, porque gostava de vencer.

Sem falta, quando novas pessoas apareciam em sua casa, ele as levava para seu escritório e se gabava de uma de suas muitas mortes. Vomitando uma história absurda que sempre fez dele o herói. Como ele corajosamente afastou um urso de seus amigos quando era apenas um adolescente ou rastreou um alce ferido por vinte milhas.

Meu pai assumiu sua atitude de vanglória honestamente.

Ficamos no meio da floresta desde o amanhecer até o meio da tarde, quando um lampejo de pelo castanho farfalhou nas árvores em frente à nossa barraca.

— Mulher bonita. — Sua voz de fumante sempre arranhava minhas orelhas como pregos em um quadro-negro.

Os olhos amarelos brilhantes do puma examinaram a área à sua frente, sem pensar em olhar diretamente para a direita. Meu avô empurrou a arma escandalosamente grande em minhas mãos.

Olhei para ele confusa sobre o que ele queria que eu fizesse com essa porra, porque eu nunca tinha disparado uma arma antes.

— Prossiga. Você tem que se tornar um homem eventualmente.
— Ele acena com a cabeça para o animal desavisado.

Eu nunca entendi isso. A necessidade de matar algo para provar sua masculinidade. Sempre pareceu um stratagema transformar as pessoas em assassinos em série. Mas porque me senti honrado por ele ter me escolhido para ir com ele hoje, levantei a arma pesada.

Imitando todos os filmes de faroeste que já assisti, apontei o cano da arma, coloquei meu dedo mindinho no gatilho e respirei fundo algumas vezes. Tudo parecia pesado, me senti estranho segurando.

Eu ainda tinha que crescer em meu corpo, tudo de mim apenas membros e ossos. Eu nem me sentia forte o suficiente para segurá-la. Disse a mim mesmo que não seria diferente das armas de brinquedo com as quais Silas brincava, aquelas que atiravam balas de plástico com pontas de borracha.

Não era minha intenção, mas quando apertei o gatilho e a explosão da espingarda balançou meu corpo, fechei os olhos. Fechei-os com força, estremecendo de dor imediata. Meu ombro

parecia ter sido estourado e por dez segundos eu pensei que tinha acidentalmente atirado em mim mesmo.

Mas mesmo com a dor, meus tímpanos tocaram agressivamente.

Achei que, como leões ou tigres, o puma rugiria em defesa. Que teria uma voz profunda e oca que fazia o chão vibrar com a bravata. Em vez disso, foi um grito miserável.

Parecia uma criança chorando, gritando sem parar.

Abrindo os olhos para ver o animal caído na clareira, sacudindo a cabeça e cerrando os dentes enquanto gritava com o que imaginei ser uma dor agonizante.

Meu avô, um homem que naquele dia me ensinou uma lição muito importante. A única de que me lembrei. Ele me arrastou pelo braço dolorido em direção ao animal que chorava.

Rapidamente tirou uma faca de sua bota e me mostrou a lâmina longa e grossa,

— Às vezes, tirar algo de sua miséria é fácil, Alistair. Como este puma, — diz ele, — é óbvio que ela está com dor, então vamos ajudá-la. — Ele rapidamente mergulha a adaga logo abaixo de sua caixa torácica, perfurando o coração, eu acho.

O som morre em meus ouvidos, os olhos do animal se fecham e assim, sua vida acaba.

— Outras vezes, não é tão fácil dizer quando algo precisa ser notado. Você pode não ver de imediato, mas está sempre nos olhos. É aí que você vê se uma pessoa já está morta, mesmo que esteja completamente saudável. Seu coração está batendo, mas seus olhos já estão frios.

Pensei muito no que ele disse ao longo dos anos. Principalmente quando me olhava no espelho.

Pensei nisso ainda mais enquanto caminhava atrás de Silas. Eu só podia ouvir a sujeira sob nossos sapatos e os ecos em minha memória dos gritos de Silas. E assim como aquele puma quando eu tinha oito anos. Como se ele estivesse sendo dilacerado membro por membro. Não foi um rugido, foi um grito que quebrou o vidro. Os pedaços apunhalando meu peito enquanto eu o observava momentos atrás, soluçando sobre o corpo de Rosemary.

Suas mãos bombeando em seu peito, uma e outra vez. Eu mal podia assistir sabendo que não estava fazendo nada. Tão doloroso que a esperança nem era uma opção. Eu me encolhi quando o estalo de suas costelas encheu o ar. Foi nesse momento que Rook e eu tínhamos que fazer algo enquanto Thatcher pedia ajuda. Ela se foi. Ela tinha ido embora por horas agora. Todos nós sabíamos disso quando a vimos.

Nenhum de nós teve coragem de dizer isso a ele, não até que ele estivesse fazendo mais mal do que bem.

Minhas mãos agarraram seus ombros, — Silas, — eu acho que foi a voz mais suave desde que eu era criança, — Você tem que parar. Ela se foi, ela se foi.

— Foda-se! Foda-se, Alistair! — Ele chora, empurrando para baixo com mais força. O corpo de Rose tem resistência zero à sua força. Ela treme com cada compressão do peito, suas bochechas coradas normais são de um cinza mórbido e faz meus olhos arderem ao vê-la assim.

Eu puxo com mais força, enganchando debaixo de sua axila. Rook segue minha liderança, e eu posso ouvir sua voz,

— Si, por favor, cara. — Sua voz está molhada, as lágrimas encharcando sua garganta, — Você só vai piorar as coisas, apenas deixe-a ir.

As sirenes da polícia soam à distância, as luzes vermelhas e azuis piscam nas árvores do lado de fora, rompendo a casa destruída que os adolescentes costumavam se drogar sem que seus pais descobrissem.

— Não! NÃO! Rosemary, acorde, Rosie, por favor! Solte-me! Eu tenho que ajudá-la, PORRA, ROSE! — Meus braços ardiam com o esforço enquanto o arrastávamos para fora de seu corpo, seus pés chutando enquanto ele lutava conosco o tempo todo.

Eu tinha feito muito pelos meus amigos. Este foi o mais difícil.

Nós o seguramos como um animal selvagem, nada que pudéssemos dizer iria acalmá-lo. Ele apenas continuou uivando o nome dela noite adentro. Como se a lua ouvisse seus apelos e restaurasse sua vida.

Eu queria isso para ele.

Se eu pudesse ter trocado de lugar com Rose. Se alguém tivesse me dado a opção, eu teria deixado que me levassem. Só para Silas ficar bem.

A polícia, os paramédicos, chegaram como um enxame de abelhas. Zumbindo pela cena, falando em voz baixa. Quando o choque diminuiu um pouco, quando ele percebeu que ela não

voltaria e que os médicos não podiam fazer nada além de cobri-la com um lençol, ele ficou em silêncio.

Minha garganta estava doendo por ele, e mesmo tentando fazer com que ele saísse, para entrar no carro para que pudéssemos ajudá-lo. Ele se recusou a sair. E porque eu estava esgotado mentalmente, não tinha luta em mim. Eu não poderia ter lutado com ele até o carro, então esperamos com ele.

Ficamos parados até a polícia terminar, mesmo depois de nos interrogarem. Nós não nos movemos. Não até que eles estavam prestes a colocá-la na maca e foi quando ele se moveu novamente. Como um touro enfurecido, ele passou por eles, empurrando seu caminho ao lado dela novamente.

Os policiais o alcançaram, gritando que ele não tinha permissão para passar pela fita amarela, como se já não estivéssemos lá quarenta minutos antes da investigação. Ele os ignorou, como balas ricocheteando no metal, suas vozes fizeram pouco para detê-lo.

Rook agarrou seu ombro, — Silas, o que você está fazendo cara? — A preocupação o invadiu, com medo de sua resposta.

Ele se virou, a poucos metros de seu corpo coberto de pano, de frente para a polícia e todos os seus amigos. Era como se ele estivesse olhando através de nós quando disse:

— Eu só quero carregá-la mais uma vez. Seus pés ficam frios quando ela não usa sapatos ao ar livre.

Ninguém, nem uma alma tentou detê-lo enquanto ele a pegava em seus braços. Seu braço lento caindo debaixo do lençol branco, as pontas de seus dedos pintadas de vermelho vivo.

Nós caminhamos atrás dele, Thatcher, Rook e eu enquanto ele a carregava para a ambulância. Observei a mão dela balançar ao lado dele, o cabelo caindo sobre o antebraço dele e odiei saber que ela nunca mais riria. Que ela nunca mais contaria uma piada cafona ou provocaria Rook por causa de seu cabelo. Eu odiava que ela nunca estivesse por perto para nos fazer sentir... normais. Como caras normais em vez dos filhos bastardos de Ponderosa Springs.

Como ela penetrou nos espaços do meu coração e se tornou uma amiga, apenas para ser removida tão rapidamente. A maneira como ela não se importava com a forma como as pessoas olhavam para ela no corredor quando ela segurou a mão de Silas pela primeira vez no ensino médio. O estranho esquizo de mãos dadas com a filha do prefeito, sussurraram.

Mas Rose não se importava.

Ela olhou para Silas como se nada disso importasse.

Agora, ele estava carregando o corpo dela para uma de suas últimas paradas antes que ela fosse enterrada a dois metros de profundidade.

Sua vida acabou, assim. Sem qualquer aviso.

Tirada de nós.

Roubada.

— Você tomou seus remédios?

A voz de Rook me traz de volta ao presente. Lembrando-me de que temos uma janela de oportunidade muito curta que não incluiu eu sonhando acordada e ele perguntando sobre remédios.

Silas olha para ele por trás da mesa, com as mãos cheias de papéis enquanto vasculha as gavetas, abaixando a cabeça um pouco como se dissesse: *Você está realmente me perguntando isso agora?*

— Porra, não olhe para mim assim. São meia-noite, se não tomar agora vai esquecer depois de comer. Você sempre esquece depois de comer. — Rook argumenta enquanto puxa os livros da prateleira embutida.

— Eu não os tenho comigo, vou tomá-los mais tarde. — Silas grunhe.

Fiquei preocupado por meses depois daquela noite se ele pareceria humano novamente. Se as bolsas sob seus olhos recuassem e ele mudasse de volta para sua pele bronzeada normal em vez da pálida desagradável que ele ostentava.

Todos nós nos revezamos sentados do lado de fora de sua porta, colocando comida para dentro, água, remédios. Apenas esperando.

Três semanas.

Esperamos três semanas antes que ele saísse de seu quarto.

Perda de peso fraca e perceptível e uma demanda para descobrir o que aconteceu com Rose.

Quando concordamos em ajudar, era como se estivéssemos dando a ele algo pelo qual trabalhar. Talvez tenha sido errado fazermos isso. Talvez estivéssemos piorando as coisas ao abrir uma lata de minhocas que não precisávamos, mas isso o estava ajudando.

Ele voltou a comer, ganhou músculos nas costas malhando na academia comigo.

Mas mesmo assim, mesmo agora, enquanto olho em seus olhos, posso ver.

Seus olhos ficaram frios na noite em que o coração de Rose parou de bater.

Rook para abruptamente o que está fazendo, como se tivéssemos todo o tempo da porra do mundo. Caminhando até sua mochila e abrindo o zíper do bolso lateral. Revelando um saquinho com duas pílulas brancas dentro dele.

— Você está brincando. — Silas comenta enquanto o observa se aproximar da mesa.

— Parece que estou brincando? — Desafia Rook.

Rook Van Doren, o único de nós que poderia deixar esta cidade e se tornar uma pessoa decente. Partes de mim se sentiam culpadas por alimentarmos tanto seu lado caótico, as palavras de seu pai contendo alguma verdade.

Rook já estava ferrado, mas em vez de dizer a ele para encobrir como todo mundo, nós o fizemos aceitar.

Dependendo de como você olha para isso, isso pode ser bom ou pode estar apenas causando mais danos.

— Ok, Nurse Jackie, — eu me intrometo, — Tome suas malditas pílulas para que possamos terminar o que viemos fazer aqui.

Silas toma o remédio, murmurando um agradecimento baixinho.

Tínhamos procurado em todos os cantos, debaixo dos tapetes, debaixo das almofadas do sofá e estávamos voltando de mãos vazias. A tensão estava alta enquanto nos dirigíamos para o que parecia ser um beco sem saída. Se não conseguíamos conectar Greg West a Rose, não tínhamos muito mais o que fazer.

E não podíamos sair por aí invadindo a sala de cada professor. Isso significaria que o assassinato de Rose ficaria sem solução. Sem polícia para investigar, nenhuma pista a seguir, a morte dela ficaria para sempre em nossa consciência, na consciência de Silas.

Exceto por Thatcher matá-lo apenas por matá-lo, estávamos ferrados.

Eu observei Silas folheando as páginas, os olhos procurando por qualquer coisa, o menor indício de algo para nos dar uma desculpa para visitar Greg tarde da noite. Usando todos os meios necessários para obter as informações de que precisávamos.

Ele estava desesperado por respostas e eu pensei, saber era pior? Sabendo agora que ela foi assassinada, mas ainda não conseguindo pegar seu assassino.

Não pude deixar de me perguntar se deveríamos ter deixado isso sozinho em primeiro lugar. Se devêssemos ter dito não a ele e deixá-lo sofrer. Então, novamente, estaríamos nos vestindo para outro funeral se fizéssemos isso.

Silas, em sua cabeça, não tinha mais nada pelo que viver além de Rose. Esta caçada deu a ele outro motivo. Eu não seria o amigo que o tiraria, apenas para que ele se matasse momentos depois.

Procuramos por mais dez minutos, os segundos passando rapidamente, muito rapidamente. Estávamos ficando sem tempo e paciência.

— Não tem nada aqui! Alguns Hustlers enrugados com colegiais provam que ele é um maldito pervertido, não um maldito assassino. — Rook grita, frustração saindo de todos nós em ondas.

— Bem, o que você esperava, que houvesse uma mensagem escrita na parede em letras grandes, eu matei Rosemary Donahue? — Eu mordo, se alguém precisa ficar chateado é Silas. Nosso trabalho como amigos é manter nossas coisas sob controle para ele, não explodir quando as coisas não saem do nosso jeito.

— Você sabe, você não tem que ser uma puta do caralho. — Ele estala.

— Sem letras grandes, mas que tal um cofre de metal escondido atrás de uma cortina? — A voz de Thatcher é a única razão pela qual não soquei os dentes de Rook. Só isso.

Eu me viro para ver Thatch segurando uma cortina que presumi esconder uma janela, que era o que o Sr. West queria, presumi. Na parede havia um grande cofre equipado com uma fechadura de combinação embutida.

A única maneira de entrarmos sem ser pegos é descobrir o código e, pelo que parece, ele não parecia o tipo de cara que apenas anota a senha de seu cofre incompleto.

— Alguém conhece alguém que consegue arrombar um cofre? — Rook murmura do canto.

O alarme do meu telefone começa a disparar, alertando-me de que precisamos sair porque faltam apenas dez minutos para as câmeras de segurança voltarem a funcionar.

— Se formos pegos, não importa se conhecemos alguém. Vamos. — Eu aceno, certificando-me de que tudo foi colocado de volta em seu lugar original antes de abrir a porta e olhar para os dois lados.

Quando me certifico de que ninguém está vindo, todos saímos facilmente, trancando a porta atrás de nós. Fazendo nosso caminho pelo corredor do distrito de Rothchild e em direção à saída do prédio.

Não foi um fracasso completo e não foi a melhor notícia, mas foi alguma coisa. Outra tarefa, outro nome para caçar. O que fosse necessário para impedir Silas de virar sua arma favorita contra si mesmo.

Eu não queria enterrar outro amigo este ano.

Rook já estava enviando mensagens de texto para metade de seus contatos perguntando sobre crackers seguros e pessoas que se especializaram nisso quando saímos do prédio, começando a passar pelo refeitório quando dois corpos na frente da biblioteca, a biblioteca com meu nome em isso, me chamou a atenção.

Eu estava bem perto do pecado da ira. Se o diabo estivesse distribuindo prêmios para quem mais representasse qual, eu ganharia o troféu com louvor. Eu sabia sobre luxúria, meu orgulho tinha me metido em mais brigas do que eu poderia contar, acho que gula e ganância andavam de mãos dadas e eu era um glutão por punição.

A inveja era um dos únicos pecados que eu não praticava com frequência. Ciúmes e seu monstro verde apareceram em torno de uma pessoa e, ao longo dos anos, desapareceram lentamente. Eu reconheci que não havia nada *que ele* tivesse que eu quisesse à medida que envelhecia, logo meu ciúme quando o irmão mais novo indesejado se transformou em ódio. Eu não poderia me importar menos se meu querido irmão mais velho vivesse ou morresse, eu quis dizer isso da pior maneira.

E agora, eu nunca quis cometer um assassinato de primeiro grau tanto na minha vida. Dorian Caldwell.

A ruína da minha existência era trocar conversas que eu não conseguia ouvir com o espinho no *meu* lado.

Eu não via meu irmão desde o Natal, três anos atrás, fiz questão de ficar fora de casa até que ele fosse embora. Ele estava parado a alguns metros de distância, com uma porra de uma jaqueta de tweed sobre os ombros que parecia um saco de aniagem.

Sucesso, riqueza, isso grudava nele como as moscas grudam na merda. Desprezei-o um pouco mais pela maneira como ele penteava o cabelo, a mesma cor de carvão no topo da minha cabeça, só que menos gel.

Duas forças opostas, ambas que eu queria arruinar de maneiras muito diferentes, estavam diante de mim.

O tempo estava decente, quente o suficiente para Briar usar um par de shorts que as mães usavam nos anos oitenta. Tracei suas longas pernas até seu Converse arrebitado, a do pé esquerdo tinha um pedaço de fita adesiva prateada na lateral.

Assumindo que estava lá para encobrir o grande buraco que ainda estava evidente.

Seu cabelo pegou uma rajada de vento, deslizando para trás enquanto ela sorria para meu irmão que estava ajudando a recolher seus livros do chão.

Eu queria arrancar seus braços por fazê-la sorrir daquele jeito.

Por ter a atenção dela.

Minhas unhas cravaram na palma da mão, apertando com tanta força que pensei que poderia ter trazido sangue à superfície. A maneira como ela ria de algo que ele dizia, e como ele propositalmente se certificava de que seus dedos se tocassem enquanto entregava os livros dela.

Eu não tinha certeza se queria matá-lo ou puní-la primeiro.

Dorian não deveria estar de volta por mais uma ou duas semanas, pelo menos. Ele nunca apareceu para as férias tão cedo e no ano em que aparece, está tentando pegar o que é meu. Mais uma vez, ele está arrancando o que me pertence da porra das minhas mãos.

Provando que eu não era nada além de seu sobressalente. Tudo o que eu tinha era só dele para levar.

Mas não desta vez. Ela não.

Briar era minha.

Minha para atormentar.

Minha para manipular.

Minha para quebrar.

Já era hora de ela aprender o que acontecia quando ela não jogava de acordo com as minhas regras.

Eu olho para os caras, sentindo que preciso remover fisicamente meus olhos deles,

— Acho que conheço alguém que pode nos ajudar com esse cofre.

Quer ela queira ou não.

VINTE E UM



MARCADO

Brian

A sacola que cobria meu rosto é arrancada inesperadamente, áspera o suficiente para fazer meu pescoço sibilar de angústia. Gotas d'água me atingiram na bochecha. Arreganho os dentes, piscando algumas vezes, fazendo com que meus olhos se adaptem à penumbra.

Tudo parecia nublado, inclusive minha memória, enquanto tentava entender como vim parar aqui. A última coisa de que me lembrava era de sair da biblioteca assim que o sol se pôs. Eu tinha saído do meu dormitório antes de tudo ficar escuro.

Sinto gosto de metal em minha língua, mais afiado que cobre, mais amargo que apenas sangue.

O medo do desconhecido rola em minha boca enquanto observo o que está ao meu redor. Meu Converse no chão de concreto, mofo decorando-o em padrões obtusos, e posso sentir o cheiro da podridão seca do prédio em que estou. Velas iluminam a área

esporadicamente, o suficiente para me mostrar o resto do que está dentro.

Os vitrais quebrados, os espaços quadrados vazios onde antes ficavam os caixões, todas essas coisas me dizem que já estive aqui antes.

O mausoléu para onde Lyra me arrastou momentos antes de testemunhar a morte de alguém. Aparentemente, também seria meu local de descanso final. Que apropriado. Olhei ao redor, não vendo nenhum sinal de minha colega de quarto, esperando que minha presença desaparecida a deixasse alarmada o suficiente para dizer a alguém que eu estava desaparecida. Se ela já não foi capturada.

Eu só esperava que a ajuda chegasse aqui antes que eles concluíssem o que havia sido iniciado.

Alistair estava oficialmente entediado com nossos jogos de vai e volta. Eu sabia quando eles não tinham nos abordado ou feito nada nas últimas duas semanas que eles estavam planejando algo sério.

Reunindo o final épico deste festival do Inferno.

Reúno todo o medo em minha boca, recusando-me a morrer assustado. Especialmente não na frente desses idiotas. Eu dei a eles o suficiente desde que cheguei aqui.

Indo para a frente, cuspo na bota de alguém. E como Thatcher sempre usa Oxfords, Rook gosta de qualquer coisa que o faça parecer um playboy idiota, e Silas, que mantém a simplicidade com tênis, sei que minha saliva atingiu a vítima pretendida.

Meu membro menos favorito de seu culto satânico balança um pouco a bota.

— Já matei pessoas por menos que isso. — A voz refinada de Thatcher rompe o silêncio.

Eu resmungo, e se olhar pudesse matar, Thatcher Pierson estaria a dois metros abaixo do solo. — Ainda bem que eu não cuspi na sua então, — eu respondo. Minha garganta está coçando e eu daria meu dedo do pé esquerdo por água.

Alistair se aproxima de mim, abaixando-se para que meus olhos estáticos encontrem os buracos negros em seu rosto. Cristais de obsidiana que brilham, enviando avisos de crise para minha alma. Eu torço meu rosto desafiadoramente, forçando-me a olhar para Silas encostado na parede, meus olhos focados na tatuagem em seu pulso interno. Rook flanqueando sua esquerda, brincando com seu isqueiro.

Aqueles dois eram estranhos por si só. Eu sabia que se deixasse qualquer um deles louco, eles poderiam me assar no fogo apenas para alimentar seus animais de estimação depois. Eu conhecia a reputação de Thatcher, e isso bastava para justificar pesadelos.

Mas, por mais assustadores que fossem, por mais enervantes que pudessem ser, ainda eram mais fáceis de olhar.

Todos eles eram muito mais fáceis de olhar do que ele.

Com calor em seu toque, ele afunda os dedos em minhas bochechas, franzindo meus lábios, forçando minha cabeça para frente, exigindo que eu encontre seu olhar mais uma vez com as mãos.

— Olhe para mim, Ladrazinha. — Ele ameaça com um tom tão rápido que eletriza minha pele. — Ou você esqueceu que eu sou seu dono?

Eu seguro seu olhar, não recuando nem por um segundo. Eu deixei seus olhos de ébano perfurarem os meus. A natureza possessiva de seu aperto eleva meu desafio.

Ele é o dono do meu medo. Não eles. Isso é o que ele está dizendo com os olhos.

— Seu medo acaba e começa comigo, só comigo. — Ele continua, saboreando o poder que vem dessa declaração. Alistair sabe que não importa o que aconteça, seus amigos nunca vão me assustar do jeito que ele faz.

Eles nunca farão meu coração disparar ou o calor ferver sob minha pele do jeito que ele pode. Eles nunca vão me controlar, do jeito que ele garantiu de fazer.

Nós dois sabemos que ele está certo, e isso me deixa inquieta em admitir isso, mesmo internamente. Para um grupo tão unido de sociopatas, este também não compartilha.

— Não. — Eu inclino meu rosto perto do dele, nossas respirações se misturando como na piscina, — Lisonjeie-se. — Concluo, descansando na cadeira.

— Você não possui merda nenhuma, Alistair. É o dinheiro dos seus pais. Você não tem nada sem esse sobrenome. — Eu zombo, mantendo minha frequência cardíaca sob controle.

Eles iam me matar de qualquer maneira, certo? Eu poderia muito bem dizer a eles exatamente o que penso sobre cada um deles.

— Acho que você não está em posição de fazer comentários cínicos, caipira. — Thatcher defende o amigo, os braços cruzados sobre o peito, o botão branco para baixo, enrolado até os cotovelos. As veias em seus antebraços são de um azul cobalto assustadoramente.

— Oh sim? — Eu cortei meus olhos para ele. — E o que você vai fazer sobre isso, Norman Bates? Me cortar porque sua mãe e seu pai não te amavam? — Eu faço beicinho sarcasticamente.

Quando Lyra fala sobre Thatcher, é sempre abafado. Como se ele fosse um bicho-papão que está sempre ouvindo debaixo da sua cama. Eu ainda não tinha visto isso em ação, então nunca o levei a sério. A maneira como ele dançava com seus casacos minúsculos e gola rulê.

Para mim, ele era apenas um cara com problemas de mãe furiosos que precisavam ser tratados com urgência.

Até agora, quando sua máscara de sofisticação cai como uma âncora no fundo do mar, me arrastando com ela. O vômito sobe pela minha garganta enquanto ele me ameaça com olhos tão vazios de qualquer emoção que nem tenho certeza se ele tem alma.

— Não.

Eles se conhecem tão bem que Alistair nem precisa se virar para falar. Ele já sabe que Thatcher faria algo precipitado.

Suas mãos caem para minhas coxas, esmagando-as com segurança. Meu estômago embrulha, meu corpo derrete. Eu me empurro na cadeira, resistindo a ele, querendo fugir de seu toque. Apenas fazendo com que os laços de zíper perfurassem a pele macia do meu pulso.

— Se você vai me matar então faça isso, apenas faça isso, porra! Estou cansado disso! — Eu exclamo ou tento, mas com a falta de água na minha garganta, ela sai rachada.

Rook ri do canto, como uma explosão, alta e intrusiva.

— Alguém vai dizer a ela o que ela ganhou? — Ele gira o zíper nos nós dos dedos, como um dominó.

Parei de me mover, olhando atentamente para cada um deles. Intrigada com o que eu havia ganhado. Isso parecia exatamente o oposto de um prêmio.

— Do que ele está falando? — Eu dirijo minha pergunta para Alistair, olhando para ele na minha frente. O aperto em minhas coxas fica mais forte, enquanto ele me segura lá por mais um momento antes de me soltar.

Ele dá um passo para trás, — Nós não vamos matar você. — Valsando nas minhas costas enquanto Thatcher revira os olhos para mim.

— O júri ainda está fora disso. — acrescenta Thatcher.

— Foda-se. — eu assobio.

Alistair agora está atrás de mim me deixando ansiosa. Estou cantarolando com antecipação enquanto ele se inclina na cintura atrás de mim, sua boca abaixando perto do meu ouvido. O ar

quente aquece a pele sensível do meu pescoço, uma reação em cadeia de arrepios percorrendo meu corpo.

Toda vez que ele está perto, sempre parece os sinais de alerta antes de um tornado ou tempestade. Sirenes soando na minha cabeça, me mantendo na ponta dos pés.

— E daí? Você vai continuar brincando comigo? Que maricas do caralho. — Eu rosno, inclinando meu corpo para longe dele.

A ponta de uma faca esfrega contra meus pulsos, — Precisamos de sua ajuda.

Ele deve estar delirando 'pra' caralho. Eles devem ter caído diretamente sobre suas malditas cabeças quando crianças e quebraram seus malditos crânios bem abertos. Eles poderiam me perguntar até ficarem com o rosto roxo e eu ainda cuspiria na cara deles.

É tão engraçado que eles estão perguntando, eu começo a rir.

— Você está brincando. Você só pode estar brincando, — eu gargalhar, — Seus psicopatas malucos, esperam que eu acredite que vocês estão fazendo tudo isso só para me ajudar? Uau, vocês com certeza sabem como tratar uma dama!

Sinto a tensão em meus pulsos diminuir quando a faca corta o plástico. Se ele pensou que eu iria apenas sentar aqui e ouvir essa merda idiota, eles estavam muito enganados.

Mas Alistair já está preparado para eu retaliar, ele agarra meu ombro, cutucando meu músculo, me mantendo grudada na cadeira.

Inclinando-se, sua bochecha pressionada no lado da minha cabeça,

— Que tal você manter seu doce traseiro bem aí. Seja uma boa menina, você vai querer ouvir o que tenho a dizer.

Eu não posso exatamente fazer uma corrida para isso. Se minha memória não me falha, a última vez que corri dele, fui jogada no chão e rasguei meu jeans favorito. Eu puxo meus braços na minha frente, como um escudo esfregando meus pulsos suavemente.

Minhas mãos estavam doloridas, meus ombros latejavam dolorosamente pela posição desconfortável em que estavam. Eu mexo meus dedos, estico-os e vislumbro algo preto em meu dedo médio direito.

Eu aperto meus olhos trazendo minha mão mais perto do meu rosto. No topo do meu dedo abaixo da minha junta estão as iniciais, AC do tamanho de uma moeda de um centavo. Estou horrorizada, tentando rapidamente esfregar o que espero ser uma caneta.

Não estou nem prestando atenção em mais nada, só tentando limpar meu dedo. Meu dedo que tem as iniciais de Alistair nele.

— Vai cicatrizar como uma merda se você continuar esfregando. — O rosto de Alistair está exibindo um sorriso presunçoso que eu quero acabar com isso.

— Você me tatuou? — Eu grito, levantando-me e pressionando meu peito no dele. Eu levanto meu queixo em seu rosto, furiosa. Seus olhos escuros queimam contra os meus, mechas de seu

cabelo escuro caindo um pouco na frente de seu rosto, enquanto ele abaixa a cabeça em direção aos meus lábios,

— Não posso deixar você esquecer a quem você pertence. Eu te disse Briar, — ele respira, — você é minha.

— Vou arrancar essa porra de colher de prata da sua boca só para alimentar você com todas as suas besteiras territoriais.

— Ladrazinha, não tem colher. Apreendi a lambar a riqueza das facas.

Ficamos ali, olhando um para o outro, tentando ver quem piscaria primeiro. Minha respiração estava irregular, meu coração não poderia bater mais rápido. Ele me tatuou, algo tão permanente, algo tão visível. O mundo inteiro seria capaz de vê-lo.

Eu me senti marcada. Carimbada como sua propriedade. Nunca consegui me livrar dele, mesmo que ele me deixasse em paz. Eu sempre olharia para a tinta preta na minha mão e me lembraria de como seus olhos são escuros ou do jeito que ele cheira pressionado contra mim.

É por isso que ele fez isso. Então um pedaço de mim sempre pertenceria a ele.

— Estou prestes a pegar um pouco de loção, isso é como um pornô premium. — Rook anuncia, deixando claro que não estamos sozinhos no fundo deste mausoléu.

— Estou indo embora. — Enfio meu ombro no peito de Alistair, passando por ele e indo em direção às escadas. Sou impedido de prosseguir por Silas, que não me diz uma palavra. Apenas

cruzando os braços na frente da saída e olhando para mim com um olhar vazio.

— Você sai daqui, você e seu tio podem começar a arrumar suas coisas.

Minha espinha enrijece quando eu cerro os dentes, curvando minha cabeça para olhar por cima do ombro,

— Com licença?

— Precisamos de alguém para nos ajudar a entrar em um cofre. Se não quiser ajudar, tudo bem. Mas você pode dar adeus a essa bolsa e Thomas pode ir em frente e começar a procurar outro emprego de professor. — Ele diz com pouca emoção em seu tom.

Alistair não estava blefando, ele poderia facilmente puxar as cordas necessárias para me expulsar. Seu pai e sua mãe estão no conselho escolar, com um estalar de dedos não apenas minha vida, mas a vida de Thomas pode ser arruinada.

Ele trabalhou tão duro para sair da sarjeta. Para ir para a faculdade e melhorar a si mesmo, só para eu vir aqui e estragar tudo para ele? Para tirar todas as coisas pelas quais ele trabalhou em um piscar de olhos?

— Um cofre? O que te faz pensar que posso ajudar? Eu nem sei como fazer isso! — Eu minto descaradamente. A única coisa que ele sabia que eu roubei foi o anel dele, acho que ele não sabia de mais nada.

— Você pode fugir de seu passado, mas não de sua ficha criminal. — Rook diz, acendendo um cigarro e soltando a fumaça de sua boca.

Eu me senti exposta. Vulnerável enquanto todos olhavam para mim. Cada um deles sabia tudo sobre mim e eu só sabia o que os jornais diziam sobre eles. Eu estava em grande desvantagem.

— Bem, aí está sua resposta. Se eu tenho uma ficha, obviamente não sou boa em roubar. — Outra mentira.

Todas as vezes que fui presa ou pega foi quando era jovem, antes de aperfeiçoar a arte do roubo. Dependendo do cofre, eu sabia que poderia facilmente arrombar dentro dele. Eu só precisava de tempo e um estetoscópio. Mas eu não queria ajudar esses caras. Eu não queria ajudá-los em nada. Eu não queria ter nada a ver com o que quer que eles tivessem se metido. Algum tipo de gangue, drogas, assassinato, eu não queria nada disso.

— Eu tenho que concordar tristemente. Como exatamente sabemos que ela pode fazer o que precisamos? Ela é uma caipira analfabeta e mal vestida. O mal estaria fora do reino das possibilidades aqui? — A voz de Thatcher está começando a soar cada vez mais irritante, a vontade de socá-lo aumentava a cada segundo.

— Roube a carteira dele.

Eu me viro para Alistair, levantando uma sobrancelha, — Eu não posso.

— Ok então, saia. Dê adeus ao seu futuro fora das favelas. Você estará em um avião amanhã.

Eu tinha que fazer uma escolha. Eu tinha que fazer isso agora.

Ajudá-los, então acabe com isso. Eles me deixariam em paz porque sabiam que eu não diria nada, porque se o fizesse, eles me

jogariam debaixo do ônibus com eles. Essa era a maneira deles de sujar minhas mãos junto com as deles.

Eu seria tão culpada agora.

Ou fui para casa. Eu deixei este lugar e todas as minhas esperanças e sonhos vão pelo ralo.

— Não posso roubar a carteira dele agora. Não é assim que funciona. — Eu lambo meu lábio inferior, tentando me dar um pouco de umidade, eu mal conseguia respirar sem sentir como se bolas de algodão estivessem presas na minha garganta.

— Eu não iria até um cara e diria, ei, vou roubar sua carteira. Tenho que pegá-lo desprevenido.

— Veja, eu disse a você, ela é uma mentirosa.

Farta da boca de Thatcher, eu me atiro contra ele, empurrando-o com força com as duas mãos. Minhas emoções estavam tão altas que o menor movimento teria me desencadeado. Minha explosão de raiva move apenas um pouco seu corpo alto. Me irritando ainda mais, mas eu passei minha mensagem.

— Você vai fazer isso. — Alistair ordena, ignorando minha explosão.

Irritada, cansada e querendo acabar logo com isso. Eu respiro, caminhando mais perto dele enquanto ele observa cada movimento meu como um falcão. Sim, esta é definitivamente a situação ideal para roubar a carteira de alguém.

— Eu apenas ando até o cara, evito o contato visual, dou um passo para o lado, — eu represento tudo o que estou explicando,

olhando para o chão enquanto passo por cima do corpo de Thatcher, — olho nos olhos uma vez, então bum eu fui,

Eu passo por ele, girando nos calcanhares para enfrentar todos mais uma vez. Segurando minhas mãos como se fosse para Tadã no final de um truque de mágica. Thatcher enfia a mão nas calças, puxando a carteira, balançando-a no ar.

— Ainda está aí, porca. Veja, eu disse a você, vamos nos livrar-

— Verifique o interior. — Eu digo com um olhar presunçoso no meu rosto. Eu balanço meus braços atrás de mim enquanto ele faz isso, abrindo a carteira apenas para encontrá-la vazia. Enfio a mão com cuidado no bolso de trás e tiro algumas notas de cem dólares.

— É tudo uma questão de distração, — eu murmuro enquanto as notas novinhas deslizam pelos meus dedos enquanto eu as conto em voz alta.

Quando empurrei Thatcher, facilmente roubei a carteira. Deslizando minha mão em seu bolso e pegando a carteira antes mesmo que ele percebesse o que estava acontecendo. Para todos os outros, parecia que eu estava farta de sua merda, o que eu estava, mas também me deu uma maneira de entrar.

Então eu o colocaria de volta onde descobri, apenas vazia. O dinheiro parece bonito em minhas mãos. Eu jogo os Benjamins no ar em direção a ele, observando-os flutuar pelo espaço, caindo no chão sujo.

Eu não queria fazer isso. Isso não foi algo que imaginei para mim depois de deixar o Texas. Eu queria deixar o roubo para trás

e talvez pudesse depois disso. Quando tudo isso acabasse, eu poderia ter o recomeço de que precisava.

Eu só tinha que fazer um acordo com um grupo de demônios primeiro.

— Então, que cofre estou invadindo?

VINTE E DOIS



ÁRVORE GENEALÓGICA

Alistair

— Certifique-se de levar um terno.

Eu ouço enquanto enfio outra camiseta na mochila, examinando meu quarto em busca de coisas que eu possa ter perdido para não ter que voltar aqui para mais nada nos próximos meses.

Bufando: — Sim, certo.

Pegando um novo bloco de desenho e um conjunto de canetas da minha mesa, jogando-os lá também. A maioria das minhas coisas já estava no meu dormitório, mas quando as férias de Natal e Ação de Graças chegaram, todos deixaram a escola e eu precisaria de algo para me manter ocupado enquanto visitávamos a família de Thatcher.

Todos os seus parentes distantes por parte de mãe vieram visitá-lo e eu normalmente me trancava em meu quarto no segundo dia das festividades. Mesmo que fosse alto e houvesse

mais pessoas do que eu estava confortável, eu ainda preferia isso à minha própria casa.

Embora eu não comemorasse com eles, as férias sempre pareciam mais autênticas na casa do Thatch. Não havia salão de baile insanamente decorado ou refeição servida para cem pessoas. Foi um jantar familiar normal, com árvores de Natal e sinos tocando ao fundo.

Se seu pai não fosse um psicopata furioso, Thatch poderia ter crescido e se tornado um idiota rico e comum. Se as coisas tivessem sido diferentes, sei que o teria odiado. Provavelmente teríamos acabado sendo inimigos por toda a vida.

Só para não ter que ouvi-lo, vou até o meu armário, acendendo a luz e procurando entre as fileiras de roupas que nunca usei.

Principalmente ternos, smokings, que ganhei de presente ou comprei quando eu era jovem e poderia ser forçado a usá-los.

— Você não vai aparecer de jeans em um baile de máscaras, Alistair. É sem gosto e você vai se destacar ainda mais do que já faz. Precisamos nos misturar. — Ele faz questão, mas isso não significa que minha pele pare de coçar quando penso em usar uma camisa de colarinho.

— Eu nem vejo por que precisamos ir. Além de dar a você uma desculpa para usar algo ridículo. — Resmungo, puxo um conjunto preto de um cabide, precisando ver se vai caber antes de me preocupar em embalá-lo.

Esperançosamente, era muito pequeno, assim eu tinha um motivo para não usar um.

— Porque é a nossa aposta mais segura. Sabemos onde estarão todos os professores e alunos. Isso nos dará mais tempo caso seu animal de estimação tente fazer algo ignorante.

Meu animal de estimação.

Ela é o animal de estimação com pior comportamento de todos os tempos. Um cachorro espancado que não para de mijar no sofá só para me deixar com raiva.

O baile da véspera de Todos os Santos era uma das muitas tradições ultrajantes mantidas por Hollow Heights. Era como um baile de formatura, mas muito pior. Minha mãe ainda tem fotos dela e de meu pai quando eles compareceram. Acontece todos os anos e só fica mais extravagante com o passar dos anos.

Claramente não estava na minha lista de coisas para fazer, mas como eu disse, Thatcher tinha razão. Todos concordaram que seria o melhor momento para entrar no escritório de Greg, garantindo-nos mais tempo para Briar fazer o que pedimos a ela.

Tirando minhas roupas e entrando nas calças com meu telefone enfiado entre a orelha e o ombro, pensei em como ela tinha sido ingênua.

Fazendo exigências que não tinha intenção de cumprir. Sabíamos que ela contaria a Lyra, o que estava bom para nós. Ela não quis falar e já tinha visto muito para não se envolver.

Foi quando ela falou como se esperássemos que a deixássemos em paz depois que ela fizesse isso por nós. Claro, os outros caras obedeceriam. Mas a tatuagem de bastão e puxão com a qual

decorei seu dedo enquanto ela estava desmaiada por causa da clorofila estava lá por um motivo.

Ela era minha. Por quanto tempo eu achar adequado.

Saber que ela não fazia parte da morte de Rosemary a tornava menos inimiga e mais uma garota que precisava ser quebrada. Balançando o dedo nos mandando deixá-la em paz, para nunca mais incomodá-la.

Ela realmente pensou que eu iria parar? Depois de chegar tão perto de fazê-la se despedaçar na minha frente na piscina, ela realmente achava que meu terror acabaria tão facilmente? Que eu quis dizer o que disse quando apertei a mão dela?

A tatuagem era para o homem possessivo dentro de mim. Para que quando Easton Sinclair a pedisse para estudar na biblioteca novamente, ele saberia a quem ela pertencia. E se meu irmão cruzasse com ela novamente, o que não aconteceria se eu pudesse evitar, ele saberia que Briar Lowell era uma das poucas coisas que ele nunca teria.

Eu a observei, vendo-a tentar desesperadamente esconder as partes de si mesma que ela sentia que não pertenciam a um lugar como este. Como se seus desejos sombrios fossem algo imundo para esconder. Mas eu sabia, eu podia ver, ela não era o tipo de mulher que acabava com um babaca como Easton.

Ele não seria capaz de alimentar a curiosidade que espreitava sob sua pele. Não do jeito que eu poderia.

Eu não tinha planos de parar. Quando eu terminasse, ela veria o quão distorcida ela realmente era, e ela adoraria cada segundo depois que tudo fosse dito e feito.

Deslizei o botão preto sobre meus ombros, ouvindo Thatcher falando em meu ouvido.

— Você está me ouvindo?

De jeito nenhum.

— Sim, algo sobre suas camisas faltando. Você está me perguntando se eu as peguei? — Porque essa seria uma pergunta seriamente equivocada, eu nunca, e quero dizer isso da pior maneira, nunca usaria nada que você possui.

— Perdoe-me por pensar que meu colega de quarto estava mexendo no meu armário. Talvez fosse Rook. De qualquer forma, te vejo mais tarde, que horas você vai estar aqui? — Ele pergunta, e eu não posso deixar de revirar os olhos. Sim, o piromaniaco está queimando merda em suas camisas de caxemira de dez mil dólares.

Mas agora que penso nisso, Rook provavelmente as está usando como pederneira.

— As próximas horas. Vou mandar uma mensagem quando estiver a caminho. — Nos despedimos antes de eu jogar o telefone na cama, abotoar o resto da minha camisa e enfiá-la dentro da calça. Pegando a jaqueta da cadeira, eu fico na frente do espelho de corpo inteiro enquanto o coloco.

Quando olho para mim mesmo, vejo o reflexo de minha mãe atrás de mim. Seu ombro encostado no batente da minha porta

vestindo uma camisola roxa escura que mostra o quanto passar fome ao longo dos anos fez com seu corpo.

Eu já deveria tê-la ouvido ou pelo menos notado sua presença que está revelando normalmente pelo clique do copo de uísque ou pelo cheiro de seu cigarro Virginia Slims que exala dela em ondas, mesmo quando ela tenta encobrir com perfume Chanel.

Escolhendo ficar em silêncio enquanto ela me observa, seus olhos me olhando de cima a baixo antes de seus pés entrarem completamente no meu quarto. Eu olho para os botões da minha camisa, fingindo estar fazendo algo com eles.

Uma nuvem de fumaça atinge meu rosto e levanto meu olhar com desprezo. Não há uma palavra dita, nada é dito enquanto ela olha por cima do meu rosto como se fosse a primeira vez que ela realmente me vê. Como se eu fosse um estranho em sua própria casa e para ela, provavelmente era.

Pela primeira vez em anos, ela levanta a mão, passando os nós dos dedos pela minha bochecha e a frieza de sua pele deixa meu maxilar tenso.

— Menino lindo...— Ela sussurra, sua voz turva e cheia de neblina.

Eu costumava me perguntar muito por que minha mãe nunca olhou ou tocou em mim como as mães das outras crianças faziam. Observei como as crianças corriam para os braços de suas mães em busca de conforto e elogios. O amor que deve ser compartilhado entre os dois, e eu costumava me perguntar o que eu tinha feito para que minha mãe me odiasse tanto.

Por que seu toque sempre parecia lodo úmido e seu olhar nunca parecia quente, sempre frio e crítico. Por que, em vez de afugentar os pesadelos, ela os trouxe para mim.

Eu puxo meu rosto para trás, olhando para ela, uma coisa que eles não tinham planejado era eu ser tão alto.

— Ainda tão podre até o âmago. — Ela adiciona. O problema é que ela nem estava tentando ser má. Ela não estava tentando me machucar, ela simplesmente não se importava o suficiente para pensar sobre o que ela disse para mim. Me machucar exigiria que ela desse a mínima, e ela não deu.

— Uma pena que um rosto como o seu foi desperdiçado. No mínimo, seu pai e eu podemos dizer que fizemos filhos bonitos.

Eu zombo, minhas narinas queimando, — Isso é o que acontece quando você cria uma criança na sombra de outra, mãe. Eles se tornam pesadelos.

Ela leva o bastão branco à boca, inalando profundamente, seus olhos enrugando nos cantos enquanto ela sorri um pouco. Fumaça rodopiando no ar entre nós. Eu não me incomodei em tirar o terno. Eu caminhei até a cama, pegando a mochila e jogando-a sobre meu ombro.

— Você deve ficar onde está indo até depois do Natal, é o melhor, querido.

Deixe para o meu pai defeituoso exigir minhas ausências em vez de perguntar para onde eu estava indo. Pelo que eles sabem, eu poderia estar indo para o tráfico de drogas. Acho que finalmente aceitei que eles provavelmente me encorajariam a ir a algum lugar

perigoso, eu ser morto seria uma maneira limpa de se livrar de mim. Para que eles pudessem parar de me manter por perto para salvar a cara.

— Mãe, você viu minha maleta médica...

Aparentemente, eu estava atrasado para uma reunião de família porque Dorian passou pela porta do quarto, apenas para parar quando nos viu lá dentro.

Eu estava implorando silenciosamente para meu pai não colocar seu cabelo grisalho no corredor. Mesmo que o fizesse, ele me olharia por um momento e continuaria agindo como se eu não existisse. Eu o preferia a qualquer um. Ele nem tentou fingir que gostava de mim.

É o sonho de qualquer criança ter um irmão mais velho que ele possa admirar. Alguém que vai defendê-lo de valentões maiores e ensiná-lo a dar um soco. Alguém que eles podem irritar até desistir e jogar videogame com você.

Isso é o que um irmão mais velho deve ser. Um protetor. Um guia. Alguém com quem você pode contar.

Acho que o meu é só o anticristo.

Depois de se formar em Hollow Heights, ele partiu para Boston para frequentar a faculdade de medicina, acho que ele é um estagiário ou algo assim agora. Acho quase cômico que alguém esteja confiando a ele a vida das pessoas.

Como alguém pode olhar para ele e não ver o quão egoísta, vil, idiota ele é.

E saber que meus pais me fizeram ser igual a ele. Criando-me à sua imagem. Eu queria me esfolar pensando nisso.

Ele faz uma pausa, olhando para mim com repulsa, — Você ainda está aqui? Achei que eles já teriam encontrado você morto em uma vala agora.

— Isso lhe daria muita alegria, Dorian. Não podemos ter isso, podemos?

— Como alguém pensa que somos parecidos está além de mim. É um insulto aos meus genes.

— acredite em mim, também não quero que ninguém me diga que pareço um idiota, mas você trabalha com o que recebe. — Eu digo dando um sorriso depreciativo.

— Eles deveriam ter apenas quebrado o molde comigo. Em vez disso, estou preso tendo que olhar para minhas peças sobressalentes toda vez que chego em casa.

Eu queria bater nele por me lembrar, mas não queria lidar com a reação. — Por mais divertido que tenha sido, prefiro me matar do que ficar aqui com vocês dois por mais tempo.

Eu saio do meu quarto, perfeitamente bem se essas são as últimas palavras que eu falo com qualquer um deles. Duro, eu sei, mas isso não torna menos verdadeiro.

— Certifique-se de cortar na vertical. Dessa forma, a probabilidade de você sobreviver é pequena. — Dorian acrescenta, sua voz saltando na parte de trás da minha cabeça enquanto desço os degraus, tentando colocar o máximo de distância possível entre mim e eles.

Jogando minhas coisas no banco do passageiro enquanto pulo para o lado do motorista, ligando meu veículo e jogando cascalho atrás de mim enquanto saio da garagem. Esperando quebrar uma janela ou duas no processo.

Não respiro até sair da propriedade e acelerar pela estrada adjacente à minha casa. Quando tenho certeza que eles não podem mais me ouvir ou me ver.

Parei de sentir pena de mim mesmo depois que conheci os meninos. Quando me mostraram que família não é com quem você nasce. É por quem você mataria. Que embora meus pais e meu irmão vivam com demônios de verdade, eu ainda tinha os caras.

Tínhamos seis anos e estávamos em uma festa de verão em um clube de campo com nossas famílias. Essa é a primeira vez que os encontrei. Quando encontrei Rook e Silas tentando soltar um pequeno fogo de artifício, enquanto Thatcher distraía qualquer um que passasse.

Três meninos que vieram da riqueza, mas ainda buscavam o caos da vida. Precisando da anarquia para lidar com os horrores em casa, em suas mentes. Mesmo nessa idade. Essas pessoas que não me viam de maneira diferente ou tentavam mudar quem eu era, três pessoas que me aceitaram como eu era e me fizeram abraçar quem eu sou.

Nós nunca nos escondemos. Vimos o bom, o mau e o pior.

Por baixo de todos os problemas, o tormento, o mal, nós éramos apenas garotos que foram quebrados. Crianças inocentes que foram jogadas neste mundo sem proteção. Eles não nos deram escolha, não realmente.

Então agora, os monstros protegem uns aos outros.

E apenas um ao outro.

VINTE E TRÊS



VOCÊ VAI AO SALÃO COMIGO?

Brian

O mês de outubro começou a desaparecer tão rapidamente quanto chegou. Os corredores foram decorados para a ocasião, todos ostentando algo assustador ou laranja. Abóboras esculpidas na praça, linhas insignificantes escritas nos quadros-negros.

O outono envolveu totalmente o litoral de Oregon, tornando impossível sair sem uma jaqueta e, à medida que o Halloween se aproximava, menos animada eu ficava.

As provas finais já foram postadas para todas as minhas aulas, todas elas em algum lugar na primeira semana de dezembro, o que significava que eu já estava estudando para elas. Novembro seria nada além de flash cards e marcadores.

Eu adorava o Halloween.

Não para se vestir, mas por causa dos Trinta e Um Dias de Halloween do Syfy. Enrolar no sofá depois da escola com meus pais com um saco de milho doce e pipoca para assistir filmes de terror

antigos. Todos nós rindo dos gráficos de merda ou dos enredos cafonas. Não havia muito que pudesse superar isso.

Este ano eu mal assisti a qualquer um deles.

Minha vida parecia um filme de suspense do jeito que era.

Então havia esse baile que estava chegando na próxima semana. Eu sempre quis tentar me vestir com um vestido chique, porque não era algo que eu pudesse fazer antes. Mas saber que eu só iria desaparecer segundos depois de começar apenas para ajudar quatro pessoas com as quais eu não poderia me importar menos, bem, isso acabou com a diversão.

Mesmo quando Thomas me deu dinheiro para comprar um vestido. Mesmo depois que Lyra e eu os escolhemos, ainda não consegui me animar com isso. Vingativamente, torci para não conseguir entrar no cofre ou que houvesse um alarme para que eles fossem pegos.

Por outro lado, se eles fossem presos, eu também seria. Eles levariam um tapa na cara e eu seria expulso. Lyra estava certa desde o início, eles eram intocáveis aqui. Anos e anos de reputação construídos com seus sobrenomes tornavam impossível puní-los.

— Verdadeiro ou falso, uma função recursiva deve ter alguma forma de controlar o número de vezes que se repete. — Lyra pergunta do outro lado da mesa da biblioteca, um Twizzlers pendurado no canto da boca enquanto ela se recosta na cadeira, as pernas levantando um pouco do chão.

Eu descanso minha cabeça em minhas mãos enquanto olho para a mesa, — Verdade.

— Correto! Outro certo para o gênio da matemática. — Ela anuncia, jogando o flash card na pilha à nossa frente. Sentamos uma de frente para a outra, ambos com laptops abertos e pelo menos três livros cada um, notas, canetas, marcadores. Achávamos que fazia sentido misturar os estudos finais em nosso tempo, até que estávamos tentando nos concentrar em três coisas ao mesmo tempo enquanto tentávamos escrever trabalhos de quatro páginas.

Como é que eu sou formada em matemática e *ainda estou* escrevendo a porra dos trabalhos?

Pego um dos cartões azuis, — Diga-me a estrutura dos lipídios.

Lyra estava se formando em entomologia, é claro, com especialização em biologia. Quando ela se formar, ela queria fazer pesquisas clínicas sobre como certos insetos podem ter importância médica potencial.

Quando ela me contou eu achei ela um pouco maluca, mas aí pensei que veneno de cobra é usado em alguns remédios para o coração, então por que não poderíamos usar insetos?

— Monômero, glicerol e três ácidos graxos. Os elementos incluem carbono, hidrogênio e oxigênio. — Ela mastiga um pedaço do doce retorcido vermelho, engolindo, antes de eu concordar.

— Você precisa mesmo estudar? — Eu arqueio minha sobrancelha, sorrindo.

— Provavelmente não, — ela dá de ombros, jogando seu doce em mim. Isso me atinge no peito, fazendo-nos rir.

Eram momentos como esses que eu sentia mais conforto. Quando minha vida se tornou tudo o que eu queria. Sessões de estudo com alguém que eu poderia chamar de amiga.

Distraidamente, esfrego o polegar no dedo médio como se estivesse brincando com um anel. A pele ligeiramente levantada sob minha junta me faz olhar para baixo. Ainda em choque por estar lá, para começar.

— Isso dói? — Lyra pergunta curiosa.

A maquiagem que eu havia colocado estava começando a desbotar e eu precisaria reaplicá-la logo.

— Não. Acho que seria melhor se doesse.

— Por que?

— Então eu estaria mais inclinada a odiá-lo.

Prometi a mim mesma que seria aberta e honesta com Lyra sobre tudo. Incluindo o fato de que a tatuagem em si era linda. Adorei a maneira como as letras se encaixam no espaço do meu dedo, o A e o C projetados para girar como trepadeiras em torno de roseiras.

Pensei em cobri-la com uma rosa de verdade quando tudo isso tivesse sido dito e feito. Só para enfiar de volta na cara de Alistair que qualquer coisa que ele jogasse em mim eu poderia lidar.

Mesmo que fosse uma memória permanente dele.

— Devo ficar ofendido por não ter sido convidado para esta sessão de estudo? — A voz de Easton Sinclair me lembra café da manhã. Suave, quente, tudo que você precisa para começar o dia.

Eu levanto minha cabeça, olhando para ele com um sorriso, — Extremamente ofendido. — Eu brinco: — Perdi seu número ou teria convidado você.

Pequena mentira branca. Eu perdi. Depois de propositalmente jogá-lo fora. Easton era legal, tenho certeza de que ele era um cara legal e, se tivesse a oportunidade, poderia aceitar uma oferta dele para um encontro, mas não enquanto ele tivesse uma namorada.

Uma do que eu vi é muito boa. Quero dizer, ela olha para mim como se eu devesse engraxar seus sapatos, mas ela ainda parece legal. E ninguém merece ser traído, nunca.

Minha mãe me ensinou que se ele trair, ele vai te trair. Cue o sotaque do Texas.

— Sem problemas. — Ele responde suavemente, — Hey Lyra, — Acenando suavemente para reconhecer a presença da minha companheira de quarto.

— Olá, — ela agita as pontas dos dedos em um aceno de volta, pegando outro pedaço de doce e mastigando.

— Perguntei ao meu pai sobre as árvores frutíferas para o próximo ano e acho que o conquistei com a ideia de uma cerejeira. Não há mais espera nas remessas para o supermercado.

Os olhos de Lyra explodiram de luz, fogos de artifício explodindo dentro deles. Eu enrugo meus olhos para ele com desconfiança, conquistar minha amiga foi um movimento suave. Eu admito.

— Isso é tão legal, obrigado Easton. — Ela responde, emoção em sua voz. A capacidade de simplesmente sair de seu dormitório

e colher cerejas da árvore era tudo de que Lyra precisava para ser feliz. E insetos, obviamente.

— Na verdade, estou feliz por ter encontrado você, queria te perguntar uma coisa. — Ele volta sua atenção para mim, colocando as mãos atrás das costas, balançando um pouco nos calcanhares.

— Claro, o que há? — Fecho meu livro de matemática aplicada, dando-lhe minha atenção.

— O baile de Todos os Santos na próxima sexta-feira, se você ainda não combinou com alguém de ir, eu queria saber se você iria comigo. Vou até me certificar de deixar você me cutucar com o buquê que minha mãe inevitavelmente comprará para nós. — Seu cabelo loiro solto cai um pouco na frente de seu rosto, olhos azuis confiantes.

Ele sabe que direi sim.

Quero dizer, quem diria não a Easton Sinclair?

Eu não tinha certeza se achava a confiança atraente ou irritante.

— Estou chocada, quero dizer, lisonjeada. — Eu rio, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, — Mas você não vai com a Mary? Tenho certeza de que votei em vocês dois para Hallow Queen e King.

— Mary e eu terminamos na semana passada. — Ele suspira, passando a mão pelo cabelo: — Simplesmente não estava dando certo, achamos que seria melhor se fôssemos apenas amigos.

— Então você está solteiro? — É alto.

— Tão solteiro quanto alguém poderia ser. Isso é um sim?

Eu queria ir com ele para isso? Possivelmente. Easton era fofo, simpático e todos o amavam. Tenho certeza que ele seria um perfeito cavalheiro, abriria a porta para mim, me chamaria de bonita quando me visse em meu vestido.

Não havia razão para dizer não, não mais.

No entanto, eu ainda queria dizer não e não apenas porque teria que abandoná-lo assim que chegássemos. Eu estava atraída por Easton, só não *gostava* dele. Não o suficiente para sair com ele. Quando você pensa nos caras de quem gosta, deve pensar em como é para eles beijar você, como seu corpo vai se encaixar no deles, como eles fazem seu coração disparar.

Tudo o que penso com ele é a amizade platônica.

— Eu adoraria, mas eu...

— Ela já tem um encontro.

O ranger de cadeiras ecoa em meus ouvidos, a que está ao meu lado é puxada bruscamente antes que o peso de alguém caia no assento de madeira. Rook desliza para a cadeira ao lado de Lyra, com um sorriso malicioso nos lábios enquanto enrola o fósforo com a língua.

Minha sombra volta atrás de mim, cobrindo tudo ao meu redor. Ele absorve tudo, roubando toda a luz e me puxando para mais fundo na escuridão com ele. É onde ele me quer. Bem ali nas sombras com ele. Eles sempre disseram nos filmes que a luz derrota a escuridão. Esse bem vence o mal, então por que ele é capaz de destruir qualquer coisa que tente desafiá-lo?

Bom, leve, não era páreo para ele.

— Senhores. — Rook oferece com uma piscadela manhosa. Observo Lyra, olho para ele com o canto do olho, pego a cadeira dela e a afasto dele.

— Desculpa, o que? — Easton pergunta tentando recuperar o atraso com esta situação. Tenho certeza que quando ele pensou em me convidar, Alistair Caldwell e seus amigos não faziam parte da equação.

— Eu disse, — Alistair agarra a ponta do meu assento, puxando-o para mais perto dele, puxando-me ainda mais em sua teia, — Ela já tem um encontro.

Eu sinto sua cabeça, bem ao lado da minha cabeça. A maneira como ele se inclina em meu corpo cheirando meu cabelo e eu só pioro ao cair em seu peito. Completamente por acidente, é claro, o solavanco do movimento repentino abala meu equilíbrio.

Seu braço tonificado passa por cima do meu ombro e ao redor do meu pescoço, balançando sobre o meu corpo, seus dedos balançando com confiança logo acima do meu umbigo.

Eu mordo com força no interior da minha bochecha, — Easton isso não é, ele... — eu aceno minhas mãos suavemente, tentando não fazer isso parecer pior do que já é.

— Ele não é o quê? Seu namorado? — Ele cospe, enojado por eu estar permitindo que Alistair me toque. Mesmo que ele provavelmente tenha mais dinheiro do que Easton poderia imaginar, ele ainda olhou para o homem atrás de mim. Como se ele fosse de alguma forma melhor do que ele.

— Não, ele não é, — eu cerro meus dentes, virando minha cabeça um pouco para lançar um olhar de soslaio por cima do meu ombro. — Nós somos apenas... — Eu arrasto a palavra com gosto estranho na minha língua, — Amigos.

Eu sinto seus lábios se moverem contra o meu cabelo, inclinando-se em um sorriso.

Filho da puta arrogante. Quando Easton for embora, vou socá-lo bem no pau por isso. Eu sabia que tínhamos que parecer amigáveis, então não seria estranho para ninguém por que estávamos juntos no baile, mas isso estava passando dos limites.

— Vamos lá, Ladrazinha. Somos mais do que amigos, — ele sussurra apenas para os meus ouvidos, — Você não contou ao golden retriever sobre como sua boceta estava pingando no meu joelho na outra noite? Praticamente me implorando por isso.

Eu tremo e não porque está frio.

— Ela é minha, Sinclair. Tenho certeza de que você pode encontrar outra garota desesperada que possa enganar com seu ato de cavaleiro maluco em armadura brilhante. — Alistair diz em voz alta, nunca movendo a cabeça ao lado da minha.

Os olhos de Easton se tornaram um furacão de raiva. A cor azul clara que parecia um céu feliz, tornou-se sinais de alerta verdadeiros e escuros antes que uma tempestade destruía a Terra.

— Esse é o tipo de cara com quem você quer passar o tempo, Briar? Um idiota sem moral? A própria família dele não suporta ele, ele não é ninguém. — Easton lança as palavras duras como um chicote, na esperança de atingir alguém no processo.

Eu não sabia muito sobre Alistair no departamento de família, mas também não achava que era função de Easton julgar outras pessoas. Ele não tem ideia do que acontece atrás da porta fechada da casa dos Caldwell.

Alistair era um diabinho com problemas de raiva que me faziam correr para longe dele? Sim.

Mas duvido que ele tenha se tornado assim depois de ser criado por uma família amorosa.

Todo mundo tem segredos. Todo mundo tem uma história.

Até os heróis.

Até os vilões.

— Um zé-ninguém que está transando com a garota por quem você está babando.

Eu suspiro com a resposta dele, pronta para negar isso imediatamente, mas Easton já está atirando de volta. Tremendo de descrença, um interruptor girando em seu comportamento,

— Babando? Por favor, ela é uma garota nova com uma bunda bonita, mas nem isso vale a pena lidar com você ou seus amigos malucos.

Eu não deveria estar surpresa.

Mas ainda dói.

Garotos como Easton valem dez centavos. Os bonitos que parecem ter tudo, que abrem caminho direto para o seu coração apenas para pisar nele quando você não dá a elas o que elas querem.

Eu poderia pelo menos respeitar Alistair e o fato de ele ser franco sobre o quão idiota ele era. Ele nunca tentou ser algo que não era. O que você viu é o que você obtém, mesmo que não goste.

— Você provavelmente nem era uma boa transa de qualquer maneira. — Ele resmunga, olhando para mim como se eu fosse a sujeira debaixo de seu sapato.

— Eu pensei que éramos amigos. — Eu digo um pouco alto, fazendo com que a bibliotecária me fizesse um shh, seus olhos semicerrados e cheios de irritação. Eu olho em volta para os outros alunos nos observando, minhas bochechas esquentando.

— Amigos? Você parecia ingênua e como uma transa fácil. Você é apenas uma garota da sarjeta. — Ele afirma: — Não há príncipe encantado para você. Bem-vinda à sua vida, Briar, casos de uma noite e fodas rápidas, é para isso que você foi feita.

Não tenho um segundo sequer para pensar em retaliar porque Lyra já saltou em minha defesa,

— Coma um pau. Leve seu ego ferido para algum lugar onde as pessoas se importem.

Ele sai sem dizer mais nada, deixando todos nós resolvermos o que acabou de acontecer.

Eu me viro, encarando Alistair, — E você, — eu aponto meu dedo para ele, — Eu estou fazendo uma coisa por você. É isso. Não somos amigos, com certeza não estamos fodendo. Você não pode vir mijar em mim como se estivesse marcando seu território.

Parece que estou falhando miseravelmente em ser séria pelo que parece. Eu engulo nervosamente enquanto ele inclina a

cabeça, arqueando uma sobrancelha para mim como se perguntasse sem palavras, o que você acabou de dizer para mim?

Meu dedo indicador se retrai, assim como ele enrola a mão em volta do meu pulso. As luzes da biblioteca iluminam seus olhos, mostrando-me os redemoinhos de chocolate dentro deles. Eu estava tão acostumada com o tom preto da meia-noite que a cor recém-descoberta foi um choque.

Ele se inclina para frente, sua respiração patinando em minha pele enquanto ele mantém nossos olhos fixos. Surpreendendo-me, ele desliza meu dedo médio em sua boca.

Um suspiro voa de meus lábios enquanto eu o observo. A maneira como sua boca quente envolve meu dedo e como sua língua macia gira em torno da base faz meus dedos dos pés formigarem. Eu mordo com força o interior do meu lábio.

Lentamente, ele remove sua boca de mim. Soltando meu pulso e passando o polegar em seu lábio inferior,

— Não cubra isso, — ele olha para a tatuagem no meu dedo, — e eu não vou ter que mijar em lugar nenhum. — O chão geme quando ele empurra a cadeira para longe de mim, levantando-se para se erguer sobre mim.

Tento ignorar o quanto ele é atraente à luz do dia. Como o sol quase o faz parecer normal. A maneira como reflete em sua pele bronzeada e destaca as bordas de seu corpo magro.

Fechando minhas mãos em punho, antes de olhar brevemente para onde ele lambeu. A maquiagem que estava lá se foi, graças à

sua saliva que dissolveu o produto. Que era o que ele queria que acontecesse, é claro.

Pica-pau de merda.

Os sons de suas botas desaparecem em meus ouvidos, sinalizando sua partida, mas não antes de ele se virar para mim, andando para trás enquanto fala,

— E Briar, — ele começa, — certifique-se de usar algo bonito para mim na sexta-feira.

VINTE E QUATRO



MESTRE NO TRABALHO

Alistair

O eco do violino à distância enquanto eu inclino minhas costas contra o lado de fora do distrito de Rothchild, onde o Salvatore Dining Hall foi mudado de suas mesas retangulares normais e atmosfera monótona para algo que Gatsby realmente gostaria de frequentar.

Eu ainda não tinha entrado, mas sabia que lustres pendentes e decorações caríssimas me esperavam. Só precisávamos fazer uma entrada, apenas o tempo suficiente para que as pessoas vissem que havíamos comparecido.

Quanto mais cedo pudéssemos fazer isso, mais rápido poderíamos chegar à tarefa em questão.

— Ela pode ter decidido não aparecer.

— Ela estará aqui. — digo a Thatcher enquanto jogo a bituca do meu cigarro no chão, pisando nela, esmagando a brasa sob meu peso.

E se ela não aparecesse, então o que quer que acontecesse com ela depois, aconteceria por culpa dela mesma.

Rook e Silas estavam ocupados desligando as câmeras de segurança, o que deixou Thatcher e eu escoltando Briar e Lyra para o pretensioso baile de Halloween. Era basicamente uma maneira de alunos e professores se julgarem abertamente. Em suas roupas, seus encontros, qualquer coisa que seus olhos hipócritas pudessem ver, eles destruiriam.

São sempre as pessoas nas estufas que atiram mais pedras.

Meu telefone zumbia no meu bolso, eu o puxei verificando a tela iluminada. Há uma mensagem de Shade me fazendo franzir as sobrancelhas enquanto clico no aplicativo de mensagens verde.

Enviei minha recomendação, você deve pensar em se inscrever.

Em anexo estava um link para uma loja em Nova York que estava contratando novos tatuadores. Eles estavam procurando alguém especializado em preto e cinza. Pensei em como seria minha vida se pudesse aceitar essa oferta.

Eu estava a poucos meses de obter minhas licenças e poderia trabalhar em qualquer lugar que quisesse. Se Rose não tivesse sido morta, eu já estaria na costa leste. Provavelmente em Nova York, já trabalhando em uma loja, morando em um apartamento de um quarto caminhando para o trabalho onde não havia uma única pessoa que soubesse meu nome.

Eu estaria sozinho.

Será que eu gostaria da minha vida sem os meninos? Quer dizer, eu não tinha dúvidas de que Thatcher já estava indo para o

leste e Rook também, mas Silas tinha planejado ficar aqui com Rose. Poderíamos todos sair juntos? Começar novas vidas onde o rastro de sangue pararia de nos seguir e poderíamos apenas viver?

Eu queria dizer que sim, mas isso era ser otimista.

— Sobre o que é isso? — Thatcher pergunta, apontando o nariz para o meu telefone.

— Você sempre foi tão intrometido? — Eu empurro a tela para longe, empurrando-a de volta no meu bolso longe de seus olhos.

— Eu nunca tive que ser. Você nunca foi tão reservado antes. — Ele olha para mim como se eu tivesse roubado algo dele. Essa necessidade enlouquecida de que ele saiba tudo sobre nós envelhece rapidamente.

— Ouça... não vou perguntar o que você andou fazendo quando chegou em casa com as mãos sujas de sangue, certo? Todos nós temos coisas que guardamos para nós mesmos, até você.

Eu não acho que ele está matando pessoas. Quero dizer, ele pode estar, mas eu duvido. Eu só acho que ele tem suas próprias maneiras de liberar vapor como o resto de nós. O de Thatcher é apenas um pouco mais... horripilante.

Isso o faz desistir, porque nem ele está pronto para confessar seus próprios segredos.

— Aqui, escolhi o mais básico que pude encontrar. — Ele me joga uma máscara, preta sólida com redemoinhos de lasca na frente.

— Eu não estou usando isso.

Eu olho para vê-lo prendendo o vermelho escuro e preto em seu rosto, amarrando-o atrás de sua cabeça. A máscara cobre a metade superior do rosto, combinando com o terno da cor correspondente.

— Não seja tão covarde, apenas coloque a máscara.

Grunhindo de irritação enquanto me atrapalho com o barbante, pressionando o plástico no rosto e amarrando-o bem atrás da cabeça. O meu protege a maior parte do meu lado esquerdo, parte do meu nariz descoberto, junto com minha bochecha direita e lábios.

Eu só sabia que parecia ridículo nessa coisa.

O barulho dos saltos me faz virar a cabeça, esperando que não seja outra garota usando uma variação do mesmo vestido agarrada ao seu par porque ela não pode andar com seus sapatos.

O vestido de Lyra é tule sobre tule, a renda carmesim se estende ao redor de sua cintura, expondo uma figura completa que ela esconde sob seu guarda-roupa normal. Ela me lembrou uma garota que cresceu ouvindo contos de fadas. Só não aqueles de beijar sapos e felizes para sempre.

Os contos de fadas dos Irmãos Grimm.

Aqueles que contavam histórias de brutalidade e morte. Não de ouro e beijos roubados, mas sangue e o poder da magia negra.

O tecido se desvanece em uma rica cor preta na parte inferior enquanto o vestido estilo vestido de baile roça o chão enquanto ela caminha em nossa direção. Até eu posso admitir que a forma como sua franja sem corte cai sobre sua máscara preta brilhante,

expondo a pele pálida de seu rosto, combinada com batom vermelho, é quente.

— Parece que alguém está roubando sua cor característica, Thatch. — Eu murmuro, inclinando-me para ele secretamente.

— Evidentemente. — Ele respira, como se precisasse de todo o seu oxigênio apenas para dizer essa simples palavra.

Surpreendentemente, a rainha dos insetos se comporta bem quando se aproxima de nós parecendo azeda, ou pelo menos parecendo azeda para mim.

Abro a boca, mas ela me interrompe,

— Briar teve que parar e ver o tio dela, ele queria tirar fotos para mandar para a mãe dela. Ela estará aqui em breve.

O silêncio constrangedor que preenche o ar é suficiente para matar alguém. Lyra e Thatcher tiveram um estranho contato visual. Nenhum dos dois falando, apenas olhando, esperando que o outro piscasse.

Eu quase rio pensando em Lyra, a garota que gosta de pegar insetos e ter lama nas mãos, ficando com Thatcher, uma das pessoas mais limpas que conheço. Obsessivamente limpo. Roupas organizadas por marca e depois por cor. Cama sempre arrumada, tudo tem lugar. No entanto, eles estavam aqui se fodendo com os olhos.

— Thatcher, — eu tusso, — esta é Lyra, Lyra esta é Thatcher. — Eu apresento os dois sarcasticamente, mas pelo que parece ela está muito ciente de quem ele é.

— Sim, eu sei quem ele é. Quero dizer, — ela pigarreia olhando para mim, — eu sei quem todos vocês são.

A maneira como ela o observa, como se estivesse olhando diretamente para a alma dele através dos buracos em sua máscara. Não é medo, é... curiosidade que se instala em seu olhar. Mesmo que ela queira se distanciar dele, ela ainda o acha interessante.

O que era mais do que a maioria das garotas teria coragem de fazer. No primeiro ano do ensino médio, uma garota saiu correndo nua do vestiário masculino depois que Thatcher apontou uma faca para ela enquanto ela estava prestes a chupar ele.

— Prazer em conhecê-la, — ele repreende com um sorriso nos lábios, estendendo a mão para a dela.

— Agora você está se apresentando? Eu não sabia que as apresentações vinham depois de pintar com spray o carro de alguém e persegui-la pela floresta.

Eu encaro a voz familiar, olhando para Briar cujos saltos estão batendo contra a passarela enquanto ela vem em nossa direção. Seus olhos queimando, dentes à mostra como se ela estivesse pronta para rasgar Thatcher por olhar na direção de Lyra.

Mesmo que ela esteja preparada com agressividade, parecendo que está pronta para ir para a guerra contra meu amigo, estou surpreso com o quão graciosa ela parece.

Minha boca saliva enquanto eu sigo o decote na frente de seu vestido que para logo acima de seu umbigo.

Enfiei minhas mãos nos bolsos para evitar que corressem por sua pele. Pele que parecia tão macia, como pétalas de flores no verão. Eu estava espumando pela boca para prová-la.

Apenas um pouco.

Uma lambida agonizantemente lenta no vale de seus seios, onde sua pele estava exposta. Tecido roxo envolve delicadamente em torno de sua garganta exatamente onde minhas mãos descansariam quando eu a fizesse suar debaixo de mim. Seus seios mal estavam cobertos com tiras de tecido, o vento frio ou talvez meu olhar tivesse torcido seus mamilos, deixando-os duros para mim.

Em vez da direção do vestido de baile, ela optou por algo simples. Material de seda que se agarrava a seu corpo, perseguindo as curvas de sua figura por todo o corpo. O roxo, que era mais um tom lilás, fazia brilhar o verde de seus olhos caleidoscópicos.

O sangue corre para o meu pau, minha boxer de repente fica extremamente apertada em volta da minha virilha e não por causa de seus mamilos eretos ou olhos bonitos.

Não, é o jeito que sua mãozinha leva a orelha, colocando algumas mechas de cabelo atrás dela. Minha tatuagem pegou a luz e mesmo sendo pequena, a fonte decorativa que escolhi combinava muito bem com o vestido dela.

Como minhas iniciais ficavam delicadas em seu corpo. Como eles pareciam fodidamente bons em seu dedo. Só me deixou mais rígido pensar em cobrir seu corpo com meu nome, estampando minhas iniciais em toda a sua pele.

Eu queria sentir o cheiro dela. Para ver se ela colocaria aquele perfume que ela não sabia que eu gostava. Aquele com flores exóticas e algo doce. Andando mais perto até que eu estava de pé diretamente na frente dela.

Os saltos a deixaram um pouco mais alta, com a cabeça bem debaixo do meu nariz. Eu coloquei minha mão espalmada contra o canto de seu pescoço, meu dedo espalmado em sua clavícula e parte inferior da garganta. Meus dedos vibraram contra seu pulso, apertando apenas o suficiente para deixá-la me sentir.

A máscara ao redor de seus olhos faz pouco para esconder a forma como suas bochechas coram com a sensação do meu toque. A maquiagem em seu rosto apenas realçando o que já estava lá em primeiro lugar.

Muitas garotas eram gostosas. Ser quente era fácil.

Poucas garotas poderiam usar meu nome do jeito que ela usa.

— Eu gosto do seu cabelo assim. — Eu digo, olhando para ela sentindo seu coração disparar sob meu toque.

As mechas cor de mel estão todas puxadas para o lado direito da cabeça, caindo em ondas profundas sobre o ombro, uma mecha brilhante segurando-a para trás perto da orelha esquerda. Gostei da maneira como expôs seu pescoço para mim. Fino e cremoso.

Ela sorri, — Vou me certificar de nunca mais usá-lo assim novamente. Acho que se você mantiver essa máscara, talvez eu consiga passar esta noite sem engasgar.

Eu sorrio, rolando minha língua na parte inferior dos meus dentes, — Sente-se mal-humorada hoje?

Usando pouca força, ela remove minha mão de seu peito, me afastando com um tapa, — Apenas cansada de sua besteira e pronta para acabar com isso.

Uma pena que mesmo quando ela tivesse feito esse favor, eu ainda não teria terminado com ela.

Eu estendo meu cotovelo, gesticulando para ela pegar, — Então vamos acabar com isso. — Eu digo friamente.

Juntos, caminhamos até a entrada do baile. Como eu suspeitava, as luzes dos fabricantes de cristal brilham com um brilho suave. Velas iluminam as janelas em trios, e tudo parece ter sido comprado em uma feira renascentista do século ^{XVI}. Os alunos e professores, todos usando máscaras semelhantes, dançando, conversando, as dicas sociais normais que acontecem nesses tipos de eventos.

Isso é até sermos notados por espectadores, tanto Thatcher quanto eu de braços dados com garotas, vestidas para um evento para o qual ninguém esperava que comparecêssemos. Eu não posso evitar o sorriso que aparece no meu rosto, a maioria deles provavelmente está com medo de que tenhamos feito alguma coisa. Prende uma pegadinha para a qual queríamos um assento na primeira fila.

A mão de Briar agarra o material do meu terno enquanto eu a guio em direção a uma mesa vazia, longe dos corpos dançando no centro da sala. A faixa do Lago dos Cisnes de Tchaikovsky invade a sala e eu só sei disso porque é constantemente tocada em minha casa quando meu pai está em casa.

Era a única coisa que ele sabia tocar e de alguma forma ele sentia que o tornava mais polido quando mostrava aos convidados.

— Por que eles estão olhando para você? É como se você fosse o papa, pelo amor de Deus. — Ela respira, tentando manter a cabeça baixa e longe de olhares indiscretos. Fugindo da atenção que ela nunca receberia se não tivesse entrado nesta sala comigo.

Olhos de todas as direções ficam grudados em nós e eu sei que Thatcher está adorando cada segundo disso. A maneira como todos pararam a noite para nos dar toda a sua atenção.

Eu me inclino em direção a sua orelha, roçando o topo com meus lábios, — Porque nós somos tudo o que eles gostariam de ser, Ladrazinha.

Pegando-me de surpresa, ela bufa, rindo baixinho: — Logo quando eu acho que você não pode mais ficar preso.

— Não estou dizendo que é por causa do dinheiro dos meus pais. — Eu asseguro: — Nós nos recusamos a cumprir as regras que Ponderosa Springs estabeleceu para nós quando crianças. Quando eles olham para nós, eles veem a liberdade, a rebeldia que nunca terão. As garotas olham para você e se perguntam: — Minha respiração está pesada em sua pele, posso dizer pela forma como sua respiração fica superficial.

— O que ela tem que poderia ter chamado minha atenção? Como posso ser mais como ela? Somos viciados em garotas ricas. Porque à noite, quando elas se deitam com seus namorados de polo, aqueles que vão comprar mansões para elas e traí-las com suas secretárias, é em caras como eu que elas pensam. — Meu

braço envolve sua cintura, deixando o tecido macio de seu vestido coçar minha palma,

— Homens corajosos, assustadores e obscuros como eu, que molham a calcinha. Elas vêm mais forte pensando em mim quebrando seus corações, então elas fazem enquanto seus namorados estão transando com elas. Então, sim, elas estão olhando para mim, mas também estão olhando para você. — Eu massageio seu quadril, puxando-a mais para o meu corpo só para não perder o cheiro dela, — Certifique-se de dar a elas um show que elas vão lembrar.

Tudo isso é verdade.

As garotas ao nosso redor estariam mais do que dispostas, mas todas com muito medo de admitir para si mesmas. Com muito medo de que seus pais e padres descubram que eles gostam de ser fodidos pelos bastardos desta cidade.

É isso que passamos a primeira hora do nosso tempo fazendo, observando nossos colegas girarem ao nosso redor como marionetes, jogando suas pedras em nossa direção enquanto nos sentamos à mesa, mantendo-nos sozinhos.

Bem, isso é o que Briar e eu fazemos.

Thatcher convidou Lyra para dançar quinze minutos atrás e ele a está girando em círculos no chão de mármore, seus cabelos castanhos balançando atrás dela enquanto ela tenta acompanhá-lo. Briar os observava como um falcão, seus olhos se movendo com as mãos de Thatcher como se ela estivesse pronta para cortá-los se fizessem o movimento errado.

Eles pareciam meio incompatíveis lá fora.

Tirei meu telefone do bolso, bem a tempo de ver uma mensagem de Silas aparecendo, dando-me a permissão para as próximas horas. Eles estavam indo para a festa para ajudar Thatch e Lyra a ficar de olho no caso de o Sr. West deixar a festa por qualquer motivo. Dessa forma, eles poderiam nos enviar uma mensagem de texto para sair antes que ele entrasse em seu escritório.

Este plano era à prova de falhas.

Esperançosamente.

— Hora do show, Pequena L. — Eu murmurei para ela enquanto nos esgueiramos para fora do salão principal e em direção à saída. Paramos no carro de Thatcher pegando o estetoscópio que ela pediu antes de embarcarmos na curta caminhada até o prédio adjacente onde ficava o escritório dele, o vento soprando em seus cabelos enquanto caminhávamos. Eu não tinha certeza se ela estava tremendo de frio ou se ela estava apenas nervosa.

A escuridão nos cercava, a pouca luz da lua além das janelas era o que ajudava a guiar nossos pés na escada central. As sombras das árvores alcançam nossos corpos que caminham enquanto nos arrastamos pelos corredores. Nossos pés em sintonia um com o outro durante todo o caminho.

Finalmente chegamos à porta, então coloco a mão no bolso para tirar a ferramenta que Rook me deu para me ajudar a destrancá-la, mas Briar já havia tirado grampos. Deslizando o metal por seus lábios carnudos, usando os dentes para dobrá-los do jeito que ela precisa.

Com sutileza, ela faz um trabalho rápido na fechadura, levantando e empurrando todos os pinos corretos para dentro para fazer a porta clicar, informando que está aberta.

Assim que entramos, optei por deixar a luz apagada para o caso de alguém olhar para as janelas. Não precisava que eles vissem um brilho vindo do escritório do Sr. West quando ele deveria estar na festa.

— Pegue uma caneta e um papel. — Ela diz, depois que eu mostro a ela o cofre atrás da cortina.

— Por favor não faz parte do seu vocabulário? — Ando até sua mesa de mogno, abrindo as gavetas até encontrar um bloco de papel e uma caneta.

— Você quer o cofre aberto ou não? — Seus olhos se voltam para mim, arqueando uma sobrancelha grossa, tudo sobre sua presença me diz que ela está no modo de trabalho e ela precisa se concentrar.

— Touché.

Eu entrego a ela as coisas que ela pediu, encostada na parede ao lado do cofre, olhando para ela enquanto ela começa a mexer no mostrador. Girando para a esquerda algumas vezes, depois para a direita. Sentindo as engrenagens internas mudarem e se encaixarem no lugar.

Colocar o estetoscópio em ambas as orelhas, colocando o auscultador logo acima do mostrador. A partir daqui, testemunho o que só poderia ser chamado de pura genialidade. A maneira

como ela mostra a língua, mordendo-a distraidamente enquanto ouve o que precisa da máquina.

Então ela começa a escrever números, criando gráficos no papel, mergulhando-os em fórmulas e minha mente está confusa com o mal-entendido. Nos filmes, eles apenas giram o dial com o estetoscópio ouvindo os tiques certos. Aparentemente, isso não é tudo o que você precisa fazer para obter a combinação correta.

Tirando os fones de ouvido e colocando-os no chão enquanto ela rabisca os números na página, fazendo contas que a maioria precisaria de calculadoras em sua cabeça.

— Onde você aprendeu a fazer isso? — Eu pergunto, curioso sobre como alguém entra no hobby de roubar.

— Você já não deveria saber? Se você leu meu registro criminal, presumo que tenha lido outras coisas sobre mim.

Reviro os olhos, — Desculpe, não havia uma seção em seu arquivo sobre hobbies. Bem, menos sua foto de natação do segundo ano. — Eu abro um pequeno sorriso na escuridão, pegando um vislumbre de suas bochechas rosadas.

— Meu pai, — ela sussurra, rabiscando um conjunto de números e reescrevendo-os, — ele esteve dentro e fora da prisão minha vida inteira, mas quando estava em casa, ele me ensinou as habilidades do ofício. Furtos de carteira, arrombamento de cofres, contagem de cartas, se envolvesse dinheiro rápido, ele me mostrava.

— Técnica de colagem estranha. — Noto, seus dedos começam a tentar diferentes combinações na fechadura. Imaginei uma

versão menor de Briar, sentada no chão de sua casa brincando com fechaduras e roubando carteiras.

Nós éramos a prova de que a sobrevivência tinha pouco a ver com dinheiro e tudo a ver com o ambiente onde você cresce.

— Bem, nem todos nós podemos nos relacionar com nossos pais durante os invernos nos Alpes suíços e os verões em Praga.

Eu estalo minha língua, — Sim, sou eu, — eu digo enquanto flexiono meus punhos, esticando meus dedos, — garoto mimado, arrogante e rico com o mundo inteiro a seus pés. O que mais eu poderia querer da vida?

Ela olha para mim, parando seu trabalho, — Você espera que eu acredite que sua vida não tem sido pratos de ouro e mordomos? Não fique aí parado e finja que teve uma vida difícil. Você não tem ideia de como foi crescer sem dinheiro suficiente para manter as luzes acesas, preocupada quando poderia comer de novo, ou quando da próxima vez a polícia iria bater na sua porta querendo saber onde seu pai estava. Você não é melhor do que qualquer uma dessas pessoas por aí, você e seus amigos simplesmente são mais desequilibrados do que o resto.

— Você quer sentar aqui e discutir sobre quem tem a vida mais triste? De quem foi a infância pior? Você acha que é a única que passou por merda? Se te faz sentir melhor pensar todas essas coisas sobre mim, vá em frente. Eu não vou impedir você. — eu retruco.

Por todas as contas ela está certa.

Não sei o que é ser pobre.

Sempre tive dinheiro, sempre tive comida em casa quando estava com fome. Eu tinha as necessidades básicas da vida e mais algumas.

Mas o que ela não sabe, o que ela não merece saber com sua atitude arrogante, ai de mim, é que quando eu era criança eu implorava para trocar todo o dinheiro que eu tinha por pais que me amavam. Por uma família que se importava. Eu preferiria ser faminto e amado, do que faminto por amor.

Então você cresce e percebe que trabalha com as cartas que recebe. Você cala a boca e segue em frente porque todas as súplicas, todas as orações não vão te levar a lugar nenhum. Às vezes você é apenas a maçã podre que não caiu longe da árvore.

Eu não ia discutir com ela.

Não valeria a pena. Há apenas algumas coisas que as pessoas nunca entenderão.

Não voltamos a nos falar, apenas deixando que o barulho do cofre girando preencha o vazio. Não até ela finalmente colocar a ordem correta dos números, abrindo a porta com um gemido alto.

— Pedaco de bolo. — Ela sussurra, dando tapinhas nas próprias costas. Que bom que ela fez porque eu não faria isso por ela.

Eu me agacho, olhando para dentro esperando que algo aqui me dê a informação que eu preciso. Vai nos dar o que precisamos.

Pegando o telefone e o envelope pardo do cofre, caminhando até sua mesa para que eu possa colocá-los. Minha primeira ação é

ligar o telefone, esperando que a maçã branca desapareça antes que uma tela de bloqueio básica apareça.

Não estou surpreso ao descobrir que há uma senha protegendo as informações contidas. Eu cerro os dentes, — Qual era a combinação do cofre? — Eu pergunto a Briar.

— 5749.

Tocando os números no telefone apenas para fazê-lo vibrar e me dizer que é o número errado. Sabendo que não vou tirar nada disso além de mais frustração, eu o coloco na mesa abrindo o envelope.

Dentro há algumas centenas de dólares, junto com um pen drive que parece promissor. Mergulhando-o cuidadosamente no computador de mesa, esperando o arquivo aparecer enquanto Briar se aproxima e fica atrás de mim, observando a tela por cima do meu ombro.

— Que porra você pensa que está fazendo? — Eu viro minha cabeça para olhar para ela, as sobrancelhas franzidas.

— Fui eu quem entrou no cofre. Devo ser capaz de ver o que ajudei a roubar. — Cruzando os braços na frente dela como se essa postura de poder fosse me intimidar.

— Vá vigiar a porta. — Eu jogo minha cabeça em direção à entrada. Eu não precisava que ela visse o que havia nisso, mesmo que não fosse nada. Se fosse algo que revelasse informações sobre Rose e sua morte, Briar estaria muito mais envolvida do que precisava.

A má sorte a colocou em meu caminho na primeira vez quando ela estava no mausoléu. A pista errada a mantinha lá, e ela me ajudando a entrar neste cofre era o último papel que ela desempenharia em nossa jornada de vingança.

Eu a mantive em uma corda, uma marionete com a qual eu poderia brincar de vez em quando, mas ela não teria nada a ver com Rose e o que estaríamos fazendo com as pessoas que tiveram uma participação em sua morte.

— Não. — Ela se mantém firme: — Ou você me deixa assistir ou eu grito.

— Você está disposta a assumir a responsabilidade por isso? — Eu arqueio uma sobrancelha, sabendo muito bem que poderíamos jogá-la debaixo do ônibus pelo que estávamos fazendo.

— Se isso significa que você não obtém as informações nesta unidade flash, com certeza.

Eu acho que ela está blefando, mas a maneira como sua coluna se enrijece e ela me encara fixamente nos olhos é convincente. Pesando minhas opções de um lado para o outro, sabendo que não tenho tempo para isso.

— Tudo bem, mas o que quer que encontremos aqui fica dentro dessa sua cabeça dura, entendeu?

Concordando com a cabeça, nós dois nos viramos para o computador novamente.

Eu posso sentir seus seios esfregando contra meu ombro enquanto ela se inclina sobre mim para ver a tela, seu cheiro tão perto do meu nariz que meu pau não pode deixar de endurecer.

Eu me pergunto se ela me impediria de jogá-la nesta mesa e mostrar a ela o quão forte ela poderia gozar quando estava com medo de ser pega.

Quão rápido seu coração disparava enquanto eu observava a adrenalina fluir por seu corpo.

Afundando meus dentes em meu lábio inferior, como faria com sua pele, apenas para manter as imagens afastadas.

Quando o arquivo aparece com um ding, clico duas vezes para abrir um vídeo de vigilância. Não tenho certeza de onde é, mas parece um armazém ou uma construção. O piso de concreto e os tetos altos não me deixam nada para continuar.

Há um homem amarrado a uma cadeira no centro da sala enquanto Greg West está de pé acima dele, andando em círculos. Eu aumento o volume, ouvindo sua voz filtrar pelos alto-falantes.

— Acho que fomos mais do que flexíveis com você. Agora você nos deve muito dinheiro. — Ele diz, pouco antes do homem misterioso levantar a cabeça e expor o rosto para a câmera.

A respiração de Briar corre fria contra meu pescoço enquanto ela engasga, — É isso?

Eu aceno, mordendo o interior da minha bochecha, — Sim, é.

Juntos, observamos o prefeito Donahue lutar contra as cordas que o prendem, balançando-se enquanto fala: — Só preciso de um pouco mais de tempo, Greg! Só mais um pouco de tempo e terei tudo para você, na íntegra.

O ácido queima o interior da minha garganta, meu cérebro não sendo capaz de compreender o que meus olhos estão vendo.

Porque sei que o homem que vi chorar sobre o caixão da filha não está envolvido na morte dela. O homem de quem tive pena. Um que eu senti pena 'pra' caralho.

Minha mão encontra a borda da mesa, pressionando as pontas dos dedos enquanto aperto com força para não jogar o computador na parede.

— Você disse isso seis meses atrás. Não temos mais tempo para lhe dar, Frank. O patrão está cansado de esperar. Ou você entrega o dinheiro agora, nos dá outra coisa que poderíamos usar, ou, — Greg faz uma pausa, parado na frente do prefeito dando de ombros, — Bem, se se trata dessa opção, não tenho certeza se você vai quer saber o querer faremos com você.

Frank Donahue, um homem que criou suas filhas sozinho desde que me lembro, uma das únicas pessoas nesta porra de cidade que eu respeito, torna-se tudo que eu desprezo em menos de vinte segundos.

— Porra! — Ele geme: — O que você quer? Basta nomeá-lo e é seu!

Meu estômago ferve, demônios arranhando o interior do meu peito, prontos para me rasgar para que possam sair.

— Bem, você pegou emprestado muito dinheiro nosso para sua última campanha, prefeito. — Greg brinca com ele.

— Eu precisei! Eu iria à falência se não o fizesse. — Ele argumenta, sua voz falhando um pouco.

— Muitas pessoas vão à falência, Frank, e ainda assim não pegam dinheiro emprestado de pessoas que não pretendem

devolver. Considerando que o dinheiro que lhe emprestamos teria sido usado para comprar outra garota, precisamos do produto.

Eu posso sentir quando a mão de Briar corre para cobrir sua boca, abafando o som de um suspiro quando uma revelação que nós dois não esperávamos vem à tona.

— Foi para lá que Coraline foi. Ela foi levada. — Ela murmura, o medo balançando sua voz, eu posso até ouvir as lágrimas que estão ameaçando cair pelo seu rosto.

Eu só tinha ouvido falar sobre o desaparecimento de Coraline Whittaker algumas semanas atrás. Pensando exatamente no que todo mundo fez, ela pegou a estrada e deixou esta cidade amaldiçoada. Eu estava indo a um milhão de milhas por minuto, havia mais garotas desaparecidas?

— O patrão não quer ser muito ganancioso, então ele está sendo legal aqui, Frank, e só está solicitando uma de suas filhas. Você desiste de uma delas e pode considerar sua dívida paga. — Greg coloca as mãos nos braços da cadeira, inclinando o rosto para o prefeito, — Por completo.

A batalha do Céu e do Inferno tenta rasgar minha alma ao meio. Uma guerra que eu nunca esperei acontecer se enfurece em minha cabeça.

Eu ia esmagar Frank Donahue.

Cada osso seria pó sob minhas mãos e quando eu terminasse de me certificar de que ele nunca mais andaria, eu deixaria Thatcher cortá-lo bem e servi-lo a esta maldita cidade em uma bandeja de ouro.

— Você quer uma das minhas garotas? — Sua voz treme.

— Ou o dinheiro. Sua escolha.

— O que vai... você vai matá-la?

Estou doente que ele precise fazer essa pergunta. Estou doente que ele esteja debatendo isso. Estou ainda mais doente por saber o que ele vai fazer, porque essa resposta leva diretamente à morte de Rose.

A doce e inocente Rose que nunca mereceu nada dessa merda. Meu amigo, meu melhor amigo que ficou acordado à noite preocupado com algo que ele fez, alguém que ele cruzou foi a razão pela qual sua garota acabou morta.

— Não seja ingênuo, Frank. Você estaria vendendo uma delas para uma operação sexual. Vendemos e trocamos meninas. O que seus donos fazem depois que os coletamos, bem, isso está fora de nossas mãos.

— Oh meu Deus. — Briar choraminga.

Greg saca uma arma, apontando para o crânio de Frank, deixando claro que não está esperando por uma resposta.

— Espere, uh... espere! Preciso de um segundo, só um segundo!

— Nós lhe demos bastante tempo. Seu tempo acabou. — Eu ouço o tique-taque da arma sendo engatilhada, o breve silêncio antes de Frank dizer a declaração que muda o curso da vida de todos,

Para sempre.

— Rose. Tome Rosemary.

VINTE E CINCO



O QUE ACONTECE NO ESCURO

Brian

Os próximos minutos da minha vida passam em um borrão de decisões precipitadas. Momentos atrás, eu testemunhei Alistair quase em combustão pelo vídeo que ambos assistimos. Meu estômago estava embrulhado só de pensar nisso.

Fiquei enjoada ao pensar que ele abraçou Lyra, como ela sentiu pena dele quando na verdade ele fez tudo isso consigo mesmo. A razão pela qual ele perdeu uma filha para a morte e levou a outra à beira da auto-insanidade.

No entanto, mesmo em meu estado de choque total, não consegui parar de seguir Alistair. A maneira como ele andava por um buraco no chão, as mangas arregaçadas até os cotovelos. Seu sangue bombeava com tanta força que as veias de seus antebraços eram grossas videiras asfixiando uma árvore.

Havia elos em minha cabeça se encadeando. Eu juntei a narrativa na minha cabeça, tecendo todas as partes que

testemunhei e o que ouvi. Tudo finalmente se juntando para criar uma imagem chocante.

Eles não estavam apenas matando pessoas por diversão. Eles não estavam matando professores e sequestrando meninas porque podiam, eles estavam fazendo isso para descobrir o que aconteceu com Rosemary.

Eu vi a maneira como seus olhos negros se fragmentaram, rachando como a Terra sobre a lava. O brilho do magma abaixo brilhou na obscuridade quando ele ouviu Frank desistir de sua filha como se ela fosse um porco à venda.

Isso evocou essa vulnerabilidade real e crua que eu nunca tinha visto em seu rosto antes. Mesmo que ele tentasse mascará-lo com raiva e cólera. Eu ainda podia sentir sua dor enquanto ele olhava para aquela tela.

Rose tinha sido importante para ele.

E ela foi levada embora.

Eu, de todas as pessoas, deveria saber o que acontece quando você pega algo de Alistair Caldwell, quase sempre não acaba bem.

Achei que ele teria tempo para se acalmar antes de descermos as escadas. Eu ia dar espaço a ele, deixá-lo socar alguma coisa, mas nem saímos do escritório.

Estávamos tão absortos com o vídeo que nenhum de nós ouviu nossos telefones zumbindo em nossos bolsos até que fosse tarde demais.

Lyra explodiu meu telefone com mensagens de texto e ligações, todas dizendo a mesma coisa: — Dê o fora desse escritório. — Greg

estava saindo da festa e, quando lemos as mensagens, ele já estava mexendo na maçaneta.

Meu coração caiu aos meus pés enquanto corríamos para enfiar tudo de volta no cofre, fechando-o o mais silenciosa e rapidamente possível. Meus olhos selvagens procuraram por lugares para se esconder, o som da fechadura balançando fazendo uma trilha de suor correr pelas minhas costas.

Estávamos ferrados.

Até que Alistair segurou meu cotovelo, empurrando-me para o armário do outro lado da sala. Ele fechou a porta, a persiana da plantaçoão nos permitindo ver pedaços do que estava acontecendo lá fora.

Eu não conseguia respirar, me sentia fraca e tonta enquanto descansava minhas mãos contra as paredes apertadas, minhas costas coladas no peito de Alistair enquanto esperávamos com calças pesadas. Fiquei paralisado enquanto observava o Sr. West entrar em seu escritório.

Seus sapatos caros flutuavam pelo carpete enquanto ele dava a volta em sua mesa. Eu podia sentir a fúria varrendo o peito de Alistair, seu coração batendo vigorosamente contra minha espinha.

Ele queria fazer algo estúpido. Sua raiva levando o melhor dele no momento. O homem que fez um acordo que acabou com a vida de sua amiga estava a apenas alguns metros de distância e eu não passava de um palito segurando a represa.

Eu o senti mudar de peso e entrei em pânico.

Minha mão desceu para a dele, envolvendo seus longos dedos como uma criança em busca de consolo. Dobrei minha mão em torno dele, apertando duramente. Eu não estava fazendo isso para protegê-lo, eu estava fazendo isso para me proteger.

Se ele fugisse daqui, nós dois estaríamos fodidos e eu não iria cair com ele. Por mais que eu odiasse, estávamos juntos nessa posição.

Greg brincou com seu computador, sentando-se em sua cadeira e ficando confortável. Eu não tinha ideia de quanto tempo ele ficaria lá e não sabia se poderia ficar aqui para sempre.

Fechei os olhos, beliscando-os enquanto tentava imaginar qualquer outro lugar em vez deste quarto claustrofóbico com o único homem na Terra que eu não suportava. Minha respiração saiu irregular e parecia que não havia nada que eu pudesse fazer para acalmar meu coração galopante.

Meu cérebro estava submerso em sinais de socorro. A capacidade de processar essa ansiedade estava desligando meu sistema. Tudo parecia disperso e a função normal parecia improvável.

Um pouco além dos meus olhos fechados, Alistair soltou minha mão e ambas as mãos desceram para meus quadris parando lá com autoridade, me prendendo ao meu lugar. Senti minha respiração no estômago, o colapso da minha caixa torácica repetidas vezes.

Com movimentos suaves, ele seguiu as curvas do meu corpo como um caminho reservado. As pontas dos dedos deslizando

sobre o material do meu vestido, todo o caminho até o meu peito, onde ele fez uma pausa.

Fui lançada em um devaneio, nada aqui parecia real.

Nem mesmo quando suas mãos deslizaram por baixo do tecido, as palmas das mãos calejadas roçaram meus mamilos macios e enviaram minúsculos raios para o meu centro. Em algum lugar no fundo da minha mente, eu sabia que deveria estar furiosa. Eu deveria tê-lo parado, mas era como se outra pessoa tivesse tomado conta do meu corpo.

Um alter-ego apareceu para me proteger contra o terror.

Inclinei minha cabeça para trás em seu ombro, meu nariz roçando sua mandíbula afiada e eu juro que quase me cortou.

— Você pode sentir isso, Ladrazinha? — Ele murmura, tão inaudivelmente que eu pensei que poderia estar alucinando.

Concordo com a cabeça para que ele continue a amassar meus seios, manobrando em pequenos círculos, levantando o peso deles enquanto as pontas de seus dedos mergulham mais firmes em minha pele. Meu torpor de calor começou a desaparecer quando ouvi o Sr. West se mover em sua cadeira, inclinando-se para digitar algo no teclado.

— Chama-se dilúvio. — Minhas pernas se contraem com a voz dele, — Aquela onda de endorfinas que está enchendo você. Seu cérebro faz isso antes de você morrer, então será menos doloroso. Deixando você todo embriagado e excitado. É por isso que você gostava de sentir medo. É por isso que por baixo de tudo, — o peito dele ressoa, — Somos iguais.

Eu podia sentir isso.

Essa sensação de êxtase que me batizou da cabeça aos pés. Afogando-me na necessidade. Quão viva era a agitação entre minhas coxas. A maneira como tudo estava elevado porque o Sr. West estava a apenas alguns metros de distância. A qualquer momento ele poderia nos pegar, suas mãos agredindo meu peito, minhas costas arqueadas para ele enquanto eu ofegava como uma cadela no cio.

Eu me senti tão perto da morte, mas tão fodidamente viva.

Engolindo em seco enquanto ele movia seu escritório para o sul, as mãos puxando a saia do meu vestido para cima e ao redor da minha cintura, expondo o topo rendado da minha tanga preta. Eu estava grata pela cor escura, esperando que a excitação já reunida ali não fosse visível para ele no escuro.

— Posso sentir o cheiro de como você está molhada, Briar. Sua boceta estava carente de mim na piscina e ela está carente de mim agora e eu mal toquei em você. — Ele fala comigo como se eu estivesse com problemas. Falando comigo, enquanto sua palma traçava a curva da minha bunda.

Meu corpo tremeu com a sensação, fazendo-me mexer para que eu pudesse sentir seu pênis empurrando para dentro de mim por trás. Eu podia sentir minha boca aberta em um prazer silencioso, meu corpo traindo todas as formas de controle que eu tinha anteriormente sobre mim.

No entanto, meus lábios simplesmente não cederiam a ele. Ainda não.

— Foda-se, Alistair. — Eu assobio com os dentes cerrados.

A maneira como sua boca desceu sobre a minha foi uma onda de chamas. Um choque de línguas e dentes enquanto nos mexíamos. Nossos lábios se misturando em busca de paixão e ressentimento. Eu queria lamentar o quão bom ele era, como chocolate amargo.

Mordendo minha língua quando ele agarra meu lábio inferior com seus dentes brancos, chupando antes de me liberar. Eu podia sentir o gosto do sangue em minha boca, a borda metálica queimando-me viva. Meus dedos agarram sua roupa, sem saber se é por raiva ou desejo.

— Pare de mentir para si mesma, está ficando velho. — Seu tom não deixa espaço para discussão: — Você precisa disso. Você tem desejado isso.

Dedos sem coração alcançaram entre minhas pernas, deslizando pela dobra da minha boceta, fazendo-me tremer em seu aperto. Nunca me senti tão pequena, tão pequena em seus braços musculosos. Tudo o que ele era me sugou e se recusou a me deixar ir.

Eu me mexi, perseguindo os pequenos pedaços de fricção que ele estava entregando. Minha boca, meu orgulho nunca me deixaria admitir isso em voz alta. Que ele estava certo.

Que à noite, quando eu acordava suando, a única maneira de conseguir descansar era colocando meus dedos entre minhas coxas e deixando-os dançar ao pensar nele. Que depois da noite na piscina, eu não conseguia gozar sem imaginar o rosto dele.

A pontada no meu estômago era pesada, mas tão, tão boa.

E eu queria tudo.

Eu olhei para ele neste espaço apertado, nossos lábios flutuando um sobre o outro,

— Lute comigo ou me foda, Caldwell. Cansei de jogar.

Eu deliberadamente libertei uma besta furiosa com essas palavras. Eu nunca senti um poder assim, ele me engolfou inteiro. Tomando toda a minha força de vontade contra ele e ateando fogo.

Dois dedos desenharam padrões em meu núcleo, separando meus lábios e espalhando meus sucos. Carícias preguiçosas e intencionais enquanto ele explorava minha boceta ensopada. Eu podia ouvir os sons fracos que fiz entre minhas coxas enquanto ele arrastava meu lubrificante natural do clitóris até o buraco enrugado mais próximo a ele.

Ele brincou comigo, me provocando e eu podia ouvir sua respiração gutural enquanto ele me observava. Olhando para baixo, observando a maneira como meus quadris moeram em seus dedos, perseguindo aquele alto.

Minhas mãos subiram para as bordas do armário, agarrando a estabilidade enquanto meu corpo se inclinava para frente. Minha cabeça mal raspou a porta, pedaços de cabelos voadores pareciam furar as fendas na entrada. Meus olhos vigiavam o professor que só precisaria clicar na luz desta sala para nos ver além das venezianas.

Ele veria minhas bochechas coradas e o brilho do líquido que escorria entre minhas pernas, pingando, descendo até meus tornozelos.

Eu tremia nas mãos de Alistair, o fogo do meu calor só crescia a cada momento que passava. Houve um segundo de clareza quando ele parou de me tocar para abrir o zíper de suas calças, puxando-as para baixo apenas o suficiente para remover seu pau, quando me perguntei o que diabos eu estava fazendo.

Deus, Briar, que porra você estava fazendo?

Então, como nunca tinha aparecido em primeiro lugar, dissolve-se no segundo em que senti seu comprimento pressionar entre minhas dobras, deslizando entre minhas coxas, alisando seu eixo com meu fluido de cheiro doce.

As veias de seu pênis enrugado acariciavam as partes sensíveis de mim, fazendo cócegas em meu clitóris com cada balanço de seus quadris. Respirações irregulares saem de nós dois.

Olhei para baixo para ver, enquanto ele penetrava pelo espaço que criou em minhas coxas, a ponta de seu pênis deslizando além do meu monte, revelando o quão difícil seria ficar quieta quando ele se enterrasse dentro de minhas paredes compactas. Foi a experiência mais erótica da minha vida.

— Você está assustada? — Sua voz parecia um trovão em meu tímpano.

Balancei a cabeça negativamente porque não estava. Eu estava quente. Enlouquecida de desejo. Delirante. E desesperada 'pra'

caralho, mas eu não estava com medo, pela primeira vez estando perto dele, eu não estava com medo.

Com cálculo, ele se estica para frente batendo o punho contra a parede do armário.

Uma vez.

Duas vezes.

Três vezes.

O som ricocheteando pela sala fazendo o Sr. West elevar o olhar em nossa região. Ele não podia nos ver de sua mesa, mas suas sobrancelhas estavam franzidas em confusão. A necessidade de investigar o que quer que tenha acabado de ouvir.

Oh meu Deus.

O que ele estava fazendo?!

— Alis...

Senti sua palma cobrir minha boca assim que ele se embainhou inteiramente dentro de mim. Deixando-me sem tempo para me ajustar, sem tempo para resolver.

Alistair não estava fazendo sexo comigo. Ele estava me fodendo. Ele estava pegando cada emoção que eu tinha e se banquetando com ela.

Minha umidade ajudou a ajudar seu impulso violento, mas eu ainda podia sentir o desconforto da ação abrupta. Meus dedos cravaram na madeira da moldura, os olhos arregalados de horror enquanto Greg se levantava de sua mesa.

Medo gelado corre em minhas veias com a premissa de ser pega. Alistair sabe o que está fazendo, o que posso perder se formos pegos. Acho que esses pensamentos são o que alimentam seu ataque violento.

Golpes cruéis e profundos atrás de mim me deixam cambaleando. Eu podia senti-lo em todos os lugares. Seu cheiro me estrangulando, seu pau tão profundo que eu não sei como me sentiria vazia novamente.

— Você está assustada? — Ele grunhiu para mim.

Eu estava submersa em muitos sentimentos. Era demais. Meu coração martelava com o medo de ser pego, seríamos pegos não apenas invadindo seu escritório, mas fodendo em seu armário.

Eu sabia as consequências para mim mesma se isso acontecesse.

Mas mesmo quando o Sr. West começou a caminhar em nossa direção, não consegui dizer a Alistair para diminuir a velocidade. Eu nem diria a ele para parar se eu tivesse a chance.

Havia uma queimação no meu estômago que só aumentava quanto mais forte ele pressionava em mim. Movimentações curtas e impiedosas que fiquei chocada por ninguém poder ouvir. Meus gritos foram engolidos por sua palma sobre minha boca e, por mais que eu quisesse, não conseguia fechar os olhos. Eu tinha que continuar assistindo.

Foi como assistir a uma colisão frontal. Meus olhos simplesmente não podiam ser afastados do horror. Eu tinha que ver como isso terminava.

Cada passo que o Sr. West dava, mais perto eu chegava do meu clímax. Quanto mais intensamente eu sentia o eixo de Alistair roçar o ponto sensível dentro de mim. Quanto mais forte eu pressionava de volta para ele, dando-lhe algo sólido para bater.

Arrepios percorreram meu corpo quando ouvi seus grunhidos baixos de prazer, a forma como sua mão livre segurou meu quadril firme. Seus lábios marcaram o caminho da minha garganta com uma urgência crescente. Eu posso sentir a maneira como ele inala meu cheiro profundamente em seus pulmões. Me prendendo lá.

Eu queria gozar.

Eu queria tanto isso que não me importava se fosse pega.

Minha mente ficou vazia, meu corpo totalmente desossado em seu alcance. Tudo estava girando, lampejos de manchas brancas encheram minha visão enquanto a euforia lambia meus calcanhares. Minhas paredes apertando em torno dele mais e mais.

— Diga-me, Ladrazinha. Eu quero ouvir. Diga-me agora, porra.

Lágrimas encheram meus olhos das emoções poderosas. Sua mão saindo da minha boca, deixando-me livre para gritar por socorro ou dizer exatamente o que ele queria ouvir. Eu estava tão nervosa que já estava perto de cair da borda. O elástico dentro do meu estômago começou a se romper. Então, quando seu polegar encontrou meu clitóris, esfregando-o impiedosamente, não pude me conter.

— Sim, estou com medo, — sussurrei com uma voz frágil que me assustou porque não soava como eu.

O ponto alto foi alcançado quando o Sr. West agarrou a maçaneta do armário. Pronto para abrí-los e me ver quebrar em um milhão de pedaços enquanto Alistair continuou me fodendo por trás. Meu orgasmo me atingiu com força, um ataque de prazer que vibrou cada centímetro do meu corpo.

A ambrosia pegajosa de néctar escorria pelas minhas pernas, afogando o pênis de Alistair. Minha boceta convulsionou, sugando-o para dentro de mim e recusando-se a deixá-lo ir. Eu podia sentir cada mergulho e curva de seu comprimento dentro de minhas paredes enquanto extraía dele meu orgasmo.

— Porra, eu preciso sair. — Sua voz é tensa, rouca e estrangulada. Ele parece estar dizendo isso mais para si mesmo do que para mim.

Dentes afundaram na carne do meu ombro, não apenas uma pequena mordida de amor, mas uma mordida feroz que deixou minha pele ardendo. Alistair bombeou seus quadris em mim mais algumas vezes, antes de deslizar para fora de mim facilmente, outra onda de choque de satisfação enche meu peito quando ouço meu nome em seus lábios quando ele goza.

Não posso deixar de me perguntar se isso acontece com frequência. Quando ele está no chuveiro, sua mão está em volta de seu pau, empurrando até que ele goze com meu nome em seus lábios.

Além do ponto de êxtase, que eu nem registrei, o som de um alarme de incêndio tinha escondido meus gemidos de prazer. Eu estava voltando à Terra, as consequências de minhas ações se

tornando cada vez mais reais conforme ouvia o eco do alarme. Soava por todo o campus.

O Sr. West pragueja, tão perto que está basicamente respirando o mesmo ar que eu. Ele rapidamente se esquece das batidas de seu armário, correndo para ajudar com o aparente incêndio que salvou meu orgulho e reputação.

Eu saio do armário, o ar limpo fora do nosso suor e hormônios é um lembrete brutal do que acabei de fazer. E se ele tivesse uma DST? Nem usamos camisinha. Meu Deus, não posso ficar grávida.

Colocando minha mão no meu peito, forçando-me a me acalmar enquanto me viro para olhar para ele, meu vestido grudando nas minhas coxas por causa da transpiração.

— Por favor, me diga que você está limpo. — Eu respiro, estremeando enquanto tento não olhá-lo enquanto ele puxa as calças para cima, fechando-as e passando a mão pelo cabelo. Valsando para fora do espaço apertado como se nada disso o incomodasse.

Há algo que pisca em seus olhos. Aborrecimento? Frustração?

Ele respira: — Estou limpo.

Alívio me inunda, cuidando de uma das principais questões gritantes com as quais estou lidando agora. A sirene continua a soar enquanto eu corro ligeiramente para a janela, vendo que uma das árvores no pátio está envolta em uma fúria de chamas alaranjadas. O fogo cacarejava e sibilava alto, subindo cada vez mais alto enquanto consumia a velha árvore.

— Ai, meu Deus, Lyra. — Eu respiro, a preocupação enchendo-me pela minha amiga que saiu com três dos quatro psicopatas.

Eu giro pronta para sair deste escritório e voltar para onde a deixei no grande salão. Os braços de Alistair me pegam antes que eu possa, parando-me com seu corpo alto, as mãos segurando meus antebraços com força.

— Lyra está bem. — O humano em seus olhos se foi, retornaram os orbes negros que não deixam espaço para nada além da escuridão.

— Sim? E você sabe disso como? — Eu defendo.

Um sorriso malicioso surge em seu rosto, transformando seu rosto no vilão impressionante que ele é. Meu estômago revira, Deus, eu fiz sexo com ele. Fiz o melhor sexo da minha vida com ele e agora?

— Porque ela ajudou Rook a atear o fogo.

VINTE E SEIS



FICA NO ESCURO

Alistair

— Você não tem seu próprio dormitório? — Eu me reclino na cadeira da minha escrivaninha, — E sua própria cama?

Rook levanta a cabeça do meu travesseiro, erguendo as sobrancelhas, — Não posso sair com meus dois melhores amigos?

— Thatcher está no chuveiro e eu estou praticamente ignorando você. Você simplesmente não quer se sentar sozinho em seu quarto.

— Silas está no Cemitério, ele queria ir sozinho. Eu tenho que aprender a confiar nele para fazer as coisas sozinho, mas se eu sentar em nosso quarto sem distração, vou acabar seguindo-o para garantir que ele não faça nada estúpido. — Ele admite, jogando seu zippo no ar acima de sua cabeça, pegando-o suavemente quando ele cai de volta.

Concordo com a cabeça, voltando para o esboço sobre a mesa, meu lápis pressionando o papel sombreando o lado de fora da rosa para dar-lhe mais dimensão.

— Falando em Silas, — Rook continua, sentando-se e pendurando os pés para fora da minha cama. — Já estamos cuidando de Greg, eu sei. Mas o que faremos com o prefeito? Vamos deixá-lo viver sabendo o que fez?

A mina do meu lápis quebra com a pressão que estou aplicando.

— Não é nossa decisão. — Eu digo, ainda olhando para o desenho, — É de Si. Lidamos com Greg, tiramos o que pudermos dele, depois deixamos para Silas decidir se vamos atrás de Frank. Esta é a guerra dele. Somos apenas soldados.

Eu sabia que, quando contasse a eles o que tinha visto, levaria um minuto para absorver. Deixar a verdade queimar as feridas já sangrentas que estávamos exibindo. Assim que confrontamos Greg sobre seu envolvimento, assim que descobrimos se foi ele quem injetou as drogas e acabou matando Rose, eu sabia que Silas começaria a mudar de direção.

O plano era matar Greg, pegar o USB antes que alguém pudesse e guardá-lo para quando estivéssemos prontos para enviá-lo anonimamente à polícia. Queríamos aqueles que estavam envolvidos na morte de Rosemary, não uma quadrilha de sexo. Isso não estava na nossa agenda, mas não podíamos guardar a informação para nós mesmos quando sabíamos que havia outras meninas desaparecidas. Deixaríamos a polícia cuidar disso assim que tivéssemos a vingança que merecíamos.

O prefeito Donahue receberia o que estava vindo para ele de qualquer maneira. Seja nas minhas mãos ou nas mãos do sistema prisional, ele não sairia vivo.

Eu pensei naquele vídeo por horas e horas nos últimos dias. Repetindo como foi uma decisão fácil para Frank. Com que rapidez ele escolheu uma de suas filhas para barganhar.

No fundo, eu me sentia culpado.

Eu me senti parcialmente culpado porque o relacionamento de Rosemary conosco provavelmente foi o motivo pelo qual ele a escolheu em vez da irmã. Sage Donahue não correu para dentro ou mesmo ao redor do nosso círculo. Embora Rose não se importasse em se sujar, sair com pessoas de má reputação e deixar nossas travessuras de lado, sua irmã não poderia ser mais oposta.

Sage tinha sido uma líder de torcida, uma namorada de Ponderosa Springs e não teria sido pega morta perto de pessoas como eu. Ela não tinha sido uma vadia conosco, ao contrário, fingia que não existíamos. O que foi bom, nós também não estávamos saindo do nosso caminho para recebê-la.

Silas havia dito, ela sempre se esquivava quando ele vinha ver Rose. Enquanto elas eram gêmeas que compartilhavam DNA, elas não poderiam ser mais opostas. Tirando a cor do cabelo, isso era perfeito, mesmo que uma delas adorasse rosa chiclete e a outra odiasse.

— Você teria feito isso? — Rook pergunta, olhando para mim com a mandíbula apertada. Uma tempestade se formou em sua mente, que deixou seus olhos tão azuis que pensei que estivessem brilhando.

— Feito o que?

— Você teria escolhido se fosse Frank. Você escolheria entre seus filhos?

Enfio o lápis atrás da orelha, afastando o bloco de desenho. Cruzando os braços na frente do peito e olhando para o teto. Mordendo a pele no interior da minha bochecha.

— Eu teria deixado Greg me matar antes que eu fosse a razão pela qual uma de minhas filhas acabasse morta.

O produto de uma família que escolheu desde cedo qual filho amaria. Não apenas uma pequena linha de favoritismo, mas eu nem estava concorrendo a filho mais amado. Eu questioneei minha existência desde a minha juventude. Se eles me odiavam tanto desde o segundo em que vim ao mundo, por que me aceitariam?

Se Dorian era tão perfeito, por que eles teriam outro filho? Eles acertaram de primeira, certo?

Os segredos têm uma maneira de se aproximar de você nesta cidade e a resposta para isso não foi diferente.

Mesmo como a pessoa que é retratada como má na história de todos. Eu ainda me sacrificaria antes de machucar alguém de quem gosto.

Uma batida na porta interrompeu a conversa antes mesmo de começar.

— Provavelmente é Silas. — Rook anuncia, pulando da cama para abrir a porta.

Por que ele iria bater? Ele não iria simplesmente entrar?

A porta se abre lentamente, a estatura de Rook bloqueando o corredor da minha visão, então tudo que ouço é sua voz.

— Bem, bem, bem, eu sabia que você viria bater na porta do diabo eventualmente. — Eu posso praticamente ver o sorriso em seu rosto daqui.

A voz sarcástica de Briar entra na sala, me deixando muito mais consciente do que está ao meu redor.

Rook se vira para mim, apontando o polegar para trás, — Isso é tudo, cara.

Respiro fundo, me empurrando para fora da cadeira e caminho até a porta entreaberta. Eu envolvo meus dedos ao redor do topo, abrindo-a e me apoiando na moldura enquanto olho para Briar.

Seus olhos estão grudados no meu peito nu, me levando para dentro, as tatuagens que ela não tinha visto antes, tudo isso, e eu deixo.

Isso me permite observá-la abertamente, o jeans de pernas retas que ela usa o tempo todo, sua camisa listrada de manga comprida que é cortada no umbigo expondo a carne de seu estômago. Eu me pergunto quantos caras neste dormitório olharam para aquele pedaço exato de pele enquanto ela se dirigia para o meu quarto.

Meus dedos apertam a porta, — Terminou de encarar? — Sai mais duro do que eu pretendia, mas tudo bem.

— Sim, hum, sim, eu só... tatuagens legais. — Ela tenta cobrir seu olho flagrantemente me fodendo com os olhos, falhando, miseravelmente.

Eu olho para o meu peitoral, realmente a única coisa na minha metade da frente, além da moeda na parte inferior do abdômen. O

crânio de carneiro e os espinhos foram algo que eu mesmo desenhei, Shade teve a honra de me segurar pelas sete horas que levou.

— Obrigado, — resmungo, — Existe uma razão para você estar aqui? Ou você apenas gosta de acabar em lugares que não deveria? — Eu levanto minha sobrancelha, observando-a balançar para frente e para trás em seus calcanhares.

Ela olha para cima e para baixo no corredor, certificando-se de que não há ninguém por perto: — Eu só queria dizer obrigada. — A iluminação de merda no dormitório faz com que seus olhos pareçam opacos.

Eu sabia pelo que ela estava dizendo obrigado, mas decidi ser um idiota de qualquer maneira.

— Por fazer você gozar? Não preciso de agradecimentos. — Eu não me incomodo em lutar contra o sorriso do meu rosto quando ela começa a ficar rosa. Suas bochechas redondas tingidas e coradas.

— Não foi isso que eu quis dizer e você sabe disso. — Ela sussurra: — Estou agradecendo por Ada.

Eu suspiro, saindo para o corredor, fechando a porta atrás de mim e descansando minhas costas nela. Meus braços cruzados na minha frente. Depois que saímos do escritório de Greg, tive o privilégio de explicar a ela que antes de transarmos no armário, mandei uma mensagem para Rook fazer algo para que pudéssemos sair de lá.

Eu não sabia que ele iria queimar uma árvore do pátio, mas funcionou. A pobre Lyra havia se tornado cúmplice do incêndio criminoso porque estava tentando arrancar o fósforo da mão de Rook, apenas para derrubar a chama no gás que a acendeu. Esta também foi a razão pela qual me senti tão confiante em abrir mão de nossa posição enquanto estava enterrado dentro dela. Eu não poderia ter planejado um momento melhor, mas mesmo que tivéssemos sido pegos, eu não estava preocupado.

Greg West estava morto em meu livro, o que ele faria comigo ou com Briar se ele estivesse a dois metros de profundidade?

— Não dê muita importância a isso.

— Mas é... quer saber, — ela levanta as mãos, como se estivesse se impedindo de falar ao fazer isso, enfiando a mão no bolso, — Não importa. Eu só queria devolver isso, uma espécie de trégua. — A luz pega meu anel na palma da mão enquanto ela o estende para eu pegar.

Eu sabia que ela o tinha.

Depois do escritório, depois do sexo, depois das consequências. O tormento de seu rato morto não era necessário. Eu tinha o suficiente sobre ela que se ela quisesse falar, eu iria arruiná-la. Portanto, não foi grande coisa que eu devolvi o roedor idiota.

Eu deveria tê-lo matado para começar, teria sido mais fácil do que comprar suprimentos e comida para a maldita coisa. Uma porra de coisa que me mordeu nos primeiros três dias que eu tinha no meu dormitório.

Eu tive uma discussão acalorada com o rato branco, enquanto Thatcher estava na aula sobre como é melhor se arrumar ou eu ia deixar meu colega de quarto realmente esfolar. Eu não menti quando disse que deixei Thatcher esfolar um animal, um esquilo, eu acho. Foi o que usamos para o bilhete na porta do dormitório.

— Agora temos nossas mãos limpas um do outro. — Ela termina, esperando que eu pegue as joias dela. — Você segue seu caminho e eu sigo o meu.

Eu quase quis rir, nossas mãos limpas um do outro?

Tínhamos feito exatamente o oposto naquele armário. Eu sujei minhas mãos e piquei com ela. Meus dedos, meus lábios, estavam cobertos pelo cheiro dela. O banho depois só deixou meu pau duro. De pé sob a corrente quente de água, seu perfume rolando de mim para a névoa, tornando muito mais fácil foder minha mão.

Eu estava manchado com ela.

Não havia como ficar limpo.

Agora não.

— Você sabe o que as pessoas aqui veem quando olham para você, Briar?

A pergunta nos pega desprevenidos.

Ela recua, revirando os olhos para mim, — Mal posso esperar para ouvir isso,

Eu inclino meu pescoço em direção a ela, colocando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha enquanto deixo meus olhos deslizarem por sua garganta esbelta, em direção ao seu ombro, onde provavelmente estão minhas marcas de dentes.

— Nada. Eles não veem nada, — murmuro.

Sua reação é justificada, a maneira como ela afasta minha mão, chupando os dentes e ficando em uma posição defensiva já se arrependendo de ter vindo aqui para tentar oferecer um ramo de oliveira.

— Isso é tão gentil da sua parte, Alistair. Sério, obrigada por me lembrar do pedaço de merda que você é.

Eu a deixei se afastar de mim, apenas o suficiente para ela se sentir melhor consigo mesma, antes de segui-la. Meu ritmo é constante, sabendo que vou alcançá-la eventualmente.

— Eles veem lixo, — continuo, — Um refugio.

Essas palavras parecem empurrá-la mais rápido até que ela esteja girando ao redor do corrimão, prestes a descer os degraus. Sigo logo atrás, para que ela ouça cada palavra que eu disser.

— Uma garota de uma cidade de lugar nenhum que não pertence aqui. Uma garota invisível sem propósito, sem futuro.

Minhas palavras são duras.

Mas elas são honestas.

Os professores não a veem com potencial como fazem com os outros alunos. Eles olham para ela como se ela já tivesse chegado o mais longe que chegaria na vida. Apenas ela estar aqui é o suficiente. Eles não a veem como inteligente ou talentosa.

Eles mal a veem.

Ela gira abruptamente, frustração e dor brilhando em seus olhos. Mesmo que ela esteja parada, eu não. Eu continuo a

persegui-la, passo a passo, até que ela esteja pressionada na frente do meu corpo.

Até que ela esteja de costas para a parede e eu possa sentir seu cheiro.

— Eu só queria que isso acabasse, Alistair. Por que você está me contando isso? Por que você ainda está fazendo isso? — Há uma falha em sua voz enquanto ela procura respostas em meus olhos.

Eu mantenho minha mandíbula definida, meu rosto impassível. Não há nada para ela ver dentro de mim.

— Posso te contar uma coisa? — Eu ignoro suas perguntas completamente.

— Não.

Eu não escuto, eu agarro as presilhas de seu cinto enganchando meus dedos nelas e lentamente a puxo para mim. Minha boca respirando o mesmo ar que ela, nossos narizes se roçando.

— Eles também me olham assim. — Eu sussurro, meu tom granulado.

Eu vinha de gerações ricas e ainda era tratada da mesma forma que a garota com praticamente nada. Não tinha nada a ver com dinheiro e tudo a ver com o que estava dentro de nós.

— Eles olham para mim como se eu não fosse nada. Eu aprendi ao longo dos anos, eu gosto disso. Eu amo ser a pessoa que eles enfiam nas sombras.

Seus olhos se inflamam com paixão, enquanto nossos quadris pressionam um no outro. Minha mão direita descansando na base de sua garganta, os dedos enrolando um pouco em seu pescoço. Eu podia sentir o batimento cardíaco dela sob minha mão, o rápido patter do pitter colado.

Minha língua desliza pelo meu lábio inferior, pegando a dela no processo, — Eu prospero lá. Podemos fazer o que quisermos dentro das sombras. É onde eu pertenço. Nossa invisibilidade não nos torna fracos, Ladrazinha.

A pressão da minha mão aumenta, um pequeno gemido saindo de seus lábios.

— Isso nos dá poder.

O olhar dela testa meu autocontrole, é o olhar de necessidade. Ela quer que eu a beije. Beije seus lábios, seu pescoço, o doce lugar entre seu ombro e garganta, seus seios fartos, a curva de sua espinha. Ela me quer em cima dela, dentro dela.

Nunca mais poderemos estar limpos um do outro.

Eu quero que minhas palavras penetrem em sua pele. Infiltre-se em seu sistema para que ela entenda o dano que ela pode causar quando reconhecer que as partes escuras e sinuosas dela não são algo que precisa ser escondido. Eles precisam ser o que a impulsiona para frente.

É a única maneira de ela sair viva deste lugar.

Eu libero meu aperto, empurrando a parede atrás dela para colocar distância entre nós, meu pau me odiando por tirá-lo de seu calor.

Parado ali por mais um momento, olhando para ela, o jeito que seu peito sobe e desce. Como suas bochechas coradas a fazem parecer ainda mais inocente do que já é. Seria tão fácil tomá-la, bem aqui neste corredor.

Em vez disso, eu me viro, forçando minhas pernas a me moverem de volta para o meu dormitório, onde Rook e Thatcher provavelmente estão tentando ouvir através da porta com um copo de vidro.

— Espere, Alistair, espere, — eu paro, dando-lhe a palavra para falar, apenas por um segundo, e ela sabe disso.

— Eu quero saber, — ela respira, — eu quero saber o que torna as sombras tão incríveis. Quero que você me mostre.

Meus punhos se fecham enquanto o fogo corre em minhas veias, a excitação pulsando em meu sangue. Eu mordo minha língua, segurando um sorriso.

Eu sabia quem era Briar. Eu sabia quem ela era e quem ela poderia ser no momento em que a vi naquela festa. Eu sabia o dano que ela poderia causar neste lugar.

Agora era hora de ela ver isso por si mesma.

VINTE E SETE



DEUS DA IRA

Brian

O rugido dos motores vibrou o estádio de concreto em que entrei. O cheiro de borracha queimada e maconha. Fiquei surpreso quando saímos do estacionamento no sopé de uma pequena colina para ver que as luzes imponentes ainda funcionavam para este lugar. Assumindo que foi o dinheiro dos pais de alguém que os ligou novamente. Do rap underground ao death metal, a música que clamava na noite.

Pessoas que não pareciam ter mais de quatorze anos fumavam cigarros no centro da pista, mesmo pessoas que pareciam ter perto de trinta se amontoavam fazendo apostas nos lunáticos que corriam pela pista rachada e quebrada.

O Cemitério era tudo o que eu esperava que fosse.

Caos. Desordem. Rebelião.

— Como a polícia não fechou este lugar? — Eu grito sobre a loucura para Lyra, que está me levando a uma fileira de assentos

de concreto que estão abertos. Eles não estão muito longe, então podemos ver tudo com bastante clareza.

Incluindo o ringue de boxe improvisado que fica no centro do estádio. Um grande pedaço de terra no meio da grama de onde o verde se recusava a crescer depois de ter sido pisado muitas vezes.

Eu me encolhi ao ver um garoto da minha idade cair no chão depois de uma joelhada no rosto.

Se algo assim estivesse em minha pequena cidade no Texas, o xerife e metade dos policiais do condado estariam nisso como branco no arroz.

— Eles sabem que nada poderão fazer a respeito. Você não pode prender todos nós que estamos aqui, e mesmo que o faça, a maioria das pessoas aqui tem dinheiro suficiente para escapar das algemas antes mesmo de serem autuadas. É inútil.

O ar da noite está frio e estou me agradecendo por usar camadas. O material macio do moletom combinado com o grande casaco de botão que eu joguei sobre ele estava fazendo o trabalho perfeito para me manter aquecida.

Meu Converse não isolado era uma história diferente, eu tinha certeza que meus pés poderiam congelar antes que a noite acabasse.

Enfiando as mãos nos bolsos para aquecer os dedos, enquanto observava dois carros alinhados na linha de partida.

— Senhoras, senhores, prostitutas e bastardos, bem-vindos ao Cemitério!!

Bem, isso é agradável, penso enquanto a multidão ao redor começa a gritar e gritar. Palmas, vaías e cânticos fazem meu estômago borbulhar de emoção. Lyra bate no meu ombro enquanto se junta às palmas, me encorajando.

— Como sempre, se você está correndo, já deve estar esperando em um dos boxes. Por favor, ninguém ande na pista durante a ação, não estou com vontade de raspar os miolos do asfalto esta noite. — Ele anuncia com um tom de brincadeira que faz a multidão gritar mais alto.

Isso deveria tê-los assustado, apenas acendeu sua alegria.

A primeira bateria dos carros acelera seus motores, os motores ronronam. Passamos os primeiros trinta minutos aplaudindo enquanto veículos de Mustangs a Ferraris destroem a pista. Nem sabíamos para quem estávamos torcendo, mas sabíamos que era divertido.

Eu estaria mentindo se dissesse que não estava procurando por Alistair entre as corridas. A jaqueta de couro de assinatura não foi encontrada em lugar nenhum e nem seus amigos, pelo menos ainda não.

Minha curiosidade não me deixaria deixá-lo ser. Deixá-lo em paz.

Eu apareci em seu dormitório com um plano. Agradeço a ele por não matar meu rato e devolvê-la ilesa, ela realmente parecia um pouco mais gorda, o que significava que ele a estava alimentando um pouco demais, mas eu achei isso fofo.

Eu devolveria o anel e seguiríamos caminhos separados.

Ele sabia que eu não estava envolvida na morte de Rose, garantiu que eu não falaria sobre Chris e curamos qualquer tensão sexual que havia surgido entre nós. Não havia razão para mantermos contato.

Eu deveria ter terminado com ele.

Então ele fez o que Alistair faz de melhor. Ele me empurrou. Ele me tentou.

Meu cérebro não queria nada com ele. Ele sabia que tudo o que Alistair não passaria de problemas e dor para mim. Mas minha curiosidade, meu corpo, eles queriam um pouco mais.

Secretamente, eu também queria saber o que eles estavam fazendo. Eu queria entender por que eles estavam olhando tão atentamente para a morte de Rose e como isso os levou ao escritório do Sr. West. E se eles não planejassem dizer nada, eu diria, porque aparentemente havia mais garotas desaparecidas por aí e não podíamos simplesmente deixá-las serem vendidas.

Com um timing que eu mesma não poderia ter planejado melhor, vi os cabelos loiros de Thatcher refletidos na luz da lua que surgia na entrada do estádio. Silas um passo atrás dele, vestindo o capuz pela primeira vez que eu vi.

As meninas notaram isso imediatamente, assim como eu.

O gorro de solidéu cinza, combinado com um piercing no nariz que eu tinha acabado de notar, um cigarro enfiado nos lábios e uma camisa branca justa de ginástica que pouco fazia para esconder o que ele tinha por baixo.

Pensei naquele vídeo, pensei em como deve ser terrível a dor que ele guarda por dentro. E mesmo que eles não tivessem me dado nenhuma razão para sentir pena deles, mesmo que eles tivessem sido um inferno, eu senti pena de Silas.

Eles levam um minuto para examinar a multidão, procurando onde vão se sentar, eu acho, quando os olhos de Thatcher pousam em mim.

Seria preciso muito para eu sentir pena dele. Mesmo sendo civilizada com Alistair, não suportava Thatcher Pierson. Talvez fosse por causa de seu pai, talvez porque ele permitisse que a reputação de seu pai o contagiasse. Como se o fato de seu pai ter tirado vidas nem o afetasse.

E mesmo que ele não soubesse quem Lyra era para ele, eu ainda odiava o jeito que ele olhava para ela.

Ele começa a subir as escadas, vindo direto para nossa direção. Minha espinha enrijece, preparando-se para uma inevitável guerra de insultos que está vindo para mim.

— Senhoritas, — ele murmura, deslizando para a fileira atrás de nós e esfregando as mãos com entusiasmo, — Quem está pronto para um pequeno banho de sangue?

— Acho que você está sem sorte, Dahmer. Não vi muito sangue desde que cheguei aqui. — Eu zombo, olhando por cima do ombro e dando-lhe um sorriso sarcástico.

Ele devolve o mesmo sorriso, combinando com a minha energia, — Isso é só porque Alistair ainda não lutou. Sempre há sangue quando ele entra no ringue.

Silas se senta ao lado dele em silêncio, fumando a ponta marrom de seu cigarro, meus olhos fazendo contato visual com ele por mais tempo do que eu gostaria. Ficamos sentados olhando um para o outro, até que ele enfiou a mão no bolso, tirando o pacote de bastões de câncer e inclinando-os para mim.

Acho que ele pensou que eu queria um, já que estava olhando para ele com tanta atenção.

Balançando a cabeça, — Eu não fumo, obrigada.

— A única coisa que parecemos ter em comum. — acrescenta Thatcher.

— Você não fuma? — Lyra perguntou a Thatcher, puxando conversa com o lobo em pele de cordeiro como se ele não fosse o tipo de beleza assustadora que todos os serial killers de sucesso tinham.

Ele olhou para ela, inclinando a cabeça como se estivesse admirando uma criança, então eu automaticamente me inclinei para mais perto dela. Sentindo a necessidade de protegê-la dele.

— Eu não acredito em se matar lentamente, Lyra, querida. Se você vai fazer isso, eu digo, — ele passa o polegar pela garganta, lambendo os dentes caninos porque o pensamento de sangue provavelmente o deixou com fome. — Faça isso rapidamente.

— Tal pai, tal filho, eu acho, — eu digo com um tom afiado.

Ele move os olhos dela, cortando-os em minha direção. Como se o matasse desviar sua atenção dela. Todos eles tinham um ponto fraco diferente, algo que os levou ao limite e o de Thatcher era o pai dele.

Um olhar gelado corta meu exterior endurecido e por um segundo penso que ele pode me matar. Meu sangue gela quando seus lábios se transformam em um sorriso vicioso que rivalizava com o de Heath Ledger em O Cavaleiro das Trevas.

Ele me deu medo por causa do que eu sabia que ele era capaz de fazer fora dos portões de Hollow Heights. Ele se formaria aqui, herdaria uma empresa, se casaria com uma mulher bonita e sem graça e teria três filhos. Ele viveria uma vida essencialmente normal, amigos ricos, golfe no sábado e brunch no domingo. Exceto à noite, em seu porão onde sua esposa pensa que ele está trabalhando em pequenos projetos, ele estará torturando pessoas inocentes. Ele nunca será suspeito, o homem que todos adoram, mas tem um traço de personalidade vil.

Eles nunca vão pegá-lo também. Porque ele é deslumbrante, mas duas vezes mais brilhante.

— Não, doce. Meu pai não tinha um tipo, ele só queria acabar com o máximo possível de vidas femininas. Você sabe, problemas com mamãe e tudo. — Ele brinca.

Ele se inclina para mim, seu rosto perto do meu. Meu coração bate no meu peito, uma e outra vez, ele levanta o dedo indicador para envolver uma mecha do meu cabelo dourado. A vontade de vomitar me atinge com força.

— Prefiro cabelos escuros e gosto de passar meu tempo com elas. Sangrar elas lentamente, cortar elas. O desmembramento apenas, — ele inala profundamente, tremendo enquanto faz isso, — me faz ir.

Eu posso sentir seu cheiro de carvalho a esta distância, como a floresta depois que chove.

Seus olhos escurecem e ele enrolou meu cabelo em seu dedo com tanta força que está começando a puxar as raízes do meu couro cabeludo.

— Vou ignorar seus comentários imbecis e idiotas porque Alistair gosta de você e ele deixou bem claro que ninguém mais pode tocá-la mas se você ficar no meu caminho, eu vou te matar e pintar seu cabelo depois.

A aceleração dos motores das motocicletas abafa o som de qualquer outra coisa enquanto ele se inclina para trás em seu assento, minha garganta seca de ansiedade. Precisei de toda a força dos meus músculos para engolir. Parece que Thatcher acabou com a nossa brincadeira, eu tinha passado dos limites com ele.

Eu me viro para encarar a pista, desconfortável por tê-lo atrás de mim. Eu não tinha ideia do que ele poderia estar fazendo lá atrás. Planejando cortar meu cabelo com uma tesoura, cortar minhas costas.

— É melhor Van Doren não perder. Eu tenho muito dinheiro com esse filho da puta. — Um cara na nossa frente reclama com a namorada, e eu olho mais atentamente para a fila do piloto.

Ambos estão sentados em cima de motos esportivas, com os pés firmemente plantados no chão de cada lado enquanto esperam pelo sinal verde. Eu reconheço a moto preta de Rook quase imediatamente. Eu o ouço entrando no estacionamento da escola quase todas as manhãs quando estou sentada na sala de aula,

virando a cabeça e olhando pela janela para vê-lo chegando atrasado.

— Como ele consegue ver fora dessa coisa? — Lyra me pergunta, observando sua aparência de jeans preto, moletom preto com chamas laranja desenhadas nas mangas. Seu capacete é fosco, o protetor facial reflete à noite e não tenho certeza se alguma luz é permitida através desse visor.

— Sorte? — Eu respondo, insegura de mim mesma.

A luz em forma de árvore de Natal que oscila entre eles começa a piscar de vermelho para amarelo, prendo a respiração um pouco enquanto observo Rook girar os pulsos para acelerar o motor, o som fazendo meus tímpanos zumbirem.

Quando o semáforo fica verde, ele solta a embreagem, impulsionando-o para frente em uma velocidade insanamente rápida, ambos os pés subindo para descansar nos pedais enquanto seus pneus comem o pavimento abaixo.

O barulho do motor combina perfeitamente com os aplausos de todos, e quando meus olhos começam a segui-lo pela pista, vejo uma grande tatuagem de caveira nas costas de alguém no meio do estádio.

Parado no centro gramado, onde as lutas aconteceram a noite toda, está Alistair. Um pequeno círculo de pessoas se reuniu ao redor dele e de seu oponente. Eu observo sua estatura sem camisa, a maneira como seus músculos ficam tensos a cada respiração e o suor o faz brilhar na noite.

Minha atenção mudou completamente de Rook para ele.

Mesmo enquanto ouvia as motos girando e girando em círculos, criando esse efeito de tornado em minha mente.

Eu não conseguia tirar meus olhos dele. Havia algo eletrizante em observá-lo.

O oponente de Alistair se elevava sobre ele em altura e peso. Um homem com troncos de árvores como braços e prédios como pernas, a diferença de corpos parecia injusta para mim. Um soco no rosto e Alistair teria sua mandíbula quebrada.

Mas a maneira como ele se movia não permitia que nada roçasse seu corpo. Ágil e rápido ao se esquivar de socos de monstros, contra-atacando com golpes na parte inferior do corpo que deveriam ter quebrado as costelas.

Eles giravam um ao redor do outro, como animais prontos para atacar, sempre mantendo os olhos um no outro, nunca permitindo que circulassem atrás deles. O rosto de Alistair apareceu pouco antes de ele lançar um gancho de direita que fez toda a multidão ao seu redor se encolher.

Eu nem vi o outro cara cair. Eu mal conseguia ver qualquer coisa quando ele aproveitou a oportunidade para bater punho após punho no rosto de seu oponente, enterrando seu crânio na terra sob os dois.

O sangue salpicava seu peito nu. As pessoas que assistiam não conseguiam desviar o olhar, mas seus rostos olhavam com horror em seus olhos. Se continuasse nesse ritmo, mataria esse homem.

No entanto, tudo o que eu conseguia focar eram as curvas desse rosto, a curvatura de sua testa e a curvatura de seu lábio superior.

Eu nunca tinha visto alguém tão irado, mas ele fez parecer lindo.

Esse tipo de raiva derretida rolou por seu corpo, vazando por todos os poros, então era tudo que você podia ver. Um vulcão cruel de raiva humana que incinerou qualquer um que ele tocou, mas você ainda ficou lá rivalizando como a natureza poderia ser tão incrível, mesmo quando estava causando estragos.

Um deus da ira.

Esta foi a razão pela qual eu apareci.

Para que Alistair pudesse me lembrar dos pedaços de mim que deixei no Texas, pedaços que pensei que deveriam morrer lá para sobreviver em um lugar como Ponderosa Springs.

As partes de mim que amavam o jeito que meu estômago apertava e meu núcleo doía enquanto eu o via machucar alguém. Alguém que prosperou no problema nem tentaria.

Eu não precisava mais ser uma ladra, mas isso não significava que eu tinha que deixar o estilo de vida para trás. Isso não significava que eu tinha que me contentar com uma vida chata sem aventura.

Mãos o arrancam do homem no chão, puxando-o para cima, foram necessárias sete pessoas só para fazê-lo parar. Mesmo assim, parecia que ele permitiu que o parassem, se ele quisesse,

poderia ter continuado até que toda a multidão estivesse puxando sua pele.

Rook rouba a atenção de quase todos, porém, sua volta da vitória consiste em ele levantar o pneu dianteiro de sua motocicleta do chão andando de cavalinho para cima e para baixo na pista. Lyra esconde o rosto enquanto ele coloca os dois pés atrás do assento, ficando de pé para cima e para baixo na motocicleta, continuando a pilotá-la.

Quando olho para trás procurando por Alistair, ele não está em lugar nenhum.

A noite fica gelada enquanto ficamos sentadas aqui por mais trinta minutos, assistindo às corridas, às lutas. Quase todo mundo está perdido neste ponto. Assim que Lyra e eu nos levantamos para sair, Thatcher e Silas fazem o mesmo.

— Seguindo-nos? — Eu arqueio uma sobrancelha com desconfiança.

— Coincidência. — Thatcher responde.

Nós quatro saímos do estádio, eles indo em direções diferentes de nós. Parando para usar o banheiro antes de começarmos a caminhada até o carro de Lyra. A caminhada é curta, cheia de conversas para manter nossos corpos aquecidos.

Vejo o carro dela a alguns metros de distância em uma das vagas de estacionamento gramadas e algumas vagas adiante vejo Alistair encostado no capô de seu veículo, conversando com seus amigos. Percebo a extrema vermelhidão nos nós dos dedos, alguns

deles sangrando. Ele ainda está sem camisa por causa da luta, tornando difícil não olhar.

Sabendo que deveria ignorá-lo e simplesmente entrar no carro com Lyra, sei que deveria simplesmente ir embora, mas não posso. Algo dentro de mim simplesmente não me deixa sair até que eu diga algo a ele.

— Eu volto já. — digo a Lyra, enquanto contorno o carro dela e sigo na direção dele.

Rook é o primeiro a me notar, o sorriso em seu rosto me fazendo querer esbofeteá-lo. Um rubor tinge minhas bochechas quando começo a pensar, ele contou a eles o que fizemos? Oh meu Deus, todos eles sabem o que fizemos?

De repente, sinto-me ainda mais exposta neste ar noturno e o desejo de dobrar o rabo e cortar minhas perdas é forte, mas não posso fazer isso agora que um deles me notou.

Todos eles começam a se mexer, virando-se para me encarar, são os quinze segundos mais estranhos da minha vida enquanto todos nós ficamos olhando um para o outro. Meus olhos se recusam a olhar na direção de Alistair porque eu sei que ele provavelmente está sorrindo.

— Bem, essa é a nossa deixa, rapazes. — Rook dá um tapa nas costas deles, olhando para Alistair, — Feliz aniversário, cara.

Aniversário?

Eles começam a se afastar enquanto eu coloco meu braço atrás das costas, segurando minha camisa nervosamente,

— Hoje é seu aniversário? — Parece ser a melhor maneira de iniciar uma conversa com ele. Eu não posso começar dizendo, ei, vendo você bater na cara de alguém, isso me deixa quente e incomodada porque acho que sou atraída por coisas perigosas.

Ele acena com a cabeça, clicando em um botão em seu telefone para exibir a hora, — A partir de três minutos atrás, pelo menos.

— Você não vai dar uma festa com seus amigos e metade da cidade esta noite? — É uma piada, uma que deveria melhorar seu humor, mas aparentemente falhou.

Agarrando a camisa do capuz, puxando-a sobre a cabeça antes de me olhar nos olhos, — Eu não celebro isso.

A seriedade pesa em seus ombros, seu tom é monótono.

— Vamos lá, você tem o que, dezenove anos? É uma lei que você não deve começar a odiar seu aniversário até pelo menos quarenta anos.

Ele zomba, uma risada curta caindo de seus lábios, — Aniversário é para comemorar o dia em que você veio ao mundo, certo?

Eu concordo.

— Por que eu comemoraria isso, quando não queria ser trazido ao mundo?

O enigma de quem Alistair Caldwell realmente é por trás de toda a sua bravata continua. Eu só tinha seções dele, algumas que consegui ao observá-lo e estar em seu lado ruim.

Eu sabia que ele estava com raiva. Que ele era leal até a morte para aqueles três meninos. E sempre que se falava de sua família, ele evitava.

Crescer minha vida foi uma merda, foi difícil, mas eu nunca quis acabar com a minha vida. Eu nunca quis não estar aqui. Para alguém querer isso, eles precisam de um motivo e um muito bom.

Ele era um mistério e para uma garota curiosa, ele é criptonita.

— A tatuagem em seu quadril. Já vi isso antes, Silas também tem uma, não é? — Mudo de assunto, na esperança de juntar outra peça do quebra-cabeça.

Lentamente, ele levanta apenas a barra de sua camiseta, expondo a moeda com um esqueleto na frente. Eu aperto os olhos, lendo as palavras escritas na parte superior e inferior,

— *Admita um, Styx Ferryman.* — Eu li em voz alta.

Sem pensar, meus dedos se estendem por conta própria, roçando a tinta em sua pele.

— É o obol de Caronte. Existem mitos em muitas culturas sobre como você deve ter uma moeda para pagar o barqueiro que leva as almas da terra dos vivos para a terra dos mortos. É por isso que algumas pessoas colocam moedas nos olhos das pessoas quando elas morrem.

— Como o rio Styx na mitologia grega, — puxando minha mão, — Então por que vocês dois têm um? Duvido que algum de vocês esteja sem moedas para quando chegar a hora.

Sua camisa cai, cobrindo a tatuagem novamente, — Todos nós temos uma. Dessa forma, podemos subornar nosso caminho de volta um para o outro. Mesmo na morte.

Eu nunca tinha visto lealdade como a deles antes. Eu tinha ouvido falar, quando as pessoas falavam sobre ser leal, era assim que explicavam, mas nenhuma delas realmente o fazia. Não do jeito que eles fizeram.

Eles morreriam um pelo outro em um piscar de olhos e isso era evidente em tudo o que faziam. Como todos os pedaços quebrados de si mesmos alinhados perfeitamente uns com os outros. Eles poderiam cultivar juntos no escuro, protegendo um ao outro onde ninguém tentaria ferí-los.

Pensei em como era triste que ele não estivesse fazendo nada em seu aniversário. Alguém jovem e com oportunidades. Meus pais me davam uma festa todos os anos no parque de trailers, todos se reuniam para uma festa junina. Haveria música e um Slip 'N Slide. Não era a Disney World, mas era especial para mim.

Ninguém merecia odiar o dia em que nasceu.

Nem mesmo Alistair.

— Vamos fazer alguma coisa. — Eu proponho, olhando para ele enquanto ele me dá um olhar de quem está brincando.

— Fazer o que? — Ele passa a língua pelos dentes, sorrindo como se não fosse bom e eu permito que a excitação corra por mim enquanto ele faz, em vez de tentar pará-la.

— O que você quiser. É seu aniversário, você deve aproveitar pelo menos um deles antes de precisar usar aquela moeda.

— Eu disse que não comemoro. — Sua respiração soprando em meu rosto enquanto eu passo na frente dele.

— Sim e eu não me importo. Além disso, você me deve. — Um sorriso aparece no meu rosto, assumindo o controle. Eu não tinha certeza do que iríamos fazer, mas sabia que iria gostar.

— O que eu poderia dever a você, Briar? — A maneira como ele diz meu nome é suave e eu gosto do som disso em sua língua, especialmente quando ele levanta as duas sobrancelhas me provocando.

Lentamente, levanto o dedo do meio mostrando as iniciais que marcam minha pele, mostrando-lhe o dedo do meio.

— Você me deve por roubar minha primeira experiência de tatuagem de mim. Então, na verdade, isso não é nem sobre o seu aniversário, é sobre você me compensar.

Uma risada que parecia um trovão escapou de sua boca. Minha respiração engatou com o som abrupto e meu estômago vibrou por causa do quanto eu gostei.

E era um som que eu queria mais.

VINTE E OITO



ME ENCONTRE

Alistair

Eu nunca tinha trazido ninguém para esta casa antes, além dos caras e mesmo assim eles não ficaram por muito tempo. Eu não tinha certeza de por que a trouxe aqui em primeiro lugar, não havia nenhuma razão para vir aqui. Não há razão para mostrar a casa a ela porque não é como se fosse um lar em primeiro lugar.

Talvez uma parte de mim quisesse mostrar a ela o que toda aquela riqueza havia me comprado.

Uma casa gigantesca sem ninguém dentro. Sem amor e sem calor à vista.

Eram apenas móveis caros e luminárias supervalorizadas.

— Isso poderia abrigar toda a cidade em que cresci. — Ela diz olhando para a cozinha enquanto eu coloco água morna sobre meus dedos sangrentos.

Seus olhos se espalham por ele, andando por aí, correndo os dedos por tudo no balcão enquanto eu me inclino contra a moldura imaginando o que ela está pensando.

— É legal, mas...

— Não é o que você esperava?

Ela acena com a cabeça: — Sua casa deveria ser onde você pode se expressar. Sem fotos de sua família, nada de reconfortante, isso, — Ela diz, com os braços estendidos, — parece uma casa para exposições. Não parece que alguém mora aqui dentro.

Eu poderia rir de como isso é irônico.

— É uma casa. Não é uma casa. — Eu digo honestamente.

— É por isso que você os odeia? É por isso que você odeia sua família? — Ela não olha para mim quando pergunta, provavelmente chocando-se com a ousadia de me fazer uma pergunta como essa.

— Eu não os odeio por me tratarem como um estranho. Eu os odeio por me ter, para começar, por ter um filho que eles sabiam que detestariam pelo resto de sua vida. — Eu podia senti-la, tentando lentamente desenrolar as cobras que se enroscavam em meu corpo. Timidamente tentando descobrir maneiras de entrar na minha cabeça, debaixo da minha pele ainda mais do que ela já tinha.

— Você não pode dizer isso. Tinha que haver algo bom antes, os pais não desprezam seus filhos apenas desde o nascimento, Alistair. Tem que haver uma razão.

Meus punhos começam a doer pela violência. Eu olho para o sangue seco, escorrendo pelo ralo até a pia.

Ingênua.

Isso é o que ela é.

Mesmo ela, uma garota que cresceu sem nada pensando que possivelmente já tinha visto tudo de ruim que o mundo poderia oferecer, ainda era ingênua com a crueldade dos seres humanos.

Isso é o que eu quero dizer a ela. Nem todo mundo tem um motivo para fazer coisas de merda. Eles são apenas pessoas fodidas no mundo porque podem ser.

— Não estamos falando sobre isso. — Termino a conversa. Não precisando dela para bisbilhotar mais do que ela já fez.

— Tudo bem então, — ela murmura baixinho, — Onde é o banheiro?

Depois de apontá-la na direção correta, peguei meu telefone para verificar as mensagens dos caras.

Silas tinha enviado uma foto nossa quando éramos crianças, talvez oito ou nove anos de idade, que seu pai havia tirado depois que passamos o dia atirando um no outro com armas nerf. O cabelo de Rook ainda era comprido, nossos rostos envelhecera, mas ainda somos nós. Não havia uma lembrança feliz em meu cérebro da qual eles não fizessem parte. Não havia bem sem eles, mesmo com todo o mal.

Acrescentou um rápido — *HB*.

Thatcher fez um comentário sobre como ainda me visto como uma criança de oito anos, ao que respondi com um emoji de dedo médio.

O som do chuveiro ligado, antes de um estrondo ecoar pelo corredor e imediatamente estou em alerta máximo. Dorian e meus pais estavam em Seattle no fim de semana para alguma

conferência, se não fossem, Briar não teria pisado na propriedade, mesmo se eu quisesse mostrar a ela a realidade de crescer aqui.

Então, minha pergunta era o que diabos ela estava fazendo?

Ando em direção ao banheiro, a porta está ligeiramente aberta, apenas o suficiente para deixar a luz escapar.

— Não é educado tomar banho na casa das pessoas sem antes convidá-las. — Eu digo alto.

Quando não ouço uma resposta, me movo um pouco mais rápido, pressionando a porta completamente aberta e encontrando-a vazia, mesmo o box de vidro sem a pessoa que esteve aqui momentos atrás.

Que porra?

Só quando vejo o espelho acima da pia sou recompensado com a localização da minha hóspede desaparecida.

Venha me encontrar.

Lê-se na névoa do vidro, uma caligrafia suave e delicada que faz com que a emoção corra pelo meu sistema.

Este é o jogo que ela queria jogar? No meu território?

Que jogada estúpida para uma garota esperta.

Eu desligo o chuveiro, voltando para a cozinha para jogar minha jaqueta na ilha da cozinha com meu telefone e começar minha busca. Eu sei que ela não subiu as escadas porque teria que passar por mim para chegar ao foyer. O que deixa a parte de trás do plano limpo da casa.

Um assobio baixo sai dos meus lábios enquanto eu tomo meu tempo. Não tenho pressa de encontrar minha pequena ladra. Eu vasculho cada quarto verificando atrás das portas, debaixo das camas nos quartos vagos.

Não há lugar deixado sobre pedra quando eu o deixo.

Quando eu a encontrar, quero que ela prenda a respiração, com as mãos sobre a boca enquanto ela tenta impedir que o menor dos sons saia de seus lábios. Eu quero que seu coração esteja acelerado com a adrenalina e sua pele corada com a mistura de medo e excitação.

O som das minhas botas ecoa nas paredes enquanto caminho em direção ao que costumava ser meu lugar favorito na casa.

Empurro a porta com as pontas dos dedos, o escritório intocado consiste em uma mesa, algumas jogadas em torno de livros e mais velhas que a mesa de café suja. A cúpula de vidro que cobria essa parte da casa permitia que as estrelas e a lua brilhassem na sala.

Olhei para a floresta ao redor da minha casa, tão escura que seria impossível ver o que se esgueirava por trás das árvores. Qualquer coisa pode nos ver aqui dentro.

Mesmo com a pouca iluminação, vejo o que parece ser um cadarço espreitando por baixo da lateral da mesa, como se alguém estivesse ajoelhado embaixo dela, tentando se esconder de todos os monstros do lado de fora.

O mais silenciosamente que posso, eu rastejo até o lado da mesa, parando meu assobio, logo antes de bater minha palma em

cima dela, mergulhando para olhar sob um sorriso malicioso em meus lábios até ver que não há nada lá.

Eu franzi minhas sobrancelhas, confuso por um segundo. Seu Converse estava virado para baixo na beira da mesa, um truque que eu deveria ter pensado. Eu só não somo dois e dois bem, eu faço quando sinto mãos apertando meus lados,

— Idiota. — Ela sussurra baixinho: — Você gosta de ficar com medo, Alistair?

Virando-me em suas mãos, olhando para o sorriso em seu rosto, minha sobrancelha se levanta ligeiramente,

— Você estava tentando me assustar? — Meus dedos descansam sob seu queixo, inclinando sua cabeça em minha direção enquanto me inclino, — Você vai ter que fazer melhor do que isso, Ladrazinha.

E faço a única coisa que estava morrendo de vontade de fazer desde que a vi nas arquibancadas do Cemitério. A única coisa que eu queria no meu aniversário.

Eu pressiono minha boca na dela, nos moldando e saboreando-a na minha língua imediatamente.

Eu pego sua cabeça entre minhas mãos, puxando-a mais para mim para que eu possa saboreá-la mais profundamente. Minha língua se movendo dentro de sua boca, eu planejava empurrá-la para a mesa, abrindo suas pernas e provando seu segundo par de lábios, mas ela aparentemente tinha outros planos.

Com muito mais força do que eu esperava, ela pressiona as mãos no meu peito, me empurrando para trás. Instintivamente,

estendo a mão para trás, procurando algo sólido para cair e encontro o apoio de braço da cadeira giratória.

Estou sentado olhando para ela, enquanto ela fica entre minhas pernas parecendo muito com o tipo de problema em que quero me perder. A lua destaca o lado direito de seu corpo, mostrando-me todas as partes dela que eu quero ver. Tocar.

A maneira como seu jeans de cintura baixa fica abaixo dos ossos do quadril, sua camisa apertada em torno de seu peito de uma forma que os faz parecer pesados e flexíveis, noto que seus mamilos estão duros, perceptíveis através do material de sua camisa.

Minha mandíbula e pau estão tensos ao mesmo tempo. Pensando em todos os outros homens que poderiam tê-la visto assim. Mamilos eretos do frio, corados pelo ar. Eu queria arrancar os olhos de homens que eu nem conhecia, só por olhar para ela assim.

Ela é a forma feminina aperfeiçoada. Não há nada mais erótico. Nada mais bonito.

Com movimentos deliberados, ela joga o cabelo para o lado, as mãos se movendo para baixo no meu peito, as unhas arranhando a superfície da minha pele com força. A confiança flui dela enquanto ela balança os quadris ao som do silêncio, caindo até que ela está descansando de joelhos na minha frente.

Ela parece uma passagem direto para o céu e eu teria atravessado o inferno para pegá-la.

Eu sinto seus dedos subindo e descendo minhas coxas vestidas de jeans, olhando para mim com aqueles olhos de caleidoscópio. A lua me mostra cada pensamento imundo e sujo que ela está tendo dentro deles.

— Você planeja fazer alguma coisa enquanto estiver aí embaixo? — Eu pergunto, arqueando uma sobrancelha e olhando para ela como se ela precisasse fazer alguma coisa. Como se ela precisasse me impressionar. Olhando para ela como se ela não fosse capaz de me dar prazer, embora eu saiba que ela é capaz.

Mas minha pequena ladra gosta de um desafio.

— Ninguém nunca te ensinou a ser paciente, não é, Alistair?

Ela inclina o corpo para a frente, inclinando a cabeça para o contorno grosso em meu jeans. Posso sentir seu hálito quente através do tecido, me fazendo estremecer de ansiedade. Eu lambo meu lábio inferior, pegando-o com os dentes.

— Cuidado. Eu só vou deixar você me provocar por um certo tempo antes de eu pegar o que eu quero.

Assim que eu digo isso, sua língua sai de sua boca rosada, roçando meu comprimento. Eu cavo meus dedos no apoio de braço para evitar que eu agarre a parte de trás de seu cabelo e deslize todo o caminho para baixo em sua garganta.

Eu queria dentro dela. Qualquer buraco. Todos eles.

Deixando cair minha cabeça no meu peito, observando enquanto ela brinca com o botão da minha calça jeans, enquanto sua boca está brincando com a corrente da minha carteira. Com

firmeza, ela rola a língua para cima e para baixo no metal frio, amarrando-o nos elos da corrente.

Porra, isso é quente. Eu penso comigo mesmo, não querendo entregar meu prazer antes mesmo que ela realmente me toque.

— É assim que você rouba carteiras de homens? — Minha língua descansa contra meu lábio superior escondendo um sorriso. — Boa técnica. — Eu adiciono.

Eu posso ver seu sorriso desse ângulo, apenas parte dele, principalmente seu cabelo loiro caindo sobre meu colo, a ponta de seu nariz e sua língua quando se estende para fora de sua boca quente. Mas mesmo assim, ainda posso ver seu sorriso.

— Muito engraçado, — ela ri, a vibração entre minhas pernas faz meus quadris se mexerem um pouco.

Sua boca não faz mais palavras coerentes, porque depois de desabotoar minha calça jeans ela me ajuda a puxar minha calça para baixo apenas o suficiente para puxar meu pau para fora. Meu comprimento latejante fica para cima, a ponta irritada e inchada com antecipação.

Os olhos de Briar se arregalam um pouco, antes que ela fixe seu olhar no meu pau. Eu sorrio pensando em como ela já o teve dentro dela, alcançando as partes mais profundas dela. Estou continuamente impressionado com sua ânsia.

A maneira como ela envolve a mão em torno da minha base, um choque direto para minhas bolas. Luto para ficar parado quando ela toma seu tempo para lambe a pequena gota branca

da ponta antes de envolver seus lábios completamente em volta de mim.

Eu gemo com os dentes cerrados, minha mandíbula apertada enquanto ela acomoda meu tamanho perfeitamente. Eu posso sentir sua boca se estendendo ao meu redor enquanto ela afunda cada vez mais em meu eixo. Minha mão reage por conta própria, agarrando seu cabelo e enrolando-o em volta do meu punho.

Sua língua rapidamente ensaboando meu eixo em sua saliva escorregadia, eu posso sentir sua mão bombeando minha base no tempo com a entrada e saída do meu pau entre seus lábios quentes e rosados.

Eu deixo minha cabeça cair para trás enquanto ela continua a trabalhar entre as minhas pernas.

Deixando-a controlar o ritmo um pouco, permitindo-lhe brincar enquanto ela passa a língua molhada ao longo da parte inferior, a boca apertada e quente ao meu redor. Quando ela cai totalmente, meu pau batendo no fundo de sua garganta, não posso deixar de segurá-la lá por mais um segundo.

Quando ela não luta para voltar, permitindo-me ficar enraizado em sua garganta, vou um pouco mais longe. Minha mão controla o movimento de sua boca em meu comprimento, trabalhando seus lábios para cima e para baixo em mim.

— Porra. — Eu gemo, sua boca escorregadia me tomando tão bem. Meu aperto aumenta, minha velocidade aumentando um pouco antes de meu pau não aguentar mais a provocação.

Eu me levanto, colocando minhas duas mãos na parte de trás de sua cabeça, seus olhos brilhantes olhando para mim com desejo enquanto ela geme enquanto eu deslizo mais fundo em sua garganta. Sinto suas unhas cavarem em minhas coxas enquanto ela ajuda a me puxar para mais perto dela.

— Você está me ajudando a foder sua boquinha apertada, Briar? É isso que você quer, boneca? Você quer que seja difícil? — Eu pergunto, segurando-a na raiz do meu eixo, esperando por sua resposta antes de soltá-la para respirar.

Eu quero gozar só olhando seus olhos lacrimejarem, como ela está carente de mim no chão. Ansiosamente ela acena com a cabeça, dando-me a permissão de que preciso.

Meus quadris balançam para frente, enviando todo o meu comprimento para baixo em sua garganta, sentindo-a contrair em torno de mim. Eu me mantenho enterrado dentro dela, empurrando meus quadris com estocadas curtas, usando minhas mãos para segurar seu rosto em um ponto.

Permitindo que meu olhar vagasse até onde ela está trabalhando diligentemente entre minhas pernas, meu pau encharcado deslizando para dentro e para fora rapidamente entre seus lábios pressionados, suas bochechas cavadas com a sucção.

Continuo a usar sua boca como posso, enfiando-me no fundo de sua garganta para que eu ouça aquela mordaca suave e satisfatória dela. A cada estocada ela mantém os lábios selados em volta do meu pau, passando a língua quando pode.

Tudo o que eu estava dando ela tomou. Ela comeu de bom grado, dando-o tão bom quanto estava recebendo. Não havia nada mais quente do que vê-la de joelhos para mim.

Quase como se ela soubesse que eu estava observando, seus olhos abertos, orbes verdes encontrando meu olhar e segurando-o. Durante tudo isso ela não para de mamar, fica ali só 'pra' mim. Cabeça balançando para cima e para baixo, nunca perdendo o ritmo dos meus quadris.

Eu nunca me senti tão alegre. Sexo nunca foi assim. Nada nunca foi assim.

Os sons desleixados ecoam no ar, fazendo minhas mãos enrolarem em seu cabelo, querendo mais dela a cada segundo que ela está lá embaixo. Sou muito grande para ela respirar pelo nariz para sempre, então me afasto, deixando-a ofegar quando saio de sua boca.

— Puta merda, — ela engasga, com a voz rouca, tossindo um pouco enquanto limpa o queixo, olhando para mim com lágrimas escorrendo pelo rosto por causa da natureza agressiva. Se eu tivesse meu telefone, teria tirado uma foto para poder me masturbar todos os dias pelo resto da minha vida.

Seus olhos avermelhados, bochechas rosadas, lábios inchados e saliva pingando dos cantos da boca. Ela estava arruinada, ofegante debaixo de mim e tudo que eu queria era mais.

Eu a queria despedaçada, para coletar suas lágrimas em uma jarra e usá-las como lubrificante para masturbar meu pau mais tarde. Tudo o que ela era, eu queria inalar, quebrar, usar até terminar.

Eu me curvo, pressionando meus dedos em suas bochechas, guiando-a de joelhos em direção aos meus lábios. Meu beijo é doloroso, punindo sua boca com a minha enquanto nossas línguas se enrolam uma na outra como cobras.

Sento-me de volta na cadeira, puxando-a de volta entre minhas coxas para que eu possa abrir o botão de sua calça jeans. Meus dedos enganchando os laços e puxando-os para baixo de suas pernas delgadas.

Saindo graciosamente, segurando meus ombros para orientação enquanto ela tira a calcinha, assumindo o controle mais uma vez e rastejando para o meu colo. Sinto o calor de sua boceta pulsando contra minha haste dura.

Estendo minha mão envolvendo-a em torno de sua garganta, puxando-a para minha boca mais uma vez, — Você vai pegar meu pau, não é, Briar? Deixar eu te foder até eu gozar?

Enfiando a mão no bolso de trás e encontrando a camisinha que coloquei lá dentro, levanto o pacote entre meus lábios, rasgando-o com os dentes e deslizando-o para baixo em meu eixo. Nunca tirei meus olhos dela.

Ela acena com a cabeça suavemente, estendendo a mão entre nós para agarrar meu pau com a mão direita, arrastando a cabeça do meu pau do topo de sua fenda até o fundo, cobrindo-me com seus sucos.

Minha ponta empurra entre seus lábios, um único momento dentro dela, antes de pressionar minhas mãos na lateral de seus quadris estreitos, batendo-a por todo o comprimento do meu eixo.

Eu deixo cair minha cabeça em seu ombro, gemendo de prazer enquanto ela engasga de surpresa tanto de prazer quanto de leve desconforto enquanto se ajusta ao meu tamanho. Eu posso ouvi-la respirando pesadamente em meu ouvido, gemidos suaves inundando meus sentidos quando ela começa a balançar seus quadris acima de mim.

Eu posso sentir seus mamilos cutucando meu corpo através de sua camisa, seu torso quente e aquelas coxas cheias e redondas pressionadas contra as minhas. Um gemido sem palavras escapa de sua boca com cada mergulho de seus quadris que envia meu pau empurrando nela mais uma vez, preenchendo suas paredes apertadas.

Unhas cavam em minhas omoplatas, seu impulso aumentando, inclinando-se para frente enquanto ela concentra todos os músculos de seu corpo para se foder em meu eixo. Eu corro minha língua ao longo da coluna de sua garganta recolhendo as gotas de suor, saboreando o gosto doce salgado dela na minha língua.

— Alistair, eu... — Ela choraminga, perdendo o ritmo e eu sei que é porque ela está desejando mais. Ela precisa de mais.

— O que baby? Diga-me o que você precisa e eu darei a você.
— Eu sussurro em seu ouvido, um sorriso adornando meus lábios. Eu só quero ouvi-la dizer isso. Eu quero ouvi-la desabar e me perguntar.

— Eu... eu, porra, isso é tão bom. Como isso é tão bom? — Ela chora, movendo-se em uma posição de oito tentando encontrar o ponto perfeito para o meu pau bater.

Eu enrolo meu braço esquerdo em volta da cintura dela, empurrando-a para baixo no meu pau, forçando-a a tomar cada centímetro, esticando sua pequena boceta ao redor do meu comprimento.

— Diga-me o que você quer, Briar. — Eu exijo.

— Foda-me, por favor? Eu quero que você me foda. — Ela diz toda carente e mole.

É a única coisa que preciso para empurrar meus quadris para cima para encontrar os dela. Mantendo-a pressionada, então meu pau é a única coisa entrando e saindo de seu túnel escorregadio. Deslizando por sua boceta como se fosse feita para mim.

Minhas coxas batem contra sua bunda ecoando pelo conservatório, meu orgasmo crescendo com velocidade. Eu só preciso que ela venha primeiro, preciso senti-la apertada ao meu redor gritando meu nome antes de eu cair.

Eu uso minha mão livre para enrolar em torno de sua garganta, apertando os lados de seu pescoço perto da base, pressionando sua capacidade de respirar. Eu aumento a pressão, segurando firmemente observando seus olhos rolarem para trás de sua cabeça enquanto ela tenta lutar contra o desejo de precisar de oxigênio.

Estou ativando aquele instinto de luta ou fuga em seu cérebro. Dando a ela aquele tipo seguro de euforia que ela pode ter uma overdose. Do tipo que faz seus dedos dos pés se curvarem e seu sangue parecer estar pegando fogo.

Ela parecia a porra de uma deusa.

Tomando meu pau como uma boa menina, o corpo arqueado em minha direção, a cabeça inclinada para trás, a boca aberta e os olhos bem fechados enquanto as estrelas brilhavam por trás de suas pálpebras.

A forma como sua figura de ampolheta senta no meu colo, meu pau desaparecendo dentro dela uma e outra vez. Ia morrer se eu não gozasse.

— Oh meu Deus... — Sua voz é estrangulada e calma enquanto ela fica quase completamente mole em meus braços, gozando em todo o meu pau, encharcando meu colo com seu líquido orgásmico. Suas paredes se fecham em torno de mim, tornando quase impossível até mesmo empurrar de volta para ela.

Eu libero sua garganta, ouvindo sua luta para gemer e sufocar por ar.

Meu clímax me leva, sobrecarregando meus sentidos enquanto me enterro o mais profundamente que posso dentro de seu corpo. Meu pau tem espasmos e pulsa, meu abdômen trava enquanto o prazer abafa todo o resto do mundo por alguns momentos sólidos.

Suas mãos relaxam no meu corpo, seu corpo caindo sobre o meu enquanto ela deixa cair a cabeça no meu ombro recuperando o fôlego.

Está quieto enquanto nos reunimos, nenhum de nós se movendo. Eu nem acho que pisquei, com muito medo de que esse momento acabasse se eu piscasse.

Houve uma onda de emoção que tomou conta de mim, diferente da euforia pós-orgasmo. Parecia que minha mente havia cessado

a guerra consigo mesma por enquanto. Nada parecia pesado e tudo apenas... era.

Senti sua cabeça se mover, virando-se em direção ao meu ouvido,

— Feliz aniversário, Alistair. — Ela sussurrou, uma risada bufante escorrendo no ar.

Na verdade foi.

Pela primeira vez.

VINTE E NOVE



CARRIE RIDE

Brian

— Algodão doce é a coisa mais próxima da comida divina que os humanos podem ter, você sabia disso? — Eu enfio outro punhado da penugem pegajosa de cor rosa na minha boca, gemendo com a forma como se dissolve na minha língua.

— Eu discutiria com você, mas isso tem um gosto tão bom que acho que não consigo. — Lyra responde, mastigando sua nuvem azul de doçura.

— Garotas! Vocês estão trabalhando ou apenas deitadas no trabalho? — Meu tio diz enquanto se aproxima com uma caixa de velhas garrafas de vinho verde, colocando-as no banco à nossa frente.

Lyra e eu nos entreolhamos, antes de rir alto. Levando um minuto para ficar sérias, — Desculpe, Thomas. Estávamos almoçando, é ilegal trabalhar sem um intervalo de trinta minutos. Eu estou brincando.

Ele revira os olhos de brincadeira, sorrindo para nós dois, — Você não está aqui há nem trinta minutos!

Nós duas colocamos o algodão-doce na mesa, continuando a rir enquanto começamos a ajudar a montar o estande. Eu podia ouvir a música começar a diminuir quando o sol começou a se pôr, as luzes iluminando o céu, o ar cheio do cheiro de comida gordurosa e doces.

O festival de Ponderosa Springs estava sendo realizado em Hollow Heights este ano como uma forma de os alunos participarem. Principalmente veteranos que construíam estandes ou dirigiam os jogos como estandes de garrafa.

Estávamos ajudando meu tio a preparar o Ring Toss antes de irmos para o festival para fazer alguns passeios antes de termos que voltar para os dormitórios.

Eu estava organizando as garrafas na mesa, quando ouvi Thomas dizer meu nome, me virei ligeiramente,

— E aí? — Eu pergunto, sorrindo suavemente.

Ele coça a nuca, parado ao meu lado e mexendo nas garrafas que estou mexendo.

— Eu sei que não estava muito por perto quando você estava crescendo e não sou seu pai, — ele começa, parecendo ainda mais nervoso, — Mas eu sou meio que seu guardião aqui, ou pelo menos eu sinto isso, sabe?

Eu arqueio minha sobrancelha, — Você está tentando falar sobre os pássaros e as abelhas comigo? Porque minha mãe já explicou tudo isso.

— Não, não, não, — Violentamente balançando a cabeça, estendendo as mãos na frente dele, — Eu não estou dizendo isso. Eu só, — ele respira fundo, — eu sei que você tem andado com Alistair Caldwell e seus amigos ultimamente.

Estou mais chocada do que deveria.

Quer dizer, eu não estava brincando pelo campus segurando a mão dele, mas tínhamos sido vistos juntos, desde o meu primeiro dia de aula. Eu sabia que as pessoas iriam falar. Faziam algumas semanas desde seu aniversário, e passamos a maior parte tentando encontrar lugares para colocar nossas mãos um no outro.

Seu carro, meu dormitório quando Lyra estava na aula, o banho, eu não conseguia me lembrar da última vez que fiz tanto sexo em tão pouco tempo.

No entanto, toda vez que eu tentava falar com ele sobre si mesmo, perguntando sobre Rosemary, ou apenas sobre quem ele era, eu era cortada imediatamente. E eu odiava estar me contentando apenas com sexo.

Toda vez que eu dizia a mim mesma que iria embora, eu o deixaria em paz se ele não me desse algo para continuar.

Eu simplesmente não conseguia.

Vergonhosamente, eu estava disposta a fazer isso, desde que eu tivesse certas partes dele. No fundo eu sabia que havia algo ali, ele só não me deixava ver. Eu soube no momento em que o vi, Alistair era viciante. Eu só não sabia quanto, até que finalmente provei.

Desistir dele não foi fácil, especialmente com o jeito que ele me tocou. A maneira como ele me segurou quando estávamos juntos e a maneira como o peguei suavizou seu olhar quando nos deitamos um ao lado do outro após nossos orgasmos.

Ele estava enrolando sua teia cada vez mais perto de mim e eu estava deixando.

— Somos apenas amigos. — Eu digo, descartando isso como nada. Eu não estava mentindo, não tínhamos uma gravadora, então amigos estava mais perto do que da verdade.

— E tudo bem. Eu só quero que você tenha cuidado, ok? Alistair tem notoriedade particular aqui. A família dele também. Só não quero que você se machuque, Briar.

Eu sabia que se fosse meu pai, ele teria dito a mesma coisa. Meu pai já teria tentado bater em Alistair, mas ele teria me dito isso antes e mesmo que ele estivesse me dizendo para ficar longe dele, eu ainda estava agradecida.

Envolvendo meus braços em volta de sua cintura, eu o abraço rapidamente, — Eu vou ter cuidado. Obrigada, Thomas.

Isso parece trazer alívio para seus ombros, a respiração que ele libera rola no topo da minha cabeça enquanto ele me abraça de volta.

— Perdi abraços em grupo? — Lyra diz, caminhando com outras caixas, fazendo beicinho de brincadeira.

Passamos a próxima hora ajudando Thomas a montar o jogo, até mesmo ajudando seus primeiros clientes a começar antes de

começarmos a fazer os passeios de festival que sabemos que provavelmente não são os mais seguros.

Meu cabelo está desgrenhado pelo vento, minhas bochechas estão rachadas desde o último passeio e não parei de rir desde que chegamos aqui.

Estou conversando com Lyra, andando por aí quando meu ombro esbarra em outra pessoa.

— Oh, me desculpe. — Eu murmuro, me virando e estendendo minhas mãos para pegar quem eu bati.

— Parece que estamos destinados a continuar nos encontrando assim, — diz ele, — estou começando a pensar que você está me encontrando de propósito.

Estou quase cega por seu sorriso, mas mesmo isso não é suficiente para me distrair do fato de que conheço seu rosto.

Quando o encontrei do lado de fora da biblioteca um tempo atrás, não achei que ele se lembraria de mim. Tínhamos uma conversa rápida enquanto eu reunia meus livros sobre o curso que escolhi e, se precisasse de ajuda com minhas aulas, contatá-lo.

Até então, vê-lo apenas em fotos tornava ainda mais chocante a semelhança entre ele e Alistair. Dorian poderia ter sido seu gêmeo, menos a forma como seu nariz se inclina um pouco para a esquerda, e suas bochechas são suaves em comparação com as afiadas de Alistair.

— Como vão suas aulas? Algum professor está te dando problemas? Eu sei que o Sr. Gabble pode ser bastante obstinado.

— Eles estão indo bem. Sem problemas, ainda. — Eu forço um sorriso em meu rosto, esperando que se eu mantiver a conversa leve, eu possa me afastar dele mais rápido.

— Oh, estou sendo rude, sou Dorian, — ele estende a mão para Lyra apertar, que ela retribui, — Dorian Caldwell.

— Lyra, — ela responde, movendo a mão para cima e para baixo com a dele.

— Vocês estão curtindo o festival? Juro que a cada ano ganha mais e mais atrações. Hollow Heights vai precisar de um parque de diversões maior no ano que vem, — ele ri, colocando as mãos nos bolsos.

— Parece que sim. — Eu digo sem jeito.

Dorian nunca me deu uma razão para achá-lo estranho, mas eu não conseguia me livrar da sensação de que ele era parte da razão pela qual Alistair odiava tanto sua família.

— Vocês duas são calouras, certo? Então você conhece meu irmão, Alistair?

A maneira como ele faz a pergunta me faz pensar que ele já sabe a resposta. Esse brilho em seus olhos está me desafiando a mentir para ele. Observando para ver como eu reagiria.

— Claro que o conhecemos. Bem, vimos *ele*. Seu sobrenome é bastante popular nesta área. — Eu cubro minha mentira com uma piada, esperando que minha risada falsa seja suficiente para convencê-lo.

— Considere-se com sorte por ter conhecido o irmão mais charmoso primeiro. — Ele acrescenta uma piscadela para garantir.

Eu sei que ele está sendo legal, mas o comentário faz minha pele arrepiar de todas as maneiras erradas.

— Eu acho que sim. — Minto facilmente.

— Eu queria te pedir na biblioteca outro dia, mas- — Ele enfia a mão no bolso puxando o telefone, — Eu adoraria pegar o seu número, talvez levá-la para jantar? Conheço um ótimo restaurante...

— Sinto muito, mas tenho namorado. Obrigada pela oferta, embora. — Interrompo antes que ele termine, lentamente começando a me afastar dele, puxando Lyra comigo.

Um lampejo de algo perverso transforma seu sorriso de educado em torcido em menos de dez segundos. O aborrecimento da minha rejeição está estampado em seu rosto, mas logo desaparece, seu rosto charmoso de volta ao lugar.

— Talvez outra hora então, — ele ri, — Vocês, senhoras, fiquem seguras esta noite, tenho certeza que as verei por aí.

Com a mesma rapidez com que apareceu, ele se foi. Desaparecendo na multidão de convidados do festival.

Juntas, percorremos o resto dos passeios, estou quase tonto com a quantidade de vezes que assisti Lyra no Tilt-A-Whirl. De qualquer forma, estávamos nos divertindo, nos divertindo enquanto a noite começava a esfriar um pouco.

Fiquei do lado de fora do banheiro esperando por Lyra, folheando meu telefone quando a sensação de estar sendo observada fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Eu levanto

meus olhos, olhando através da multidão na minha frente, mas não vejo ninguém que esteja olhando para mim.

A sensação de alguém enrolando a mão em volta do meu braço me deixa em alerta máximo.

— Não grite. — Ouço sussurrado em meu ouvido.

Sou empurrada para trás, sendo puxada para a parte de trás do prédio do banheiro, longe do barulho do parque de diversões. Eu sinto seu corpo pressionar o meu, me apoiando contra o lado do tijolo. Instantaneamente reconfortada pelo cheiro de cravo e especiarias.

— Não posso deixar Lyra. — Eu sussurro grito, pressionando minhas mãos no couro de sua jaqueta, tentando colocar espaço entre nós.

— Os caras ficarão com ela até terminarmos. — Alistair responde, seu corpo me protegendo de qualquer um que possa passar por nós aqui.

Nossos olhos se encontram, combinando sorrisos que adornam nossos rostos, — Pensei que você não tivesse vindo para as funções da escola. — Eu insisto.

— Rook queria um bolo de funil.

Essa é a última coisa que ele diz para mim antes de pressionar seus lábios nos meus em um beijo ardente que queima todos os meus pensamentos. Eu derreto como gelo na calçada quente enquanto seu corpo me inclina para trás, permitindo-me sentir cada músculo contra minha pele macia.

Meus dedos agarram a gola de sua jaqueta de couro, puxando-o para mais perto de mim. Precisando senti-lo em todos os lugares.

Mais um golpe. Mais um alto.

Eu repeti isso em minha mente.

— Só Rook, hein? — Eu sussurro quando nossos lábios se separam.

Ele morde meu lábio inferior com os dentes, antes de mergulhar a cabeça na curva do meu pescoço, me fazendo suspirar alto enquanto sua língua molhada corre ao longo da coluna do meu pescoço.

— Só Rook. — Ele grunhe.

— Mentiroso. — Eu gemo com ternura, deixando cair minhas mãos em seu estômago tonificado, os dedos deslizando pela barra de sua camisa para tocar sua pele nua que queima sob meu toque. Ele é sempre tão caloroso. Em chamas o tempo todo.

O sorriso em seus lábios cresce enquanto ele marca minha garganta com a boca, — Verdade? — Ele ressoa com uma voz profunda que faz um raio atingir meu núcleo.

— Por favor.

Minha voz sai mais carente do que eu esperava, mas acho que era tudo o que eu realmente queria de Alistair. Era a verdade, respostas, algo que provava que isso era mais do que um festival de sexo. Que eu era algo mais para ele do que a pobre garota invisível que era uma mulher fácil.

— Tenho algumas coisas para resolver esta noite, mas preciso provar você primeiro. Queria acertar minha cabeça. E eu preciso te perguntar uma coisa, — ele começa, antes de se cortar.

— Que sabonete você usa? — Ele pergunta, me inalando como se eu fosse a melhor cepa de cocaína que ele poderia adquirir.

Eu não posso evitar a risada que escapa da minha boca, — O quê?

— Que cheiro é esse em você o tempo todo. É como a porra das flores.

A maneira como ele traça as veias do meu pescoço com a ponta do nariz me faz tremer em seus braços.

— É ugh, — eu tropeço distraída enquanto suas mãos caem nos ossos do meu quadril, esfregando círculos neles, — Olay. Groselha preta e orquídea. Eu acho.

Uma nota mental é feita para continuar usando aquele perfume enquanto estamos ali, as mãos alcançando a pele exposta, puxando uma à outra para mais perto, respirações curtas, gemidos suaves enquanto nos exercitamos.

Adorei isso. Eu queria que isso fosse o suficiente, mas quando minha cabeça cai contra a parede, meu cérebro torna impossível para mim me concentrar. O que ele quer dizer com algo para cuidar? O que ele vai fazer?

Isso não poderia ser o suficiente para mim. Eu precisava de mais. Eu precisava de respostas.

Eu queria ser egoísta porque queria Alistair inteiro. Não apenas peças.

Pressionando minhas mãos em seu peito e empurrando levemente, colocando um espaço entre nós dois, — Alistair, espere... — eu começo, engolindo o nervosismo na minha garganta,

— Do que você vai cuidar hoje à noite?

Cometo o erro de conectar meus olhos aos dele. Olhos castanhos escuros, ricos e amargos que me lembram a terra fresca depois de uma chuva pesada. Tão escuros que são como tinta, quase pretos cheios de profundidades que nem consigo entender.

A luxúria que os coloria começa a perder o brilho e sei que ele entende o que estou perguntando.

— Não. — Ele diz, balançando a cabeça: — Não faça isso agora.

— É sobre Rose? Você vai à polícia sobre o que encontramos naquele pen drive, vai entregar o Sr. West? É isso que você vai fazer?

Suas mãos se retraem do meu corpo, — Está resolvido.

— Como? Você contou a alguém? — Eu pressiono: — Preciso saber que algo está sendo feito, provavelmente há centenas de garotas desaparecidas por aí. Esta é a evidência que as pessoas precisam para resolver sequestros não resolvidos! Você tem que dizer alguma coisa. — Isso estava zumbindo no fundo da minha mente desde que vi o vídeo.

— Você não faz parte disso. Você fez o seu trabalho e agora está sendo tratado. Isso é tudo que você precisa saber.

Eu franzo minhas sobrancelhas, — Isso é tudo que eu preciso saber? Você está brincando comigo? Eu arrombei um cofre para

você! Eu poderia ter sido expulsa, caramba, presa! Eu mereço saber!

A maneira como ele se afasta de mim, como se eu o tivesse deixado doente, tem essa dor aguda se movendo em meu peito, a maneira como as águas-vivas envolvem seus tentáculos em torno de seu corpo antes de dar um choque em você, já posso sentir a queimadura.

— Não, você arrombou um cofre porque eu a chantageei. Não aja como se tivesse me feito algum favor, Briar.

— Você está falando sério? — Eu cuspo, uma risada áspera seguindo, — É assim que você vai agir sobre isso?

— O que você esperava? Começamos a foder e devo a você uma explicação de tudo o que faço?

Eu estremeço com o quão áspero é seu tom, quão ásperas são suas palavras.

— Eu não devo nada a você. Se você está procurando um namorado que vai te chamar de bonita e dizer que você é a razão pela qual ele acredita no amor, você terá um despertar rude porque não sou eu. Isso, — ele acena seu dedo entre nós dois, — é sexo. É isso, apenas sexo. Não tente se convencer de que é algo mais.

Eu pensei que no momento em que meu coração se partisse, seria um som alto quebrando no meu peito. Que faria uma comoção como quebrar vidro no chão.

Isso não aconteceu. Em vez disso, foi esse momento silencioso de luto enquanto as peças se desfaziam. Não deveria haver uma razão para eu estar tão afetado por isso.

Por que eu deveria?

Alistair Caldwell é uma má notícia. Ele é problema. Ele me atormentou. Ele está envolvido em assassinatos e anéis sexuais. Não há nada resgatável sobre ele.

Mas houve um breve tempo entre a ira, entre o ódio, que ele era minha má notícia. Meu problema.

Eu pensei, estupidamente, que eu era especial. Quero dizer, ele me tatuou, não foi? Me marcou para a porra do mundo inteiro ver?

Esta dor surda começa a irradiar por todo o meu corpo. Ouví-lo dizer isso em voz alta dói, mesmo que eu soubesse que era assim que ele se sentia por dentro.

Mas este é Alistair. Ele provavelmente tatua todas as garotas que transa só para ver a conquista. Para mostrar que é dono de tudo que toca.

Foi meu erro pensar que uma cobra mudaria suas listras.

— É mais fácil para você, não é? — Eu digo: — Se eu te odiar? — Meus olhos estão ardendo, mas me recuso a deixar uma única lágrima cair por ele. Ele não entende isso.

Ele zomba, balançando a cabeça, — Eu não quero que você sinta nada por mim. Isso facilitaria.

— Você prefere que eu te odeie, do que se abrir. Do que explicar porque você é tão idiota o tempo todo! É por isso que você não me conta sobre sua família, não é? Eles fizeram você assim, não é?

— Eu não digo a você porque não é da sua conta. Pare de tentar obter mais de mim! Não vou sentar aqui e contar como minha mãe

e meu pai não me amam enquanto você acaricia minha cabeça. Deixe isso em paz.

— Você só está com medo. — Eu retruco, — Você sabe que se você me contar, se você me deixar entrar, — eu cutuco seu peito com meu dedo, — eu vou entender porque você fez as coisas que você fez. Não terei mais motivos para odiá-lo e, por algum motivo, você não quer isso.

A raiva pura e desenfreada contorce seu rosto, — Porque você deveria me odiar, Briar! Eu não sou uma pessoa que você deveria gostar. Eu não sou alguém de quem você deveria ser amigo, — ele espreita em minha direção, os olhos brilhando em mim enquanto meu corpo tropeça para trás em seu movimento repentino,

— Eu não sou uma boa pessoa. Eu machuco as pessoas. Eu gosto de machucá-los, e adivinhe? Estou gostando de te machucar. Eu adoro ter prazer em machucar você, Ladrazinha.

As palavras disparam em meu peito como balas. Rachando o escudo que construí sobre meu coração.

Eu não me mexo, ainda de pé rígida como uma tábua olhando para ele com um olhar vazio. Tentando procurar a luz dentro de seus olhos. Procurando por algo que eu acho que morreu há muito tempo.

Algo que pode nem existir.

— O que eles fizeram com você? — Eu resmungo, balançando a cabeça em descrença.

Então foi isso. Eu era apenas uma marionete com quem ele podia brincar, apenas alguém para brincar e manipular. Eu não significava nada. Era tudo apenas uma parte de seu maldito jogo.

— Ei, menino amante! Você está pronto? Precisamos sair. — A voz de Rook é uma graça salvadora, me dando uma desculpa para sair dessa conversa. Longe dos olhos de Alistair.

Envolvendo meus braços em volta de mim, pronta para me aconchegar no meu dormitório com uma caneca de Ben & Jerry's, comecei a caminhar de volta para o barulho do parque de diversões.

Não deveria doer tanto. Eu não deveria me sentir assim, penso enquanto tiro meu telefone do bolso para mandar uma mensagem para Lyra.

No meio da digitação da palavra Onde, um cheiro doce invadiu meus sentidos e pude sentir a maciez do tecido pressionado em meu nariz.

Então, o mundo ficou preto.

TRINTA



DIA DO JULGAMENTO

Alistair

Normalmente, depois de magoar as pessoas, sinto uma onda de euforia que inunda todo o meu sistema. Isso tira a fome, alimenta a raiva, apenas o tempo suficiente para que eu possa recuperar o controle sobre minha vida.

Recebo minha dose do dia e estou pronto até a próxima vez que sentir a necessidade de destruir alguém.

Agora tudo que eu estava sentindo era auto-aversão. Tanto que cada respiração parecia que eu estava inalando gasolina. Mais combustível para o fogo dentro do meu peito que não iria apagar tão cedo.

Minha mão esquerda apertou mais o volante, meu pé pisando fundo no acelerador enquanto meu carro disparava pelo asfalto. O medidor no meu painel estava tentando me avisar que este veículo não poderia ir mais rápido, mas mesmo assim mantive meu pé no chão.

A música estourou através dos meus alto-falantes e eu pude ver com o canto do meu olho, Rook tamborilando contra o painel, balançando a cabeça para frente e para trás com a batida. Observei meus faróis perscrutando a estrada de mão dupla quase vazia, árvores de cada lado enquanto nos aproximávamos de nosso destino.

Quando você está indo tão rápido, um deslize de seu pulso o faria rolar, o carro voaria para as árvores matando nós dois quase instantaneamente. Mas nenhum de nós poderia ser incomodado. Focamos no som denso da música, nos tambores que trovejavam e faziam tremer os vidros das minhas janelas.

Disse a mim mesmo que a sensação iria embora depois desta noite. Eu causaria estragos, acabaria com uma vida e o puxão irritante dentro do meu peito iria embora. Pressionando o freio pela primeira vez desde que deixei o festival, comecei a desacelerar apenas o suficiente para não capotar o carro ao virar à direita.

Briar era um peão em um grande jogo de xadrez. Uma peça que me surpreendeu e foi divertido brincar com ela. Eu tinha conseguido o que queria. Eu a tinha de joelhos com aqueles lindos olhinhos olhando para mim, eu a tinha enrolada em meu punho, eu tinha meus dedos profundamente em sua boceta e observei enquanto ela encontrava um barato como nunca antes com meu nome saindo de seus lábios.

Eu a tinha quebrado.

Mostrei a ela que ela não é melhor do que eu.

Apenas mais uma pessoa viciada em como se sente quando você faz algo ruim. Arranquei sua ideia do que ela pensava que

queria, lançando luz sobre como todas as partes sombrias dela eram seu poder.

Eu a derrubei, apenas para construí-la, apenas para arrancar o piso debaixo dela. Vê-la desmoronar diante dos meus olhos.

Mas era o que tinha que ser feito.

Eu não podia me dar ao luxo de tê-la bisbilhotando, se envolvendo onde não deveria, me perguntando merdas que ela não entende.

Era melhor quebrar seu coração agora. Tirá-la do caminho antes que algo pior aconteça. Antes de ela construir este mundo imaginário comigo nele, me empurrando para um sonho do qual eu não tinha nada a ver fazer parte. Esperando que eu seja algo que não sou. Algo que nunca serei.

Eu queria isso, pensei.

Então, por que diabos eu me sinto assim?

Com facilidade, estaciono na entrada da casa condenada, bem do lado de fora do fraco portão de metal que faz um trabalho de merda para manter as pessoas do lado de fora. Os sinais de entrada proibida são tão antigos que buracos de ferrugem começaram a corroer as palavras.

Rook está fora do veículo antes mesmo de eu estacionar. A eletricidade corre pelos meus braços enquanto olho para a pequena casa de tijolos de dois andares. A noite havia chegado rápido, sempre chega nesta época do ano, e a tarefa libertadora que todos esperávamos estava a apenas alguns minutos de distância.

Uma rajada de vento forte apanha um monte de folhas, levando-as pelo quintal pardo, a corrente de ar uiva pela casa, deslizando para dentro do telhado danificado e entre as frestas das janelas com tábuas.

A última vez que vi este lugar, ele abrigava um cadáver. Hoje à noite, faria o mesmo.

Eu dou a volta para a parte de trás do meu carro, enquanto Rook abre o porta-malas. Os faróis me cegam quando o veículo de Thatcher aparece. Ele e Silas estacionam ao meu lado, desligando o motor e saindo.

Não falamos, nenhuma palavra precisa ser dita. Sabemos por que estamos aqui e essa pressão pesa sobre cada um de nossos ombros.

— Pega. — Rook murmura, jogando um machado de cabo longo em minha direção.

Eu o pego do ar com calma, apertando a madeira na palma da mão, sentindo o peso da arma na minha mão. A lâmina em forma de cinzel brilhou na noite. E ideias de todas as maneiras pelas quais eu poderia matar alguém com isso apareceram em minha mente.

Ouvindo o som de lamentos distorcidos enquanto Thatcher e Silas saem da parte de trás do carro, cada um deles carregando metade do corpo de um inquieto Greg West. Ele luta, tentando chutar seus pés com fita adesiva.

Seguimos o exemplo deles pelo pátio morto, subimos os degraus instáveis da frente e passamos pela entrada da armadilha onde encontramos Rose.

Entrar era semelhante a entrar em uma máquina do tempo. A última vez que estivemos aqui, Rose estava imóvel no mesmo chão em que jogamos Greg. As tábuas do chão rangem com seu peso, a cabeça batendo no chão enquanto ele tenta rolar.

Thatcher e Silas esperaram do lado de fora de sua casa depois que saímos do festival, esperando o momento perfeito para agarrá-lo enquanto ele caminhava até a porta da frente. Bem quando ele pensou que seria capaz de chutar os pés no sofá, clicar no canal de esportes, Thatch arruinou tudo. Agarrando-o e jogando-o no porta-malas.

As consequências de todas as suas ações até este ponto tornaram o ar pesado.

Derramando sangue por nossa vingança. Tentar a balança dos compassos morais só para sentir o alívio da vingança em nossas almas. Se eu fosse pego, não me arrependeria.

Mesmo que eu apodrecesse em uma cela de prisão pelo resto dos meus dias, isso teria valido a pena.

Eles sempre valeriam a pena.

Eu estava pronto para ouvir Greg dizer as palavras. Tínhamos seguido as migalhas de pão e elas nos levaram até a pessoa que procurávamos. Eu só precisava ouvir as palavras.

Rook arranca a fita de sua boca, o som de pele e cabelo rasgando ecoa, e a merda imediatamente começa a sair de sua boca.

— Que porra há de errado com vocês?!

— Como uma unidade? — Thatcher pergunta: — Muitas coisas para contar.

Greg enfia os pés no chão, tentando ao máximo se afastar de nós quatro. Na verdade, é meio patético, as últimas tentativas fracas de um ser humano lixo.

— Você pretendia matá-la, Greg? — Thatcher pergunta ignorando sua pergunta: — Ou foi apenas sorte que ela era alérgica ao Ecstasy?

É interessante observar alguém que até então estava completamente confiante de que ninguém jamais saberia o que ele fez. É interessante ver o choque registrado em seus olhos esfarrapados e eles começam a pensar, oh merda, estou em apuros.

— Eu... eu não sei-

— Vimos o pen drive. — Eu o impeço de tentar negar. Eu não estava aqui para interrogá-lo ou obter mais informações sobre o que ele estava metendo. Eu tinha provas suficientes com a unidade para saber que a polícia investigaria qualquer coisa que não cuidássemos nós mesmos. Eu vim aqui para ouvi-lo confessar.

Eu estava preparado para ser juiz, júri, carrasco.

Como a maioria dos mal disfarçados de humanos, sua máscara derrete em seu rosto. Ele sabe que não pode negar, ele está ciente

do que vimos. É uma questão de admitir, esperar que o respeitemos por admitir ou sair como uma vadia.

— Eu estou supondo que um de vocês estava transando com ela? É por isso que estou aqui? — Ele zomba, rolando o corpo para que fique sentado de joelhos, o cabelo oleoso caindo um pouco no rosto enquanto ele cospe no chão,

— O X era apenas para torná-la mais flexível para o comprador. Ela foi vendida no dia em que a peguei na biblioteca. Eu não sabia que a vadia burra morreria disso. Custou-nos dinheiro que não precisávamos perder.

A raiva cega toma conta de Rook ao som de alguém insultando Rose, aproveitando a oportunidade para se familiarizar com Greg. Ele gira o bastão, girando o bastão de alumínio como uma faca na manteiga e esmagando-o na lateral de Greg, fazendo-o bater no ar com um baque surdo.

Eu esperava silenciosamente que perfurasse um pulmão.

— Você não pode falar sobre ela. Não assim, vigarista de merda.

Foi a primeira de muitas lições dolorosas que estaríamos ensinando ao nosso professor esta noite.

Ele choraminga para o grupo, pressionando a testa na terra, os olhos cruzados de dor lancinante. Thatcher pega a sola de seu sapato Oxford folheado, pressionando-o no mesmo conjunto de costelas que acabara de receber uma tacada da liga principal e o joga de costas. Senti um aperto no peito, a pressão aumentando em todo o meu corpo. Sentindo-o em minhas mãos, meu pescoço

e músculos da mandíbula enquanto minha fúria aumentava quanto mais ele falava.

— Você acha que me matar torna as coisas melhores? Você será tão ruim quanto eu, nada além de um assassino. Isso não vai trazê-la de volta! — Ele grita, cuspe voando de sua boca como insetos brancos. — Ela está morta. Nada do que você fizer vai mudar isso.

Eu estive esperando meses por isso. Passei noites sem dormir pensando no que faria se tivesse a oportunidade de colocar as mãos na pessoa que tirou Rosemary de nós. Explosão de memórias joga em minha mente. De Silas, de Rose, tudo de bom, tudo de ruim.

Isso era o que ninguém estava recebendo.

Sabíamos que ela tinha ido embora. Sabíamos que por mais sangue que derramásemos ela não voltaria. Ela se foi.

Nós simplesmente não nos importávamos.

Eu avancei, — Não, não vai, — torcendo o machado em minhas mãos para que a ponta romba aponte para fora, — Mas isso vai me fazer sentir muito melhor. — Eu bato a ponta da arma em sua garganta.

O som de gravetos quebrando em uma árvore crepita pelo andar de baixo da casa. A traquéia de Greg se estilhaça em sua garganta com o golpe da parte de trás do machado. O estrangulamento brutal que sai de sua boca me faria estremecer se eu não estivesse tão empolgado com o quão bom isso é.

Respirações e chiados agudos são tudo o que ele consegue controlar. Nenhuma outra palavra sairá de sua boca.

É então que Silas avança.

Mãos calmas, olhos como carvão. Ele fica de pé sobre Greg, olhando para ele para que ele possa dar uma olhada em como um humano vivo se parece quando perde sua alma.

O Grim Reaper desistiu de seus deveres para esta noite, entregando-os a Silas para que ele pudesse condenar uma alma suja a qualquer inferno que o esperasse.

Este sempre foi o plano. Esta sempre foi sua matança. A retaliação que sentiu compensaria Rose, porque em sua mente, ele deveria ter estado lá naquela noite.

Rose estava voltando da biblioteca para casa por causa de uma briga que tiveram. Eu ainda não sabia o que havia acontecido, mas em vez de esperar que Silas a pegasse, ela saiu sozinha.

Quaisquer que fossem suas últimas palavras para ela, foram ditas com raiva.

Eu daria qualquer coisa para saber os pensamentos que giravam em sua mente agora enquanto ele estava cara a cara com o homem que acabou com a vida de sua namorada.

Com graça sutil, ele abaixa um joelho ao lado dele, montando em seu peito e prendendo-o no chão com seu peso. As tábuas do assoalho rangiam com a agitação e tudo o que podíamos fazer era observar, esperando o momento em que Silas precisava de nós.

— Espero que esteja difícil respirar. — Sua voz é grave enquanto ele limpa a poeira de suas cordas vocais, — Espero que

cada respiração pareça como lâminas de barbear abrindo sua garganta.

Suas mãos largas, grandes e poderosas afundam no rosto de Greg. Deslizando os dedos por trás do crânio para mantê-lo firme e permitindo que os polegares roçassem as pálpebras.

Greg tossiu e lutou para respirar, o medo da morte se tornando mais aparente e ele não conseguia nem gritar por ajuda que poderia tê-lo salvado.

Ele se mexe, levantando-se do chão, as últimas tentativas de um homem prestes a encontrar qualquer que seja o criador em que acredita. Para nunca mais respirar novamente.

— Quero que você se lembre desse medo no Inferno. Lembre-se dessa dor por eras enquanto você assar vivo nas profundezas do submundo.

Com uma força inimaginável, ele enfia os polegares nas órbitas dos olhos de Greg. Pressionando nas cavidades, cavando através da pele delicada da pálpebra, penetrando mais fundo nos músculos esponjosos de seu olho.

Gritos guturais, como uma TV estática, vêm do peito de Greg. Uma dor que faria qualquer um implorar por misericórdia. No entanto, Silas mal se encolhe. Mesmo quando os vasos sanguíneos começam a se abrir, permitindo que o sangue esguiche em seu peito, cobrindo seus polegares enquanto ele arranca seus olhos.

— Foda-se, — Rook sussurra baixinho enquanto fica ao meu lado, Thatcher olhando para isso como se fosse algum tipo de demonstração e ele deveria estar fazendo anotações.

— Espero que você pense nela, como poderia ter evitado isso se nunca tivesse encostado nela. — Ele continua, parecendo inabalável, como se estivesse cavando um pêssego para arrancar o caroço do centro, a carne macia cedendo à sua pressão.

Líquido carmesim substitui as cavidades de seus olhos, fluxos de sangue pegajoso correm pelas laterais de suas bochechas. A maneira como ele curva os polegares sob o lado do olho, puxando para cima abruptamente. Quando Silas remove os dedos de dentro dos olhos, parecia um efeito de terror digital.

A maneira como os olhos de Greg pendiam das órbitas por minúsculas terminações nervosas, balançando com o ímpeto dos tremores violentos de seu corpo.

Sem dizer mais nada, Silas envolve as mãos em torno da garganta de Greg e começa a comprimir. Leva quatro minutos para acabar com sua vida. Quatro minutos tranquilos antes de suas pernas pararem de se mover, sua garganta parar de fazer barulhos gargarejados e sua frequência cardíaca parar completamente.

Naqueles quatro minutos, parecia que finalmente havia acabado.

Por agora.

Juntos, ajudamos a seguir as instruções de Thatcher sobre a limpeza do corpo, pegando qualquer vestígio de nossa presença aqui, enquanto ele afogou o corpo em alvejante. Certificando-se de que qualquer forma de evidência de DNA que deixamos em seu corpo foi derretida pelos produtos químicos.

Como nossa última medida para encobrir nossos rastros, deixamos Rook encharcá-lo com fluido de isqueiro, antes de colocar fogo em Greg. O cheiro de carne queimada e sangue frito superava qualquer outro cheiro. Saiu como um perfume de morte e meu nariz ainda o sentiria daqui a alguns anos.

Fiquei do lado de fora da casa, esperando o corpo se desintegrar, fumando um cigarro contra o tijolo quando Silas veio andando do lado de fora do capô erguido e com a cabeça voltada para o céu, como se estivesse procurando por ela nas estrelas.

— Você está bem? — Eu pergunto a ele enquanto expiro a fumaça dos meus pulmões.

— Pedi para você ficar um ano, descobrimos quem fez isso e fizemos isso esta noite. Então não vou pedir para você ficar mais tempo. — Ele diz, ainda sem olhar para baixo da noite: — Mas eu vou atrás de Frank.

Não fiquei ofendido com o que ele disse. Ele sabia como era estar aqui para mim. Ter que ficar mais tempo em uma cidade que me criou para ser um pária com uma família que me colocou lá para começar. Eu sabia que ele estava apenas tentando cuidar de mim.

Mas eu disse a ele que ficaria até ele terminar. Eu prometi a ele.

E eu não iria quebrá-lo. Nem mesmo se isso significasse lidar com o trauma que vem com este lugar.

Eu ando atrás dele, colocando minha mão em seu ombro, — Estou com você, até o final disso. Estou com você, Si. E eu quis

dizer isso. Eu estaria aqui até o fim, o que quer que isso significasse para nós.

Ele acena com a cabeça, aceitando minha resposta: — Ela costumava dizer que você era o mais parecido com o irmão mais velho.

Eu franzo minhas sobrancelhas, minha garganta de repente entupida, — O quê?

— Rose. Ela costumava dizer que você assumiu o papel de irmão mais velho, para poder ser o que nunca teve. Sempre olhando para fora, certificando-se de que nada aconteceu. Era uma das coisas favoritas dela sobre você, porque ela sabia que eu ficaria bem contanto que você estivesse no comando. — Há um leve sorriso enquanto ele olha para a noite, me contando algo que eu nunca tinha ouvido antes.

Nunca contei a Rosemary sobre minha família, mas quando você cresce perto de alguém, é difícil não perceber o funcionamento interno da vida de alguém. Ela sabia o suficiente para juntar certas coisas.

Deixei o silêncio tomar conta. Permitindo-lhe algum espaço, algum tempo para pensar sobre o que acabou de acontecer. Para descer da alta adrenalina que todos estávamos experimentando.

Em algum lugar lá no fundo eu sabia que Rose estava nas nuvens com raiva de nós. Com raiva de Silas por arriscar nossas vidas apenas para vingar alguém que já estava morto. Eu podia ver seus olhos semicerrados e testa franzida.

Mas mesmo assim, poderíamos morrer sabendo que seu assassino teve o mesmo destino.

Isso foi o suficiente.

— Alistair! — Rook grita de dentro da casa, correndo pela entrada para a varanda da frente.

— O que? — Eu pergunto, de repente voltando ao estado de alerta máximo. Pronto para resolver qualquer problema que acabasse de surgir.

— Lyra, ela me ligou no messenger. — Ele anuncia.

— Lyra Abbott? O que ela quer?

— Apenas pegue, aqui, — Ele empurra o telefone para mim, deixando-me agarrá-lo e colocá-lo no meu ouvido.

— Olá? — Eu digo, confusão sendo um eufemismo enorme.

Se ela está me ligando para reclamar de Briar, vou deixá-la saber muito rapidamente que não é o momento certo para isso.

— Alistair! Oh! Graças a deus. Estou tentando falar com você há uma hora. Eu não tinha seu número e você não tem Facebook, então comecei a ligar para os outros caras aqui esperando que você...

— Lyra, o que diabos está acontecendo?

Eu termino sua divagação, esperando que ela possa chegar ao ponto.

— É Briar. — Ela diz sem fôlego: — Ela está com você?

Eu apliquei punições suficientes para ganhar um título no inferno. Eu tinha enviado medo através de mais pessoas do que eu

poderia contar. Dor em corpos de homens aleatórios apenas por diversão durante as lutas.

Eu tinha passado minha vida inteira quase sem sentir isso por mim.

Pânico absoluto.

Eu sinto isso no meu peito. Como se alguém o esfaqueasse com facas, cada uma queimando e cravando em minha carne. Meu coração bate tão forte que faz vibrar toda a minha caixa torácica, as batidas rápidas ecoando em meus ouvidos.

Há um toque lá também, como uma sirene. Tão agudo e alto que quase estoura meus tímpanos. Alfinetes e agulhas espetam meus dedos das mãos, dos pés, tudo ficando dormente em menos de vinte segundos.

Era como se eu tivesse submergido na água um pouco demais. Mantive minha cabeça sob a superfície por tanto tempo que, quando subi, ofegando por ar, minha garganta queimava e meu cérebro gritava para eu nunca mais ficar embaixo por tanto tempo.

Eu nunca tinha sentido medo antes.

E imagino que é assim que o terror é sentido para os outros.

— Não. Ela não saiu com você no festival? — Eu gerencio.

— Oh Deus, Briar. — Ela começa a chorar no alto-falante, parecendo sem fôlego: — Depois que vocês saíram, esperei no banheiro e ela nunca mais voltou. Recebi uma mensagem do telefone dela dizendo que ela estava indo para sua casa, mas são quase duas da manhã e ela não fez o check-in. Ela também não atende o telefone, Alistair, e se...

— Pare. — Eu não preciso dela para dizer as palavras. Não quero ouvi-las em voz alta.

Eu sabia o que ela ia dizer e a realidade de que poderia ser verdade me deu vontade de vomitar. Eu tinha acabado de ver um homem ter os olhos arrancados do crânio e mal me encolhi.

No entanto, a perspectiva de Briar ser sequestrada e possivelmente vendida como escrava sexual foi o suficiente para fazer meu estômago revirar. Eu a imaginei lutando, fazendo tudo o que podia para se defender.

Porque ela era uma lutadora e eu sabia que ela não seria fácil.

Mas, mesmo assim, tudo o que pude ver foram eles usando-a. Tocando ela. Violá-la.

— Espere, — eu digo em voz alta, meu cérebro girando, — Você disse que ela mandou uma mensagem para você? Disse que ela estava indo para minha casa?

Lâmpadas explodem dentro da minha mente.

A vontade de vomitar é rapidamente substituída por uma bomba de fúria que está prestes a explodir.

— Sim, por quê?

— Eu sei quem está com ela. — Eu digo a ela: — E eu vou matá-lo por levá-la.

TRINTA E UM



O RECONHECIMENTO

Brian

O bem e o mal.

Um conceito inicial que muitos tentam dizer que tem uma certa semelhança.

Eles gostam de dizer que o bem abrange toda a luz. É a auréola da vida que não faz mal. É o som de bebês recém-nascidos chorando, fios macios de cabelos dourados trançados e bancos de igreja no domingo.

Enquanto o mal é a raiz do pecado. São as criaturas que espreitam na noite, gritos da floresta enevoadas e corvos grasnando sobre carne fresca. O mal tem uma imagem. É a sombra, o negro, o esquecimento.

Durante toda a sua vida, eles retratam isso para você, de modo que, quando você desenvolver uma mente própria, será capaz de ver a diferença. Você verá alguém e saberá se suas intenções são sinistras ou puras.

Eles estão errados 'pra' caralho.

O mal não tem imagem fixa e nem o bem.

Se fosse esse o caso, Alistair não estaria arrombando a porta da casa de sua família pronto para rasgar o inferno. Dorian não teria me amarrado a uma cadeira com uma mordaça na boca, pairando sobre mim com más intenções.

Pelo padrão do mundo, o homem quase com um PhD, o rei do baile, olhos castanhos claros, sorriso de um milhão de dólares e estatura bem vestida deveria ser meu cavaleiro de armadura brilhante.

E o irmão moralmente cinza, aquele com olhos frios, uma reputação condenatória que acredita que matar pessoas vai vingar a namorada de seu amigo é o vilão desonesto pronto para roubar minha inocência.

No momento em que pisei em Hollow Heights. No segundo que ouvi sobre Alistair, ele foi pintado como o maligno. Eu mesma fui culpada quando ele ficou ao lado de Easton naquela sala de aula.

Peguei o que eles disseram sobre ele e fiz suposições. É verdade que qualquer pessoa em sã consciência pensaria nele como o bandido depois de vê-lo participar de um assassinato. E talvez isso o tornasse mau. A habilidade de varrer alguém da face da Terra. Ao mesmo tempo, se alguém tivesse matado minha mãe, como a de Lyra, eu não tinha tanta certeza de que não faria exatamente a mesma coisa.

Esta cidade inteira o transformou em algo que ele não era. Eles começaram uma guerra dentro de sua alma e esperavam que ele encontrasse a paz. Chocados quando ele escolheu a violência sobre a harmonia.

Criado por uma família que ele não tinha chance de sobreviver, a menos que se tornasse cruel.

Meus olhos diziam palavras que minha boca não conseguia quando Alistair apareceu, entrando na sala com animosidade em seu olhar severo.

Eu pensei que sua camiseta branca iria derreter seu corpo, a forma como ela se espalhava por seus ombros definidos e batia em sua cintura magra. Seu cabelo não estava afastado de seu rosto, em vez disso, mechas soltas cruzavam sua testa como se ele tivesse passado os dedos por ele.

Suas botas bateram no chão.

Dorian mal se moveu de seu assento, girando o gelo derretido no copo de uísque, olhando para seu irmão mais novo com desprezo. O cano da arma, encostado na cadeira de couro.

— Eu estava começando a achar que você não iria aparecer. — Dorian fala primeiro, observando a maneira como Alistair para abruptamente ao ver a arma em sua mão. Ele ficou na nossa frente, seus olhos passando rapidamente para mim e de volta para seu irmão.

Eu sei que o inchaço no meu olho começou a aparecer, o sangue parou de correr pelo meu rosto uma hora atrás e eu podia sentir como minha sobrancelha estava dura por causa do sangue endurecido que estava lá.

Recusar-me a deixar que ele me tocasse justificava uma chicotada da pistola no rosto que me deixou inconsciente pelo que pareceram dias, mas na verdade foram apenas algumas horas.

Quando acordei, estava amarrada a esta cadeira, ouvindo Dorian reclamar sem parar sobre como eu estava enganada.

Como fui estúpida por escolher Alistair em vez dele, por negá-lo quando ele era melhor em todos os sentidos. Como ele ficou chocado com a minha incapacidade de ver isso por mim mesma. Ele andou de um lado para o outro na minha frente, até que finalmente decidiu se sentar, levando-me a acreditar que ele teve algum tipo de surto psicótico.

Ele tinha que ter.

— O que você está fazendo? — Alistair questiona, punhos cerrados ao seu lado enquanto mantém a calma, sabendo que está em desvantagem por causa da arma explosiva.

— Fazendo o que faço de melhor, irmãozinho. — Eu não tenho que olhar para ver o sorriso em seu rosto, — Pegando o que é seu. Tomando o que sempre foi meu.

Minha boca doía por se esforçar em torno deste pano enrolado em minha cabeça, impedindo-me de falar qualquer coisa além de murmúrios descontentes. Lágrimas arderam em meus olhos e, embora eu tivesse tentado permanecer o mais calmo possível, senti seu calor escorregadio escorrendo pelo meu rosto.

— Você é um maldito louco, Dorian. Não somos mais crianças e isso não é um jogo. Deixe ela ir. — Alistair argumenta.

Eu sinto os olhos de Dorian em mim, — Ela é bonita, não é? — Ele murmura e eu quero vomitar com os pensamentos que ele está tendo sobre mim em sua cabeça. — Foi uma das primeiras coisas que notei nela. Como seu arco do cupido é perfeitamente simétrico

e seus olhos brilham como joias. Então ela teve que ir e arruiná-lo.

O rangido do couro se curvando sob seu peso ecoa na sala quando ele se levanta, deixando o uísque na mesinha lateral e mantendo a arma na mão dominante. Meu coração bate em sintonia com seus passos enquanto ele valsa atrás da minha cadeira.

Posso sentir o metal frio da arma pressionado em meu cabelo, a maneira como ele desenha padrões em meu couro cabeludo com o cano, fazendo-me estremecer de medo. Tentei sugar as lágrimas, silenciar os gritos, mas não consegui aguentar muito.

Eu não podia acreditar que era aqui que eu poderia morrer. Presa entre um homem de quem gosto e o homem que o odeia.

— Do que diabos você está falando?

— Eu vi vocês dois no conservatório na outra noite. Quando você pensou que ninguém estava olhando. — Uma raiva delirante sai de sua boca, posso sentir a arma balançando em meu cabelo pela força de sua voz: — Quando ela deixou você tocá-la! Deixou você contaminá-la. Como o corpo dela se moldava contra o seu e eu não podia acreditar que ela faria algo assim. Eu não podia acreditar que ela iria escolher você. Quer dizer, — ele zomba, — Se ela fica tão bem com a cópia, imagine como ela ficaria deslumbrante ao lado do original.

Ele pegou uma noite que eu queria que fosse especial e a transformou em algo sinistro. Eu nunca seria capaz de pensar no aniversário de Alistair sem pensar em onde Dorian estava quando nos observou. Quanto tempo ele ficou lá.

— Ela não é minha. — Alistair diz, recusando-se a fazer contato visual comigo, — Ela é apenas uma garota. Você estaria arruinando sua vida, seu legado, por uma garota que não significa nada para mim.

Eu faço uma careta com suas palavras, puxando meus olhos dele para olhar para o chão. Meu peito dói muito porque posso morrer sem significar nada para alguém que significa mais para mim do que deveria.

— Ela foi minha primeiro! — Dorian grita, minha espinha tremendo de medo. — Eu a vi primeiro! Ela deveria ser minha e você a tirou de mim!

Eu não tinha certeza se a confusão vinha da concussão que eu tinha ou das palavras que saíam de sua boca.

Eu podia sentir sua mão pressionada no lado da minha cabeça, chorando levemente quando ele baixou a cabeça para o meu cabelo e inalou profundamente, — Eu a vi em seu primeiro dia em Hollow Heights, — ele murmura, como se estivesse falando comigo., — Eu sabia naquele momento, eu tinha que tê-la. Eu precisava de você, Briar.

Tudo o que ouvi foi ele levantando a arma, o som dela batendo contra algo sólido repetidamente enquanto ele continuava: — Mas você o escolheu! Você abriu as pernas para o meu segundo! Ele não é nada comparado a mim!

Essa fantasia que ele construiu em sua cabeça de nós rapidamente caiu sem que eu percebesse. Tendo falado com ele apenas duas vezes, nunca soube que ele estava me observando. Alimentando alucinações das quais eu não queria fazer parte.

No meu primeiro dia, quando senti alguém olhando, era ele. Alfinetes e agulhas picaram minha pele pensando em todas as vezes que senti alguém olhando para mim e como presumi que fosse Alistair.

A arma voltou para o lado da minha cabeça, a força do cano cravando na minha pele e eu posso sentir meu corpo tremendo. Meu coração batendo forte. Suor escorrendo pela minha testa.

— Dorian- — Alistair começa.

— Eu vejo o jeito que você olha para ela! Como se ela pertencesse a você! A tatuagem no dedo! Você a marcou! — Ele praticamente grita: — Você não a merece, você não merece nada. Você é apenas um rato de sarjeta, o backup no caso de eu falhar. Você não pode ter nada!

A temperatura aumenta à medida que seus movimentos se tornam mais frenéticos. A contagem regressiva da bomba que é Dorian Caldwell chegando perto de uma grande explosão.

— Dorian! Ouça-me, — Ele dá um passo à frente, estendendo a mão em uma trégua, — Podemos conseguir ajuda para você. Você não precisa fazer isso.

— Eu não preciso de ajuda, porra! Eu quero ela! — Eu recuo: — E se eu não posso tê-la, você também não pode.

Tudo estava se movendo tão rápido, palavras acaloradas, movimentos apressados. Tudo estava girando em avanço rápido e foi então que tudo decidiu desacelerar. Parecia que eu tinha caído sob a superfície da piscina, caindo no fundo e apenas sentada nas profundezas. Tudo na água era mais lento.

Observei Alistair avançar, a palavra — Não — gritando de seus lábios.

Uma rajada de ar escapou da minha boca em câmera lenta, fechando meus olhos antes que o fim viesse em minha direção.

Achei que teria flashes do meu futuro, do meu passado, de todas as coisas que nunca experimentaria, mas, em vez disso, apenas o vi. Eu o vi e concebi um mundo onde poderia amá-lo sem repercussões.

A maneira como ele se lançou para mim, como o medo e a dor floresceram em seu rosto como uma rosa recém-criada. Uma rosa floresceu pouco antes do inverno frio, onde logo morreria. Eu me perguntei se depois da minha morte ele se tornaria como Silas ou se eu realmente não era nada para ele.

Eu vi como ele era um menino antes de ser ensinado, antes de ser pintado como a face do mal. Eu vi o que todos haviam esquecido, que ele era leal, feito de carne e osso, de sorriso torto e olhos de ônix.

Por baixo de tudo, um menino com sonhos, com amigos, que riam.

Um menino que um dia amou seu irmão.

E pensei em como tive sorte naquele momento, por vê-lo como nada além de um menino.

A explosão da arma perfurou meus ouvidos, estourando o tambor por dentro. Salpicos quentes e úmidos de líquido cobriam o lado do meu rosto, e eu esperava que houvesse mais dor.

Meus olhos se abriram, ainda capazes de ver.

Devo ser um fantasma, certo? Não esperava que fosse acontecer tão rápido, pensei que haveria uma luz, um portão pelo qual eu precisava passar.

Em vez disso, havia Alistair caindo de joelhos na frente da cadeira, as mãos avançando em direção ao meu rosto.

— Briar, Briar, Briar.

Briar

Briar

Briar

Parecia tão real, meu nome em seus lábios, ecoando em minha cabeça quando a mordaca em minha boca foi retirada e os laços que me prendiam à cadeira caíram. Senti suas mãos, mais quentes que brasas, pressionarem minhas bochechas direcionando minha atenção para seu olhar.

O mundo voltou a se mover normalmente. Eu tinha rompido a superfície bem a tempo de ouvir gemidos guturais de dor e o arrastar de pés.

— Você está bem, — Ele sussurrou, — Você vai ficar bem, Ladrazinha.

Como se eu fosse uma pena, ele me pegou em seus braços, embalando-me em seu peito. Meu nariz procurando o cheiro reconfortante de sua colônia e enterrando minha cabeça em seu pescoço enquanto ele me carregava. Perseguindo esse cheiro.

Minha visão era irregular, mas eu podia ver no chão atrás da cadeira em que eu estava sentada, Dorian. De lado, os olhos bem abertos, segurando o ombro onde o sangue manchava sua camisa

branca. Tanto sangue que não parecia real. Escoando entre seus dedos enquanto ele balançava no chão de dor.

Pouco antes de meus olhos se fecharem, eu os vi.

Três sombras se moveram pela sala, vestidos de preto e como sempre, os filhos do escuro vieram proteger os seus.

Alistair

O chuveiro foi desligado há vinte minutos.

Eu queria dar-lhe tempo. Permitir que ela absorva tudo, deixar a poeira baixar, e eu sabia que uma vez que ela saísse, a adrenalina a teria levado ao ponto de exaustão.

Ficar na casa de hóspedes de Thatcher significava que ela teria um quarto só para ela, sem nenhuma daquelas conversas estranhas, onde estou dormindo. Mesmo sabendo que ela precisava de espaço, recusei-me a deixá-la dormir nos dormitórios esta noite.

Só por esta noite eu a queria sob o mesmo teto que eu. Eu precisava ter certeza de que, pelo menos esta noite, ela estaria segura.

O ranger da porta do banheiro fez meu joelho parar de quicar, o suficiente para seguir o rastro de suas longas pernas, o vapor saindo de trás dela. A camisa e a cueca que eu dei a ela para usar eram alguns tamanhos maiores e engoliam seu corpo.

Uma deusa. Um anjo. Tudo de bom deixado em um mundo perverso.

Agarrando delicadamente seu cabelo molhado e puxando-o para o lado, dando-me uma visão mais clara do hematoma em seu olho.

Eu me odiava mais então.

Que eu era a razão pela qual uma garota que representava todas as coisas que eu sempre quis estava sofrendo. Uma garota que tinha tudo que eu precisava e eu tinha muito medo de aceitar. Porque assim como Dorian disse, eu não merecia nada.

Isso é tudo que me ensinaram. Então, como eu teria acreditado por um segundo que Briar e eu poderíamos ser alguma coisa?

Olhar para a ferida roxa brilhante e o arranhão em seu rosto me jogou abaixo do fundo do poço. Eu não questionei que estava mais preocupado com aquela contusão do que com meu irmão sangrando no chão.

Mesmo tendo havido um momento solitário esta noite quando eu estava olhando para Dorian, eu me vi. Um filho que foi criado para ser algo que nunca quis ser.

Ele era o outro extremo.

Criado com a pressão de ser o sucessor, de ter que ser perfeito, nunca deixou falhar porque se o fizesse, eles o substituiriam. Eu sabia como era essa pressão para um garoto e isso causou tanto dano a ele quanto a mim.

E naquele momento, eu o odiei um pouco menos porque, pela primeira vez, me identifiquei com ele.

Minha cabeça dói com as repercussões com as quais eu sabia que estaria lidando amanhã. Respondendo às perguntas de nossos pais, ouvindo que história eles inventariam para encobrir tudo isso.

Mas, por enquanto, eu deixaria os caras lidarem com a viagem de Dorian ao hospital e cuidaria de todo o resto pela manhã. Agora, eu queria ter certeza de que ela estava bem.

Que ela sairia disso com algum tipo de normalidade.

— A cama está limpa e a porta trancada. — Eu me levantei da cadeira, não sendo capaz de olhar para ela por mais do que alguns momentos. — Estarei no final do corredor se precisar de alguma coisa durante a noite.

— Alistair? — Ela sussurra, interrompendo meu caminho até a porta apenas com o som de sua voz.

— Sim?

— Desculpe.

Desculpe.

Como se isso fosse culpa dela. Como se ela pudesse ter feito qualquer coisa para impedir meu irmão. Mesmo que ela não tivesse caído no meu caminho, ele ainda teria feito isso. Talvez até tenha conseguido seu objetivo de torná-la sua.

Eu balanço minha cabeça, — Pare, isso não é culpa sua. Não faça isso. — Deixei escapar um suspiro, — Dorian precisa de ajuda. Ele é fodido da cabeça. Não se desculpe, você não fez nada de errado.

Lágrimas escorrem por seu rosto recém-lavado, — Eu não sinto muito por ele. Sinto muito pelo que quer que tenha acontecido com vocês quando crianças, que os deixou assim. Isso fez com que você tivesse que atirar em seu irmão por mim.

Eu queria ir embora.

Eu deveria ter ido embora.

Mas eu fisicamente não conseguia parar de me mover em direção a ela. Era como se a gravidade me puxasse em sua direção, recusando-se a deixá-la ir até que minha mão cobrisse o lado de seu rosto, esfregando as lágrimas de seu rosto.

— Tecnicamente, eu não atirei nele, — eu sorrio gentilmente, — Silas atirou.

Uma risada que ela provavelmente não esperava escapa de sua garganta, — Você sabe o que eu quis dizer.

Ficamos ali enquanto eu segurava o rosto dela, olhando um para o outro e pensei em tudo que eu tinha feito com ela até aquele momento. Como abaixo de tudo, eu estava apenas tentando destruí-la porque ela representava o que eu nunca poderia ter.

E semelhante a Dorian, se eu não pudesse tê-la, ninguém poderia.

Como agora, tudo que eu queria era realmente tê-la. Não apenas para brincar, mais do que um jogo. Mas eu queria que ela risse.

Eu queria engolir-los inteiros e ver se eles iriam curar toda a raiva da minha alma. Eu queria me banhar na paz que vinha de estar ao lado dela depois do sexo, quando desenhemos círculos

preguiçosos nos corpos um do outro e nada mais importava, exceto o som constante de sua respiração na minha pele.

Eu conhecia seu medo, mas queria saber o que a motivava.

O que a fazia sorrir, por que ela sempre usava o mesmo par de sapatos e o que ela queria ser quando crescesse. Eu queria ser mais do que o homem que a assustava.

Eu queria ser um homem que ela pudesse amar, mesmo que eu não tivesse ideia do que isso significava para mim.

— Você vai ficar comigo esta noite? Eu... eu só, eu não...

— Sim. — Eu não deixo ela terminar, ela não precisa.

Ela se deita primeiro na cama, movendo-se suave e silenciosamente. Seus longos membros traçando padrões aleatórios nas ondas do algodão, navegando no mar de tecido azul marinho com uma graça que me lembrou um pouco de um tubarão deslizando sem esforço pelo oceano azul profundo.

Chutei meus sapatos, colocando a mão atrás da minha cabeça e tirando minha camisa, jogando-a no chão e indo para o meu lado da cama. Enfio o travesseiro embaixo da cabeça, deitando de lado para que fiquemos olhando um para o outro.

— Eu sempre quis irmãos. — Ela diz: — Ser filha única é solitário e acho que é por isso que foi tão difícil para mim fazer amigos. Sempre me senti sozinha e, por mais estranho que pareça, não me sentia assim aqui. Mesmo quando você e seus amigos estavam sendo idiotas raivosos.

Eu rio, meu peito vibrando com o calor.

— Irmãos são superestimados. — Eu estou brincando. — Eu também nunca tive um irmão, não da maneira que a maioria das pessoas tem. Eu tinha um irmão mais velho ligado ao sangue, mas isso não nos tornava irmãos.

— Mas você tem Rook, você tem Thatcher, Silas. — Ela aponta.

— Sim. Eu os tenho.

Aqueles eram meus irmãos. Família que foi escolhida. Que acordou e escolheu fazer parte da minha vida todos os dias.

— Dorian está... — ela tropeça, — Ele vai ficar bem?

Eu suspiro, — Sim, Silas apenas atingiu algum músculo em seu ombro. Ele vai precisar de uma transfusão de sangue e alguns fluidos, mas vai ficar bem.

Ela assente, aceitando minha resposta e vejo que o alívio de ele estar vivo a faz sentir alívio. Mesmo que ele quase a matasse, ela ainda não queria que ninguém morresse por causa dela.

Se eu a quisesse. Se eu realmente a quisesse, teria que me certificar de que ela me conhecesse. Mais do que apenas o que eu queria que o mundo visse.

— Ele tem hemofilia.

— O que?

— Dorian. Ele nasceu com uma condição rara chamada hemofilia, é apenas onde seu sangue não coagula tão rápido quanto o das pessoas normais. Quando ele tinha sete anos, ele estava em um treino de lacrosse e levou uma pancada nas costelas, o que não é grande coisa para a maioria das crianças, mas acabou no hospital com uma hemorragia interna grave.

Lembro-me de ouvir meus pais falarem sobre isso. Lembro-me de ouvir pela primeira vez e pensar: odeio que meu irmão esteja doente. Que eu gostaria de poder consertá-lo.

— Foi quando eles descobriram e meu avô, Alaric, se recusou a permitir que o nome Caldwell descansasse nos ombros de um menino doente. E se ele morrer? E se ele não pudesse lidar com todos os bens que deveria herdar? No mínimo, ele disse aos meus pais que eles precisavam de um backup caso algo acontecesse.

Eu odiava falar sobre isso. Eu odiava pensar em como fiquei arrasado quando criança quando descobri por que nasci. Eu odiava como ninguém se importava depois que me contavam. Como era apenas algo com o qual eu deveria viver.

— Alistair- — Ela murmura, tristeza em sua voz.

— Então, meus pais basicamente me fizeram em uma placa de Petri. Modificando geneticamente meus genes para que eu fosse do tipo sanguíneo exato, para que inicialmente fosse uma réplica do meu irmão mais velho. Para que se acontecesse alguma coisa, eu pudesse dar sangue para ele, doar um órgão. Eu nasci apenas para ser peças sobressalentes. O herdeiro e o sobressalente, era assim que meu avô nos chamava. — Minha voz parecia ter falhado no final, como se toda a gasolina do meu tanque finalmente tivesse acabado. Eu agora estava funcionando no vazio.

Eu me obrigo a olhar para ela, olhar nos olhos dela, — Eu tenho vontade de me matar desde que descobri. Eu não queria viver uma vida em que deveria ser apenas um backup. Extra. Importante apenas se fosse necessário um órgão. Ninguém merece viver assim.

E então eu conheci os caras e...

— Eles te deram uma razão para viver. — Ela termina, tirando as palavras que eu não queria dizer da minha boca. Saber que estou admitindo em voz alta que preciso de alguém não é fácil.

— Sim. Eles fizeram.

Sua mão se estende para frente, empurrando meu cabelo para longe do meu rosto, passando os dedos pelos meus cabelos escuros.

— Estou feliz que você os conheceu. Estou feliz por você estar vivo, Alistair.

Algo aconteceu dentro de mim naquele momento.

Todas essas nuvens escuras se reuniram sobre mim e começou a chover. Chuva que caía forte e rápida dentro do meu peito, molhando um órgão que pensei ter murchado e morrido.

Meu coração estava um deserto. Deserto, seco, sem nutrição ou cuidado. Nada além de areia e calor escaldante. E tinha acabado de começar a chover pela primeira vez na minha vida. O espancamento não parecia mais doloroso, mas suave, do jeito que sempre foi feito para bater.

— Quando te vi pela primeira vez naquela festa, — faço uma pausa, sem saber como explicar o que estou sentindo, — Você me fez sentir vivo. Você me excitou. Você me eletrizou de uma forma que ninguém tinha feito antes.

O jeito que ela ficou no meio daquela pista de dança, cercada de gente, a fumaça caindo na frente do rosto e as luzes piscando só me dando pedaços do rosto dela. Mesmo com tudo isso, eu ainda podia vê-la claramente.

Suas mãos esfregam círculos em meu peito persuadindo as palavras da minha garganta, — E esta noite, quando eu vi você naquela cadeira, tudo que eu conseguia pensar eram as últimas coisas que eu disse a você. Como eu deixei meu passado ditar o que eu sentia por você. Eu nunca estive tão fodidamente... — eu apertei meu abraço, — assustado e eu odiei isso. Nunca mais quero me sentir assim. Eu me recuso a me sentir assim novamente.

E eu quis dizer isso. Eu nunca iria sentir isso de novo. Eu não permitiria que ela fosse colocada nessa posição.

— Não podemos prever o futuro, Alistair. E tudo bem ter medo disso. Ter medo não o torna fraco, deixar que isso o impeça, sim.

Eu pensei sobre isso.

Como ela era a definição dessa afirmação. Mesmo que eu a tenha colocado no inferno mentalmente. Eu a assustei, ela nunca parou de lutar comigo. Nunca deixe que isso a impeça de seguir em frente.

— Eu vou rasgar o céu, rasgar os portões do céu se for preciso para evitar que você corra risco novamente. Eles terão que levantar o inferno para me impedir de protegê-la. Você entende?

Ela balança a cabeça, olhando para mim, os olhos cobertos de exaustão. Eu a puxo para mais perto do meu corpo, enrolando meus braços em torno dela para que sua cabeça descanse no meu peito.

— Durma um pouco, Ladrazinha.

— O que isso significa, você sabe, para nós? Eu não quero ser aquela garota que quer o rótulo, mas eu só preciso saber o que eu significo para você. — Seus lábios se movem pela minha pele nua enquanto ela fala, me distraíndo por um momento.

Não vou mentir para ela e espero que, no final disso, ela seja capaz de aceitar isso.

— Eu não sei o que tudo isso significa se estou sendo honesto, Briar. Não sei como descrever como, quando estou perto de você, meu coração parece estar batendo pela primeira vez ou você me faz sentir vivo. — Minhas sobrancelhas se franzem enquanto continuo: — Não tenho certeza de como lidar com nada disso, o que isso significa para você, para mim, para nós.

E essa foi a parte mais difícil.

Como eu deveria saber como era o amor quando nunca o havia mostrado? Quando nunca fui ensinado a receber ou dar? Minha versão de cuidar dos outros era bater em Rook quando ele precisava se machucar, ajudar Thatcher a esfolar um cervo e deixar Silas atirar latas de refrigerante em minhas mãos.

Isso não foi o suficiente para Briar, ela merecia mais.

— Mas o que eu sei, estou obcecado com a maneira como você se sente pressionada contra mim. A maneira como seus lábios se curvam quando você está com raiva me faz querer irritá-la só para que eu possa ver. Fico constantemente com raiva quando ouço outras pessoas fazerem você rir, isso me dá vontade de machucá-las, porque por um momento elas estavam fazendo você feliz e eu quero esse emprego.

Ela sorri contra a minha pele enquanto eu continuo.

— E agora, eu poderia ficar aqui por toda a vida apenas sentindo seu batimento cardíaco aumentar. Não tenho certeza do que posso te dar, mas o que sobrar de mim, o que eu tiver, é seu, pelo tempo que você quiser.

E eu quis dizer isso. Toda palavra. Mesmo que eu não tivesse certeza se tinha cometido um grande erro ao expor minhas cartas tão abertamente.

Há um momento de silêncio antes de eu sentir seus lábios contra minha pele em um beijo gentil,

— E se eu quiser para sempre?

— Então é para sempre, Ladrazinha.

— Isso soa muito como amor, Alistair Caldwell.

Alfinetes cutucam minha pele, como uma dormência de corpo inteiro que me domina. As ondas de paz se instalam em meus ombros e a euforia de estar ao lado dela me suga.

Sem matar. Sem história. Sem irmãos psicóticos. Apenas eu, um cara que faria qualquer coisa para manter essa garota ao lado dele.

— É alguma coisa. — Eu murmuro, pressionando meus lábios no topo de sua cabeça e inalando profundamente, enchendo meus pulmões com seu cheiro.

— Então isso é tudo que importa. Isso é tudo que preciso. — Ela sussurra, — o resto é apenas fofo de qualquer maneira, — eu olho para minhas iniciais adornando seu dedo, chateado por colocá-lo no meio e não no que está diretamente à esquerda.

— O que quer que você tenha para dar, eu quero tudo. Tudo escuro, tudo assustador. Quero isso. Para sempre.

Assim, a criança das sombras aprendeu que não é preciso pisar na luz para encontrar a felicidade. Você só precisa encontrar a pessoa disposta a entrar na área cinzenta.

— É seu. Cada parte distorcida de mim. É seu, Ladrazinha. Espero que você goste de brincar nas sombras, vamos ficar aqui por um tempo.

TRINTA E DOIS



BOAS FESTAS

Brian

Demorou até a semana antes do Natal para que os policiais finalmente identificassem o corpo que havia sido incendiado na casa de festas local. Naquela semana, alunos e professores se reuniram no pátio cheio de neve para criar um memorial para Greg West.

Enquanto eu passava pelos balões, fotos, cartões de saudades e todas as outras recordações, eu não conseguia sentir pena dele. O homem que vivia sozinho e ajudava a vender meninas como escravas sexuais.

Meus dedos estavam firmemente envoltos em duas xícaras de café enquanto abria com o ombro a pesada porta do refeitório, abrindo caminho pelas fileiras até que vi Lyra com o nariz enfiado em um livro, o assento à sua frente vazio para meu.

— Primeiro semestre selvagem, hein? — Eu digo, enquanto caio na cadeira, deslizando o copo extra para ela.

— Passei nos exames, testemunhei assassinato, cometi incêndio criminoso. Eu diria que é um para os livros. — Ela olha para cima, me agradecendo pelo café.

Eu não tinha certeza de qual era o termo para se relacionar com o caos, mas Lyra e eu tínhamos feito de nossa sociedade solitária uma espécie de coisa para sempre. Depois de todas as confusões que enfrentamos neste último semestre, eu não poderia imaginar passar o resto dos meus dias de faculdade sem ela ao meu lado.

— Você viu os policiais no campus? Ouvi dizer que eles estavam entrevistando garotas que eram amigas de Coraline. Houve muitos corpos desaparecidos e mortos para eles não investigarem. — Ela diz, virando a página de seu livro.

— Sim. — O pavor encheu meu estômago, — Estava fadado a acontecer eventualmente.

Tudo sobre como Alistair e eu fazíamos as coisas era completamente invertido. Mas isso não significava que eu me importava menos com ele, não significava que minha preocupação com ele ir para a cadeia diminuiu porque tínhamos acabado de sair em nosso primeiro encontro algumas semanas atrás.

Eu sabia que tinha essa conexão profunda com ele. Nossas almas se uniram através dos diferentes tipos de invisibilidade que experimentamos quando crianças. Mas foi no Dia de Ação de Graças que eu soube que o amava.

Quando ele entrou no apartamento de Thomas vestindo calça e camisa de botão, carregando uma torta que a avó de Thatcher o

obrigou a trazer. Eu o vi sair de sua zona de conforto por algo que me deixou feliz.

Tudo o que eu queria era que ele passasse por aqui, não esperava todo o resto.

Passamos o dia juntos e parecia algo que um casal real e normal faria. Ajudando na cozinha enquanto Thomas contava histórias de sua juventude e tentamos nos relacionar. Houve trinta minutos de tensão estranha, mas rapidamente se dissipou assim que Alistair começou a se acostumar com a situação.

Eu o amava por causa do que sabia que ele desistiria para me proteger. Para me fazer feliz. E mesmo que eu nunca tenha ouvido essas três palavrinhas dele, sei que ele as sente.

Alistair Caldwell nunca será o homem que me encherá de palavras bonitas e poemas de amor. O homem que diz cada emoção que sente ou aquele que diz eu te amo. Mas ele é o homem que passará por uma nevasca só para conseguir uma torta para mim na lanchonete de Tilly durante as finais. O homem que vai quebrar o nariz de homens como Easton Sinclair por não me deixar em paz.

Ele é o homem que é selvagem e seguro. O equilíbrio perfeito para me fazer sentir viva, mas segura. A única droga no planeta que é boa para você. Lyra estava certa, até certo ponto naquele restaurante.

Eu não era a garota que só queria conforto. Eu precisava do desafio. E isso é o que ele era. Um desafio a cada dia.

Eu não sabia quando isso aconteceu, quando o ódio e a luxúria se transformaram em amor, quando meu coração começou a

desenhar seu nome nas paredes internas não com desgosto, mas com admiração.

Seria um golpe severo se o cara com quem acabei de começar a namorar fosse preso por assassinato, mas estar com ele era saber que eu estava correndo esse risco.

— Então... — eu começo, colocando a mão nas minhas costas e tirando um presente bem embrulhado. A caixa retangular é decorada com papel de embrulho preto e roxo.

— Briar! Achei que tínhamos dito nada de presentes! — Ela repreende.

— Eu tinha que pegar algo para você. Eu vi e foi perfeito demais. Praticamente pulou da prateleira.

Pequena mentira branca. Eu mandei fazer isso sob medida, mas ela não precisava saber disso.

— Achei que ia conseguir te surpreender. — Ela faz beicinho enquanto puxa uma caixa muito maior, deslizando-a sobre a mesa em minha direção.

Nós compartilhamos uma risada, percebendo que somos o tipo de pessoa que não poderia deixar de presentear aqueles de quem gostamos.

Juntas, começamos a abrir nossos respectivos presentes, dentro do meu está um pulôver vermelho macio. O material de aparência vintage faz meus dedos se curvarem com a felicidade e eu corro meus dedos pelo bordado na frente que soletra *Loner Society*.

Se eu já não estivesse vestindo o que parecia ser dez camadas de roupa, eu teria colocado, de tanto que eu adorei.

O presente de Lyra foi uma pulseira de prata com pingentes, quatro pingentes já adornando a corrente. Um besouro fofo, uma cereja, uma faquinha para sua obsessão por Criminal Minds e um corvo para Edgar Allan Poe, seu amante.

Eu ando para o lado oposto da mesa, envolvendo meus braços em torno dela e abraçando-a com força ao meu corpo. Eu estava mais do que agradecida por minha primeira amiga ser alguém como Lyra.

Sentamos para conversar sobre o café, planejando uma maratona inteira de filmes de Natal e curtindo a companhia uma da outra.

É só quando recebo uma notificação no meu telefone que tenho que sair. O texto era simples,

Labirinto em cinco.

Dei tchau para Lyra, não como se eu não fosse vê-la esta noite antes de sairmos para as férias de Natal.

Não sendo capaz de evitar a excitação borbulhando em meu estômago ou o friozinho na barriga, saio rapidamente do refeitório. Correndo pelos terrenos da escola em direção ao distrito de Bursley.

A neve caiu forte, enormes flocos de neve se acumulando no chão já branco. Minhas pegadas deixando um rastro atrás de mim quando comecei uma corrida leve. Minha respiração saindo em nuvens de fumaça visíveis.

Voei pela lateral do prédio em direção à entrada do Labirinto, da última vez que estive lá dentro estava me agarrando para sair, agora estava correndo pelos semicírculos, pronto para ver quem me esperava em o Centro.

Os pinheiros carregavam o peso da neve, suas agulhas escuras ainda aparecendo, dando-me o primeiro inverno da minha vida e tornando-o bonito no processo. Parei derrapando quando dei a volta na última parte do labirinto.

Alistair estava com as mãos enfiadas fundo em seu jeans escuro, o capuz puxado sobre a cabeça para proteger o rosto do clima severo, uma jaqueta de couro sobre o moletom preto.

Ele era um contraste gritante com o branco caindo ao seu redor, projetando-se como um polegar dolorido.

A neve estalava sob meus pés, fazendo-o erguer o olhar em minha direção. Quase me surpreendi com o quão injustamente deslumbrante ele estava ali. Tudo se desvaneceu quando ele olhou para mim, quando um pouco de luz do sol atingiu seus olhos, eles se tornaram um preto brilhante, quase claro. Como vidro do mar perfeitamente gasto ou água em um riacho correndo sobre pedras.

Eu tomo meu tempo andando em direção a ele e ele se senta perfeitamente imóvel, os olhos concentrados em cada passo, e assim que estou a uma certa distância, ele ataca. Envolvendo um braço tonificado em volta da minha cintura e me puxando confortável contra seu corpo.

Como se fosse uma saudação, ele deixa cair a cabeça no meu cabelo, inalando meu cheiro antes de dizer:

— Olá, Ladrzinha.

Eu amo o jeito que minha pele esquenta quando ele fala, me aquecendo de dentro para fora.

— Caldwell. — Eu jogo para trás, puxando para trás para que eu possa olhar para ele. Eu coloco minhas mãos em volta de sua cintura sob sua jaqueta de couro, mantendo minhas mãos aquecidas. É assim que se sente um lugar seguro.

— Viu todos os policiais no campus? — Eu pergunto casualmente, embora isso faça meu estômago revirar.

— Eu fiz. — Ele diz facilmente, olhando para mim: — Era um risco que sabíamos antes de fazermos isso. Não vou me desculpar se eles descobrirem o que aconteceu, mas duvido.

Eu não esperava nada menos dele. Foi a única coisa sobre Alistair que não mudou desde o momento em que o conheci, ele nunca se desculpou por quem ele era. Ou você o aceitou como está ou o odiou por isso.

— Ainda trabalhando em Frank?

Ele acena casualmente em resposta. Eu não precisava que ele mudasse, não precisava que ele me dissesse que me amava ou me enchesse de flores. Mas eu pedi a verdade, por mais sangrenta que fosse, ele prometeu que não mentiria para mim.

E ele manteve essa promessa.

Ele me contou tudo. Todas as coisas que fizeram antes de Greg, tudo o que aconteceu com Rose e o que planejaram fazer com o prefeito. O que não era muito no momento, porque eles estavam esperando que Silas desse as ordens para o próximo movimento.

Tudo o que eles sabiam era que ele não iria se safar e sua hora chegaria, em breve.

— Eu estou assustada. Não gosto de não saber das coisas. — Eu sussurro, descansando meu queixo em seu peito, descansando lá.

Seus dedos empurram meu cabelo atrás das orelhas, passando os polegares pelas minhas bochechas.

— Não tenho certeza para onde vamos daqui, Briar, ou o que vai acontecer, mas sei que não importa o que aconteça, vou protegê-la. Eu protegerei isso. — Ele diz, acalmando a angústia que se senta em meu coração quando penso nele sendo levado embora ou pior, acabando morto.

Hollow Heights não era nada do que eu pensava que seria. Tudo o que planejei para acontecer não foi nem perto do que consegui. Nunca em um milhão de anos eu pensei que estaria aqui. Nunca pensei que seria a garota que protegia assassinos.

Acho que algumas pessoas nasceram para lidar com criminosos. Acho que essa pessoa sou eu.

— É engraçado, pensei que quando chegasse aqui tudo faria sentido. O que eu queria fazer da minha vida, onde eu queria terminar mais tarde na vida. — Eu divago, — Eu nunca tive nada de bom assim acontecendo comigo antes, então eu nunca pensei que algo bom seria possível para mim no futuro. Mas estou começando a gostar de descobrir isso à medida que avança.

— Sim? Você não tem ideia de como será o futuro para você?
— Ele pergunta, levantando uma sobrancelha, um brilho malicioso em seus olhos como estrelas no céu noturno.

— Quero dizer, — eu suspiro sarcasticamente, — A ideia de você e eu procurarmos um apartamento no ano que vem não parece tão ruim. Conseguir um estágio com o programa de ciência de dados pode ser bom, organizar festas surpresa de aniversário para você...

— Briar. — Ele rosna, me interrompendo.

— Sem festas de aniversário? — Eu pergunto com um sorriso.

— Sem festas. Gostei da maneira como passei este, — Inclinando-se em direção ao meu rosto, movendo seus lábios quentes nos meus, — Fodendo você.

O calor surge entre minhas pernas, aquela dor surda que nunca passa aumenta e de repente estou pensando em todas as coisas que poderíamos fazer dentro deste labirinto. Eu mordo seu lábio inferior de brincadeira.

— E você, Sr. Caldwell? Alguma ideia para o seu futuro?

— Continuo a dizer aos meus pais para enfiar seus empreendimentos comerciais no rabo. — Ele resmunga e eu não posso deixar de rir: — Cuidando para que os meninos não acabem na cadeia e passem cada momento que posso tentando encontrar novas maneiras de assustar você.

Pensei na última vez que fizemos sexo, no estacionamento da escola ao meio-dia com os alunos andando pelo campus. As janelas escuras nos protegiam dos olhos, mas isso me incendiou

pensando que talvez eles pudessem me ver com minhas coxas em volta de sua cintura enquanto ele empurrava dentro de mim uma e outra vez no banco de trás de seu carro.

Ele sabia que eu gostava de testar limites e eu confiava nele o suficiente para deixá-lo fazer isso.

Minha alta segura.

Minha adrenalina.

— Ainda não procurou seus pais? — Eu pergunto, tentando não deixar que as imagens de nós dois me distraiam.

— Dorian está em reabilitação há três semanas e já estão tentando substituí-lo. Não quero ter nada a ver com o dinheiro ou negócios deles. Eles fizeram a cama. Eles podem mentir nela por tudo que eu me importo.

De acordo com os Caldwells, seu filho mais velho sofreu uma lesão traumática que o deixou viciado em analgésicos e ele estava trabalhando duro na reabilitação para se livrar do hábito imundo. Isso é o que eles disseram a todos de qualquer maneira.

A verdade é que a pressão de ser Dorian Caldwell o levou a começar a usar drogas. Misturando e combinando partes superiores e inferiores. O que quer que ele pudesse colocar em suas mãos. Ele não ficava sóbrio há anos e seus pais nem se importavam em notar, desde que ele se encaixasse na imagem.

Agora, eles estavam lutando para encontrar um herdeiro.

Era uma pena que eles vissem sua carne e sangue como bens, versos seres humanos, filhos.

Sempre que eu perguntava a ele, Alistair dizia que não achava que havia muita esperança em reatar um relacionamento com Dorian. Não porque ele não entendeu e não porque ele me sequestrou com planos de me matar, mas porque mesmo antes das drogas ele fazia exatamente o que seus pais faziam. Fez dele o pária. Era um longo caminho que ele não queria percorrer. Não tão cedo de qualquer maneira.

— Eu tenho seu presente de Natal. — Eu digo, afastando-nos do assunto deprimente, sorrindo de orelha a orelha.

— Você está usando um laço por baixo da roupa?

Eu bufo, revirando os olhos, — Não, seu pervertido. Está no meu bolso de trás. Mas você terá que pegá-lo você mesmo.

Ele arqueia as sobrancelhas com o desafio, deslizando as mãos para baixo no meu corpo. Eu estremeço quando ele esfrega para cima e para baixo no meu traseiro, caindo na minha bunda e agarrando-a com força.

Eu gemo baixinho, sua cabeça mergulhando para o lado do meu pescoço, pequenos beijos deixados na minha clavícula fazem minha cabeça zumbir. Com cuidado, ele enfia os dedos no meu bolso de trás, recuperando o presente com dois dedos.

Ele a puxa entre nós, a corrente dourada balançando na minha frente e eu tenho flashes dela roçando meu nariz enquanto ele rasteja em cima de mim, pressionando seu corpo no meu, balançando dentro de mim uma e outra vez.

— Essa é sua maneira de me marcar, Ladra?

O minúsculo B no centro do colar reflete a luz, me fazendo sorrir.

— Pensei em retribuir o favor, considerando que tenho que andar por aí com suas iniciais no dedo para sempre.

Ele ri, soltando o gancho e enrolando-o no pescoço. A corrente abraça seu pescoço de todas as maneiras certas, balançando alguns centímetros abaixo de seu pomo de adão e eu quero lambê-la.

Adorei a maneira como minha inicial parecia se encaixar perfeitamente em seu peito. Meus dedos subindo e correndo ao longo da corrente dourada. Na minha cabeça ele já era meu, mas agora, eu o estava marcando publicamente.

Alistair Caldwell era meu, meu, meu.

— Falando nisso, meu presente requer um pouco de direção, você está pronta para isso?

— Você vai me deixar dirigir? — Eu levanto minha sobrancelha, sabendo que ele odeia minha direção. Ele fica nervoso com o jeito que eu faço as curvas.

— Digo uma coisa, passe pelo labirinto sem que eu pegue você e as chaves são todas suas.

O desafio desperta minha empolgação. Eu dou um passo ansioso para trás dele, um sorriso de gato Cheshire comendo em meu rosto. Eu podia sentir meu coração começar a bater um pouco mais rápido, eu lentamente comecei a me afastar dele,

— Negócio fechado. — Eu digo rapidamente, antes de me virar e voltar pelo labirinto.

Sabendo que, embora eu realmente quisesse dirigir, sempre deixaria que ele me pegasse.

TRINTA E TRÊS



ME ENVOLVA

Alistair

— O que é este lugar? — Ela pergunta enquanto eu fecho a porta da loja atrás de nós.

Seu Converse range contra o piso de madeira enquanto ela gira em um círculo curto, o rosto rachado pela neve me fazendo sorrir.

— Chama-se Spade One. — Eu digo a ela: — É uma loja de tatuagem em que sou aprendiz.

Ela engasga: — Seu idiota! Você me deixou enfiar aplicativos de tatuagem goela abaixo por uma semana e não me contou?

Eu admirava isso nela.

Como, embora parecesse impossível para qualquer outra pessoa, ela acreditava que eu merecia o melhor de tudo. Roubando meus esboços e pendurando-os em seu dormitório, exibindo-os para Lyra.

Foi bom ter alguém acreditando em você.

— Já trabalho aqui há algum tempo. — Eu a conduzo escada acima, onde minha mesa já está arrumada. Eu vim mais cedo, limpei tudo, deixei tudo pronto para isso hoje.

— Não acredito que você não me contou!

— Ninguém sabia.

— Nem mesmo os meninos?

— Nem mesmo eles. — Eu digo honestamente, sentando na cadeira giratória perto do banco de tatuagem, — Este era o único lugar que eu tinha para mim.

Quando ela termina de olhar ao redor, ela vem em minha direção. Sentada no meu colo, a cadeira rolando para trás com seu peso.

— Então, por que me contar? Eu sei tudo sobre como você é protetor sobre as coisas que são suas, — ela empurra meu cabelo dos meus olhos.

Minhas mãos estão bem acima de seu traseiro, descansando em seus quadris, os dedos enganchados nas presilhas de seu cinto.

— Prometi que tudo o que tenho é seu, lembra? Sem segredos.

Eu aperto seus quadris, rolando seu corpo no meu colo, rapidamente pressionando meus lábios nos dela em um beijo rápido, — Eu quero que você tenha tudo de mim. Para que eu possa ter tudo seu.

Passando os braços em volta do meu pescoço, olhando para cima e ao redor da loja, — E isso é tudo de você? Você quer ter um desses um dia?

Eu aceno, — Algo assim. Eu realmente só quero dar às pessoas arte que está lá para sempre. As tatuagens são o compromisso máximo com a arte e eu gosto do peso disso.

Quando Shade me deu uma chave reserva para este lugar, duvido que fosse para eu tatuar minha namorada no Natal, mas acho que faria com que ele se preocupasse menos com minha estabilidade mental se descobrisse.

Pelo menos ele sabia que eu era capaz de manter um relacionamento.

Pensei em ter minha própria loja quando terminar meu estágio, contratar os artistas que eu quisesse, lançar um determinado produto. Gostei da ideia de estar no comando. A cargo de algo positivo, de um sonho.

— Quer seu presente? — Eu pergunto, passando minha língua ao longo de seu lábio inferior.

Briar mastiga o interior de sua bochecha, tentando conter sua excitação, mas eu a conheço, e o quanto ela adora surpresas. Mesmo quando ela diz que não. Também gosto do leve O que sua boca faz quando está em estado de choque, me lembra de como ela fica quando goza.

— O que é? — Ela pergunta, e eu jogo minha cabeça em direção à mesa de tatuagem de couro preto.

— Existem dois tecnicamente, mas um deles está abaixo da mesa.

Com entusiasmo, ela sai correndo do meu colo, me deixando com frio sem a presença dela perto de mim. Seus dedos

mordiscando puxam a caixa preta para cima da mesa. Sem se preocupar em tomar seu tempo quando ela começa a rasgá-lo.

Eu posso ver os cadarços brancos assim que ela puxa a blusa, seu grito de excitação tem um zumbido saindo do meu peito. Uma forma de gratificação com a qual ainda estou tentando me acostumar.

Ela puxa os sapatos vermelhos, abraçando-os contra o peito, mal olhando para eles antes de dizer:

— Eu os amo!

Reviro os olhos: — Você nem viu a melhor parte.

Levantando-se e encontrando-a no meio do caminho enquanto ela vira os sapatos, olhando para as solas que têm meu nome à esquerda e o nome dela à direita. Eu senti que era um movimento narcisista demais para colocar meu primeiro e último em ambos os sapatos.

— Cansado de ver você andando por aí com sapatos arrebitados.

Era apenas mais uma coisa que tornava Briar tão diferente. Como um par de sapatos que não significava nada para as crianças por aqui significava muito para ela. Ela se emocionou e cobiçou o Converse personalizado, deslizando-o em seus pés e dançando na frente do espelho.

Nunca tinha visto um par de sapatos deixar alguém tão feliz.

— Mais um presente, — eu digo a ela, andando atrás do espelho, — Eu vou tatuar você, — Minhas mãos se estendem para ela, esfregando minhas iniciais em seu dedo, — O que você quiser.

Inclinando-se para mim, ela cantarola: — Você quer dizer que posso ficar consciente para esta aqui?

Uma risada profunda reverbera em meu peito, ecoa quando inclino minha cabeça para a curva de seu pescoço, — Se você quiser...

Deixei que ela decidisse o que queria, onde queria. Achando que deveria compensar a primeira tatuagem que ela fez, considerando que ela estava desmaiada. Não me arrependo de ter marcado ela. Mostrando ao mundo inteiro que ela era minha. Eu passaria o resto da minha vida fazendo isso.

Ela está deitada na mesa, a camisa enrolada logo abaixo do sutiã, revelando as costelas ao ar frio da loja. Começo o processo de higienização de tudo, preparo minhas agulhas, pego toda a tinta. Não é uma tatuagem grande, quatro pequenas palavras em sua caixa torácica levariam talvez vinte minutos.

Quando estou pronto, olho para ela na mesa, — Você está pronta?

— Acho que consigo lidar com um pouco de dor.

Eu sorrio enquanto pressiono meu pé no pedal, o zumbido da máquina enchendo a loja. Eu puxei sua pele apertada começando a trabalhar sobre o estêncil que eu já havia colocado nela. Eu caí nessa espécie de transe quando estava desenhando ou tatuando.

Mas com ela era diferente.

Como se eu estivesse colocando um pedaço de mim em sua pele. Mostrando a ela este lugar, deixando-a entrar no meu

mundo, na minha cabeça. Era mais do que apenas minhas iniciais com um pedaço de pau e puxão.

Esta era uma tatuagem que significava algo para ela, e eu a estava ajudando a memorizá-la para sempre. Toda vez que ela olhava para qualquer um deles, ela pensava em mim. E era isso que eu queria, que ela nunca parasse de pensar em mim.

Para nunca deixar de ser minha.

Porque eu nunca deixaria de ser dela.

Seu corpo vibra debaixo de mim, um pequeno gemido escapando que faz meu pau estremecer, ouvindo sua boca soltar respirações trêmulas.

Quando terminei, limpei-a rapidamente, dizendo que ela poderia pular e dar uma olhada no espelho, se quisesse.

Há sempre esse desejo incontrolável que sinto quando estou perto dela. Eu tive isso na primeira vez que a vi. Querendo tocá-la, quebrar sua vontade, testar até onde ela estaria disposta a ir para encontrar prazer.

Eu a admiro, a camisa ainda enfiada sob o sutiã, expondo seu estômago tenso. Jeans baixo em seus quadris, as letras montando em sua caixa torácica como se fossem feitas para estar lá.

Somos todos ladrões.

Arte na Arte.

— Gosta disso? — pergunto, embora observe seus olhos brilharem como diamantes quando ela vê o roteiro no espelho.

— Adoro. — Ela sussurra.

Eu fico na frente dela, abrindo o filme plástico e enrolando em suas costas. Meu corpo está a centímetros do dela, o cheiro dela acendendo a fome em meu estômago.

Eu a puxo para mais perto enquanto começo a enrolar o plástico transparente ao redor de seu corpo, sem pressa, observando a maneira como seus olhos caem para meus lábios, prontos para roubar um beijo meu.

Meus dedos correndo por sua pele a fazem estremecer, meus olhos fixos em seus movimentos enquanto ela começa a levantar a camisa mais alto, expondo seu sutiã branco para mim.

Como duas frutas macias prontas para o banquete, seus seios estavam expostos para mim, os topos quase transbordando.

— Você disse que ninguém vem durante o Natal, certo?

Luxúria, paixão, maldade pisca em seus olhos, as manchas douradas fazendo meu pau endurecer. Eu inclino minha cabeça para o rosto dela, mantendo minha distância entre nossos peitos para que eu possa continuar enrolando o plástico em volta dela.

— Você quer jogar, Ladrazinha? — Eu questiono, sua cabeça balançando para cima e para baixo lentamente, seu nariz roçando o meu.

Eu amei como ela estava disposta. Como ela não tinha medo de testar seus limites. Deixando-me empurrá-la até que ela estivesse pronta para quebrar em meus braços.

Meu aperto aumentou em torno do cilindro de plástico, olhando para ela, — Você confia em mim, certo?

— Eu confio em você. — Ela repete, esperando que eu faça um movimento.

— Eu vou te assustar, ok? Mas prometo que vou fazer com que se sinta bem depois. Seja corajosa por mim, ok, querida?

Seu aceno ansioso tem a cabeça do meu pau pressionando em meu jeans, dolorido para ser liberado, morrendo de vontade de estar dentro dela.

Minhas mãos trabalharam em círculos ao redor de seu corpo, envolvendo o plástico transparente sobre seus seios, no alto de seu peito, antes de passar ao redor de seu ombro, dando a volta e parando enquanto eu olhava para ela.

Ela me observa com expectativa enquanto eu enrolo em torno de sua garganta, então seus lábios rosados suaves que pressionam contra ele como se ela estivesse beijando uma janela de vidro. Continuo, até que esteja bem acima do nariz, certificando-me de que está firme em seu corpo.

A vontade de entrar em pânico deve estar aumentando enquanto eu limito seu oxigênio no momento, o plástico cobrindo seu nariz e boca enquanto eu mergulho minha cabeça em direção a seus lábios.

Eu agarro sua garganta em minha mão, puxando sua boca coberta para a minha, beijando-a acima do plástico que age como uma barreira entre nós.

Seus lábios tentam se mover com os meus, me fazendo sorrir, que boa menina, eu acho.

Ela engasga contra o plástico, tentando não entrar em pânico por falta de ar, meus lábios ainda pressionados nos dela,

— Shh baby, vai ficar tudo bem. — Eu digo a ela enquanto pego meu dedo, deslizando-o em sua boca, abrindo um buraco e permitindo que o ar flua livremente.

Ofegante quando começo a desabotoar cuidadosamente o botão de sua calça jeans, seus membros livres ajudando-a a sair dela. Com sua calcinha exposta para mim, eu a levo de volta para o espelho até o chão, pressionando sua bunda no vidro frio.

Pegar o celofane e enrolá-lo mais algumas vezes em torno de sua garganta antes de jogá-lo no chão. Eu uso a ponta do plástico como uma espécie de coleira, puxando-a para mim e apertando seu pescoço.

— Alistair, — ela choraminga, seus braços livres agarrando minha camiseta tentando desesperadamente me puxar para mais perto de seu corpo.

Minha mão esquerda patina por seu corpo delicado, caindo entre suas pernas, sob sua calcinha e sentindo o quão carente ela era de mim. Usando a ponta dos meus dedos para espalhar sua umidade ao redor do monte macio de sua boceta.

Eu a giro, seguro seu rosto no vidro, sua respiração embaçando o espelho enquanto eu gemo em seu ouvido,

— Você sente como esta boceta está encharcada para mim?

Com facilidade, enfio dois dedos dentro de suas paredes apertadas por trás, sentindo-a empurrar de volta para minha mão, já me querendo mais fundo. Tão gananciosa, tão fodidamente

minha. Eu puxo a coleira, cortando mais o fluxo de ar dela e a ouço ofegar.

Uma de suas mãos dispara para trás, agarrando meu antebraço, cravando as unhas quando vejo aqueles olhos começarem a rolar para trás. Cortando apenas a circulação suficiente para fazê-la sentir como se estivesse voando o tempo todo enquanto eu a fodo por trás.

Eu libero meu aperto, permitindo que ela receba uma injeção de oxigênio, suas costas caindo enquanto ela se segura no espelho para se apoiar. Isso é o que eu queria todos os dias da minha vida, observando-a cair cada vez mais fundo no prazer.

Meus olhos seguiram a curva profunda de suas costas, sua calcinha apertada empurrada para o lado em sua bunda redonda, e Deus, seu rosto era um sonho. Corada e tingida de vermelho com adrenalina, minha tinta afundou em sua pele.

Isso era o mais próximo do céu que um homem como eu jamais chegaria.

Retirando meus dedos de sua boceta, o que a faz lamentar a perda, eu rapidamente os deslizo em sua boca, pelo buraco no plástico, permitindo que ela prove o quão doce ela é.

— Como o néctar dos deuses, Briar. Você é o presente mais doce deles. — Eu resmungo, ela chupa meus dedos, limpando-os antes de eu começar a puxar meu jeans para baixo, liberando meu pau da prisão do jeans clade.

Ele salta, aterrissando bem entre as bochechas cheias e lisas de sua bunda, a grossa ponta vermelha pingando pré-sêmen. Eu

mantenho uma mão na coleira, enquanto a outra puxa para a raiz do meu eixo, manchando sua saliva e sucos ao meu redor.

— Eu vou te foder assim, — eu rosno sombriamente em seu ouvido, alinhando meu pau ansioso com sua entrada confortável, meu corpo energizado pela promessa de devastá-la. — Diga-me que você quer, Briar.

Ela não perde o ritmo: — Eu quero, porra, eu quero, por favor. — Praticamente tremendo quando empurrei com força dentro dela, enchendo-a até o fim. Ela abre mais as coxas, deixando-me chegar mais fundo neste ângulo e nós dois caímos em um oceano de prazer.

Eu me deleito com os sons dela choramingando tanto de prazer quanto de desconforto. Respirando pesadamente por entre os dentes enquanto seu corpo é forçado a se ajustar a mim. Eu não dou a ela muito tempo para pensar sobre isso, porque eu já estou começando a encontrar um ritmo brutal enquanto eu empurro meus quadris para dentro e para fora dela.

Foi o que fizemos. No meio da minha loja de tatuagem, nós transamos. Eu roubei seu fôlego, enquanto enfiava meu pau tão profundamente dentro dela que ela me sentiria por anos. Não precisávamos das canções de Natal e da árvore. Nós só precisamos um do outro e disso. Esse vínculo furioso e destruidor de almas que eu preferiria morrer a perder.

— Porra- — Ela engasga sem fôlego, seu corpo incapaz de fazer qualquer coisa além de gemer e me empurrar para frente com sua boceta disposta. — Tão perto.

Eu puxo a guia para trás, puxo o ar de seus pulmões abruptamente, suas costas inteiras grudadas na minha frente enquanto eu empurro para cima, meu braço livre envolvendo firmemente sua cintura. Os sons obscenos de nossos corpos se unindo uma e outra vez me alimentam para dar a ela mais.

Eu a fodo no espelho, meu corpo e pau prendendo-a do jeito que ela gosta. Briar adorava quando eu a empurrava para superfícies implacáveis.

Suas pernas começam a tremer, seu corpo fica mole enquanto ela luta para gritar quando goza em meu eixo, me ordenhando com tudo o que valho. Eu solto o plástico completamente, minha mão imediatamente encontrando seu quadril para agarrá-la para que eu possa bater nela impiedosamente perseguindo meu próprio orgasmo.

O aperto pulsante dela me empurra para a borda, a mão em seu quadril viaja até seu couro cabeludo, agarrando um punhado de cabelo loiro mel e puxando para cima. Sua cabeça inclinada para o espelho, desgastada, corada, — Minha. — Eu gemo, enquanto olho no espelho, fazendo contato visual com ela.

— Sua. — Ela murmura.

Meu orgasmo me leva, assim que eu puxo para fora, fios grossos e quentes de gozo pintam suas costas. Ele tem espasmos e pulsa, estremecendo com a força. Eu seguro seu cabelo, inclinando seu rosto para que ela olhe por cima do ombro.

Meus lábios pressionando em sua boca quente, minha língua mergulhando dentro, despejando toda a minha emoção em sua

garganta. Esperando que seja o suficiente para mantê-la perto, mantê-la ao meu lado.

— Para sempre, Ladrazinha. — Eu digo, enquanto mordo seu lábio inferior, — Isso é para sempre.

Ouvi seu batimento cardíaco, assim como na noite em que ela fugiu de mim na floresta. Estava batendo pela escuridão. Batendo por mim.

Tentei recuperar o fôlego, ouvindo meu próprio coração.

Ouvindo-o combinar com seu ritmo.

Dois corações destinados a ficar sozinhos se encontraram, deram as mãos e continuaram batendo.

Juntos.

TRINTA E QUATRO



LADRÃO PARA INCÊNDIO

Brian

Se eu visse mais um pôster de boas-vindas, jogaria meu café nele.

As férias de Natal haviam acabado, o que significava acordar de madrugada em vez de dormir. Levaria meses para colocar meu horário de sono de volta em ordem depois das três semanas que tive de folga.

Entre Lyra e Alistair, eu raramente ia dormir antes das cinco da manhã. Meu namorado e melhor amiga eram notívagos que me puxaram para o lado negro. Agora eu subia os degraus da minha primeira sala de aula, Lyra pulando na minha frente como se ela não tivesse sono privado. Nós duas estávamos tendo uma aula de língua estrangeira este ano e, felizmente, terminamos com o mesmo professor.

Eu desabei na cadeira, batendo minha cabeça na mesa na minha frente e protegendo meus olhos das luzes brilhantes dentro

da sala. Tudo que eu queria era estar enrolado na cama dormindo e o moleto de Alistair não estava fazendo nada para me acordar.

O cheiro que grudou nele só me deixou quente, mais sonolenta.

Quando ele me disse que não tinha aula até as dez, pensei em jogar um livro nele. Quem pensou que latim às 8h30 da manhã era uma boa ideia pode cair em um buraco.

— Vou morrer de privação de sono. — Eu gemo.

— Que tal você não fazer isso. Alistair vai nos encher de depressão se você morrer. — Levanto minha cabeça apenas um centímetro para ver Rook entrando na fileira conosco, com um olho roxo e um lábio quebrado.

— Espero que o outro cara pareça pior do que você. — Lyra observa.

Ele apenas dá de ombros, dando-nos um sorriso torto antes de se sentar e se recostar na cadeira. Eu posso sentir o cheiro de maconha grudado em sua roupa como colônia, a borda vermelha de seus olhos fazendo a cor se destacar.

Eu, Lyra e o resto dos meninos lentamente começamos a nos tornar amigos. Digo lentamente apenas por causa de Thatcher, com quem ainda tenho uma relação de amor e ódio. Houve ocasiões em que me imaginei estrangulando-o até a morte e outras vezes não sabia como seria o grupo sem ele.

Passei um dia inteiro na casa de Thatcher, encontrando seus avós normais no Natal. Quando digo que foi o dia mais estranho da minha vida, estou falando sério. Quatro dos homens mais

caóticos e danificados que já conheci agindo como os perfeitos cavalheiros para uma velhinha chamada May.

Apenas provou ainda mais que todos eles tinham almas, não importa o quanto tentassem escondê-las.

Nossa professora escolheu esse momento para entrar, reunindo todos os nossos olhares para a frente e apontando para o quadro-negro onde ela começou a escrever. As palavras latinas não passavam de rabiscos na minha cabeça, por falta de sono e compreensão.

O segundo semestre finalmente começou. O que isso significou para mim foi um novo conjunto de cursos, mais um passo para o meu futuro, mas sempre significou entrar no desconhecido.

Por mais normais que tenham sido as últimas semanas, eu sabia o que Alistair estava fazendo quando ficava fora com os caras. Traçando, planejando, elaborando um plano que terminaria com o prefeito de Ponderosa Springs a dois palmos de profundidade.

Exceto que agora havia investigadores investigando. As apostas eram maiores e, embora isso me deixasse nervoso, mal as eliminava. Eles sabiam o que tinham feito e estariam dispostos a pagar por essas ações se chegasse a hora.

Eu aperto meus olhos, lendo as palavras no giz.

Temet nosce

— Alguém sabe o que isso significa? — A mulher de meia-idade e aparência bem-sucedida pergunta da frente, examinando a multidão em busca de uma mão corajosa.

Quando nada além do silêncio responde a ela, ela suspira, pronta para nos dar a tradução apenas para ser interrompida pela abertura da porta da sala de aula com um rangido pesado. É da natureza humana ser curioso, descobrir o desconhecido.

É por isso que todo mundo vira a cabeça para a entrada olhando para a pessoa que está entrando tarde.

O cabelo loiro morango cai em um corte reto na altura dos ombros, escovando o topo de seus ombros enquanto ela caminha segurando livros perto de seu peito. Andando com graça praticada e feminilidade pela qual eu mataria. Não é a beleza dela que despertou meu interesse, é a maneira como todos na classe suspiram e olham fixamente.

Todos parecem estar congelados, olhando para esta pobre garota que não sabe o que fazer, mas olha de volta. É como se eles tivessem visto um fantasma.

— Que é aquela? — pergunto a Lyra em um sussurro.

Eu ouço o relógio na parede tiquetaquear.

Um.

Dois.

Três.

— Sage Donahue.

Roof

Lembra quando você era criança e eles gritavam com você por atçar o fogo? Que você mijaria na cama se continuasse fazendo isso ou pior, que iria te machucar. Então você cresceu com medo do calor crepitante, sabendo que se o tocasse, haveria repercussões.

Eu sou esse fogo. A chama. As labaredas.

Imprevisível de maneiras que você nunca poderia imaginar. Não há como me domar, é impossível. Eu queimo muito alto, muito quente, para ser apagado.

Você brinca comigo e fica queimado. Assado vivo deixado apenas com pele queimada e bolhas para se lembrar de mim.

O fósforo em minha boca estala, limpo em dois entre meus dentes. Dividido ao meio, o único som a ser ouvido nesta aula.

Eu pensei que era a erva que estava me fazendo tropeçar, meu cérebro pregando uma peça doentia. Mas todo mundo parecia estar preso na minha alucinação também, o que significa que meu pior pesadelo tinha acabado de voltar para a porra da minha vida.

Ela estava de volta.

Lyra e Briar sentaram-se ao meu lado, sussurrando sobre a nova aluna que havia roubado a atenção de todos.

Sim, ela costumava ser muito boa nisso. Ser a menina dos olhos de todos com aquele cabelo tingido de morango natural que sempre parecia chamuscas em volta da minha mão.

A garota de ouro de todos, abelha rainha, garota do rali, namorada do baile. Toda doce e açúcar que ficou presa em meus dentes, antes de eu arrancá-la. Tenho certeza de que era o único que a odiava. Provavelmente porque eu era o único que realmente a conhecia.

Miss América tinha demônios. Esqueletos. Coisas que ela morreria se alguém descobrisse.

Olhos azuis vazios e impiedosos se voltam para os meus e sinto um tremor na minha mão começar. Olhos azuis como a chama mais quente e eu, de todas as pessoas, sabia como era brincar com aquela chama.

O tique-taque em meus músculos começou a crescer quando me recusei a mover meu olhar dela. Eu estava a segundos de pegar meu isqueiro e incendiar este lugar. Pronto para queimar todas as memórias que trouxe para dentro desta sala.

Memórias que dançavam ao meu redor como sombras.

O desejo aumentou cada vez mais.

Era uma parte de mim.

Eu nasci para fazer as coisas queimarem.

Membros delicados, pele pálida apimentada com sardas cor de fogo, lábios em forma de coração.

Meu maior segredo guardado.

Meu pior erro.

A garota que uma vez queimou minhas tristes memórias,
apenas para se tornar a gasolina que as alimentou.

Amanhã os pássaros cantarão, Sage.

Repeti as palavras que a voz dela disse na última vez que nos
falamos.

E vou colocar fogo em cada um deles.

Fim.